

**Redescobrimo o Divino Feminino na Glíptica Mesopotâmica -
A Região do Diyala (IV-II Milénios a.C.)**

VERA LÚCIA CARDOSO GONÇALVES

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Setembro de 2019

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em
Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria de Fátima Rosa e
coorientação científica da Professora Doutora Isabel Gomes de Almeida

Ao Lourenço, que me ensina todos os dias a amar

AGRADECIMENTOS

A ideia de que o sonho move a matéria foi a força motriz que me fez ultrapassar todas as adversidades da vida. O sonho de ser arqueóloga, o sonho de estudar o Médio Oriente Antigo, mesmo que para muitos estes dois fossem incompatíveis e até mesmo quimeras. Tal como Gandhi disse, “devemos viver como se fossêmos morrer amanhã e aprender como se fossêmos viver para sempre”. Foi precisamente esta minha sede de viver, sempre aprendendo, com os outros, que fez com que concretizasse os meus sonhos. É exatamente estes outros que habitam o meu mundo, o do dia-á-dia e o de sempre, que vou tentar agradecer. Nesta missão, quase herculeana, refleti também sobre outra frase que Gandhi proferiu, “Não precisamos de apagar a luz do próximo, para que a nossa brilhe”. Neste sentido, escolhi agradecer com palavras, ainda que sempre insuficientes e perenes à passagem do tempo, às pessoas que, com os seus atos, fizeram com que a minha luz sempre brilhasse.

À Professora Doutora Maria de Fátima Rosa, minha orientadora, cujas funções extravasaram, em muito, as suas obrigações académicas, agradeço o apoio, a inspiração e a dedicação para combater todas as minhas dúvidas e inseguranças. Acima de tudo agradeço a amizade que em si encontrei, pois na vida são poucos os professores que podem dizer que mudaram a vida dos seus alunos.

À Professora Doutora Isabel Almeida, minha coorientadora, ainda que este termo não exprima a profundidade e a riqueza de todos os ensinamentos que por ela me foram dados. É raro, ao longo de toda a nossa vida, podermos dizer que alguém nos inspirou, e foi precisamente em si que encontrei admiração. Inspiração em todos os momentos desta dissertação, desde os inícios, onde pairava a dúvida e a incerteza, até à redação final, onde tudo é novamente posto em causa. Com a sua paixão pelo divino feminino moldei a minha personalidade, não só sobre a forma como penso as mulheres, como também na mulher que sou e quero vir a ser.

Aos Professores Doutores Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes que sempre acreditaram em mim, que sempre me permitiram fazer parte das suas escavações arqueológicas, onde aprendi o que é e como se faz Arqueologia. Se é difícil encontrar alguém que nos inspire, é também raro encontrar alguém que, a cada encontro, nos permite descobrir algo novo.

À minha família, pedra basilar da minha existência, aqueles que sei que para eles serei eterna e que serão eternamente recordados no meu coração.

Ao Lourenço, o meu grande amor, o meu maior sonho e a minha maior conquista. Hoje sei que só a partir do momento em que te vi pela primeira vez soube verdadeiramente o que era amar. Amar mais do que a própria vida, amar para além da morte. Ainda que tão pequeno, parece não haver espaço suficiente para caber no meu coração.

À minha irmã, a minha pedra de fundação, a que mantém toda a minha estrutura, a mais difícil de quebrar. A outra metade do meu ser, a que me completa, a que me é sempre fiel e a minha maior amiga. Agradeço-te acima de tudo por me fazeres ser terra-à-terra quando quero sonhar, mas também por me dares asas para que possa voar.

À minha mãe, ao ser humano cuja luz nunca se apaga, aquela que é capaz de transformar a minha escuridão em esperança. A ti, que me amas para além da razão, que sabes sempre o que dizer e que me dás colo mesmo sendo eu maior que tu. És o meu abrigo eterno. Se não há palavras para expressar o quanto uma mãe ama o seu filho, também não há atos que possam demonstrar o quanto és importante para mim.

Ao meu cunhado, prova viva de que a família é definida pelo amor, respeito, gratidão e admiração e não pelo sangue que corre nas nossas veias. Em ti encontro uma força de vontade que me faz crer que tudo é possível com persistência.

Aos meus amigos, a família que escolhi e por quem me sinto escolhida. À minha melhor amiga, Cláudia Alves, por quem nutro, mais do que uma amizade simples; ela é uma verdadeira irmã. Foste a minha companheira de todas as horas e juntas passámos todas as estações da nossa vida, juntas crescemos e celebrámos as nossas vitórias. Se me dissessem que poderia ter uma outra vida, mas sem ti, sei que não valeria a pena vivê-la.

À minha conselheira, Patrícia Raminhos, a minha terapia antistress. Quando nos conhecemos, ainda na escola primária, eras aquela miúda que todos diziam ser demasiado adulta para a idade. Foi essa maturidade e vontade de querer sempre mais que despertou em mim a enorme admiração que tenho por ti. Porque corres, porque caís, mas porque sempre te levantas, com mais força.

À Andreia, aquela amiga com um feitio tão enigmático que parece impossível de decifrar. Os grandes amigos não são os que estão sempre presentes, mas os que sabem em que momentos precisamos deles, e tu estiveste sempre lá.

À Carina e à Rita, aquelas amigas improváveis e inesperadas que nunca pensei poderem ser tão indispensáveis à minha vida. Quando vos conheci, nos nossos tempos de Basquetebol, pensei que esta seria mais uma daquelas amizades perenes e vulneráveis. Hoje sei que estava enganada, pois sinto-me incompleta sem os nossos jantares, sem as nossas confissões, sem as nossas risadas. Com vocês sei que não vivemos só uma vez, mas sim que vivemos todos os dias.

Aos meus amigos de FCSH, aos que estiveram ao meu lado na difícil jornada que é o ensino superior, os que comigo partilharam dúvidas, crenças, desejos, mas também medos. Estes, de todas as pessoas que conheci na vida académica, são os que ficaram, os que me compreenderam, os que me ajudaram, os que pintaram com cores as minhas inseguranças. À Jéssica, à Gabriela, à Ana, à Raquel, ao João, ao Miguel e ao Gustavo, amigos que não são visíveis em todas as horas, mas que estão sempre lá. Estes são aqueles que quero recordar, os que escolhi guardar, pois sinto que são os que caminham ao meu lado.

Termino com uma frase de Steve Jobs, “A única maneira de realizar um grande trabalho é amar o que fazes”. Se esta dissertação é ou será um grande trabalho não sei...Contudo, sei que dei o melhor de mim, sei que imprimi em todas as páginas deste trabalho o meu amor pela Arqueologia, pela Mesopotâmia e, sobretudo, pelos outros, pois em todos encontrei uma fonte de inspiração. Agradeço, acima de tudo, por ter tido a oportunidade de fazer o que me completa e de viver a vida tal e qual como eu escolhi.

**Redescobrimo o Divino Feminino na Glíptica Mesopotâmica –
A Região do Diyala (IV-II Milénios a.C.)**

Vera Lúcia Cardoso Gonçalves

RESUMO

A glíptica mesopotâmica, enquanto objeto de estudo arqueológico, assume-se como marcadamente polivalente, pois através dela é possível estudar dinâmicas de várias ordens, dado o seu uso transversal ao longo dos mais de três mil anos de história desta civilização. De facto, a par do espólio cerâmico, os selos cilíndricos são, sem dúvida, os artefactos que registam uma maior representatividade nas escavações levadas a cabo no território do atual Iraque e da atual Síria. A região do Diyala, zona centro-sul da Mesopotâmia, intervencionada pelo Instituto Oriental de Chicago, na década de 1930, revelou um enorme potencial arqueológico no que diz respeito a estes objectos, que se traduziu em quatro principais arqueossítios: Tell Asmar, Khafajah, Ishchali e Tell Agrab. A partir do espólio glíptico ali identificado, tornou-se possível revisitar o passado, numa cronologia alargada, que alberga um espetro temporal desde os finais do IV milénio a.C. até aos inícios do II milénio a.C.

Tendo como ponto de partida a amostragem do Diyala, procurámos redescobrir o divino feminino mesopotâmico numa ótica de análise interdisciplinar. A glíptica do Diyala traduz uma construção contínua dos arquétipos do divino feminino na Mesopotâmia, ao mesmo tempo que apresenta um pensamento religioso moldado quer por uma lógica oficial, quer pela piedade popular, atestando a confluência entre ambas. As deusas que surgem representadas nas cenas iconográficas aparecem de múltiplas formas, antropomórfica e simbólica, afirmando-se como agentes de poder efetivo a todos os níveis. A polivalência dos espaços onde os selos cilíndricos com representações do divino feminino foram exumados (em estruturas palacianas, em espaços cúlticos e em habitações domésticas) espelham o carácter polivalente conferido a este género na Mesopotâmia.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia; História das Religiões; Diyala; Selos cilíndricos; Deusas.

**Rediscovering the Divine Feminine in Mesopotamian Glyptic –
The Diyala Region (4th – 2nd Millennia BC)**

Vera Lúcia Cardoso Gonçalves

ABSTRACT

Mesopotamian glyptic, as an object of archaeological study, presents multiple perspectives that allow to analyse different dynamics, given the transversal use of the cylinder seal during the three thousand years of this civilization's history. In fact, along with ceramic materials, cylinder seals are, undoubtedly, the artifacts that register a larger representation in the archaeological excavations that have taken place in the modern territories of Iraq and Syria. The Diyala Region, in the south/central area of Mesopotamia, excavated by the Oriental Institute of Chicago in the 1930s, revealed a tremendous archaeological potential regarding these objects, which translated itself in four main sites: Tell Asmar, Khafajah, Ishchali, and Tell Agrab. From the glyptic material identified in these sites, we were able to revisit the past, in a vast chronology, between the end of the 4th millennium and the beginning of the 2nd millennium BCE.

With the Diyala's glyptic material as a starting point, we sought to rediscover the Mesopotamian divine feminine through an interdisciplinary perspective. The Diyala glyptic expresses a continuous construction of the Mesopotamian divine feminine archetypes, and, at the same time, displays a religious thought shaped by the official logic and by popular piety, confirming the confluences between them. The goddesses represented in the cylinder seals appear in multiple forms, anthropomorphic and symbolic, affirming themselves as agents of effective power at all levels. The different spatial contexts where the cylinder seals with representations of the Mesopotamian divine feminine were exhumed (in palatial structures, in cultic spaces, and in domestic houses) reflect the polyvalent character bestowed to the feminine in Mesopotamia.

KEYWORDS: Archaeology; History of Religions; Diyala; Cylinder seals; Goddesses.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I –O Divino Feminino Mesopotâmico.....	6
1.1. Os conceitos principais da História das Religiões	6
1.2. O Divino feminino e a academia: Breve introdução	10
1.3. O Divino Feminino na Mesopotâmia: papéis e funções	15
Capítulo II – A glíptica do Diyala	24
2.1. Contextos Arqueológicos: arqueossítios e estruturas.....	24
2.1.1. Tell Asmar (Ešnunna).....	26
2.1.2. Khafajah (Tubut?).....	30
2.1.3. Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).....	34
2.1.4. Tell Agrab.....	36
2.2. Materiais de fabrico.....	37
2.3. Os usos e as funções da glíptica.....	43
Capítulo III – O divino feminino na glíptica do Diyala (IV-II milénios a.C.)	52
3.1. As Cenas de apresentação e as Deusas de intercessão	52
3.2. As Deusas entronizadas.....	61
3.3. Inanna/Ištar.....	66
3.3.1. Inanna/Ištar e sua representação antropomórfica nas cenas de apresentação.....	68
3.3.2. Os símbolos de Inanna/Ištar	70
3.4. As Deusas da Fertilidade.....	77
3.5. As Cenas de Banquete.....	82
3.6. Outras temáticas	86

CONCLUSÃO	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

«History begins with bodies and artifacts.» (TROUILLOT, 1995:29)

A História escreve-se sob múltiplas perspetivas analíticas, concentradas num tempo e num espaço específicos e focando-se nos diversos contributos dos agentes históricos aí integrados. A tentativa, sempre esboçada e incompleta, de redescobrir o passado, através dos documentos deixados pelas comunidades humanas, define o papel dos investigadores das ciências históricas. No que diz respeito aos arqueólogos, os seus esforços concentram-se nos testemunhos materiais, ainda que o objeto por si só não nos dê uma visão holística e integrada do passado. A interdisciplinariedade assume-se, assim, como imperativa ao trabalho arqueológico.

Neste sentido, e tendo em conta que o nosso objetivo principal com esta dissertação é apresentar um contributo para o entendimento do divino feminino mesopotâmico, norteámos a nossa investigação procurando cruzar a Arqueologia e a História, nomeadamente a História das Religiões, assim como os Estudos de Género. Procurámos realizar uma análise o mais ampla e transversal possível, evitando as visões unilaterais e parcelares que um estudo orientado para uma tipologia de fontes pode acarretar. Não obstante, e ainda que uma análise desta natureza levante mais questões que respostas, a verdade é que a indagação constitui-se como o princípio base a partir do qual o conhecimento progride constantemente.

A partir desta perspetiva cruzada, a presente dissertação tentará dar voz aos agentes históricos da região do Diyala, entre os finais do IV e os inícios do II milénios a.C., nomeadamente no que respeita aos papéis atribuídos às deusas pelo *homo religiosus* mesopotâmico. A partir dos selos cilíndricos exumados em quatro arqueossítios, escavados na década de 1930 pelo Instituto Oriental de Chicago (Tell Asmar, Khafajah, Ishchali e Tell Agrab), parece-nos ser possível identificar a presença do divino feminino mesopotâmico.

A região do Diyala, marcada pela presença deste afluente do rio Tigre, apresenta-se, diacronicamente, como extremamente próspera, pois o curso fluvial permitiu o desenvolvimento de uma fauna e flora autóctones abundantes, assim como, uma intensa fertilidade das terras, propícias à prática agrícola e à pastorícia. Por outro lado, a localização privilegiada desta região,

na zona centro-sul da Mesopotâmia, permitiu aos aglomerados urbanos que ali se desenvolveram um acesso e controlo das principais rotas comerciais que ligavam a Babilónia à zona do planalto iraniano, o vale do rio Tigre ao rio Eufrates e a região aluvial ao norte da Mesopotâmia. Esta posição central permitia assim que a região do Diyala se assumisse como um ponto geoestratégico a todos os níveis (MIEROOP, 2005: 41-43; MOOREY, 1994: 6-13; PEYRONEL, 2013: 51-52)¹.

Naturalmente, a região do Diyala foi marcada por uma densa ocupação humana desde tempos remotos, sendo que os níveis arqueológicos confirmam focos de ocupação ainda nos finais do período de Obeid, sob a forma de pequenos assentamentos². O primeiro momento de apogeu populacional ocorreu no período de Uruk/Jemdet Nasr, razão pela qual decidimos iniciar a nossa análise neste momento. Contudo, será sobretudo no período seguinte, durante o Dinástico Arcaico, que a ocupação se adensa, principalmente na zona inferior do Diyala, sendo que os núcleos urbanos passaram a apresentar uma menor distância entre si (cerca de 5 km)³. Embora as informações relativas à história política da região do Diyala, durante o III milénio a.C., sejam escassas, destaca-se Ešnunna (Tell Asmar), que durante o período de Ur III assumiu protagonismo regional, embora tutelada pela terceira dinastia de Ur. Após a queda deste poder político, Ešnunna e os restantes núcleos urbanos do Diyala conseguiram afirmar a sua independência, ainda que por pouco tempo.

Nos inícios do II milénio a. C., as relações entre a cidade de Ešnunna e os potentados vizinhos assumiram-se como particularmente conturbadas, marcadas por diversas alianças político-militares e confrontos diretos. Destaque-se, durante o século XVIII a.C., a aliança entre esta cidade e as tribos Benjaminitas, contra o reino de Mari governado por Zimri-Lim (c.1771), bem como o casamento entre o rei de Ešnunna e a filha de Hammurabi da Babilónia (c. 1764). Contudo, em c. 1762, Ešnunna foi atacada e dominada pela Babilónia, assim como outros aglomerados da região, sendo que os níveis de destruição e abandono dos mesmos se tornaram

¹ Anexo 2, Fig. 1-2.

² Robert Adams identificou, na década de 1960, cerca de 32 sítios com evidências de ocupação durante o período de Obeid (ADAMS, 1965: 34-36).

³ Estima-se que existam cerca de 43 arqueossítios no Diyala com ocupação datada dos períodos Uruk/Jemdet Nasr. Já no período dinástico arcaico o número de locais ocupados aumenta para 97, sendo que muitos destes apresentam uma continuidade de ocupação (ADAMS, 1965: 37-38).

particularmente acentuados. Na maioria dos casos, só haverá uma reocupação no período Cassita (MIEROOP, 2005: 43-49), sendo que apenas o arqueossítio de Ishchali parece não ter registado níveis de destruição associados à transição do domínio local para a primeira dinastia da Babilónia (ADAMS, 1965: 49). Este abandono acaba por ajudar a definir a nossa baliza cronológica final.

Relativamente à Arqueologia no Diyala, esta era praticamente inexistente até à intervenção do Instituto Oriental de Chicago, na década de 1930. Contudo, há muito que o potencial arqueológico da região era conhecido, já que muitos objetos ali encontrados, com cronologias bastante recuadas, circulavam em mercados de antiguidades. É com os trabalhos da equipa americana, já reunindo os apetrechos científicos mais recentes à época, ainda que em estado embrionário, que se iniciaram as escavações na região, incidindo especificamente sobre os quatro arqueossítios que esta dissertação analisará. Os trabalhos seguiram uma metodologia baseada no registo sistemático dos achados identificados, quer em termos das estruturas arquitetónicas, quer dos artefactos, tendo em conta a sucessão estratigráfica que refletia os múltiplos níveis de ocupação dos arqueossítios. Neste sentido, as intervenções lideradas por Henri Frankfort e por uma equipa de especialistas em Antiguidade Oriental, tais como P. Delougaz, Seton Lloyd e Thorkild Jacobsen, colocaram em evidência múltiplas estruturas cúltricas, palacianas e domésticas, com uma vasta diacronia de ocupação. Este forte contributo abriu caminho ao entendimento de períodos mais recuados da história da Mesopotâmia, destacando-se o período Dinástico Arcaico (ADAMS, 1965: 33-36; POLLOCK, 1999:19; FRANKFORT; JACOBSEN; PREUSSER, 1932: 1-9)⁴.

De entre o espólio exumado nestas expedições, decidimos concentrar a nossa análise nos selos cilíndricos, dado que os mesmos se afirmam como um dos artefactos mais polivalentes e transversais à história da Mesopotâmia. O seu fabrico e utilização, desde os alvares desta civilização, assim como a conjugação de vários elementos iconográficos (simbólicos, zoomórficos e antropomórficos) com inscrições permite a análise de dinâmicas de várias ordens. Por outro lado, a relação dos selos cilíndricos com os seus contextos arqueológicos possibilita colocar o objeto em diálogo com os agentes históricos, nomeadamente no que diz respeito ao entendimento do divino feminino.

⁴ Acerca do projeto arqueológico do Instituto Oriental de Chicago, veja-se, <https://oi.uchicago.edu/research/projects/diyala-project> [Abril 2019].

A amostragem primária⁵ contém selos que compreendem realidades que vão desde os finais do IV milénio a.C. até um período em que o quadro ideológico-mental se assume como sólido e cristalizado, sendo que consideramos ser, assim, possível esboçar traços de continuidade, na tentativa de perceber como foi sendo elaborada a construção do(s) arquétipo(s) femininos. A amostra total compreende cento e trinta e seis selos cilíndricos, sendo que destes cento e dois (75%) apresentam contexto arqueológico completo (conseguimos identificar o *locus* e o nível onde foram exumados). Os restantes trinta e quatro (25%) apresentam informação arqueológica deficitária⁶.

Em termos de distribuição dos selos por realidades arqueológicas, constatámos uma concentração de espólio nos arqueossítios de Tell Asmar (49) e de Khafajah (41), tendo-se registado uma menor representatividade nos restantes locais (Ishchali, numa proporção de 23 e Tell Agrab, numa proporção de 19)⁷. Em termos cronológicos, a amostragem é composta maioritariamente por selos datados dos períodos de Jemdet Nasr e Dinástico Arcaico (60%), seguindo-se o período de Isin-Larsa/Babilónico antigo (22%), o período Acádico (15%) e, com uma percentagem bastante reduzida, o período Gútio/Ur III (2%)⁸. No que respeita à dispersão do espólio por estruturas arqueológicas, em Tell Asmar verifica-se uma concentração dos achados em espaços habitacionais, numa proporção de vinte e seis selos para um total de quarenta e nove. Já nos restantes arqueossítios, é evidente a confluência do espólio em estruturas cálticas, em Khafajah numa proporção de vinte e cinco num total de quarenta, em Ishchali numa

⁵ Referimo-nos a esta amostragem como primária uma vez que foram analisadas como fontes secundárias outras evidências materiais, tais como baixos-relevos, estatuária, estelas, placas, entre outros. Estes, auxiliaram e complementaram a análise da amostragem principal. Para além dos referidos, foi ainda realizada uma análise comparativa e cruzada com composições de cariz literário da época, numa lógica de intertextualidade entre fontes.

O número total de selos cilíndricos analisados nesta dissertação foi de 136, cuja numeração foi por nós atribuída. A nossa amostragem resulta de um processo de seleção no que diz respeito à totalidade de selos cilíndricos, cerca de 1002 selos cilíndricos, analisados por FRANKFORT (1955). A numeração estipulada pelos autor supracitado aquando do seu estudo da glíptica do Diyala, encontra-se referenciada nas fichas de Inventário (Anexo 13).

⁶ Neste leque material considerámos selos que apresentavam apenas uma das informações arqueológicas, isto é, *locus* ou nível, para além de selos comprados que, segundo FRANKFORT, seriam originários da região do Diyala. FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute). Veja-se, Anexo 3, Gráfico 1.

⁷ Veja-se, Anexo 3, Gráfico 2.

⁸ Veja-se Anexo 3, Gráfico 3

proporção de quatorze num total de vinte e três e em Tell Agrab numa proporção de dezoito em dezanove⁹.

A heterogeneidade dos motivos decorativos identificados na glíptica do Diyala levou-nos a analisar o material arqueológico por temáticas, ao invés da tradicional análise arqueológica por arqueossítios¹⁰. Na nossa perspectiva, a vantagem do estudo temático reside na capacidade de identificar as dinâmicas de representação do divino feminino nos quatro arqueossítios em estudo, em simultâneo. Procurámos, assim, refletir sobre a ligação entre a temática decorativa representada, as possíveis deusas identificadas, o contexto onde o espólio foi exumado, as prováveis funções e proprietários dos selos, bem como os materiais de fabrico utilizados.

No caso específico da região do Diyala, parece-nos que a forma de entender o divino feminino, representado nas oito cenas analisadas, foi feita de forma contínua e coerente, ao longo do tempo. A divisão por temáticas acima indicada permitiu descortinar o enquadramento político-social em que os selos foram produzidos e utilizados, relacionando-o com as conceções sobre o divino feminino.

Esperamos que esta dissertação seja um contributo para os estudos sobre a Arqueologia e a História das Religiões, nomeadamente no que respeita ao divino feminino mesopotâmico.

⁹ As proporções aqui apresentadas correspondem à contagem de selos onde foi possível determinar o contexto arqueológico completo (*locus/nível*). Veja-se, Anexo 3, Tabela 1.

¹⁰ A inserção dos selos cilíndricos nas respetivas temáticas decorativas foi feita tendo por base critérios específicos que se encontram explanados no Anexo 3, Tabela 2.

CAPÍTULO I –O DIVINO FEMININO MESOPOTÂMICO

1.1. Os conceitos principais da História das Religiões

«Uma vida sem religião é como um barco sem leme.» (Mahatma Gandhi)

O conceito religião encontra a sua origem etimológica no latim, no vocábulo *religio*, que expressa uma atitude de obrigação, um laço, uma reverência para com o divino¹¹. Independentemente do espaço ou do tempo, o sentimento religioso tem como momento primevo a hierofania, isto é, o momento em que o ator histórico percebe a manifestação do elemento numinoso¹². Esta revelação estabelece a ligação entre o indivíduo, que a partir desse momento se constitui como *homo religiosus*, e o transcendente, manifestada através de um sentimento dual, até mesmo paradoxal. Por um lado, à lugar ao fascínio/amor que o crente sente ao perceber a existência do divino, por outro existe um terror que o elemento numinoso lhe provoca devido ao seu caráter superior, arrebatador e inefável¹³. É nesta dualidade que o *homo religiosus* se sente obrigado a evocar, a apelar e a submeter-se ao divino (ELIADE, 1992:13-15; OTTO, 1992: 18-19; ELIADE, 2004: 34-42).

O *númen* assume-se como o principal agente, o princípio vivo, a parte mais íntima da religião. Esta entidade, inexplicável por conceitos do mundo humano, é de uma natureza de tal forma grandiosa e transcendente que rapidamente se torna o centro, a resposta para todos os

¹¹ Veja-se, *English Oxford Living Dictionaries* [<https://en.oxforddictionaries.com/definition/religion>, Abril 2019], *Dicionário de Língua Portuguesa*, 2006: 1278 [*Coleção Completa de Dicionários e Auxiliares de Línguas, Tomo II. Texto Editores*]; MULLER, 1907: 33.

¹² Mircea Eliade, na sua obra *Tratado de História das Religiões*, aprofunda as questões associadas à hierofania. Na sua perspectiva, uma hierofania exprime uma modalidade do sagrado e um momento da sua história. O facto da hierofania ser sempre histórica não impede necessariamente a sua ecumenicidade, uma vez que algumas manifestações divinas têm uma expressão apenas local, ou seja, têm apenas valor para um determinado grupo, enquanto que outras assumem um valor universal, detendo assim uma multivalência que reafirma a universalidade dos símbolos. Segundo o autor, esta grande variedade de hierofanias assume-se como uma das dificuldades metodológicas no estudo da História das Religiões, a par com outras questões associadas à natureza, dispersão e intervalo temporal das fontes, bem como a matriz ocidental marcadamente judaico-cristã que coloca grandes entraves conceptuais ao estudo de realidades tão distintas, no tempo e no espaço (ELIADE, 2004: 24-33). Também OPPEHEIM aponta estas dificuldades metodológicas no estudo do sistema religioso (OPPEHEIM, 1977:171-183).

¹³ Rudolf Otto sintetizou esta dualidade na expressão *mysterium tremendum et fascinans* que o elemento numinoso provoca no *homo religiosus* (OTTO, 1992: 21-34).

fenómenos inexplicáveis. Dado o seu caráter misterioso, tudo na natureza e, no fundo, no cosmos, é passível de ser e/ou conter uma manifestação numinosa. Deste modo, a vivência do *homo religiosus* é canalizada para a incessante tentativa de decifrar os sinais divinos, cumprindo-se assim os seus desígnios. Naturalmente, o elemento numinoso passa a ser o responsável pela criação do cosmos, constituindo-se, simultaneamente, como uma parte viva e dinâmica do mesmo. Para além desta visão profundamente teocêntrica o divino é também percecionado como o artesão que molda a humanidade, sendo o indivíduo sua criação e parte do seu ser¹⁴.

Neste sentido, tendo em conta estas especificidades, consideramos que o elemento numinoso não pode ser reduzido a uma categoria específica de representação. Este pode e deve ter assumido múltiplas formas, antropomórficas, simbólicas e outras, muitas vezes não identificáveis pelo crente, inevitavelmente subserviente (ELIADE, 1992:61-62; OTTO, 1992: 18-63; ALMEIDA, 2015:58-61). A questão relativa às múltiplas formas do divino mesopotâmico tem vindo a ser debatida, no âmbito da historiografia mais recente, disto são exemplo os conteúdos integrantes na obra editada por Barbara Nevling Porter (2009) que muito nos auxiliou na nossa reflexão. Neste livro, discute-se a importância dos símbolos e de outro tipo de representações divinas, para além da antropomórfica, que ter-se-ão assumido como igualmente importantes na conceção do elemento numinoso para o *homo religiosus* mesopotâmico.

O conceito “*homo religiosus*” é definido, primeiramente, na década de 1960 por Mircea Eliade, correspondendo, como já referido, ao agente histórico que perceciona a manifestação do *númen* e que lhe responde por via de uma linguagem simbólico-metafórica. Esta resposta teórica (mitos) e prática (ritos) advém da necessidade que o mesmo sente em comunicar com o transcendente, tornando-o inteligível. Desta forma, o indivíduo sacraliza¹⁵ os locais e os

¹⁴ Na visão antropogónica mesopotâmica, a assembleia divina decide criar a humanidade para que esta a sirva em todos os trabalhos mundanos. A criação do novo ser é feita a partir da mistura entre a argila e o sangue de um deus sacrificado, matérias que evocam a mortalidade humana e, simultaneamente, o vínculo inquebrável de dependência e amor entre criadores e criaturas. O relato antropogónico é descrito com contornos semelhantes, em três composições literárias, *Atrahasis* (Tab. I), *Enuma-Eliš* (Tab. VI), *Epopéia de Gilgameš* (Tab I). Veja-se, DALLEY, S. (1989) *Myths from Mesopotamia: Creation, The Flood, Gilgamesh, and Others*. Oxford: Oxford World's Classics. Ainda que descrita nos três relatos, a antropogonia pode ser desenvolvida ou apenas entendida como uma narrativa secundária, de acordo com os propósitos das composições literárias, sendo que em *Atrahasis*, a criação da humanidade é uma das temáticas centrais e, como tal, apresenta uma maior pormenorização.

¹⁵ Na nossa perspectiva de análise o sagrado não deve ser entendido como um sinónimo do elemento numinoso, mas sim, e seguindo a linha de pensamento defendida por BOUILLARD (1974) e ALMEIDA (2015) como um termo que designa a ação humana sobre a presença do divino, sendo no fundo uma espécie de fase subsequente à hierofania.

elementos da sua realidade onde o divino se manifesta (JACOBSEN, 1978:4; ELIADE, 1992: 17-28; OTTO, 1992: 185-186; ELIADE, 2004: 435-444; ALMEIDA, 2015: 57-61).

Os mesopotâmios eram, acima de tudo, *homo religiosus*, dado que concebiam que o divino era a força motriz de toda a sua realidade. Assim, devemos questionar até que ponto podemos falar de espaços sagrados e profanos para este mundo, pois tudo era passível de ser sacralizado. A dificuldade em identificar quer no registo escrito, quer nas fontes materiais os limites destas duas categorias levam-nos a evitar o uso do binómio sagrado/profano.

A conceção religiosa sobre o tempo leva à necessidade do *homo religiosus* criar respostas teóricas tendo em vista explicar os fenómenos metafísicos que o inquietam, dando assim origem aos mitos. Neste sentido, na conceção religiosa mesopotâmica, o tempo não é homogéneo ou contínuo, mas sim circular, reversível e recuperável, uma espécie de momento mítico eterno que o indivíduo tenta reintegrar no seu mundo¹⁶. O mito, torna-se assim o elemento através do qual o *homo religiosus* explica o acontecimento primordial que teve lugar no início do tempo, *ab initio*. Esta resposta mitológica sublinha o poder absoluto do númen retratando a sua atividade criadora, quer sobre o cosmos, quer sobre a espécie humana.¹⁷ Numa ótica pragmática, o mito é o elemento fixador de condutas comportamentais e o modelo que deve nortear a vida humana. Assim, através da evocação e replicação dos mitos, o *homo religiosus* procura aproximar-se do transcendente criador e participar do seu ser, exprimindo um desejo de santidade e uma nostalgia ontológica¹⁸ (ELIADE, 1992:38-55).

No que diz respeito aos conceitos de piedade popular e de religiosidade oficial, podemos dizer que estes exprimem a necessidade que o *homo religiosus* sente em servir, responder e interligar-se com o elemento numinoso. A piedade popular deve ser percecionada como o tipo de

¹⁶ Acerca das questões associadas à conceção do tempo na Mesopotâmia veja-se, ROSA, Maria de Fátima Castanheira da Silva (2014) *A percepção da ordem e a consciência do tempo em Mari no período Paleo-Babilónico (séc. XIX- XVIII a. C.)*. Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

¹⁷ Na conceção mitológica mesopotâmica a ação cosmogónica e antropogónica do *númen* é relatada nas seguintes composições literárias: 1. *Atrahasis*; 2. *Epopeia de Gilgameš*; 3. *Enuma-Eliš*. Veja-se, DALLEY, S. (1989) *Myths from Mesopotamia: Creation, The Flood, Gilgamesh, and Others*. Oxford: Oxford World's Classics.

¹⁸ É ainda de notar que no âmbito do sistema religioso mesopotâmico a conceção cosmogónica/teogónica e antropogónica se constituem como vetores de continuidade no modo de pensar o divino e a sua ação. A par destes dois vetores, a forma como o *homo religiosus* mesopotâmico percecionou e caracterizou, ao longo do tempo, as divindades, exprime também uma certa unidade isto é, uma linha condutora que norteara um sistema que se caracterizava pela pluralidade religiosa (ALMEIDA, 2015: 65-80).

culto mais pessoal e íntimo entre o crente, a título individual, e o divino, incluindo ações como orações, oferendas, peregrinações e jejuns. É um tipo de religiosidade que não tem na sua base constrangimentos temporais ou espaciais. Isto significa que pode efetuar-se em qualquer tempo, alheio às principais festividades anuais, ou em qualquer espaço, fora ou dentro das estruturas cúlticas. Tendo em conta o seu carácter privado, é produto de todas as camadas sociais, devendo assim ter sido praticado por todos os géneros e faixas etárias. Estas características não obrigam ao seu registo formal¹⁹ e, como tal, o seu estudo é efetuado, quando possível, através de fontes materiais. No caso da religiosidade oficial, esta deve ser entendida como todas as expressões religiosas promovidas pelas instituições de poder, isto é, as elites ligadas ao palácio e/ou templo, uma prática que se alia à piedade de cada ser humano a título individual²⁰ (OLMO, 1993:401-412; ALMEIDA, 2015:80-83).

Neste sentido, devemos também refletir sobre outra categorização típica da História da Religiões: divindades maiores e divindades menores. Tradicionalmente, as primeiras surgem como protagonistas nas fontes da religiosidade oficial, tais como, grandes produções literárias, listas de deuses e rituais associados às estruturas de poder. Já as divindades ditas menores surgem na literatura mítica como auxiliares dos protagonistas e de forma mais expressiva no culto pessoal. Contudo, e tendo em conta o que acabámos de referir sobre a religiosidade oficial e a piedade popular, até que ponto esta categorização faz sentido? No caso da presente dissertação, como veremos, as representações do divino feminino na glíptica do Diyala confirmam o carácter “maior” de Inanna/Ištar, dada a sua forte presença nos selos cilíndricos. O culto a esta divindade perpassava todas as camadas sociais, sendo expresso tanto no oficial, como no privado. Por seu lado, a deusa Lama, praticamente ausente nos testemunhos literários

¹⁹ Mircea Eliade aponta esta questão do registo formal como uma das dificuldades metodológicas no âmbito do estudo da História das Religiões, uma vez que a literatura religiosa é produto da elite sacerdotal/palaciana, e, como tal, expressa o pensamento e atitudes religiosas das camadas mais abastadas da sociedade (ELIADE, 2004: 27). Contudo, se a religiosidade oficial e a piedade popular coexistiram e se influenciaram mutuamente, até que ponto o registo oficial não poderá expressar a visão da comunidade religiosa. Porque razão se associa tradicionalmente os vestígios arqueológicos do âmbito religioso, identificados em estruturas domésticas, como uma expressão da piedade popular? Até que ponto ambos registos escritos e arqueológicos podem identificar uma simbiose entre a religiosidade oficial e a popular? Estas são questões para as quais não temos ainda resposta, mas que se afirmaram como importâtes na nossa reflexão.

²⁰ Na Mesopotâmia, podemos referir como principais comportamentos rituais numa perspetiva oficial, a prática do culto às estátuas divinas e as festividades anuais presididas pelo governante como é exemplo o Ano Novo (akītu). Estas respostas cúlticas assumem-se como alguns dos vetores de continuidade no âmbito da religiosidade mesopotâmica, que, ainda que múltipla e dinâmica, apresenta linhas condutoras que nos permitem identificar uma certa unidade religiosa (ALMEIDA, 2015: 80-90).

assume uma importância extraordinária na glíptica, estando patente em muitas das cenas que iremos analisar. Embora, na maioria das cenas, o seu protagonismo seja secundário, quando em relação à divindade entronizada, a verdade é que a sua presença e o seu papel não permitem que o seu culto e a sua importância no sistema religioso mesopotâmico seja categorizado como “menor”²¹.

Por último, deixamos aqui uma breve consideração sobre o conceito de sistema religioso. A civilização mesopotâmica, multifacetada, mutável, dinâmica e cumulativa, é composta por múltiplas camadas culturais que ofereceram diversos contributos religiosos, devendo assim ser abordada sobre um ponto de vista polivalente. Consideramos, pois isso, que será mais correto a utilização do termo sistema religioso, ao invés da noção tradicional de religião, uma vez que se torna necessário entender os processos de construção e reconstrução que estiveram na base do pensamento sobre o divino na Mesopotâmia. Deste modo, teremos em conta as transformações que provieram do sincretismo cultural típico desta civilização, que ainda que plural, cristaliza uma unidade religiosa ao longo dos seus mais de três milénios de existência (OPPEHEIM, 1977: 180-183; ALMEIDA, 2015: 52-62).

1.2. O Divino feminino e a academia: Breve introdução

«(...) o mais condenável dos costumes babilónicos é aquele que estabelece que todas as mulheres da terra devem dirigir-se, uma vez na sua vida, ao santuário de Afrodite e ter relações com um estranho.»
(Heródoto, *Histórias* 1.199.1)

O divino feminino mesopotâmico foi durante muito tempo percecionado pelo mundo ocidental como transgressor, dada a natureza sexual de certos ritos, sobretudo babilónicos²². Estas ideias tiveram as suas raízes no relato veterotestamentário e nos ecos dos autores Clássicos, sendo que a visão tradicional da sociedade ocidental refletia uma oposição entre a mulher cristã, fiel, piedosa e submissa ao marido, e uma mulher oriental, cuja imagem exprimia uma

²¹ Para uma primeira introdução a estas questões veja-se, JACOBSEN, 1976: 76-86.

²² Sobre a conceção da mulher na Babilónia veja-se, BAHRANI, 2001.

libertinagem sexual e desvio à norma vigente. Neste sentido, proliferaram os estudos sobre a sexualidade na Mesopotâmia, tendo como foco principal a figura da deusa Inanna/Ištar, enquanto arquétipo do feminino sexual²³. Assim, embora a deusa incorpore especificidades liminares, tutelando múltiplas esferas, a verdade é que estas outras componentes (ligadas à realeza, à atividade bélica e ao profetismo) parecem ter sido esquecidas face ao seu comportamento erótico-sexual²⁴ (PALMA, 2009: 152-153).

Consequentemente, é no contexto marcado pela historiografia do século XIX que surgem dois conceitos fundamentais, o casamento sagrado e a prostituição sagrada, que pretendemos aqui abordar sucintamente. O termo casamento sagrado (do grego *hierogamos*) serve, no geral, para expressar a união sexual entre elementos humanos e divinos. No caso mesopotâmico, assume-se como um dos mecanismos fundamentais da retórica da ideologia real mesopotâmica, já que se refere à união entre o rei terreno e a deusa Inanna/Ištar. Este ato ritualístico ocorria no contexto do *akītu* (Ano Novo), sendo que as referências literárias mais antigas, datadas do III milênio a. C., indicam que o mesmo poderia ter lugar na Primavera (Março-Abril) e/ou no Outono (Setembro-Outubro), épocas correspondentes aos equinócios, dois importantes momentos no calendário agrícola. A hierogamia é um dos conceitos mais debatidos no seio da comunidade científica, discutindo-se a natureza concreta ou simbólica da união, assim como a identidade da mulher que assumiria o papel da deusa. Naturalmente, também a origem deste ritual, bem como a sua evolução ao longo do tempo tem sido alvo de análise. Na nossa perspectiva, entendemos esta prática cültica como um meio de legitimação e de aproximação do ser humano ao divino, procurando não ficarmos reféns das suas conotações sexuais (JONES, 2003:291; CAMELO, 2005: 157-160; LEISTEN, 2008: 55-62; PALMA, 2009: 157-158).

No que diz respeito à prostituição sagrada²⁵, a mesma é entendida como os atos sexuais cülticos realizados por sacerdotes/sacerdotisas, que no caso mesopotâmico se encontravam normalmente ao serviço de Inanna/Ištar. A utilização desta expressão mostra, uma vez mais, o

²³ Sobre a figura de Inanna/Ištar, nas suas múltiplas vertentes, veja-se: HARRIS, 1991; ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015.

²⁴ Neste sentido, devem ser sublinhados os estudos realizados por ASSANTE acerca da literatura erótica e das placas de terracota babilónicas. A autora discute o problema metodológico em se associar, automaticamente, as representações do erótico-nu feminino a deusas, podendo estas imagens evocar várias entidades tanto humanas, como divinas (ASSANTE, 2002; ASSANTE, 2002b).

²⁵ Acerca desta problemática veja-se: LERNER, 1986; ASSANTE, 2006; GREVE, 2006; GREVE; SWEENEY, 2006; PALMA, 2009.

foco constante na sexualidade, sendo que o termo “prostituição” acarreta conotações negativas e algo anacrônicas. No nosso entender, consideramos mais correto o uso do termo “sexualidade cúltico-ritual”, já que o mesmo expressa o caráter ritualístico do ato e a sua integração no pensamento religioso mesopotâmico. Por outro lado, e tendo em conta o que já dissemos sobre a dificuldade em distinguir o sagrado e o profano no mundo mesopotâmico, até que ponto existiriam prostitutas “sagradas” e prostitutas “profanas”? Esta dúvida adensa-se se pensarmos que Inanna/Ištar era a responsável em termos cósmicos pela sexualidade e, como tal, o sexo, como qualquer outro aspeto da vida quotidiana, poderia ser entendido como uma forma de comunhão e aproximação com o elemento numinoso.

A verdade é que estas questões não são facilmente respondidas, já que se encontram intimamente ligadas com as dificuldades do estudo da civilização mesopotâmica, entre elas, o alargado espectro espacio-temporal que separa não só o indivíduo da Antiguidade do observador contemporâneo, mas também o Ocidente do Oriente. Por outro lado, a raiz marcadamente judaico-cristã do mundo ocidental, que atribui ao feminino papéis definidos na esfera da maternidade e de uma sexualidade contida no matrimónio, tem repercursões na forma de entender a conceptualização do feminino mesopotâmico. Contudo, quando olhamos para as fontes literárias e para os arquétipos do divino feminino desta civilização, identificamos expressões eróticas e amorosas que extravasam o contexto matrimonial e onde o prazer, masculino e feminino, parece ser central à relação sexual (ALMEIDA, 2015: 333-365)²⁶. Nos últimos anos, verificou-se um esforço por parte de vários autores no sentido de repensar estes conceitos à luz de novas metodologias e afastando-se de visões condicionadas pela matriz judaico-cristã²⁷.

Paralelamente, os movimentos feministas ocidentais do século XX, que responderam às necessidades de uma época marcada por um discurso iminente ocidental, branco e masculino, tiveram impacto no campo científico (GOODISON; MOORIS, 1998: 10; NELSON, 2011: 195-196). Neste contexto, proliferaram as publicações realizadas por não-especialistas, tais

²⁶ Veja-se, por exemplo, as expressões da sexualidade feminina das divindades Inanna/Ištar e Utu, respetivamente em *ETCSL* t. 1.3.1. e t. 1.1.1 [Setembro 2019]. Acerca do erotismo do divino feminino mesopotâmico veja-se, CAMELO, 2009.

²⁷ Veja-se por exemplo, LERNER, 1986; ASSANTE, 2002; ASSANTE, 2002 b; JONES, 2003; CAMELO, 2005; ASSANTE, 2006; GREVE, 2006; GREVE; SWEENEY, 2006; BUDIN, 2008; LEISTEN, 2008; PALMA, 2008. ALMEIDA, 2009; CAMELO, 2009; ALMEIDA, 2015.

como artistas, psicoterapeutas, feministas e amadores que utilizaram os dados históricos e arqueológicos para fundamentar o designado “movimento da Deusa”. Esta teoria defendia que a sociedade e religiosidade humana tiveram na sua génese uma raiz matriarcal, igualitária, tendo como foco de adoração uma deusa-mãe primordial e universal, que terá sido posteriormente suplantada por um domínio patriarcal. Um dos primeiros defensores desta hipótese foi Johann Jakob Bachofen, que, em 1861, publicou a sua obra *Mutterrecht (O direito da Mãe)* onde exaltava o papel do laço biológico primordial entre mãe-filho nas sociedades ditas primitivas. Também influenciados pelas teorias evolucionistas de Darwin, seguiram-se vários autores, como Sir James Frazer que em *The Golden Bough* (1911-1915) estabeleceu o molde para a relação, em diferentes contextos culturais, entre uma divindade materna e o seu filho-consorte²⁸. Uma nova vaga de publicações sobre estas teorias evolucionistas alicerçaram-se na Psicologia, partindo das teorias de Sigmund Freud e das suas análises sobre os sentimentos sexuais entre filhos do sexo masculino e a sua mãe - o conhecido Complexo de Édipo²⁹- a par com de outros livros psico-antropológicos³⁰. Estes reforçaram a teoria da “Grande Deusa e o filho-consorte” que foi utilizada para definir os antigos contextos religiosos da Grécia, de Malta e do noroeste megalítico europeu.

Após a Segunda Guerra Mundial, o papel cada vez mais ativo da mulher na sociedade ocidental reforçou os ideais defendidos pelas correntes feministas, que começaram a procurar um arquétipo feminino imutável e universalmente influente na história da humanidade (GOODISON; MOORIS, 1998: 6-8). Este contexto determinou as agendas académicas, principalmente a partir da década de 1960, onde se identifica um apogeu no cruzamento entre o movimento da “Grande Deusa-Mãe” e a Arqueologia. Devemos destacar James Mellaart, que, em 1967, publicou os resultados das suas escavações em Çatalhöyük, na Turquia e Marija Gimbutas, que publicou múltiplas obras sobre a religião pré-histórica europeia. Ambos defendiam o culto a uma grande Deusa-Mãe enquanto reflexo de um sistema matriarcal primitivo

²⁸ Esta teoria foi reconhecida na Antiguidade do Próximo Oriente no culto a Cybele e Attis, tendo mesmo esta obra inspirado as perceções sobre a religião grega, na sua fase mais remota, isto é, a civilização minoica da Idade do Bronze (GOODISON; MORRIS, 1998: 7).

²⁹ Ainda sobre a influência da psicologia nos estudos arqueológicos nos finais do século XIX e inícios do século XX, veja-se NEUMANN, Eric (1963) *The Great Mother: an analysis of the archetype*. Princeton: Princeton University Press; CRAWFORD, O. G.S. (1977) *The Eye Goddess*.

³⁰ Tomemos como exemplo o livro de Robert Briffault (1927) *The Mothers*.

universal³¹. Para além destes autores, destacam-se ainda as obras de Gerda Lerner (1986) *A Criação do Patriarcado*; Merlin Stone (1976) *When God was a Woman*; Helen Diner's (1973) *Mothers and Amazons: The First Feminist History of Culture*, onde a grande Deusa-Mãe foi enfatizada, segundo os seus atributos maternos, visão que, direta ou indiretamente, influenciou o pensamento arqueológico da época.³²

Foi sobretudo, a partir, da década de 1980 que novas abordagens teórico-metodológicas despontaram, das quais são exemplo a arqueologia cognitiva e a arqueologia feminista. Contudo, o contexto acima apresentado continua a ter impacto nas abordagens arqueológicas sobre o feminino. Persistem ainda algumas interpretações anacrónicas, como por exemplo as que associam a nudez da mulher apenas à sua faceta maternal, onde os entendimentos sobre a sexualidade e o erotismo femininos estão ainda muito vinculados à conceção judaico-cristã ocidental sobre o corpo e o género³³ (GOODISON; MOORIS, 1998: 7-14; ALMEIDA, 2015: 96-102).

Assim, torna-se fundamental uma recontextualização do passado numa ótica de debate sobre as principais questões que devem nortear as Ciências Sociais e Humanas, repensando-se conceitos e teorias. É urgente, em termos arqueológicos, realizar um estudo integrado dos artefactos, não só através das análises formais das peças, mas também tendo em conta o contexto social, religioso, económico, cultural/ideológico em que as mesmas se inserem. Uma primeira questão que deve ser repensada prende-se com a representação antropomorfizada das divindades, uma vez que estudos mais recentes revelam que a forma humana é apenas uma das múltiplas formas de representar o transcendente, como já referimos³⁴. Uma segunda grande questão prende-se com o entendimento do passado assumindo a diversidade e regionalismos próprios, ao invés de ser encarado como estático, universal ou contínuo. Para além destas, as questões de

³¹ GIMBUTAS, Marija (1974) *Goddesses and Gods of Old Europe. Myths and cult images*. London: Thames & Hudson; GIMBUTAS, Marija (1989) *The Language of the Goddess*. London: Thames & Hudson.

³² Acerca dos estudos arqueológicos baseados em análises estereotipadas do divino feminino veja-se, Sarah Milledge NELSON (2011) "Gender and Religion in Archaeology" in *the Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. OUP Oxford, pp. 195-208).

³³ Acerca das múltiplas concepções e papéis que a nudez pode assumir, no caso específico da Mesopotâmia, consulte-se BAHRANI, 1993; GREVE; SWEENEY, 2006.

³⁴ Sobre esta problemática, veja-se PORTER, Barbara N. (2009) *What is a God? - anthropomorphic and nonanthropomorphic aspects of Deity in Ancient Mesopotamia*. Winona Lake: The Casco Bay Assyriological Institute; ORNAN, T. (2005) *The triumph of the Symbol, Pictorial representation of Deities in Mesopotamia & The Biblical Image Ban*. Gottingen: Academic Press Fribourg Vandenhoeck & Ruprecht.

género, sobretudo no que diz respeito ao feminino, devem ser abordadas de forma ampla, tendo sempre em conta que o indivíduo, quer da antiguidade, quer da modernidade, se afirma como um ser complexo e mutável. Por último, e sobretudo quando o foco de estudo assenta em sistemas religiosos politeístas, como é o caso mesopotâmico, a análise deve ter em atenção que a relação entre o divino e a sociedade é, também dinâmica e mutável e, como tal, existe uma maior dificuldade em perceber os sistemas sociais e religiosos (GOODISON; MOORIS, 1998: 15-18).

1.3. O Divino Feminino na Mesopotâmia: papéis e funções

«Inana, you are the lady of all the divine powers, and no deity can compete with you. Here is your dwelling, Ninegala; let me tell of your grandeur! ».

(*A hymn to Inana as Ninegala (Inana D)*, ls 9-10)³⁵

O sistema religioso mesopotâmico assume-se como centrífugo e teocêntrico, uma vez que o divino era a força motriz que emanava de tudo e para tudo. Inevitavelmente, o elemento numinoso foi entendido com detentor de poderes criativos, assumindo-se como o responsável pelos processos cosmogónico e antropogónico. Os mesopotâmios entendiam, assim, a sua existência e os seus destinos como marcados pela vontade dos deuses, a quem procuravam, incessantemente, responder e obedecer. Perante esta conceção, o cosmos foi sacralizado, ao mesmo tempo que se edificou um universo divino compósito, sincrético, hierarquizado que, ainda que plural, espelhava uma unidade religiosa (JACOBSEN, 1974: 6-7; BOTTÉRO, 2004: 36-38).

O universo divino mesopotâmico era constituído por uma multiplicidade de divindades, que apresentam uma diversidade de funções cósmicas, mas também de género. As questões interligadas com o género são algo ambíguas, pois o divino não era enquadrável em nenhuma categoria sociocultural ou biológica, dada a sua natureza transcendental. Ademais, e sobretudo em sistemas religiosos politeístas, os paradigmas associados ao dimorfismo sexual das divindades não se apresentam como lineares. A grandiosidade da natureza divina não deve, por

³⁵ *ETCSL*, t. 04. 7. 4.

isso, ser refém de abordagens binárias sobre o gênero³⁶ (GREVE; WESTENHOLZ, 2013: 16-17).

Os estudos que têm vindo a ser realizados sobre o divino feminino encontram-se condicionados por questões de natureza religiosa, sociopolítica, cultural e de gênero, mas também, em termos arqueológicos, por questões relacionadas com os contextos aliados à natureza das evidências (GOODISON; MOORIS, 1998: 63-66). Embora estas problemáticas tenham sido já referidas, devemos enfatizar que grande parte destes estudos associavam às deusas funções relativas à sexualidade/fertilidade, bem como a domínios matrimoniais/domésticos. O estudo do caso mesopotâmico permite-nos entender que às divindades femininas estavam atribuídas múltiplas funções que extrapolavam as convencionais esferas atribuídas a este gênero. Paralelamente, permite-nos também quebrar estereótipos que definem que certos domínios eram tutelados apenas e/ou preferencialmente por entidades femininas quando, na verdade, haveria uma complementaridade entre o par masculino/feminino, numa complementariedade que garantia a manutenção da ordem cósmica³⁷.

Para além das questões de gênero, importa ainda regressar à problemática associada às diferentes formas que o divino assumiu na Mesopotâmia. Com já referido, o trabalho de PORTER (2009) assume uma importância fulcral pois, as análises contidas nesta obra conjugam fontes de natureza escrita com evidências materiais, numa vasta diacronia. Assim, esta metodologia permitiu colocar em causa algumas tendências historiográficas anteriores, como as defendidas por JACOBSEN³⁸, BOTTÉRO³⁹ e LAMBERT⁴⁰ que apontaram para a prevalência do

³⁶ A ambiguidade das divindades mesopotâmicas encontra-se plasmada na figura compósita de Inanna/Ištar. Esta deusa, embora concebida como marcadamente feminina, foi imaginada como possuidora de atributos tendencialmente assumidos pelo gênero masculino. Era comum que o pessoal cúltico desta divindade envergasse trajes, proferisse palavras e realizasse determinados atos, nas celebrações rituais em sua honra, que os levava a sair das suas categorias sociais e biológicas (HARRIS, 1991:277). Numa outra vertente, temos exemplos de divindades mesopotâmicas cuja ação transcendia o gênero que lhe foi atribuído. Veja-se o caso da divindade primordial suméria Namma/Nammu que, deu origem aos primeiros pares divinos, sem qualquer contributo e/ou ação de divindades masculinas, assumindo-se como progenitor(a) dos deuses e, no fundo, do cosmos (GREVE; WESTENHOLZ, 2013: 16-18).

³⁷ Tomemos como exemplo o artigo de GRONEBERG, onde a autora, utilizando como estudo de caso a cidade de Nippur, e como leque cronológico o período de Ur III, analisa as funções das deusas na Mesopotâmia. A problemática acima referida é abordada através da explicitação dos papéis que diversas deusas desempenharam, em múltiplas esferas, tais como, a realeza mesopotâmica, a morte, a medicina e a interpretação dos sonhos, a fertilidade, e a esfera doméstica (GRONEBERG, 2007: 319-332).

³⁸ JACOBSEN, Thorkild (1976) *The Treasure of Darkness – A History of Mesopotamian Religion*. London: Yale University Press – New Heaven and London.

divino antropomorfizado, defendendo que as outras formas (não antropomórficas) seriam apenas ecos de períodos arcaicos, que se mantiveram em períodos subsequentes como símbolos e/ou emblemas das divindades.

Assumindo estas propostas mais recentes, neste trabalho concebemos o divino feminino (e masculino) mesopotâmico como uma entidade dinâmica e múltipla na sua identidade, que pode ser expresso simultaneamente, através de formas antropomórficas, celestiais, animais, vegetais, e até em objetos variados, para além de outras formas não identificadas atualmente.

No que diz respeito às esferas de atuação do divino na Mesopotâmia, podemos definir seis áreas principais, em termos diacrónicos: a ação criadora, a esfera doméstica, o papel mediador/intercessor, a sexualidade/fertilidade, a atuação no contexto da realeza e a atuação no domínio bélico. Estas expressões do divino feminino, como já foi sendo referido, encontram-se concentradas na deusa Inanna/Ištar, que como tal aparece descrita como: «Inana, you are the lady of all the divine powers [with who] no deity can compete». Contudo, outras divindades femininas também devem ser tidas em conta, por manifestarem comportamentos que recaem numa ou em várias das áreas acima identificadas.

Quanto à ação criadora, podemos defini-la sobre dois prismas, sendo eles a cosmogonia/teogonia⁴¹ e a antropogonia. No que respeita à cosmogonia/teogonia, destaca-se a ação de duas deusas: Namma/ Nammu⁴² e Tiamat⁴³. A primeira foi evocada, na tradição literária suméria, como divindade ligada ao oceano primordial, afirmando-se como progenitora de todos os deuses e, por isso, do cosmos. A sua ação parece ter sido entendida como assexual, pois não

³⁹ BOTTÉRO, Jean (2004) *Religion un Ancient Mesopotamia*. Chicago: The University of Chicago Press.

⁴⁰ LAMBERT, Wilfred George (1990) “Ancient Mesopotamian Gods: Superstition, philosophy, theology” in *Revue de l'histoire des religions*, tome 207, n°2. Collection sur Persée, pp. 115-130.

⁴¹ Na Mesopotâmia, especificamente na tradição contida no texto épico *Enūma Eliš*, os processos cosmogónico e teogónico surgem como fenómenos simultâneos, uma vez que os aspetos do mundo natural eram entendidos como divinos. Assim, as divindades que são e controlam estes aspetos são criadas, através do ato de nomeação, numa lógica sucessiva de aperfeiçoamento. Veja-se o teor das primeiras linhas da tabuinha I de *Enūma Eliš*, onde se evoca, num tempo imemorial, a ação sexual entre Apsu (águas doces) e Tiamat (águas salgadas), que sucessivamente dá origem ao nascimento de outras divindades, como Lahmu e Lahamu (terras lamacentas), Anshar (céu) e Kishar (terra) (DALLEY, 1989: 233-236).

⁴² Para uma leitura introdutória sobre esta divindade veja-se, BLACK; GREEN, 1992: 134.

⁴³ Para uma primeira abordagem sobre a deusa veja-se, BLACK; GREEN, 1992: 177.

se regista a atividade de nenhum elemento masculino no processo reprodutor⁴⁴ (GOODISON; MOORIS, 1998: 68; GREVE; WESTENHOLZ, 2013:18). Esta ausência masculina na ação criativa primordial poderá indicar que a atribuição de gênero ao divino não seria uma questão fundamental, pelo menos na tradição suméria, podendo as divindades surgir como assexuais ou andrógenas.

Quanto à deusa Tiamat, esta surge na epopeia de criação babilônica, *Enūma-Eliš*, onde a ação sexual com o seu consorte masculino, Apsu, conduz ao nascimento de sucessivos pares divinos⁴⁵. A ação descrita nesta composição literária denota a importância conferida ao par masculino/feminino no contexto reprodutor, ou seja, estamos perante uma conceptualização sobre o mundo divino que é construída segundo os moldes de criação do plano terreno. É interessante verificar que o divino feminino surge, neste contexto, como a contraparte do seu consorte masculino, pelo que não parece haver uma lógica de superioridade/inferioridade entre gêneros, mas sim, uma retórica de complementaridade. Ainda sobre esta deusa, importa realçar que lhe é conferido, na parte inicial da composição, um caráter apaziguador e misericordioso, perante Apsu, que quer destruir a sua prole devido ao seu comportamento ruidoso⁴⁶. Esta visão poderá, quiçá, espelhar uma conceção mesopotâmica sobre a figura maternal, na qual a mãe protege os seus filhos acima de tudo e de todos.

Já o relato antropogónico encontra-se narrado em duas composições literárias, sendo ainda evocado numa terceira: *Atrahasis* (tabuinha I); *Enuma-Eliš* (tabuinha VI) e *Epopeia de Gilgameš* (tabuinha I), respetivamente. No primeiro relato, o princípio maternal é expresso nas várias evocações à(s) deusa(s) que preside(m) ao processo antropogónico, em conjunto com Enki/Ea: Belet-Ili, Nintu e Mami (DALLEY, 1989: 9;15). Na epopeia de criação babilônica, o protagonismo masculino do relato antropogónico, onde Enki/Ea preside ao processo de criação da humanidade, poderá ser explicado pelo objetivo principal da composição: a exaltação da figura de Marduk como líder do universo divino mesopotâmico (DALLEY, 1989: 260-261). Por

⁴⁴ «Namma, the primeval mother who gave birth to the senior gods, took the tears of the gods to the one who lay sleeping, to the one who did not wake up from his bed, to her son...». *Enki and Ninmah*, ls, 12-23. (ETCSL, t. 1.1.2).

⁴⁵ «Had mixed their waters together». *Enuma-Eliš*, Tab. I, ls. 3-6 (DALLEY, 1989: 233).

⁴⁶ «When Tiamat heard this,/ She was furious and shouted at her lover;/ She shouted dreadfully and was beside herself with/rage,/But then suppressed the evil in her belly./ “How could we allow what we ourselves created to/perish”/Even though their ways are so grievous, we/ should bear it patiently». *Enuma-Eliš*, Tab. I, ls.47-55 (DALLEY 1989: 234).

último, na *Epopeia de Gilgamesh*, o processo antropogônico é evocado no momento de criação de Enkidu, sendo este moldado através da ação da deusa Aruru⁴⁷ (DALLEY, 1989:51-52). Independentemente da denominação atribuída às deusas que presidem a este processo, a verdade é que a lógica apresentada denota, tal como na concepção cosmogônica/teogônica, a importância conferida ao divino na criação.

No que respeita à esfera doméstica, as deusas apresentam-se como figuras arquetípicas que fixam as normas sociais e comportamentais que o feminino deveria seguir na dinâmica familiar, como mães, esposas, noivas, irmãs e filhas. Deste modo, no que respeita ao papel de esposa, devemos referir Uttu, divindade com pouco protagonismo nas composições literárias, mas que aparece ligada à tecelagem⁴⁸ e como filha e amante de Enki/Ea, em *Enki e Ninhursag* (ETCSL, t.1.1.1) Na composição *Enki e a Organização do Mundo* (ETCSL, t.1.1.3) é referido que a tecelagem, cuja tutela lhe é atribuída é uma arte feminina por excelência. Neste sentido, podemos associar a tecelagem, tarefa pertencente à esfera doméstica, como metáfora à sensualidade/sexualidade feminina. Simultaneamente, a descrição de Uttu em *A song of Inana and Dumuzid* (Dumuzid-Inana C1, ETCSL, t.4.08.29), como «the conscientious woman, the silent one», parecem conferir-lhe qualidades ideais para a esposa mesopotâmica (ALMEIDA, 2016:256-257).

Relativamente às fases de enamoramento e noivado, o grande arquétipo é a deusa Inanna/Ištar⁴⁹, especificamente na tradição poética suméria que descreve a sua relação com o seu tradicional consorte Dumuzi/Tammuz⁵⁰. Já a deusa Geštinanna assinala a importância do papel da irmã na dinâmica familiar, tanto que dá a vida pelo irmão, Dumuzi/Tammuz, ocupando, ciclicamente, o seu lugar no Inframundo (ALMEIDA, 2015:356)⁵¹.

As condutas exemplares de todas estas figuras divinas, bem como as ações por vezes disruptivas, procuravam consciencializar a comunidade mesopotâmica, sobretudo feminina,

⁴⁷ Embora não apareça no relato a referência ao deus Enki/Ea, este surge implicitamente no nome de Enkidu “a criatura de Enki”.

⁴⁸ Esta ação encontra-se expressa na composição literária, *Laḥar e Ašnan* (ALMEIDA, 2015:256).

⁴⁹ BLACK; GREEN, 1992: 108.

⁵⁰ Veja-se poesia amorosa Inanna-Dumuzi em ETCSL (t.1.4.07.1); CAMELO, 2008; ALMEIDA, 2015: 333-367.

⁵¹ *Dumuzid and Geštin-ana* (ETCSL, t. 1.4.1.1)

projetando-se lições e modos de vivência nas suas ações, tidos como uma norma aos olhos de uma sociedade patriarcal (GOODISON; MOORIS, 1998: 68-70).

Quanto à função mediadora/intercessora, esta é sobretudo personificada pela deusa Lama. Esta foi a divindade suplicante/intercedente por excelência no mundo mesopotâmico, dadas as suas especificidades apotropaicas e benfazejas. Lama apresenta-se de forma estandardizada, nas artes visuais, com as mãos erguidas em sinal de respeito/súplica, vestindo um manto comprido, com folhos, e ostentando a típica coroa chifrada das divindades mesopotâmicas⁵². Aliada a esta especificidade mediadora, esta divindade concilia uma outra função purificadora, podendo apresentar-se como deusa das águas jorrantes⁵³. É ainda de destacar a ação da deusa Gula, ligada à cura de doenças e, por isso, à medicina, intimamente ligada à magia no mundo mesopotâmico. Esta deusa poderia surgir, nas artes visuais, de como é exemplo as representações na glíptica, na sua forma antropomórfica, geralmente entronizada, ou podia ser representada através do seu animal-símbolo, o cão⁵⁴.

No que diz respeito à vertente ligada à sexualidade/fertilidade, destaca-se, de novo, a ação da deusa Inanna/Ištar. O facto de conjugar quer a fertilidade matrimonial, quer a prostituição, confere-lhe um carácter múltiplo e dinâmico, capaz de extravasar as categorias sociais e as definições de género⁵⁵. Dada a sua importância neste domínio, é descrita em múltiplas composições literárias⁵⁶ e identificada em várias fontes materiais⁵⁷, onde se exaltam os seus

⁵² BLACK, GREEN, 1992:115; AUSET, 2009:48.

⁵³ Exemplo desta sua especificidade encontra-se atestado na cidade de Mari onde foi identificada uma estátua da deusa, no palácio do rei Zimri-Lin (MARGUERON, 2004: 478). Para além da deusa Lama, temos ainda outras divindades femininas associadas à purificação dos espaços sagrados, tais como, Kusu, deusa ligada à queima de incensos, bem como, Ningirima associada a *a-gub-ba*, termo que aparece traduzido como “bacia de água sagrada” (GOODISON; MOORIS, 1998: 71-72).

⁵⁴ BLACK; GREEN, 1992: 101.

⁵⁵ HARRIS, Rivkah (1991) “Inanna-Ishtar as paradox and a coincidence of opposites” in *History of Religions*, vol. 30, n^o3. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 261-278.

⁵⁶ Veja-se, a título de exemplo, *A balbale to Inanna* (Dumuzi-Inana C) (ETCSL, t. 4.08.03); *Epopéia de Gilgameš*, Tab. VI (DALLEY, 1989).

⁵⁷ Quanto às fontes materiais, são de destacar os selos cilíndricos da amostragem, que serão analisados e discutidos no capítulo 3. Para além destes, são de referir as placas de terracota como motivos erótico-sexuais datadas do período Paleobabilónico, que se encontram em vários museus mundiais, e que, embora apresentem dúvidas quanto à identificação ou não de Inanna/Ištar, deverão, pelos motivos iconográficos representados, estar a ela associadas. Para desenvolver esta problemática veja-se, ASSANTE, Julia (2002) “Sex, Magic and the liminal body in the Erotic Art and Texts of the Old Babylonian period” in *Sex and Gender in Ancient Near East, Vol. I*. Helsinki, Rencontre Assyriologique Internationale, pp. 27-52; ASSANTE, Julia (2002b.) “Style and Replication in ‘Old Babylonian’

atributos femininos, que são fonte do seu poder. De facto, as relações amorosas que a deusa desenvolve com o herói Gilgameš, em *Gilgameš e o Touro Celeste* (ETCSL, t.1.8.1.2) e o parceiro humano, Šukaletuda, em *Inanna e Šukaletuda* (ETCSL, t.1.3.3) denotam uma direta conotação entre a sexualidade e o poder. A deusa faz uso dos seus atributos femininos como instrumentos de domínio sobre esferas marcadamente tuteladas por homens, como é o caso do poder governativo. O facto de Inanna/Ištar tutelar a sexualidade e o amor não a faz, automaticamente, casada e, por isso, cingida a uma parceiro sexual. Muito pelo contrário, a troca constante de amantes reforça a sua ligação ao amor livre e transgressor das normas sociais (ALMEIDA, 2015: 337-341).

A relação amorosa com o deus Dumuzi/Tammuz, entendido como seu consorte tradicional, expressa uma postura diferente da deusa, pois Inanna/Ištar apresenta-se neste contexto como ainda jovem e inocente, encontrando-se numa fase bastante inicial da sua maturação sexual. De facto, a análise do ciclo poético de Inanna e Dumuzi manifesta não só o comportamento sexual e amoroso dos deuses, como evidencia uma das múltiplas expressões da sexualidade e do amor humanos. Ao mesmo tempo, é tecido um discurso de poder, aludindo à hierogamia⁵⁸, pois Dumuzi/Tammuz assume-se como o arquétipo do governante mesopotâmico (CARAMELO, 2009:113-114; ALMEIDA, 2015:346-354).

Ainda no domínio da fertilidade feminina, é de referir a deusa Išhara, entendida como hipóstase de Inanna/Ištar, que salienta a sua faceta sexual através da iconografia. Išhara surge nas artes visuais representada, sobretudo pelo seu animal-símbolo, o escorpião⁵⁹. Destaque-se ainda a ação de duas entidades divinas, Nisaba/Nidaba e Šala. A primeira é denominada como “Deusa do

Terracotta Plaques. Strategies for Entrapping the Power of Images”, in LORETZ, *Ex Mesopotamia et Syria Lux: Festschrift für Manfred Dietrich zu seinem 65.* Münster, Ugarit-Verlag, pp. 1-29.

⁵⁸ Este poder encontra-se sobretudo associado à lógica de legitimação e afirmação do poder real mesopotâmico, através do denominado ritual do casamento sagrado, no qual, simbolicamente, a deusa se unia sexualmente ao rei, que encarnava o deus Dumuzi/Tammuz, amante da deusa.

⁵⁹ Sobre a deusa Išhara veja-se, BLACK; GREEN, 1992: 110.

Grão” encontrando-se associada à agricultura⁶⁰, sendo múltiplos os hinos que evocam a sua ação fértil e abundante, bem como a necessidade do seu apoio e bênção⁶¹. Por sua vez, a deusa Šala é representada iconograficamente pela espiga de cevada, elemento que poderá conectá-la ao domínio da fertilidade, embora fosse provavelmente uma deusa de origem hitita, cujas funções são algo desconhecidas⁶².

Quanto à última esfera de ação, a realeza e a atividade bélica a ela associada, ambas são tuteladas pela mesma divindade, Inanna/Ištar. A ligação desta deusa à governança é confirmada pelo facto de ser entendida como mãe (numa lógica de filiação subjetiva), mas também como amante e consorte do rei terreno, na hierogamia. Inanna/Ištar foi, transversalmente, entendida como a divindade por excelência ligada à governança, detendo, por isso, um importante papel na legitimação do soberano, algo que é visível em múltiplas fontes, quer escritas⁶³, quer materiais⁶⁴. Paralelamente, a deusa encontrava-se ligada à atividade bélica, acompanhando o rei no campo de batalha e destruindo os seus inimigos, numa retórica muito sintomática da ideologia real⁶⁵ (ALMEIDA, 2009: 35-36; ALMEIDA, 2015:164).

⁶⁰ Para além deste domínio, a deusa Nisaba/Nidaba começou por ser na tradição suméria, uma entidade ligada à escrita, à contabilidade e à administração. Contudo, e a partir do II milénio a.C., assistimos a migrações de povos semitas ocidentais para o território da Mesopotâmia, deslocações populacionais que acarretaram mutações socioculturais. Entre estas, destaca-se a masculinização do universo divino mesopotâmico, verificando-se que por vezes as deusas mudam de género, passando a representar divindades masculinas ou então os papéis desempenhados anteriormente por elas passam a ser tutelados por elementos masculinos. Exemplo desta transferência de domínios é a questão da escrita que, neste período, passa a ser tutelada pelo deus Nabu, divindade masculina de origem semita que passa a deter um papel de maior importância religiosa, sobretudo no universo divino babilónico. Ele seria filho do deus Marduk, divindade tutelar da cidade (GOODISON; MOORIS, 1998: 76; GREVE; WESTENHOLZ, 2013:19). A associação da deusa à escrita encontra-se atestada em fontes que evocam a sua inteligência e a procura pela sua bênção e proteção, dos quais são exemplos: *A praise poem of Lipit-Eštar (Lipit-Eštar B)*, ETCSL t.2.5.5.2; *A hymn to Nanše (Nanše A)*, ETCSL t.4.14.1; *The advice of a supervisor to a younger scribe (E-dub-ba-a C)*, ETCSL t.5.1.3.

⁶¹ Veja-se, por exemplo, *A hymn to Nisaba (Nisaba A)*, ETCSL t.4.16.1

⁶² BLACK; GREEN, 1992: 172.

⁶³ *The Death of Ur-Namma (Ur-Namma A)*, ETCSL, t. 2.4.1.1; *A praise poem of Shulgi (Shulgi A)*, ETCSL t. 2.4.2.01; *A victory of Utu-ḫeḡal*, ETCSL t.2.1.6; *The Lament of Sumer and Urim*, ETCSL t.2.2.3; *A hymn to Inanna (Inanna C)*, ETCSL t.4.07.3.

⁶⁴ As fontes materiais, nomeadamente a glíptica, serão analisadas e discutidas no capítulo 3.

⁶⁵ Esta ideia encontra-se fortemente presente no *corpus* de cartas proféticas Neo-Assírias (c.900-612 a.C.), onde a agência governativa da deusa se articulava com a ação guerreira, assumindo simultaneamente funções proféticas oraculares. Nas fontes ela é intitulada como “Ištar de Arbela” Veja-se, CAMELO, Francisco (2002) *A linguagem profética na Mesopotâmia (Mari e Assíria)*. Cascais: Patrimonia (pp.181-232).

O quadro de papéis e funções do divino feminino mesopotâmico acima apresentado permite-nos perceber que as tradicionais esferas da maternidade e do matrimónio, num espaço doméstico, foram extravasadas. De facto, as deusas mesopotâmicas afirmaram-se em múltiplas esferas de atuação, inclusive em atividades que estariam, no mundo humano, confinadas ao género masculino, como é o caso da governança e da guerra. Nesta ótica, importa levantar as seguintes questões: seriam estes papéis atribuídos ao divino feminino expressões das aspirações femininas numa sociedade patriarcal? Ou, estamos perante ecos do poder da ação feminina nos bastidores? Embora não consigamos, de momento, apresentar uma resposta, verificamos que as várias funções cósmicas enunciadas aparecem nas fontes como responsabilidade de ambos géneros pois, encontramos, em todos as seis esferas de ação, uma complementariedade entre o masculino e o feminino. Só nesta perspetiva é que o cosmos estaria ordenado, num equilíbrio que era incessantemente procurado pelos mesopotâmios.

CAPÍTULO II – A GLÍPTICA DO DIYALA

2.1. Contextos Arqueológicos: arqueossítios e estruturas

«El mejor arqueólogo es, a pesar de todo, un vándalo que destruye su documento consultándolo»

(André Leroi-Gourhan, *La Prehistoria*: 153)

A Arqueologia, enquanto ciência, começou a dar os seus primeiros passos nos finais do século XIX e inícios da centúria seguinte, encontrando-se nesta altura, ainda numa fase bastante embrionária, sobretudo em termos metodológicos. Foi precisamente neste intervalo de tempo que se iniciaram as grandes descobertas arqueológicas no Iraque, colocando-o no mapa da Arqueologia mundial. Já no século XX, das escavações levadas a cabo neste recém-formado país destacam-se as intervenções realizadas na região do Diyala pelo Instituto Oriental de Chicago (OIC). Ao longo da década de 1930, esta instituição procurou realizar um projeto arqueológico que tivesse por base o registo sistemático dos contextos trabalhados⁶⁶, pois, tal como Leroi-Gourhan alerta, o arqueólogo destrói sempre a sua fonte de informação, uma vez que a escavação é sempre um processo destrutivo e irreparável.

De facto, até às intervenções desta instituição americana, a Arqueologia na região do Diyala era praticamente nula, sendo que, e tendo em conta o perigo de destruição e saque ilegal, se tornava urgente a intervenção na zona. Assim, tiveram início as escavações arqueológicas que incidiram sobre os quatro arqueossítios de onde foram exumados os materiais que esta dissertação analisa. Ao longo de quase seis anos, o diretor das escavações, Henri Frankfort, importante arqueólogo holandês, e uma equipa de especialistas na área da Antiguidade Oriental, tais como P. Delougaz, Seton Lloyd, Conrad Preusser e Thorkild Jacobsen, colocaram em evidência várias estruturas habitacionais, palacianas e cúlticas, que apresentavam vastas diacronias de ocupação (FRANKFORT; JACOBSEN; PREUSSER, 1932: 1-6).

Consequentemente, as escavações, ainda que marcadas pelas condicionantes da época, foram revolucionárias, uma vez que tiveram direito a um registo sistemático dos contextos. De

⁶⁶ Veja-se *Diyala Project* (<https://oi.uchicago.edu/research/projects/diyala-project> [Junho 2019]).

um modo geral, e aplicada aos quatro arqueossítios, a metodologia utilizada baseou-se na divisão dos locais em quadrados de 20 metros, indicados por letras e números. Dentro de cada quadrado, os *loci* foram distinguidos e numerados consecutivamente (FRANKFORT; JACOBSEN; PREUSSER, 1932: 8-9). O registo foi realizado através de cadernos de campo, planos, desenhos de seções, fotografias de escavação, cartões de *locus* e esboços, elementos que se encontram digitalizados no “Arquivo Digital Diyala”, disponível em acesso aberto na *Diyala Database*⁶⁷.

Quanto aos elementos de datação, a multidisciplinariedade da equipa que escavou a região do Diyala, composta por arqueólogos, arquitetos e epigrafistas, permitiu um estudo não só orientado para a análise da sucessão estratigráfica, mas também das técnicas arquitetónicas utilizadas, bem como de inscrições. De entre o espólio, destacam-se os selos cilíndricos e suas respetivas impressões, tabuinhas de argila, elementos ornamentais, objetos de quotidiano em bronze e cobre⁶⁸, estatuetas e placas em argila, objetos em osso, cerâmica e esculturas em pedra. Estes objetos permitiram a atribuição de datações estilísticas, bem como a sua conjugação com as cronologias atribuídas aos estratos onde foram exumados (FRANKFORT; LLOYD; JACOBSEN, 1940: 8)⁶⁹.

⁶⁷ *Diyala Project* (<https://oi.uchicago.edu/research/projects/diyala-project> [Junho 2019]; *Diyala Database* ([http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:1:9441321735908:::~:](http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:1:9441321735908:::) [Junho 2019]).

⁶⁸ Sobre os elementos ornamentais e os objetos do quotidiano persistem algumas dúvidas quanto às suas funcionalidades sendo que, a atribuição funcional a objetos da antiguidade, persiste, como foi já referido, como uma das dificuldades no estudo da civilização mesopotâmica.

⁶⁹ Veja-se as múltiplas publicações que resultaram da análise deste vasto espólio material exumado no Diyala: AUERBACH, Elise (1994) *Terra Cotta Plaques from the Diyala and their Archaeological and Cultural Contexts*. [Unpublished Ph. D. dissertation]. Chicago: The University of Chicago Press; DELOUGAZ, Pinhas (1952) *Pottery from the Diyala Region (Vol. 63)*. Chicago: Oriental Institute Publications - The University of Chicago Press; FRANKFORT, Henri (1939) *Sculpture of the Third Millennium B.C. from Tell Asmar and Khafajah*. Oriental Institute Publications, 64. Chicago: The University of Chicago Press; FRANKFORT, Henri (1943) *More Sculpture from the Diyala Region*. Oriental Institute Publications, 60. Chicago: The University of Chicago Press; FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Oriental Institute Publications, 72. Chicago: The University of Chicago Press; GELB, Ignace J. (1961) *Sargonic Texts from the Diyala Region*. [Materials for the Assyrian Dictionary, No. 1 (2nd Impression)] Chicago: The University of Chicago Press; HILZHEIMER, Max (1941) *Animal Remains from Tell Asmar*. Oriental Institute Studies in Ancient Oriental Civilization, 20. Chicago: The University of Chicago Press; THORKILD, Jacobsen (1933) *Philological notes on Eshnunna and its Inscriptions*. Oriental Institute Assyriological Studies, 6. Chicago: The University of Chicago Press.

2.1.1. Tell Asmar (Ešnunna)

O arqueossítio de Tell Asmar corresponde à antiga cidade de Ešnunna, situada na zona leste do vale do rio Diyala, a cerca de 32 km a nordeste de Bagdad, região centro-leste do atual Iraque⁷⁰. As escavações, levadas a cabo no local entre 1930 e 1936, permitiram perceber que o sítio foi ocupado ainda antes de 3.000 a.C., tendo-se expandido exponencialmente ao longo do período Dinástico Arcaico Inicial (c. 3000-2750 a.C.) e, sobretudo, durante o período de Ur III (c. 2192-2000 a.C.)⁷¹.

A história política da cidade de Ešnunna é conhecida sobretudo a partir do II milénio a.C., sendo marcada por oscilações no que respeita à sucessão político-administrativa. Estas conturbações políticas encontram-se evidenciadas pela sucessão de reinados, possíveis de traçar a partir do período de Ur III graças aos vestígios arqueológicos, arquitetónicos e epigráficos. A cidade, tornou-se vassala das principais potências hegemónicas que começaram a emergir ao longo deste período, tais como a cidade de Ur⁷², passando depois por um momento de independência local⁷³, para finalmente sucumbir à esfera de domínio do rei Hammurabi, da Babilónia⁷⁴. De facto, os suseranos que reinaram no intervalo de tempo acima referido foram responsáveis por múltiplas obras de engrandecimento da cidade, sobretudo no que diz respeito à reconstrução de palácios e templos, e ainda por várias vitórias e alianças com regiões vizinhas, tais como Tubut (Khafajah) e Nerebtum ou Kiti (Ishchali). A cidade chegou mesmo a expandir a

⁷⁰ Latitude: 33° 45' 0"; 33.75° N. Longitude: 44° 45' 0"; 44.75° E.

⁷¹ Como nota introdutória veja-se, *Iraque, Cultural Property Training Resource*, (<https://www.cemml.colostate.edu/cultural/09476/iraq05-072.html> [Dezembro 2019]).

⁷² No período de dominação da dinastia de Ur III sobre a cidade de Ešnunna, destaca-se a ação de Ituria, *išakku* (governante) de Ešnunna, neste caso sobre a vassalagem do rei Gimilsin de Ur (c. 2309 a.C.). No reinado de Ituria afirma-se a construção do Templo de Gimilsin, estrutura religiosa edificada em honra do governante de Ur deificado, Gimilsin (2317-2309 a.C.). A datação absoluta da sucessão dinástica em Ešnunna é praticamente desconhecida, pelo que, optámos por seguir a tabela cronológica que estabelece a linhagem dinástica e episódios centrais de cada período de governação, deste o período de Ur III até à dominação de Hammurabi, apresentada por FRAKFORT; LLOYD; JACOBSEN (1940: 196-200).

⁷³ No que diz respeito ao período de independência governativa da cidade de Ešnunna, entre c. 2308-2037 a.C., este foi marcado pela ação de reis como Bilalama, Azuzum, Ibiqadad I, Ibalpiel I, Ibiqadad II, Naramsin e Ibalpiel II, responsáveis, não só por grandes obras de engrandecimento da cidade e regiões vizinhas, como também de importantes conquistas e/ou alianças territoriais (FRAKFORT; LLOYD; JACOBSEN, 1940: 196-200).

⁷⁴ Sobre os confrontos entre a cidade de Ešnunna e a Babilónia, veja-se MIEROOP, 2005; PEYRONEL, 2013.

sua área de influência para o Eufrates, na zona de Rapiqu, e para Sippar (REICHEL, 2018: 29-44).

A área escavada na antiga cidade de Ešnunna, que à data da última campanha arqueológica levada a cabo pelo OIC (1936) cobria uma área que se estendia por mais de dois hectares⁷⁵, incluía cinco complexos principais: o Palácio do Norte, o Templo de Abu, o complexo de casas privadas, o Palácio dos Governadores e o Edifício do Sul. Estes espaços foram sofrendo vários momentos de (re)construção e ocupação humana ao longo da história da cidade (Anexo 4 – Planta 1) (FRANKFORT, 1955: 9-10).

O Palácio do Norte foi edificado no período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.), tendo sido identificadas sobre os níveis deste palácio estruturas habitacionais privadas datadas dos períodos Acádico, Gútio-Ur III e Isin-Larsa. Nas estruturas correspondentes ao palácio foram exumados selos dos períodos dinásticos arcaicos, tendo sido encontrados em camadas posteriores selos datados dos períodos mais tardios de ocupação do local, como é o caso do selo nº 1 da amostragem (*locus*: E 16:1; nível: Casas sobre o Palácio do Norte) (FRANKFORT, 1955: 10; DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: 181 – 196). A Sul deste palácio foi identificada uma estrutura cútlica, o Templo de Abu, onde foi exumado o selo nº 72, estilisticamente e cronologicamente atribuído ao período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.), numa zona correspondente ao santuário I, o Templo Quadrado, no nível de ocupação II do Templo de Abu⁷⁶. Dentro do templo, foi exumado num compartimento que se pensa ter sido reservado ao sacerdote (Anexo 4 – Planta 2). Também nesta estrutura cútlica, mas no nível de ocupação III, isto é, o

⁷⁵ REICHEL, 2018: 30.

⁷⁶ O templo de Abu, identificado na cidade de Ešnunna, é um exemplo típico da arquitetura religiosa do período Dinástico Arcaico, permitindo estabelecer paralelos com cidades como Aššur e Mari, pois as evidências arquitetónicas deverão derivar de uma tradição mais antiga, provavelmente do período de Jemdet Nasr. Neste sentido, o templo era caracterizado pela existência de um compartimento central, de dimensões alargadas, a *cella*, a partir do qual se desenvolviam um conjunto de salas subsidiárias de apoio às atividades cútlicas. Na *cella*, encontrava-se o altar, uma plataforma onde, no período Babilónico antigo se encontram registos da existência da estátua da divindade à qual o templo era dedicado e, cuja tradição possa derivar de tempos mais remotos. Tradicionalmente, as estruturas religiosas deste período tinham os seus cantos orientados segundo os pontos cardeais, embora o templo de Abu tivesse as suas paredes orientadas a norte e a sul. A monumentalidade do templo e do altar dependia da importância do templo e, claramente, da capacidade económica da cidade, sendo que poderia haver mais do que uma *cella* e múltiplos altares “secundários”. Por vezes, o altar era completado pela existência de mesas de oferendas, que poderiam encontrar-se em zonas abertas, os pátios. A presença destes espaços abertos em templos datados do período Dinástico Arcaico e, no caso do templo de Abu, com cronologias mais remotas, poderá ser um indício da conexão entre este tipo de arquitetura religiosa e as origens dos templos de tradição babilónica, onde os espaços abertos desempenharam um papel fundamental na organização dos locais sagrados (DELOUGAZ, 1942b.: 300-304).

Templo de um só santuário, na subfase relativa ao santuário único III ou IV (?), foi exumado o selo nº 73, cujo estilo artístico evocava o período Dinástico Arcaico III mas cuja unidade estratigráfica apontava já para níveis de ocupação dos inícios do período Acádico (c. 2334 a.C.)⁷⁷ (FRANKFORT, 1955: 9-10)⁷⁸.

O complexo das casas privadas foi identificado a sul do Templo de Abu, tendo sido uma área ocupada desde o período Dinástico III até ao período de Isin- Larsa⁷⁹. Os selos encontrados nesta área compõem a grande percentagem da amostragem deste arqueossítio⁸⁰. Estes foram exumados nos estratos correspondentes aos períodos Gútio/Ur III, Acádico, Proto Imperial⁸¹ e ao Dinástico Arcaico III, em múltiplos compartimentos das habitações⁸² (Anexo 4. Plantas 3-8) (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967:144-45).

O espaço denominado como Palácio dos Governadores (da cidade), é composto por várias fases de (re)construção, consoante os sucessivos reinados de Ešnunna. Neste sentido, a primeira fase deste edifício corresponde à construção do templo Gimilsin, pelo *išakku* (governante) Ituria (c. 2309-2308 a.C.), num momento em que Ešnunna se encontrava sob a

⁷⁷ A utilização de selos cilíndricos num tempo longo seria algo comum na Mesopotâmia pelo que, em muitos casos, o estilo artístico evoca um período mais antigo, comparativamente com o estrato arqueológico onde o mesmo foi exumado. Os selos, na maioria dos casos, seriam fabricados em pedra e, como tal, seriam elementos de elevado valor económico, uma vez que a matéria-prima teria que ser importada. Assim, seria certamente comum o entesouramento deste tipo de peças, bem como a sua passagem de proprietário, dentro do próprio núcleo familiar.

⁷⁸ Ainda que tenha vindo a ser posto em causa o carácter religioso de algumas das estruturas identificadas na região do Diyala, como é o caso do Templo de Abu, a presente dissertação não procura debater ou pôr em causa estas questões. Igualmente, algumas questões têm vindo a ser colocadas sobre a sub-divisão do período Dinástico Arcaico em três momentos (I; II; III) adotada pelos arqueólogos que escavaram a região, mas não procuraremos abordar estas questões cronológicas e metodológicas, pelo que, vamos adotar esta segmentação. Veja-se, LAWECHA, Dorota (2011) “Third Millennium BC “Pseudo- Temples” from the Diyala Region?” in *AKKADICA*, Vol. 132. Brussels: Assyriological Center Georges Dossin, pp. 23-36; EVANS, Jean M. (2007) “The Square Temple at Tell Asmar and the Construction of Early Dynastic Mesopotamia, ca. 2900-2350 B.C.E.” in *American Journal of Archaeology*, Vol. 111, Nº 4. Archaeological Institute of America, pp. 599-632.

⁷⁹ Datação por estratos: Estrato I – Período de Isin-Larsa (inicial); Estrato II – Período de Ur III; Estrato III – Período Gútio, Estrato IV: a e b – Período Acádico; Estrato V a – Período Proto imperial (veja-se nota de rodapé 16); Estrato V: b e c – Período Dinástico III. (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967:144-45)

⁸⁰ Selos exumados nesta área por estratos: Estrato III.: 2; 51. Estrato IVa-b: 42; 44; 45; 48; 50; 43; 49; 38; 39; 40; 47; 83; 84; 85; 86. Estrato Va.: 89; 127; 128; Estrato Vb.: 125; Estrato Vc: 82.

⁸¹ Os autores que se debruçaram sobre o estudo da cronologia do Diyala consideram o período proto imperial como o momento compreendido entre os inícios do reinado de Etemena até ao primeiro ano de governação de Sargão de Akkad (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: 145).

⁸² No capítulo III serão analisados os selos cilíndricos em correlação com os contextos arqueológicos, sendo que, quando possível, serão identificadas as funções dos compartimentos onde estes foram exumados.

esfera de domínio político do governante Šu-Sin de Ur III⁸³. A construção da estrutura palaciana é atribuída a Ilushuilia, sucessor de Ituria (c. 2308 a.C.), assumindo-se aquele como o primeiro governante de Ešnunna após a queda da dinastia de Ur III e consequente independência da cidade⁸⁴. A construção do palácio neste período é justificada pela afirmação do poder local, marcando o fim do domínio externo e o início da governação por uma dinastia própria. Esta lógica foi de tal forma forte que a maior parte dos governantes locais, a partir de Ilushuilia, assumem a titulação típica dos reis mesopotâmicos, “Rei das Quatro Regiões” (REICHEL, 2018:35-36; FRANKFORT; LLOYD; JACOBSEN: 1940: 196). A partir deste momento, os sucessivos reinados da cidade, quer em períodos de autonomia local, quer já sobre domínio externo, empenharam-se na reconstrução do palácio, sobretudo em obras de alargamento e engrandecimento, sendo de destacar os reinados de Kirikiri, Bilalama, Urningišzida, Ipiqadad I, Ibalpiel I, Ibiqadad II⁸⁵ e Naramsin (REICHEL, 2018: 38-44; FRANKFORT; LLOYD; JACOBSEN: 1940: 197-199)⁸⁶.

Quanto os selos da amostragem exumados no Palácio dos Governadores (3, 4, 6, 14), estes foram identificados em níveis correspondentes aos reinados de Šu-Si, Azuzum e Ibiqadad I. Relativamente aos compartimentos onde se encontravam, nem sempre foi possível perceber as suas funcionalidades, contudo, destaca-se a localização do selo nº 3, que foi exumado na sala do trono (*locus*: L 31:4), o espaço mais importante do palácio e profundamente ligado ao governante da cidade (Anexo 4, Planta 9).

⁸³ Esta estrutura religiosa foi edificada em honra do governante de Ur, que foi deificado. Este templo assumiu-se como um dos mais antigos testemunhos deste tipo, com dimensões e magnificências acentuadas. Os templos dedicados a governantes vivos seriam sobretudo de pequenas dimensões e/ou pequenos altares, pelo que contrastam com o último (REICHEL, 2018: 33- 34).

⁸⁴ Contudo, algumas evidências materiais como tabuinhas cuneiformes parecem sugerir que a estrutura palaciana foi edificada ainda no período de Ur III, enquanto residência do governador de Ešnunna, vassalo do rei de Ur. Assim, talvez o palácio tenha sido construído algumas décadas antes do templo, e não o contrário, como se pensava (REICHEL, 2018: 36).

⁸⁵ No reinado de Ibiqadad II, destaca-se a construção do edifício do Sul, espaço que foi edificado no decorrer das obras de alargamento do palácio. As funções do edifício não foram identificadas pelos arqueólogos, mas sabe-se que aquele foi construído sobre um complexo de casas privadas que são atribuídas ao reinado de Ibalpiel I, pai de Ibiqadad II. No espaço do complexo de casas, foi exumado o selo nº 5 da amostragem (FRANKFORT, LLOYD; JACOBSEN, 1940: 81).

⁸⁶ Proposta cronológica apresentada tendo por base a lista de governantes de Ešnunna, entre o período de Ur II e o período Babilónico Antigo, especificamente o reinado da 1ª dinastia, Hammurabi) apresentado em FRANKFORT, LLOYD, JACOBSEN, 1940.

2.1.2. Khafajah (Tubut?)

O arqueossítio de Khafajah (antiga Tutub?) localiza-se a nove milhas a leste da província de Bagdad⁸⁷. Pouco se sabe sobre a história política da cidade, uma vez que o expoente máximo de ocupação do local remonta aos períodos de Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.) e Dinástico Arcaico (c. 2334-2000 a.C.). Contudo, pensa-se que terá sido uma província-satélite da cidade de Ešnunna, sobretudo entre c. 2150 a.C. e c. 2100 a.C., período em que as fontes escritas dos reinados de Shiqqlanum e Sharria, governantes de Ešnunna, fazem referência ao controlo político da cidade de Tubut (FRANKFORT; LLOYD; JACOBSEN, 1940:198). A área escavada encontra-se dividida em quatro *Tells*, incluindo uma área de 1.200 x 1.800. Este total foi dividido, no processo de escavação, em quadrados de 20 metros, orientados para o norte magnético. Os pontos mais elevados dos quatro *Tells* foram assinalados pelas letras, A, B, C e D que foram, simultaneamente, utilizadas para nomear os montes⁸⁸ (DELOUGAZ, 1940: 3). O Tell A caracteriza-se por níveis de ocupação mais remotos, correspondentes aos períodos de Jemdet Nasr, Dinástico Arcaico e inícios do período Acádico. Nos *Tells* B, C e D⁸⁹, foram identificadas ruínas de períodos mais tardios, isto é, Isin-Larsa e Babilónico antigo. De entre as estruturas identificadas, são de destacar as do Tell A, local de onde provêm grande parte dos selos da amostragem, nomeadamente em termos de estruturas cúlticas: o templo Oval, o templo de Sîn, o templo de Nintu e ainda estruturas habitacionais (Anexo 4, Planta 10) (DELOUGAZ, 1942: 215-223; DELOUGAZ, 1942b.: 84-85; DELOUGAZ, 1967: 15-17).

O templo Oval apresenta vários níveis de ocupação, sendo que a sua construção (Oval I) deve ter ocorrido entre os finais do período Dinástico Arcaico I ou dos inícios do Dinástico Arcaico II. A segunda fase de ocupação do local (Oval II) corresponde já à fase final do período Dinástico Arcaico (III). A última fase de ocupação do templo (Oval III) remonta ao período acádico inicial, composto por três grandes fases de construção do espaço. Existem alguns indícios que apontam para a possibilidade de esta estrutura cúltica ter sido fundada em honra da deusa Inanna/Ištar, de como é exemplo uma escultura exumada no local (M 44:5; Oval III), ainda

⁸⁷ Latitude: 33° 21' 18.2448"; 33.3550682° N. Longitude: 44° 33' 20.2168"; 44.5556158° E.

⁸⁸ As elevações dos montes acima da planície são de aproximadamente, 4 metros (Tell A); 6 metros (Tell B); 5 metros (Tell C); 4 metros (Tell D) (DELOUGAZ, 1940: 3).

⁸⁹ No Tell D, correspondente ao Templo de Sîn, datado do período de Isin-Larsa/Babilónico Antigo, foi exumado o selo nº 36 (*locus*: Tell D; nível: Templo de Sîn).

que esta hipótese não possa ser confirmada (DELOUGAZ,1940:147-148). O complexo era composto pela estrutura cúllica, de planta oval e por um complexo de casas privadas, fora do espaço cúllico com zonas de sepulcro que datam quer de períodos anteriores, quer dos períodos de utilização do templo. Não pode ser considerada uma necrópole, pois os espaços evidenciam usos domésticos comuns. Possivelmente, a sudeste do templo existiria uma necrópole, cujos paralelos com o “Cemitério Real de Ur” parecem apontar para enterramentos de membros da elite religiosa e/ou altos dignatários civis (LAWECHA, 2011:35). Ainda que antigo, a especificidade que mais caracteriza e tem intrigado os investigadores é a planta oval que este apresenta. Paralelos deste tipo podem ser estabelecidos com um dos templos identificados em Tell al-Ubaid, embora a planta neste arqueossítio seja mais regular em forma quando comparada com o templo de Khafajah. Os templos de planta oval encontram-se atribuídos, única e exclusivamente, ao período Dinástico Arcaico, não havendo indícios de que se cingiram a uma região específica da Mesopotâmia, pois os mesmos encontram-se ao longo de todo o território, no período referido⁹⁰ (DELOUGAZ, 1940: 143-144).

Os selos exumados neste espaço correspondem aos números 117 e 118, sendo que apenas foi possível perceber a funcionalidade do compartimento onde foi exumado o primeiro. Este, data da primeira fase de ocupação do templo (Oval I) e estaria numa zona onde se localizavam uma série de quartos que se encontravam em redor da zona do pátio (L 44:5). O selo nº 117 encontrava-se no mesmo espaço onde foram exumados outros objetos, sendo de destacar um pote pintado, típico do período Jemdet Nasr (Kh. IV473), constituindo-se este como o único exemplar deste tipo encontrado no local⁹¹ (Anexo 4, Planta 11). (DELOUGAZ, 1940: 25-27).

⁹⁰ As principais questões sobre o templo Oval de Khafajah incidem, precisamente, sobre a sua forma e, consequentemente, sobre a origem deste tipo de morfologia. Ainda que estas questões permaneçam sem resposta, segundo o arqueólogo responsável pela escavação do arqueossítio (DELOUGAZ), esta forma não parece ter servido nenhuma questão de natureza utilitária específica. Talvez a forma oval esteja associada à própria morfologia do espaço disponibilizado para a construção do templo e/ou então, às adaptações necessárias em espaços onde estariam estruturas pré-existentes. Outra hipótese poderá ser a sua associação ao facto de esta forma servir propósitos rituais específicos, talvez evocativa de uma tradição anterior, que se extingue após o período Dinástico Arcaico. Também poderá, talvez, estar interligada ao culto de uma divindade ou de um grupo de divindades específicas. Uma última hipótese levantada aponta para que esta inovação morfológica tenha sido importada, isto é, uma ideologia externa ao território mesopotâmico que, em período Dinástico Arcaico é transposta (DELOUGAZ, 1940:144-145).

⁹¹ Este achado do período Jemdet Nasr, poderá levantar algumas questões quanto à ocupação inicial do templo que, segundo os arqueólogos, foi construído no período Dinástico Arcaico. Contudo, em termos artísticos, seria normal uma continuidade de estilos, neste caso, do período anterior à construção do templo.

O templo de Sîn (Tell A), assim denominado pela presença de uma inscrição dedicada ao deus lunar, Nanna/Sîn⁹², encontrava-se numa zona bastante destruída, sobretudo nos níveis mais recentes, sendo que a camada de ocupação mais antiga do templo foi encontrada a nove metros de profundidade. O estrato mais antigo corresponde à segunda metade do período de Uruk/Jemdet Nasr, sendo que as fases VI a X, correspondem ao período Dinástico Arcaico, nomeadamente nas fases VI a VII ao Dinástico Arcaico I e a fase VIII ao Dinástico Arcaico II. Quanto à ocupação final do templo (Sîn X), tendo em conta a profanação do espaço por via de escavações ilegais, existem dificuldades de datação. Contudo, neste estrato foi encontrado um amuleto do tipo “puzu-heads” (Kh, IV 153), elemento datado do período Dinástico Arcaico III, não tendo surgido artefactos deste tipo em camadas anteriores (DELOUGAZ, 1942b.: 78).

Os selos exumados no templo de Sîn foram identificados nos estratos II, III, IV, V e VIII, correspondentes aos níveis de ocupação dos períodos de Uruk/Jemdet Nasr e Dinástico Arcaico I e II. De entre a amostragem, destacam-se os selos números 96 e 97, não só devido à sua riqueza material, mas também devido ao local onde foram exumados. Estes são os exemplares mais ricos da amostragem total, com decorações únicas. O primeiro apresenta anéis de concha encrustados na parte superior e inferior do selo, detendo ainda uma presilha/gancho fabricada em prata; o segundo, continha incrustações de pequenos triângulos feitos em madrepérola e jaspe, um tipo de decoração aplicada a vasos fabricados em pedra e datados de épocas posteriores. Para além da decoração, apresentava uma presilha, tal como a primeira mas, neste caso, fabricada em concha. O local onde foram exumados (*locus*: Q 42:41; nível: Sîn II) representa um espaço que apenas tinha comunicação com o santuário, constituindo-se como sala adjacente do mesmo. É possível que tenha funcionado como espaço de assistência ao culto (Anexo 4, Planta 12). A presença das presilhas aponta para a possibilidade dos mesmos terem sido utilizados suspensos, podendo indicar a sua utilização como “amuletos da casa”⁹³ (DELOUGAZ, 1942b.: 15-16).

O templo de Nintu foi assim denominado devido a uma inscrição presente numa placa em pedra que evocava o nome desta divindade feminina. Contudo, a inscrição, «To Nintu..., child of Damgalnun, has É: Kur (?): A (?), child of Amaabzuda, presented (this)», em conjugação com as

⁹² «Urkisal, Sângû-priest of Sîn of Akshak, son of Nati, pashishu-priest of Sîn, for the protection gas presented (this)». Para além desta inscrição, foram também exumados vários pendentis em forma de crescente lunar nos níveis Sîn I e III do templo (Kh, IX 30; VIII 117) (DELOUGAZ 1942b.:13).

⁹³ As funções e/ou usos dos selos cilíndricos da amostragem será um tema desenvolvido no subcapítulo 2.3.

evidências arqueológicas, permitiu perceber que o templo era composto por três santuários. Estes três espaços poderão, por conseguinte, indiciar que foram aqui cultuadas três divindades distintas, Nintu, Damgalnun e outra. A presença de uma escultura, que representa a figura de uma vaca com barba, num dos altares do templo reforça a noção de que a estrutura religiosa foi dedicada a divindades ligas à esfera maternal. Damgalnum, referida na inscrição, será, possivelmente, um dos epítetos da deusa-mãe Ninhursaga, sendo que a vaca é reconhecida como um dos seus animais-símbolos⁹⁴ (Anexo 4, Figs. 4-5). No que respeita à sua fundação, o nível mais antigo (Nintu I) aponta para a sua construção entre os finais do período de Uruk/Jemdet nasr) e os inícios do período seguinte. Ao que tudo indica, o templo esteve em funcionamento durante toda a fase correspondente ao período Dinástico Arcaico (Nintu VII) (DELOUGAZ, 1942b.: 79-104).

Relativamente aos selos exumados no templo de Nintu, estes correspondem aos números 71 e 119, tendo sido ambos identificados em zonas de pátio. No caso do primeiro selo, o pátio onde foi exumado era composto por estruturas, grande parte delas retangulares, de variados tamanhos (*locus*: Q 45:12; nível: Nintu VI), que, por analogia com outras estruturas identificadas no templo Oval de Khafajah, conduziram à hipótese de estas representarem mesas de oferendas (Anexo 4, Planta 13). O segundo selo foi identificado em conexão com outros artefactos de elevado valor artístico, tais como fragmentos de estátuas, selos cilíndricos e outros pequenos objetos (Anexo 4, Fig.6) (DELOUGAZ, 1942b.: 84-86).

Por último, no que diz respeito ao complexo de casas privadas (Tell A), estas apresentavam níveis de ocupação dos finais período de Jemdet Nasr, dos inícios do período Dinástico Arcaico e, talvez, dos inícios do período Proto Imperial. O número total de selos exumados neste local é de quatro (120; 121; 122; 123) e foram encontrados em unidades estratigráficas datadas do Período Dinástico Arcaico II e III. Ainda que tenham sido encontradas sepulturas no interior de algumas das habitações, nenhum dos selos foi exumado em contextos funerários, tendo sido identificados em zonas de pátio e cozinha. No entanto, estes estratos foram afetados por níveis de abandono e, por isso, encontravam-se em ruínas, aquando das intervenções

⁹⁴ A ligação da deusa-mãe a este animal-símbolo é atestada quer em fontes materiais, como é exemplo o templo de Ninhursaga em Tell al-Ubaid, onde num dos frisos do templo se encontra representada uma cena de ordenha, possivelmente associado a um ritual realizado em honra da deusa, mas também em fontes escritas, onde, por exemplo, Lugalzagesi proclama ter sido alimentado pelo leite de Ninhursaga (DELOUGAZ, 1942b.: 82; 300).

arqueológicas, o que dificultou o entendimento das funcionalidades dos compartimentos (DELOUGAZ, 1967: 10-14).

2.1.3. Ishchali (Nerebtum ou Kiti?)

O arqueossítio de Ishchali⁹⁵ (antiga Nerebtum ou Kiti?) localiza-se a cerca de 10 quilómetros a oriente de Bagdad, na zona leste do rio Diyala⁹⁶. O tell, aquando da escavação (1934), teria pouco mais de 600 metros de comprimento por 300 metros de largura (HILL; JACOBSEN, 1990:4). O local destaca-se pela cronologia de ocupação do período de Isin-Larsa, com o complexo de Kiti, uma das mais bem preservadas estruturas cúlitas deste período no Médio Oriente Antigo. Ao que tudo indica, o edifício permaneceu em uso durante o domínio babilónico no local, algo que explicaria a existência de selos cilíndricos com características estilísticas típicas da primeira dinastia da Babilónia (FRANKFORT, 1955: 10-11). Segundo fontes epigráficas, sobretudo correspondentes a documentos de fundação e a inscrições no edifício, a cidade de Nerebtum ou Kiti, parece ter estado sobre a tutela de Ešnunna. Neste sentido, são várias as referências a obras de reconstrução no templo levadas a cabo por governantes de Ešnunna, tendo talvez Ishchali funcionado enquanto cidade-satélite⁹⁷. Estas referências surgem sobretudo a partir do reinado de Ipiq-Adad I, suserano responsável pelo aumento da zona de influência de Ešnunna no vale do Diyala⁹⁸. Para além do complexo de Kiti, foi também edificado um outro templo, de menores dimensões, em honra do deus

⁹⁵ Não se sabe ao certo a designação dada ao local na Antiguidade, podendo corresponder à antiga cidade de Kiti ou Nerebtum. Estas hipóteses foram levantadas tendo por base registos epigráficos encontrados no complexo (ELLIS, 1986: 758-759).

⁹⁶ Latitude: 33° 19' 24.9240"; 33.32359 N°. Longitude: 44° 32' 22.1999"; 44.5395 E°

⁹⁷ Neste contexto, destacam-se os reinados de Ibiqadad II, Naram-Sîn, Dadusha e Ibal-pî-El II (c.2100-2058 a.C.) (FRANKFORT, 1955: 198-199; HILL; JACOBSEN, 1990:93).

⁹⁸ A cidade de Nerebtum ou Kiti, até à imposição de Ešnunna, tinha como governante local, Sin-Abushu. Segundo uma inscrição encontrada na fase I do templo, isto é, no complexo original, o governante referido seria o fundador do complexo. Ao que tudo indica, a cidade teria como divindade patrona o deus Nanna/Sîn, pelo que se levanta a hipótese de este templo ter sido, inicialmente, dedicado à divindade lunar. Contudo, e durante o domínio de Ipiq-Adad de Ešnunna a cidade passa a cultuar a própria deusa tutelar de Ešnunna, Ištar-Kiti, uma apóstase da deusa Inanna/Ištar na região do Diyala, «To Inanna Kiti/did Ipiq-Adad, /the mighty king, /the king who/enlarged Eshnunna, /shepherd of the dark/headed (people),/beloved to Tishpak,/son of Ibal-pî-el./Grant/Nêribtum (HILL; JACOBSEN, 1990:89-91; BRYCE, 2009: 505-506).

Utu/Šamaš⁹⁹, que data do mesmo período do complexo. O sítio é ainda composto pelo complexo “Serai”, isto é, casas privadas, cuja construção data do mesmo período que os edifícios religiosos. Ao que tudo indica este surgiu do ajuntamento de duas grandes casas, anteriormente segregadas (Anexo 4, Planta 14) (FRANKFORT, 1955: 11).

O complexo de Kititum, contruído no período de Isin-Larsa, apresenta quatro principais fases de (re)construção¹⁰⁰, ainda que tenha mantido o seu traçado original. Um templo superior, com átrio/pátio central, *antecella* e quartos/salas adjacentes. É fechado na ala norte por um espaço que compreende duas unidades semelhantes a templos, cada uma com o seu pátio e compostas por salas/quartos de importância secundária. Quanto às zonas de acesso, é composto por uma larga escadaria na entrada principal e ainda uma outra que ligava os dois níveis do complexo (HILL; JACOBSEN, 1990: 7). No que respeita às funções do complexo, deve ser entendido como a morada terrena, geralmente da divindade patrona da cidade¹⁰¹. O facto do templo ter sido dedicado à deusa Ištar-Kititum poderá indiciar o seu importante culto local. Para além das zonas de culto, o complexo religioso era composto, naturalmente, por um conjunto de espaços subsidiários, onde se desenrolariam atividades de subsistência. De entre estes espaços, contam-se zonas de cozinha e “matadouros”, mas também aposentos, quer da elite sacerdotal, quer do corpo serviçal, como do próprio governante, que se assumia como o sumo-sacerdote (HILL; JACOBSEN, 1990: 66-68).

No que respeita à amostragem exumada no templo de Kititum, destacam-se os selos números 10 e 55, ambos fabricados em matérias-primas preciosas (ametista e lápis-lazúli) e com inscrições que nos dão informações sobre os dois possíveis proprietários e funções dos selos. O primeiro selo, dedicado a Ištar-Kititum,¹⁰² foi exumado numa zona de pátio principal, em relação

⁹⁹ Ainda que mantenhamos a nomenclatura “Templo de Utu/Šamaš”, algumas evidências materiais (tabuinhas) encontradas após a primeira campanha de escavações, altura em que o espaço foi assim nomeado, apontam para o facto do templo ter sido edificado em honra do deus lunar Nanna/Šin (HILL; JACOBSEN, 1990: 3).

¹⁰⁰ Quatro grandes fases de (re)construção: I.: a. Edifício original; b. Segunda ocupação do edifício original; II: a. Terceira ocupação do edifício original e construção da ala norte; b. Quarta ocupação do edifício original; III. Segundo período de construção do complexo; IV. Terceiro período de construção do complexo (FRANKFORT, 1955: 11; HILL; JACOBSEN, 1990: 8).

¹⁰¹ É preciso ter em conta que uma cidade poderia ter vários locais de culto, geralmente, um complexo central e mais imponente, dedicado à(s) divindade(s) patronas da cidade e, outros, secundários e como tal de dimensões inferiores, dedicados a outras divindades do universo religioso mesopotâmico.

¹⁰² « Mattatum/ daughter of Ubarrum,/[...]/ for her life/ to Kititum/ presented (this seal)» (FRANKFORT, 1955: Plaque 87).

com dois amuletos em forma de leão, animal reconhecido como um dos símbolos da deusa referida. O segundo selo, foi identificado num quarto, na ala oeste do edifício inferior, sendo que a inscrição permite-nos perceber que este selo seria também propriedade de uma mulher, Qiptia, ao que tudo indica uma sacerdotisa ou então filha de uma¹⁰³ (Anexo 4, Planta 15) (HILL; JACOBSEN, 1990: 43; 57).

2.1.4. Tell Agrab

O arqueossítio de Tell Agrab localiza-se a cerca de 20.3 km a sudeste de Tell Asmar (Ešnunna), na região do Diyala¹⁰⁴. O tell, com 600 x 500 metros (em área), foi escavado entre 1936 e 1937. As primeiras evidências incluem material cerâmico, que apontava para uma ocupação humana remota, pelo menos desde o período Dinástico Arcaico (I e II) ou, até mesmo, do período de Uruk/Jemdet Nasr¹⁰⁵. Este assentamento destaca-se pela presença do templo de Šara¹⁰⁶, estrutura cültica que apresenta vários níveis da ocupação. O complexo principal (34.00-30.00 m) data do período Dinástico Arcaico II e os níveis de ocupação mais tardios (32.00-30.00 m) correspondem ao período Dinástico Arcaico III. Para além da estrutura cültica, foram ainda encontradas evidências do período Acádico e do período de Isin-Larsa/Babilónico Antigo (c.2000-1500 a.C.), que, ainda que bastante destruídas, parecem ter servido como habitações privadas (FRANKFORT, 1955:11; LLOYD, 1967: 267-268).

¹⁰³ «Qiptia/daughter of [...] /priestess of [...]». (FRANKFORT, 1955: Plaque 69).

¹⁰⁴Latitude: 33° 34' 0.00" N. Longitude: 44° 46' 0.00" E

¹⁰⁵ É interessante verificar que cerca de 60% dos selos cilíndricos da amostragem correspondentes ao arqueossítio de Tell Agrab datam de uma fase anterior ao período Dinástico Arcaico, isto é, o período de Jemdet Nasr. Algumas das hipóteses explicativas deste fenómeno podem associar-se ao facto de ter havido uma continuidade no estilo artístico do período anterior, algo que seria comum na gléptica mesopotâmica. Outra hipótese é o edifício religioso remontar ao período de Jemdet Nasr.

¹⁰⁶ Ainda que pouco se saiba sobre a religiosidade nestes períodos mais remotos, existem referências ao deus Šara, enquanto divindade patrona da cidade de Umma, encontrando-se ligado à guerra. Esta divindade masculina parece ter sido entendida como filho da deusa Inanna/Ištar, genealogia essa que é corroborada no mito *Anzu*: «Eles chamam-lhe Šara, o filho de Ištar (...)» (BLACK; GREEN, 1992: 173; DALLEY, 1987: 223). De facto, grande parte dos selos exumados no Templo de Šara apresentam simbologia associada à deusa Inanna/Ištar, tais como o pilar de juncos, a roseta e/ou a estrela.

Relativamente aos selos exumados em Tell Agrab, todos eles provêm do templo de Šara. A maioria dos selos foram exumados na *cella* principal do templo, na zona do altar (M14:2)¹⁰⁷, mas também da sala do tesouro (M 14:4)¹⁰⁸ e numa zona correspondente a um segundo santuário (L13:6)¹⁰⁹ (Anexo 4, Planta 16). Foram ainda identificados selos em salas adjacentes, junto a zonas de altar, sobretudo em associação com outros artefactos de elevado valor simbólico e material, tais como amuletos, contas, objetos em ouro, estatuária e pendentos, podendo estes espaços ter servido como quartos do pessoal cútico¹¹⁰ (LLOYD, 1942: 239-65).

Nenhum dos selos da amostragem detém inscrições, uma vez que os registos escritos na glíptica surgem sobretudo a partir do período Acádico e de Ur III, pelo que existe uma maior dificuldade na atribuição de possíveis proprietários e suas funções. A presença do divino feminino nos selos referidos é sobretudo feita a partir de símbolos zoomórficos e vegetais, sendo o antropomorfismo praticamente inexistente. O contexto dos artefactos identificados em espaços de grande importância dentro da estrutura cútica parece denotar uma elevada importância conferida ao divino feminino em Tell Agrab. A cronologia recuada dos achados e a simbologia que apresentam, aponta para a predominância da representação da deusa Inanna/Ištar que poderá quiçá ter assumido um importante papel no culto local.

2.2. Materiais de fabrico

«O oleiro faz um vaso, manipulando a argila, mas é o oco do vaso que lhe dá utilidade»

(Lao Tsé, *O Livro do Caminho e da Virtude*, Poema 11)

O selo cilíndrico surge por volta da segunda metade do IV milénio a.C., no Sul do atual Iraque e no Sudoeste do atual Irão. O seu uso para esta cronologia tão recuada é atestado em níveis estratigráficos de arqueossítios como Tell Brak, Sharafabad, Susa e Sheik Hassan, onde já

¹⁰⁷ Selos exumados no *locus* M 14:2 – in altar: 61; 62; 63; 64; 65; 66; (zona não identificada): 67; 68; 90 (LLOYD, 1942:220). Veja-se Anexo 7. Planta 18.

¹⁰⁸ Selo exumado no *locus* M 14:4: 69 (LLOYD, 1942:220).

¹⁰⁹ Selo exumado no *locus* L 13:6: 70 (LLOYD, 1942:281).

¹¹⁰ Selos números 129; 130; 131; 132; 133; 134; 135.

na segunda metade do período de Uruk se regista a utilização de selos com forma cilíndrica. Até este período, os selos apresentavam-se sob a forma de estampas que permitiam a impressão/estampagem, sobretudo na argila, de determinados motivos pictóricos. As razões que poderão ter estado na origem desta alteração de forma não são conhecidas com certeza, mas talvez estejam relacionadas com questões funcionais, uma vez que esta nova forma facilitava a impressão de elementos iconográficos e de signos cuneiformes na argila, sobretudo no último quartel do IV milénio a.C., a partir da invenção da escrita. Podemos também apontar para a possível introdução de tradições ou influências externas ao território mesopotâmico, ao longo do IV milénio a.C. Sabe-se, contudo, que a evolução do selo cilíndrico, em termos temporais, entrou em concordância com os vários momentos de avanços tecnológicos na arte de trabalhar os materiais, sobretudo a pedra, levando a um sucessivo aperfeiçoamento técnico e estilístico. (FRANKFORT, 1939: 2-3; TEISSIER, 1984: 21-22; PITTMAN, 2013: 324).

Neste sentido, os selos cilíndricos poderiam ser fabricados em múltiplas matérias-primas, tais como a pedra (preciosa ou não), matérias orgânicas (osso e madeiras), metais (cobre, bronze, prata e, raramente, em ouro), vidro, faiança e argila. Não obstante, a pedra foi, sem dúvida, o suporte preferencial utilizado no fabrico de selos, ainda que o território mesopotâmico fosse deficitário neste material, fator que levou ao desenvolvimento da denominada “cultura do adobe”¹¹¹. Efetivamente, desde pelo menos o IV milénio a.C. desenvolveu-se o comércio da pedra feito preferencialmente por via fluvial e marítima, sobretudo com as regiões circunvizinhas. Surgiram assim três principais rotas de comércio: uma primeira, Oeste-Noroeste, que estabelecia a ligação entre a Mesopotâmia, através do rio Eufrates, com a zona da Síria e Anatólia (Montanhas do Tauros); uma segunda, Leste-Nordeste, que conectava o território mesopotâmico, através do rio Tigre e dos seus tributários com as Montanhas dos Zagros; por último, uma terceira, a Sul, que permitia o contacto entre a Mesopotâmia, o Golfo Pérsico, e o subcontinente indiano (MOOREY, 1994: 6-10).

A produção de selos cilíndricos, sobretudo em pedra, era um ofício altamente especializado dada a dureza desta matéria-prima e conseqüente dificuldade de talhe. Ademais, os

¹¹¹ Os selos cilíndricos em argila, ainda que produzidos em menor escala quando comparados com os pétreos, foram utilizados, ocasionalmente, em todos os períodos históricos, sobretudo pela população dos estratos mais baixos, uma vez que seriam de fácil acesso, pois seriam mais baratos. Contudo, é preciso ter em conta que os selos fabricados em argila são mais perecíveis e, como tal, são passíveis de desaparecerem no registo arqueológico.

artesãos tinham de contar com a raridade do material, o que fazia dele um bem dispendioso e de luxo¹¹². Os artesãos, denominados **bur-gul** (sumério) ou *purkullu* (acádico) poderiam atuar de diversas formas, isto é, um artífice a título individual ou com um aprendiz, itinerante ou residente em oficinas especializadas, ou ainda em associação com diversos artifices de várias especialidades. Provavelmente, haveria dentro desta atividade artesanal uma diferenciação social/hierárquica, havendo, por isso, lapidários ligados exclusivamente ao palácio e/ou ao templo, com certeza os detentores de maior perícia e estatuto. Esta capacidade dependia sobretudo do tipo de material utilizado, sendo o pétreo aquele que requeria maior instrução e minúcia, bem como a disponibilidade de ferramentas utilizadas, uma vez que até ao período Assírio os instrumentos eram produzidos em cobre. Genericamente, eram utilizadas como ferramentas principais a broca de arco, a broca manual e o disco metálico propulsionado por arco¹¹³ (FRANKFORT, 1939: 4-5; TEISSIER, 1984: 24-26; COLLON, 1987: 100-102; DUQUE, 2009: 19-22).

Quanto aos tipos de matérias pétreas utilizadas no fabrico de selos cilíndricos, parece ter havido uma tendência para o uso de determinado tipo de pedras em cada período cronológico. De um modo geral, no período mais antigo, Uruk/Jemdet Nasr proliferam os selos fabricados em pedra calcária de diversas tonalidades, mármore, brancos e rosas, e esteatites vidradas. Destas, apenas os calcários se encontravam disponíveis em território mesopotâmico, sobretudo na zona dos vales dos rios. Os mármore eram provenientes sobretudo das Montanhas dos Zagros e do Irão, enquanto que as esteatites podiam vir de diversas regiões, tais como o Egipto, o Vale do Indo e a Síria (FRANKFORT, 1939: 4; COLLON, 1987: 100; MOOREY, 1994: 92; 100)¹¹⁴. No

¹¹² Para a produção de selos cilíndricos, sobretudo em pedra, era necessário, num primeiro momento, obterem-se fragmentos aproximadamente prismáticos, fazendo-se, em seguida, o orifício axial, efetuado nas duas extremidades, com recurso a uma broca, com o intuito de evitar uma possível quebra da peça. Em seguida, o objeto era afagado e limado através de uma pedra dormente, gravando-se depois a cena, e sendo, por último, realizado o suporte do cilindro. Em períodos mais recuados (período de Uruk/Jemdet Nasr) era comum o recurso a uma espécie de “presilha” que era colocada no topo do selo, tendo em vista facilitar a sua suspensão, sobretudo para o seu uso em colares. Selos deste tipo encontram-se representados na amostragem do Diyala, números 96 e 97, tendo sido estes fabricados em pedra e depois complementados com uma “presilha” em concha, no caso do primeiro e, em prata, no caso do segundo. (FRANKFORT, 1939: 5-6; DUQUE, 2009: 19-21). Veja-se, Anexo 5, Figs.7-9.

¹¹³ Neste sentido é de referir o conjunto de instrumentos de trabalho utilizados para o fabrico de selos cilíndricos exumados em Ešnunna (Tell Asmar), numa habitação privada datada do período acádico, já produzidos em cobre ao invés da pedra. Estas ferramentas foram encontradas junto a alguns selos cilíndricos inacabados, contas e restos de cobre e prata, dentro de um pequeno pote, elementos que pareciam constituir o *stock* de comércio de um artesão/joalheiro (FRANKFORT, 1939: 5).

¹¹⁴ Veja-se, Anexo 5, Fig. 10.

período Dinástico Arcaico dominaram os selos produzidos em lápis-lazúli, enquanto matéria preferencial, embora tenha permanecido o uso das pedras utilizadas no período anterior, bem como o recurso a outros materiais mais perecíveis, como a concha. O lápis-lazúli é a matéria-prima da glíptica melhor documentada na Mesopotâmia, estando a sua popularidade associada à tonalidade azul que ostenta, entendido como símbolo do divino. Assim, foi a pedra mais procurada pelas elites, sendo bastante dispendiosa, pois não se encontrava disponível na Mesopotâmia. Como tal, teria que ser importada da zona do atual Afeganistão, provavelmente da província de Badakhshan (COLLON, 1987:100; PITTMAN, 2013: 323; MOOREY, 1994: 84-90).

No período Acádico, a serpentina substitui o lápis-lazúli como matéria-prima preferencial na glíptica, tendo sido também utilizadas o jaspe e o cristal de rocha. Para além da pedra, o uso da concha atinge o seu apogeu, embora entre em declínio no final do período, sendo este material provavelmente originário do Golfo Pérsico. Com o colapso da dinastia acádica, o comércio com o planalto iraniano entra em declínio, pelo que o II milénio a.C. é pautado pelo uso de pedras mais escuras, como a clorite e sobretudo a hematite (FRANKFORT, 1939: 4; COLLON, 1987: 101; PITTMAN, 2013; 321-323).

No período Gútio/Ur III e sobretudo no período Isin-Larsa/Babilónico antigo a serpentina dá lugar à hematite enquanto principal matéria-prima utilizada, tendo sido ainda usadas outras pedras preciosas, como a ametista, a cornalina, a obsidiana, os jaspes e os calcários negros. A hematite chegava sobretudo ao Sul da Mesopotâmia vinda dos territórios das atuais Síria e Turquia. A ela se acedia através do Eufrates, sendo a sua tonalidade negra (ou cinzenta escura) uma marca da glíptica do II milénio a.C. (FRANKFORT, 1939; 4-5; COLLON, 1987: 102; MOOREY, 1984: 84-85).

No que respeita à amostragem do Diyala, as tendências supracitadas entram, por vezes, em concordância com o espólio exumado, sendo que noutros casos as mesmas não se verificam. Estas discrepâncias podem estar associadas a questões de natureza económico-comercial, interligadas com a disponibilidade das matérias-primas na região, e com as respetivas rotas de

comércio efetuadas. Podem, de igual forma, estar associadas aos gostos e/ou modas locais (COLLON, 1987:100)¹¹⁵.

Neste sentido, no período de Jemdet Nasr/Dinástico Arcaico dominam os selos fabricados em pedras calcárias (20%), esteatites (20%) e mármores brancos (10%), seguindo-se as tendências assinaladas para estes períodos. É de referir que no período Dinástico Arcaico nenhum dos selos exumados foi fabricado em lápis-lazúli, matéria geralmente utilizada nesta cronologia¹¹⁶. No período Acádico, as propensões anunciadas verificaram-se, notando-se o uso mais acentuado que em qualquer outra cronologia da concha (73%), mas também, ainda que em menor número, de selos fabricados em lápis-lazúli (7%) e em hematite (7%). Contudo, não foram exumados selos fabricados em serpentina, matéria que ganha alguma popularidade neste período¹¹⁷. Relativamente ao período Gútio/Ur III, a amostragem é bastante reduzida, pelo que foi apenas possível identificar a matéria-prima de um dos dois selos, tendo este sido fabricado em concha, material algo atípico para esta cronologia, pois este é sobretudo característico dos períodos Dinástico Arcaico e Acádico.¹¹⁸ Por último, no período Isin-Larsa/Babilónico antigo, destaca-se o uso da hematite (15 %), atestando as tendências acima referidas, bem como o recurso a outras pedras que surgem no Diyala exclusivamente nesta cronologia, tais como a ametista (7%) e o cristal de rocha (1%)¹¹⁹.

Neste contexto, é também interessante analisar a distribuição dos materiais de fabrico utilizados nos selos do Diyala pelas estruturas identificadas nos quatro arqueossítios da região. Assim, os selos produzidos em materiais mais nobres, e, por isso, raros e dispendiosos, como o lápis-lazúli, a ametista, o cristal de rocha, o alabastro e o mármore, foram exumados em maior

¹¹⁵ É de referir que na amostragem do Diyala, nos diferentes períodos cronológicos, existe uma percentagem elevada, muitas vezes superior a 50%, de selos onde não foi possível a identificação da matéria-prima de fabrico. Como tal, FRANKFORT apenas referiu, quando possível, a tonalidade que o material pétreo ostentava pelo que podemos levantar algumas hipóteses consoante às tendências supracitadas (FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute).

¹¹⁶ Veja-se, Anexo 5, Gráfico 4.

¹¹⁷ Veja-se, Anexo 5, Gráfico 5.

¹¹⁸ Veja-se, Anexo 5, Gráfico 6.

¹¹⁹ Veja-se, Anexo 5, Gráfico 7.

número (em alguns casos, exclusivamente) em estruturas cúlticas e/ou palacianas¹²⁰. Por outro lado, estes mesmos selos são aqueles que apresentam, geralmente, inscrições que remetem quer para homens, quer para mulheres, enquanto proprietários dos selos. Esta lógica permite-nos não só entender que os selos cilíndricos no Diyala parecem ter sido posse de ambos os géneros, mas também que estes indivíduos deverão ter tido um elevado estatuto social, podendo, inclusivamente, ter pertencido à elite sacerdotal e/ou palaciana local¹²¹. De facto, dois dos três selos fabricados em lápis-lazúli, matéria-prima rara na amostragem do Diyala, parecem estar associados ao governante (*išakku*) da cidade de Ešnunna¹²².

Em última análise, os selos exumados no Diyala reforçam a ideia de que as matérias-primas selecionadas para o fabrico de selos cilíndricos dependiam, primeiramente, do poder económico do seu proprietário, mas também da função que estes iriam desempenhar. A presença de selos fabricados em materiais mais exóticos e dispendiosos em espaços cúlticos poderá denotar a sua função ritual, enquanto *ex-votos* ofertados às divindades pelos crentes, ao que tudo indica, indivíduos com algum poder económico e social¹²³. Já em espaços palacianos, poderemos estar perante selos pertencentes à família real e ao alto oficialato régio, sendo que estes poderiam ter sido utilizados para selar documentos de diversas naturezas, nomeadamente, a administrativa, a económica, a diplomática ou a religiosa. A glíptica do Diyala, quanto aos seus materiais de fabrico, permite-nos realizar uma primeira análise sobre os vários grupos sociais presentes na Mesopotâmia, dando-nos uma perceção, ainda que preliminar, sobre o sentimento religioso, quer no âmbito oficial, quer no contexto da piedade popular.

¹²⁰ Considerem-se os selos números 10, 55, 61, 63, 64, 65, 66, 71, 72 e 91. Veja-se FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute. Veja-se, Anexo 5, Tabela 4.

¹²¹ Considere-se os selos números 6 e 55. Quanto ao primeiro, foi identificado em Tell Asmar, num nível correspondente ao palácio dos governadores de Ešnunna, Azuzum Building (FRANKFORT, 1955: Plaque 69). Este selo, fabricado numa matéria-prima não identificada, referida apenas como pedra preta, foi, no entanto, segundo a inscrição «Isharkubum/ the scribe./ Son of Nurbeli» propriedade de um escriba. Já o selo n.º 55 foi exumado no templo de Kititum, em Ishchali (FRANKFORT, 1955: Plaque 86). Este selo foi fabricado em lápis-lazúli e, segundo a inscrição «Qiptia/daughter of .../priestess of...» foi posse de uma mulher, ao que tudo indica uma sacerdotisa ou, então, filha de uma. Neste sentido, este selo denota a relação que pode ser estabelecida entre o material de fabrico do selo, o contexto arqueológico onde este foi exumado e o estatuto hierárquico elevado do seu proprietário.

¹²² Considerem-se os selos números 12 e 49. Veja-se FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

¹²³ Denote-se o caso do selo n.º 10 exumado no templo de Kititum, em Ishchali (FRANKFORT, 1955: Plaque 87). Este selo foi fabricado em ametista e, segundo a inscrição, que introduz o subcapítulo foi propriedade de uma mulher, Matattum, que deverá ter pertencido à elite local. Ao que tudo indica, este selo foi ofertado à deusa Ištar de Kititum, tendo em vista obter o seu favor/apoio divino, assumindo assim uma função cúltico/ritual.

2.3. Os usos e as funções da glíptica

«Mattatum/daughter of Ubarrum/ [...] /for her life/a Kititum/presented (this seal)»¹²⁴.

Os selos cilíndricos, enquanto objeto de estudo arqueológico, apresentam uma grande polivalência, podendo ser analisados sobre múltiplas óticas. Ao longo da Modernidade assistimos a uma propensão para a categorização assente nas tendências cronológicas e funcionalidades dos artefactos. Parece-nos que, na Mesopotâmia, a glíptica foi conceptualizada com múltiplas funções que, inevitavelmente, responderam a necessidades temporais específicas. Ao invés de exclusivos, os diversos usos que lhe podem ser atribuídos foram pensados como complementares e conjugáveis.

Neste sentido, optámos pela criação de três funções/usos principais dos selos cilíndricos reconhecidos ao longo do tempo na Mesopotâmia: 1. Político-administrativo; 2. Social-estética; 3. Religiosa. Não obstante, importa realçar que as categorias apresentadas não se anulam entre si, pois um selo cilíndrico poderá ter funcionado, simultaneamente, nas três esferas enunciadas. É necessário ter ainda em conta que a atribuição funcional a artefactos da Antiguidade é um processo sempre incompleto, pois o espectro temporal-mental que separa da atualidade é bastante alargado. Posto isto, partiremos de uma análise geral, i.e., do mundo mesopotâmico, afinando posteriormente o nosso universo de estudo para a região do Diyala.

No que respeita à função político-administrativa, os selos foram utilizados de forma transversal à história da Mesopotâmia. Não obstante, a verdade é que esta função se encontra profundamente associada a períodos mais remotos, aliada ao florescimento do urbanismo e da escrita. De facto, enquanto ferramentas administrativas, os selos, sob a forma de estampas, tiveram as suas origens no VI milénio a.C., na região Siro-Mesopotâmica. A invenção da cerâmica, no Neolítico, propiciou o uso dos selos-estampas enquanto elementos que permitiam imprimir na argila ainda húmida vários signos que pareciam determinar o acesso aos bens de consumo. No período de Uruk, já com forma cilíndrica, os selos viram exponenciado o seu papel enquanto ferramentas administrativas, cuja imagética acompanhou o nascimento das primeiras cidades e dos signos protocuneiformes. Servindo, a partir deste momento, como instrumento

¹²⁴ Selo nº 10 da amostragem (FRANKFORT, 1955: Plaque 87, Selo nº 917).

ideológico, torna-se também um símbolo político, sendo este domínio liderado pela figura do **en**¹²⁵. Os selos cilíndricos, foram assim, dos primeiros instrumentos “burocráticos” utilizados para monitorizar a produção de bens e a distribuição/acionamento dos mesmos. Tendo em vista o controlo das atividades-base da economia, isto é, a agricultura e a criação de gado, os selos foram primeiramente impressos em tabuinhas com numeração e com os primeiros signos da escrita (Anexo 6, Fig. 11) (FRANKFORT, 1939:1-3; PITTMAN, 2013: 325; PITTMAN, 2018:13-16).

Nesta ótica, os estudos de Erica Fiandra e Piera Ferioli sobre a cultura do Egeu e o arqueossítio de Shahr-i Sokhta, na zona Este do Irão¹²⁶, numa importante região de interface entre as principais rotas do Planalto Iraniano, durante a Idade do Bronze, permitiram delimitar o tipo de objetos onde os selos eram impressos. Estas impressões surgiam em portas de salas de armazenamento e contentores, tais como jarras, tampas de jarros, sacos de couro e/ou pano e cestos. Através do estudo destes objetos e de outros semelhantes encontrados nos arqueossítios de Arslantepe (Anatólia), Hacmebi (Eufrates) e Susa, foi possível perceber que os selos detiveram um importante papel em termos comerciais, económicos e administrativos. Ao serem utilizados com estes fins, garantiam a segurança e a inviolabilidade dos bens de consumo, uma vez que apenas teriam acesso a estes os indivíduos com respetiva autorização¹²⁷ (Anexo 6, Fig. 12) (PITTMAN, 2018:16-18).

Outro fator que parece explicar o uso predominantemente político-administrativo da glíptica, sobretudo no período de Uruk/Jemdet Nasr, é a forma e robustez dos artefactos. Alguns destes selos apresentavam no topo animais e não teriam perfurações, podendo estes ter permanecido em zonas de “escritório”, talvez evocando os selos de tradição anterior que, geralmente, devido ao seu tamanho seriam colocados em mesas, detendo, por isso, uma posição

¹²⁵ Esta lógica aparece-nos também exposta na iconografia apresentada nos selos cilíndricos dos períodos mais antigos, sobretudo no período de Uruk/Jemdet Nasr, predominantemente associada a representações de fauna e flora. Estas eram por vezes, conjugadas com uma figura antropomórfica reconhecida como sendo o **En** mesopotâmio. Sobre a glíptica do período referido veja-se, COLLON, 1987: 13-15; AMIET; LAMBERT, 1980.

¹²⁶ Veja-se, <https://whc.unesco.org/en/list/1456/> [Setembro 2019].

¹²⁷ Veja-se ainda o estudo sobre a função administrativa da glíptica no II Milénio a.C. identificada nos arquivos palacianos de Mari, Alalah e Ugarit em: MAGNESS-GARDINER (1987) *Seals and Sealings in the Administration of the State: A Functional Analysis of Seals in Second Millennium B.C. Syria*. University of Arizona: PhD Dissertation.

mais estática (COLLON, 2001: 22)¹²⁸. Esta função política parece manter-se nos períodos seguintes, nomeadamente no Dinástico Arcaico e no Acádico, onde o governante se afirma como o grande representante das esferas do palácio e do templo. De facto, a partir deste momento parece haver uma necessidade cada vez maior e que se afirma sobretudo no período de Ur III de se utilizarem selos pessoais, isto é, que identificassem o seu proprietário (COLLON, 1987: 108-113).

Quanto aos selos exumados na região do Diyala, levantamos a hipótese, ainda que não exclusiva, de uma função político-administrativa dos selos números 61, 62, 66, 99, 96, 97,100, 113, 114, 120, 133. Os objetos considerados são, na sua maioria, datados do período Dinástico Arcaico, no que concerne à estratigrafia e, em termos artísticos, atribuídos ao período anterior, Jemdet Nasr. Em termos iconográficos, estes selos apresentam imagens relativas à fauna pecuária, sobretudo gado ovino-caprino, por vezes representado em rebanho. Os animais surgem, em alguns casos, em associação com uma estrutura que parece evocar um espaço sagrado devido à presença do pilar de juncos. Estas cenas são ainda compostas pelo símbolo da estrela de oito pontas e/ou da roseta, elementos que, tal como o pilar de juncos se encontram associados à deusa Inanna/Ištar¹²⁹. Na nossa perspetiva, a glíptica poderá estar nestes casos associada a atividades da administração e/ou economia do templo, ideia reforçada pela presença recorrente do espaço sagrado na iconografia, mas também pelo facto de todos eles terem sido exumados em contextos religiosos¹³⁰, à exceção do selo n.º 120¹³¹.

No que respeita à função social-estética, a glíptica assume-se como um emblema social, isto é, um símbolo destinado a instruir os indivíduos sobre as normas sociais e, inevitavelmente, políticas. De facto, o selo cilíndrico parece expressar mais um desejo de pertença do indivíduo a uma comunidade, do que uma noção de ser humano singular. Esta necessidade de pertença

¹²⁸ A autora, para sustentar a sua hipótese, refere como um dos exemplos o selo n.º 96 da nossa amostragem (COLLON, 2001: 22, Fig. 8b).

¹²⁹ Para uma análise mais detalhada dos selos cilíndricos referidos veja-se as Fichas de Inventário (Anexo 13) e o capítulo III.

¹³⁰ Neste ponto de análise, optámos por não considerar os selos que apresentam a temática relativa às cenas de apresentação. Ainda que este tipo de selos tenham uma profunda relação com a política, uma vez que denotam as relações de vassalagem estabelecidas entre as diferentes hierarquias, sobretudo administrativas e/ou burocráticas, a verdade é que consideramos que os mesmos evocam, primeiramente, uma imagética ligada a questões sociais, estabelecendo o seu *status quo*. Como tal, serão analisados no segundo ponto, isto é, na função social-estética da glíptica.

¹³¹ *Locus*: P 42:12; Nível: Casas 6 (FRANKFORT, 1955: Plaque 29).

advém de noções ligadas ao *status quo*, fundamentais à coesão político-ideológica. É assim possível verificar uma clara relação intertextual entre o discurso político-mitológico e as imagens gravadas nos selos cilíndricos, que procuraram instigar determinadas condutas permitindo um certo “controlo social”¹³² (GORELICK; GWINNETT, 1990: 45-48; PORADA, 1993: 567-568).

Neste sentido, os símbolos de estatuto, isto é, os objetos que reclamam uma identidade diferenciadora entre humanos, são sobretudo incorporados pelos adornos. Sobre este prisma, os adornos corporais e os selos cilíndricos, que podem também desempenhar esta função¹³³, assumem-se como símbolos de poder e diferenciação pois enquadram devidamente o indivíduo na esfera familiar e política. Consequentemente, parece haver uma ligação entre a função social do selo e os tipos de material utilizado no seu fabrico. Segundo o estudo realizado por GORELICK e GWINNETT, no período de Uruk/Jemdet Nasr apenas uma pequena percentagem de selos foram fabricados em pedras duras, enquanto que, ao longo dos três mil anos seguintes, a percentagem aumenta exponencialmente, passando estas a ser preferencialmente utilizadas. De facto, ao longo do tempo, assiste-se na Mesopotâmia ao uso de pedras cada vez mais duras, fator que acompanha a complexificação social e o papel cada vez mais predominante da glíptica enquanto símbolo de poder (GORELICK; GWINNETT, 1990: 50-51).

Igualmente importante, sobretudo em termos arqueológicos, foi o estudo de COLLON (2001) que, tendo como base o espólio do Cemitério Real de Ur, analisa alguns dos selos cilíndricos exumados em contextos funerários, ligados a altos dignitários da corte, como é o caso da rainha Pu-Abbi. O estudo desta autora direciona-se para a análise dos selos enquanto objetos de adorno, utilizados em braceletes e colares, pois grande parte destes foram identificados junto aos defuntos, nas zonas dos ombros, mãos e cintura (COLLON, 2001:19-21). Assim, o selo,

¹³² No que respeita a estas condutas que se encontram explanadas na iconografia dos selos cilíndricos destacam-se a piedade e submissão/respeito a várias divindades que os humanos acreditavam ser onnipotentes e onnipresentes na vida e na morte; a lealdade e dedicação ao poder do rei, enquanto o escolhido pelos deuses para governar em seu nome; o respeito pela hierarquia, assente na teia burocrática régia; o serviço total aos deuses por via da súplica, rezas e rituais, encabeçados pela figura do governante (algumas vezes, deificado); a punição de atos desobedientes ou contra a ordem (GORELICK; GWINNETT, 1990:48).

¹³³ A primeira evidência iconográfica do uso do selo cilíndrico enquanto possível elemento de adorno encontra-se no Egito na “Paleta de Narmer” (c. 3000 a.C.). Aí, um homem, que segura as sandálias, provavelmente do faraó, ostenta um selo ao peito, podendo este, quiçá, ser pertença do próprio governante/deus. Na Mesopotâmia, temos registos iconográficos de vários arqueossítios, tais como Mari e Nippur e também algumas passagens textuais, por exemplo do reinado de Naram-Sîn (c. 2250 a.C), que denotam os usos dos selos cilíndricos em/enquanto elementos de adorno (COLLON, 2001:15-17). Veja-se Anexo 6, Figs. 13-16.

tanto na vida como na morte, deveria espelhar o estatuto social do seu proprietário, marcando a sua identidade, e estabelecendo, acima de tudo, as suas relações familiares e políticas.

No que diz respeito à glífica do Diyala, e tal como GORELICK e GWINNETT (1990) sugerem, as cenas de apresentação, típicas do período de Isin-Larsa/Babilónico antigo, afirmam-se como os vestígios mais evidentes da função social/estética dos selos cilíndricos na Mesopotâmia. Na amostragem em estudo, esta temática iconográfica é das mais representativas, perfazendo o total de 47 selos. Esta representatividade poderá denotar a importância conferida ao divino feminino mesopotâmico no âmbito das relações hierárquicas, sociais e/ou políticas. Para além da iconografia, que espelha uma complexa teia de vassalagens estabelecidas entre as várias hierarquias, divinas e humanas, também as inscrições nos permitem estabelecer importantes relações.

Quanto às inscrições surgem apenas em 14 selos da amostragem, sendo que muitas delas se encontram ilegíveis devido ao mau estado de conservação dos artefactos. Contudo, são de destacar os selos números 6, 12, 13, 15, 35, 54, 55, uma vez que as inscrições apresentam não só uma lógica familiar como também sociopolítica. Estas apresentam, geralmente, o nome de um dos progenitores do possível proprietário e, paralelamente, marcam o seu estatuto e/ou posição social, identificando-se a sua profissão («Isharkubum/ the scribe,/ Son of Nurbeli», selo nº 6) (FRANKFORT, 1955: 51). Por outro lado, as cenas de apresentação afirmam uma lógica marcadamente estratificada, cuja base assenta numa relação contratual. Estes acordos de vassalagem, quer entre a Humanidade e o Divino, quer entre pares humanos, encontram-se impressos nos selos cilíndricos. De entre eles, destacam-se as seguintes inscrições: «O Tishpak, mighty king, King of the land of Warum, Kirikiri, ishaku of Eshnunna to Bilalama his son has presented (this seal)¹³⁴» (selo nº 12) (FRANKFORT, 1955: 50); «(As for) Usurawasu, ishaku of Eshnunna, Belikibri (is) his servant»» (selo nº15) (FRANKFORT, 1955: 50) e « Siladad/son of Puzam/Servant of Nin...» (selo nº 54) (FRANKFORT, 1955: 51).

¹³⁴ Este selo poderá estar inserido naquilo a que TEISSIER (1984) denominou “selos oficiais ou estatais”. Esta categoria inclui os selos pessoais do governante, que, por vezes, e sobretudo a partir do II milénio a.C., podem possuir a genealogia do governante, passando de geração em geração, enquanto símbolo de legitimação. Para além destes, podem ainda ser incluídos os selos estatais e/ou de cidades, extremamente raros, que geralmente apresentavam elementos pictóricos que permitiam a sua identificação no âmbito de transações comerciais e/ou na realização de alianças com outras regiões (TEISSIER, 1984: 23).

No que diz respeito à função religiosa, esta pode ser analisada sob dois prismas, ainda que concordantes, uma vez que os selos cilíndricos podem ter sido utilizados enquanto *ex-votos* aos deuses e/ou como amuletos. Enquanto ofertas votivas, foram sobretudo assimilados como veículos de obtenção do apoio/favor divino. Os selos oferecidos, quer pelo seu proprietário, quer por outros em seu nome, procuravam favorecer e proteger o devoto, expressando sentimentos e rituais de piedade. Difundindo imagens de lealdade e dedicação, estes *ex-votos* permitiam o serviço total aos deuses, propósito máximo da criação humana.

Exemplificativo desta função é o selo nº 10 da amostragem onde, tanto o motivo iconográfico como a inscrição e o contexto arqueológico onde foi exumado, espelham esta lógica. O objeto apresenta uma cena algo atípica no reportório iconográfico do Diyala. Isto é, tanto a possível divindade a quem o selo é ofertado como a figura do orante/adorante se encontram omissos. A cena é apenas composta pela deusa suplicante Lama e por uma cabeça humana. Por outro lado, ao invés da imagem, encontramos a inscrição: « Mattatum/ daughter of Ubarrum,/fratura/ for her life/ to Kititum/ presented" (this seal)», que parece identificar Matattum como a possível proprietária do selo e Kititum (uma provável evocação da deusa Ištar-Kititum). Assim, este selo parece apelar à perpetuidade da bênção divina a toda a humanidade, aqui expressa pela cabeça humana, mas, em especial, a Matattum, figura que oferece o selo (GOFF, 1956: 32-34). Quanto ao contexto arqueológico, este selo foi exumado no complexo Kititum. Assim, é visível uma perfeita harmonia entre imagem, texto e contexto, assumindo este selo uma linguagem religiosa universal onde o ser humano, ciente da sua inferioridade e submissão, apela à proteção/bênção divina.

Enquanto amuleto, ao selo são-lhe reconhecidas propriedades apotropaicas e benfazejas, conceções que entram na mesma ótica acima explicitada. Trata-se de um objeto presenteado às divindades. Inevitavelmente, e tendo em conta as suas especificidades mágicas, são várias as referências textuais que denotam o seu carácter protetor. Esta função é reconhecida contra inimigos humanos ou entidades malignas (*daemons*)¹³⁵. No âmbito da medicina, pretendia suscitar a cura ou prevenção de doenças. Enquanto talismãs eram entendidos como autênticas armas protetoras contra os inimigos, como se pode verificar na seguinte inscrição, patente nos

¹³⁵ Para uma primeira leitura sobre os *daemons*, veja-se BLACK; GREEN, 1992: 63.

textos de tipo *Maqlû*¹³⁶ «With a seal of *šubû*-stone and haematite (his) mouth (seal)/set it before Šamaš, his hands (shall he wash) over it./ (...) /I have laid hold of your mouth so that it cannot say evil against me,/ with a (seal)/ of *šubû*-stone and haematite have I sealed your lips/(so that they may not) bring forth my name», Ebeling, 33-38/1-6 (GOFF, 1956: 23-25).

Os selos enquanto instrumentos de proteção contra *daemons* foram sobretudo utilizados perante a ação nefasta de Lamaštu, *dameon* responsável pela mortalidade no período de gestação e entre recém-nascidos. Assim, fontes escritas apontam para o uso de contas e de selos cilíndricos que eram colocados em várias partes do corpo das mulheres grávidas, ou no pescoço dos recém-nascidos, paralelamente a outros elementos, como ervas¹³⁷, tendo em vista a sua proteção. Este caráter apotropaico é descrito em várias fontes escritas, sobretudo do período Assírio, nomeadamente, em compilações de encantamentos, da qual é exemplo a seguinte passagem: «It's ritual: you make a seal-cylinder out of potter's clay. Write this incantation on it and bake it in a chaff fire. If you place it either round his neck or at the head of his bed, Any Evil will not come near him» (K 3628+) (PANAYOTOV; VACÍN, 2018: 234)¹³⁸. Paralelamente, foram também utilizados para o tratamento, por exemplo, do reumatismo, ideia expressa numa tabuinha cuneiforme do Museu Britânico, traduzida por Ebeling, «(...) lay in a hole in the West, with a clay which is mixed with straw its opening close, with a seal of *šubû*-stone and *Kúr.nu(dib)* stone/its opening seal, his leg purify with a torch, raise him up, grasp his hand,/the river of the Lower World, which you have drawn, let him step over seven times and seven times, When he steps across it shall you thus say: (...)»¹³⁹ (GOFF, 1956: 28-29).

Simultaneamente, e ainda que a função protetora do selo cilíndrico pareça estar sobretudo ligada a rituais mágicos do foro mais privado, a verdade é que, do ponto de vista oficial também alguns textos se enquadram nesta lógica. No âmbito do festival do Ano Novo (*akitu*), segundo um dos textos traduzidos por Ebeling (1953), os selos cilíndricos parecem ter tido um papel

¹³⁶ Para uma primeira leitura sobre estes textos, veja-se ABUSH, Tzvi (2015b.) *The Witchcraft Series Maqlû (Writings from the Ancient World)*. SBL Press.

¹³⁸ Denote-se que esta passagem reforça ainda, o uso dos selos cilíndricos enquanto objetos de adorno, para além da sua função apotropaica. No caso específico, tratar-se-ia de um colar. Em termos arqueológicos, o uso dos selos como amuletos é também reconhecido, tendo sido encontrado um selo-amuleto em argila, com uma inscrição deste tipo (Encantamento contra Lamaštu), numa sepultura em Ugarit (PANAYOTOV; VACÍN, 2018: 111).

¹³⁹ Não foi possível determinar a que tabuinha do Museu Britânico o autor se referiu.

especial num ritual onde objetos inanimados eram tomados como seres vivos que participavam nessa celebração. Outro texto, do período Neo-Babilónico, traduzido por SMITH (1926), parece considerar os selos cilíndricos como objetos de culto utilizados na zona do altar: «(...) that seal, whether it be of A OF Eridu or Ea of Nimid-Lagudu, do you therefore search for either before the divine standard or before Usur-amatsu or before the gods of the temple or among the stones, and wherever it is, take (it) up for me bring it quickly». É ainda de referir que esta passagem concilia vários papéis conferidos aos selos cilíndricos no âmbito cúlctico. Efetivamente, eles podem ser interpretados como *ex-votos* às divindades e simultaneamente como sua propriedade¹⁴⁰ (GOFF, 1956: 30-32; TEISSIER, 1984: 24).

Quanto à glíptica do Diyala, no limite todos os selos da amostragem podem ter desempenhado uma função apotropaica, já que o *homo religiosus* mesopotâmico procurava sempre a proteção divina, tentando combater os males mundanos e todos os fenómenos que não conseguia explicar. Dado que, no âmbito do sistema religioso mesopotâmico, os seres divinos eram entendidos como os criadores da humanidade, então, toda a existência terrena deveria ser orientada para os servir e, como tal, as oferendas votivas seriam parte integrante do cumprimento deste dever. Contudo, cientes de que os criadores amavam e protegiam as suas criaturas, embora o cosmos fosse também povoado por entidades malignas, o *homo religiosus* mesopotâmico procurava proteger-se, perpetuando a sua existência, ainda que consciente da sua finitude. Assim, o selo nº 10, acima analisado, poderá ter funcionado para o seu proprietário como um talismã protetor, uma vez que o mesmo é dedicado, pela sua vida, a Kititum (GOFF, 1956: 33-34).

Em suma, podemos concluir que o selo cilíndrico na Mesopotâmia desempenhou múltiplas funções, tendo sido utilizado tanto em questões mais práticas, como num âmbito simbólico-religioso. O seu uso, fortemente difundido no Médio Oriente Antigo estaria aliado, em termos de qualidade, à capacidade económica do seu proprietário, mas, acima de tudo, às suas crenças pessoais. Enquanto objeto de estudo arqueológico, e partindo da análise do(s) seu(s)

¹⁴⁰ Esta ideia é ainda reforçada pela inscrição presente num dos selos cilíndricos exumados no templo Esagila, dedicado a Marduk, na antiga cidade da Babilónia: «(...) a seal (*kunukku*), carefully prepared of shining lápis lazúli with fine gold, / an ornament of his shining neck, caused to be made ready and given (...)». Neste contexto específico, o selo parece ter sido utilizado como ornamento para a estátua da divindade. Por outro lado, foi também usado com o intuito de garantir a saúde e prosperidade do rei e da sua família, pois ele foi originalmente, propriedade do rei Marduk-zakir-shum, contemporâneo de Salmanasar III (GOFF, 1956: 31).

uso(s), podemos afirmar que serviu os domínios político-administrativo, económico-comercial, social-estético e religioso.

CAPÍTULO III – O DIVINO FEMININO NA GLÍPTICA DO DIYALA (IV-II MILÉNIOS A.C.)

3.1. As Cenas de apresentação e as Deusas de intercessão¹⁴¹

«O divino deve ser adorado em toda a sua plenitude sem ser restrito a personagens que convêm a um momento ou a uma circunstância»
(Agostinho da Silva)

As cenas de apresentação tiveram a sua origem na glíptica do período Acádico, ainda que com pouca expressão quando comparadas com as que aparecem em épocas posteriores. Esta temática caracteriza-se, transversalmente, pela presença de três figuras antropomórficas: a divindade ou o governante, geralmente entronizado ou de pé, identificada/o pela presença da coroa chifrada, no caso divino, ou do turbante e, por vezes das insígnias governativas, no caso do governante¹⁴²; O orante/adorante, que surge geralmente despojado de qualquer adereço, sem cabelo ou barba, com vestes lisas e com uma linguagem gestual respeitosa, isto é, com ambas as mãos erguidas ou uma das mãos elevada à altura da boca e a outra erguida¹⁴³; e a deusa intercedente/suplicante, que ostenta a coroa chifrada, uma vestimenta aos folhos e apresenta uma postura estandardizada, com ambas as mãos erguidas, geralmente posicionada atrás do orante, ou então com uma das mãos erguidas e a outra sobre o pulso do orante, encontrando-se à sua frente, como se o guiasse¹⁴⁴ (Anexo 7, Fig. 17). Para além dos elementos pictóricos e, sobretudo a partir do período de Ur III os selos passam a deter inscrições, que geralmente referem elementos

¹⁴¹ Foram considerados os selos números 1, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 32, 34, 36, 42. Os selos números 7, 18, 31 e 41 não foram analisados pois, a informação arqueológica apresentada era deficitária e os motivos iconográficos não justificavam a sua inclusão.

¹⁴² Quanto às insígnias governativas, destaca-se a representação do anel e da linha de medição, símbolos entendidos como pertencentes às divindades, verdadeiros governantes do cosmos. Estas insígnias são entregues aos governantes terrenos, escolhidos e amados dos deuses para que estes cumpram a sua missão sagrada de governar. Este símbolo é especialmente representado nas artes visuais do período Babilónico antigo e Neo-Assírio, enquanto sinónimo de justiça divina (BLACK; GREEN, 1992: 156). Tomemos como exemplo a Estela de Hammurabi onde, o deus solar Utu/Šamaš entrega estas insígnias do poder governativo ao rei Hammurabi para que este, enquanto lugar-tenente dos deuses, governe o plano terreno.

¹⁴³ Note-se que os sacerdotes, devido à sua condição, também se poderiam apresentar nestes contornos.

¹⁴⁴ Esta postura é muito semelhante à representada pelo orante/adorante.

identificáveis, nomeadamente a filiação familiar, a profissão e a subserviência do seu proprietário a determinada entidade humana ou divina. Ainda que transversais, este tipo de cenas atingem o seu apogeu em período no Isin-Larsa/Babilónico antigo, embora com algumas diferenças em relação ao que atrás foi exposto¹⁴⁵ (COLLON, 1987: 32-52; TEISSIER, 1984: 18-25).

No que respeita à glíptica do Diyala, os selos cilíndricos parecem seguir esta standardização. O divino feminino é identificado de várias formas: através da representação antropomórfica, com predomínio da deusa Lama¹⁴⁶, e através de símbolos, dos quais é exemplo a estrela de oito pontas e/ou a roseta, elementos que evocam a deusa Inanna/Ištar. Quanto ao esquema de figuras representadas, os selos do Diyala apresentam quatro variações: rei-orante¹⁴⁷; divindade-rei¹⁴⁸; deusa suplicante-rei¹⁴⁹ e deusa suplicante-orante¹⁵⁰. Em todas elas, a deusa intercedente surge como a mediadora das relações, quer entre o par humano-divino, quer entre pares humanos¹⁵¹.

Nos selos do primeiro tipo (rei-orante) parece-nos possível identificar como autoridade maior o governante mesopotâmico. Este apresenta como elemento identificador o turbante real e a sua hierarquia superior é marcada pelo facto de se encontrar frequentemente entronizado¹⁵²,

¹⁴⁵ Estas diferenças estão sobretudo associadas ao acrescento de outros elementos à cena, motivos geralmente designados na historiografia anglo-saxónica como “filling motifs” (COLLON, 1987: 44).

¹⁴⁶ Veja-se, COLLON, 1987:44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

¹⁴⁷ Selos números 1, 3, 5, 6, 14, 17, 19, 25, 29, 28. Veja-se, FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

¹⁴⁸ Selo números 11; 12; 27. Idem.

¹⁴⁹ Selos números 8; 9; 13. Veja-se, Idem.

¹⁵⁰ Selo nº 10. Veja-se, idem.

¹⁵¹ O selo nº 54 é uma exceção relativamente aos restantes selos exumados no Diyala, uma vez que é o único onde ambas as figuras antropomórficas são divinas, aparentemente femininas. Este selo será analisado no subcapítulo “Deusas entronizadas”.

¹⁵² Selos onde o rei surge entronizado: 1, 3, 5, 6, 14, 17, 25, 29. Este tipo de selos seguem a tradição acádica e sobretudo, pós-acádica, nomeadamente do período Gútio/Ur III. No período Acádico, a figura entronizada é, quase sempre, uma divindade, enquanto que, no período posterior, prolifera a imagem do monarca terreno mesopotâmico entronizado, nos mesmos contornos estilísticos que as divindades. A razão que terá estado na base desta transição de figuras divinas para humanas entronizadas não é certa, mas pensa-se que o desenvolvimento da ideologia real durante a terceira dinastia de Ur e, sobretudo, com a tentativa de deificação do rei que ali se experienciou, tenha suscitado esta mudança iconográfica que vingou nos períodos subsequentes (COLLON, 1987: 35-44).

embora possa estar também de pé¹⁵³. Por outro lado, o copo que segura, na grande maioria dos selos¹⁵⁴, poderá traduzir um momento cerimonial de vassalagem. O ato de beber expressa a lealdade do subordinado, afirmando a autoridade do seu superior, neste caso o governante, que, em troca, aceita a sua dependência, (ZAJDOWSKI, 2013:3-4). Já o orante, não apresenta nenhum elemento que nos remeta para o seu estatuto social, apresentando-se despojado, física e materialmente, e demonstrando uma linguagem corporal submissa¹⁵⁵. A deusa suplicante apresenta-se na sua forma estandardizada, fazendo o elo de ligação entre o ser humano e o lugar-tenente dos deuses. No fundo, esta entidade divina presidia e auxiliaria os laços de vassalagem, perpetuando uma ordem sociopolítica¹⁵⁶. Importa referir o selo nº 6, onde a inscrição parece espelhar esta lógica: «Isharkubum/ the scribe,/ Son of Nurbeli»¹⁵⁷. O facto de o aparente proprietário do selo ser um escriba e de este ter sido exumado num nível palaciano de Ešnunna¹⁵⁸ remete-nos para um contexto de elite (palaciana ou cúltica). Esta ligação poderá corroborar a teoria de que as cenas de apresentação são, acima de tudo, um espelho do vínculo contratual

¹⁵³ Selos onde o monarca surge de pé: 19; 28. Este tipo de selos é sobretudo conhecido na glíptica nos primeiros momentos do período Babilónico antigo. De facto, nesta época regista-se um protagonismo por parte da figura do monarca, que surge já com o seu traje cerimonial, e da deusa suplicante. Estes passam a ser, preferencialmente, as únicas figuras representadas (COLLON, 1987: 45-47). Na nossa perspetiva, esta transição iconográfica poderá ser explicada pela tentativa, por parte da primeira dinastia babilónica, de evocar uma imagem mais vincada de poder, bem como a vinculação de uma relação de maior proximidade entre as divindades e o governante, uma vez que este é um período marcado pela afirmação de uma nova dinastia no poder e, por isso, de legitimação e afirmação do novo soberano.

¹⁵⁴ Selos onde indivíduo entronizado segura um copo: 1, 5, 6, 14, 15, 16, 20, 21, 23, 24, 25, 28, 30, 33, 42.

¹⁵⁵ Este orante/adorante pode ser representativo de um oficial, sacerdote, escriba ou um outro elemento da corte, ou até mesmo de um indivíduo que não integrasse a teia administrativa régia.

¹⁵⁶ O divino feminino apresenta-se, neste tipo de selos, de forma antropomórfica, ostentando a coroa chifrada e uma vestimenta com folhos. Dadas estas especificidades, e tendo em conta que a divindade reconhecida, por excelência, no mundo mesopotâmico, nesta vertente mediadora, foi a deusa Lama, então é provável que estejamos na sua presença. Esta figura foi entendida então como uma “entidade protetora”, dadas as suas especificidades apotropaicas e benfazejas (BLACK; GREEN, 1992: 115; TEISSIER, 1984: 25; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199; LAFAYETTE, 2015:218). A sua representação iconográfica, nestes contornos, não é apenas reconhecida na glíptica, tendo proliferado noutros suportes artísticos, como estatuária, baixos-relevos e amuletos, elementos que parecem corroborar uma continuidade no modo de perceber esta divindade feminina (Veja-se Anexo 7, Fig. 18).

¹⁵⁷ Os restantes selos deste tipo (rei-orante) que apresentam inscrição (números 17, 19) não nos permitem levantar hipóteses sobre o proprietário do selo ou sobre as suas funções. O selo nº 17, que apresenta a inscrição «Utu (and) Aia», segue uma lógica estandardizada, sobretudo na glíptica do período Babilónico Antigo que evocam este casal divino, o deus solar e a sua consorte, também com conotações luminosas (COLLON, 1987: 44). Já o selo nº 19, encontrava-se fragmentado, sobretudo na zona da inscrição, o que não permite reconstituir o texto completo, mas apenas a palavra «*Amursheri(d)su*», quiçá o nome do proprietário do selo (FRANKFORT, 1955: 51).

¹⁵⁸ *Locus*: M 37:2; nível: Edifício Azuzum. Este selo foi encontrado num quarto perto de uma das zonas de entrada, correspondendo ao período de governação de Azuzum, sucessor de Bilalama (FRANKFORT; LLOYD; JACOBSEN, 1940: 63)

entre o governante e os membros da sua corte, fundamentais para a manutenção das hierarquias¹⁵⁹.

Em termos arqueológicos, os selos com este tema foram exumados em Tell Asmar e em Ishchali, existindo uma maior concentração nas estruturas habitacionais¹⁶⁰ e palacianas¹⁶¹, tendo-se apenas registado a presença de um selo em contexto cúltico¹⁶². De entre os selos apontados, destaca-se o selo nº 3 pelo local onde foi exumado, isto é, no compartimento referente à sala do trono (L31:4)¹⁶³, que possuía uma porta que conduzia a um conjunto de quartos privados. A localização deste selo num compartimento intimamente ligado à figura do monarca poderá reforçar a sua importância em termos político. A presença de selos com este tipo de motivo iconográfico em estruturas palacianas é mais compreensível quando comparada com a sua presença em contextos habitacionais, pois são selos que parecem espelhar, à primeira vista, uma lógica oficial. No entanto, não devemos esquecer que a ligação destes selos a habitações poderá, quiçá, ser explicada pela linguagem universal que os mesmos detinham para os mesopotâmios. No limite, todos deviam vassalagem ao governante, pelo que a mesma deveria fazer parte do quotidiano.

A segunda variante (divindade-rei) apresenta uma lógica muito semelhante à primeira, com a diferença de que as figuras são ambas identificadas por símbolos de poder. O indivíduo entronizado ou de pé parece poder ser identificado como uma divindade, pois ostenta a coroa chifrada e, por vezes, outros símbolos que nos permitem distingui-lo como um ser pertencente ao universo divino. Já o subordinado, é identificável pelo turbante régio, e, como tal, será o governante terreno. A deusa-suplicante surge nos mesmos contornos acima explicitados, mas, neste caso, parece mediar uma relação entre duas figuras com estatutos hierárquicos distintos. Isto é, a lógica de poder vinculado nestes selos é vertical uma vez que, a divindade se encontra a estabelecer um elo de ligação com um ser humano, inevitavelmente inferior, ainda que seu escolhido e amado, pois estamos perante a figura do governante terreno. Ao invés, nos selos do

¹⁵⁹ Esta teoria é levantada em PITTMAN, 2013: 337-338.

¹⁶⁰ Selo números 1, 5, 28 e 29.

¹⁶¹ Selo números 3, 6 e 14.

¹⁶² Selo nº 25.

¹⁶³ Veja-se, Anexo 3, Planta 9. Consulte-se, FRANKFORT; LLOYD; JACOBSEN, 1940: 62.

tipo anterior (rei-orante), a relação de poder está a ser estabelecida entre seres humanos, ainda que, o governante seja hierarquicamente superior ao orante/adorante que lhe é apresentado.

O exemplar mais notável da amostragem diz respeito ao selo nº 12 exumado em Tell Asmar. Este apresenta o deus Tišpak, divindade patrona de Ešnunna, entronizado e com os seus símbolos de poder. A este, é apresentado um orante, despojado de quaisquer símbolos ou insígnias, com uma linguagem gestual respeitosa, isto é, com os braços pousados sobre o peito. É interessante verificar o facto de o selo conter duas deusas suplicantes. O motivo iconográfico parece complementar-se com uma inscrição¹⁶⁴, que nos dá a informação de que o selo foi fabricado com o propósito de ser ofertado pelo governante de Ešnunna, Kirikiri, à divindade patrona da cidade. Enquanto *ex-voto*, este selo tinha como intuito obter a bênção divina na sucessão governativa do futuro rei, Bilalama, filho de Kirikiri¹⁶⁵. A presença em duplicado da deusa suplicante Lama¹⁶⁶ vinca o seu papel de intercessão e mediação das relações entre a humanidade e as divindades, relação que é, neste caso, elevada à retórica do poder real¹⁶⁷.

Paralelamente, importa referir os selos números 11 e 27, exumados em Ishchali, no Templo de Utu/Šamaš¹⁶⁸. Nestes podemos identificar a presença da divindade solar, à qual é apresentado, por via da deusa intercedente, o governante terreno, que carrega um animal para

¹⁶⁴ «O Tishpak, mighty king, King of the land of Warum, Kirikiri, ishakku of Eshnunna to Bilalama his son has presented (this seal)» (FRANKFORT, 1955: Plaque 66). Na nossa perspetiva, talvez a figura do orante possa ser apontada como um dos soberanos anunciados na inscrição, isto é, Kirikiri ou Bilalama, pois ambos estariam numa posição de vassalagem perante a divindade patrona da cidade de Ešnunna. Assim sendo, e uma vez que é o rei Kirikiri que pede apoio à divindade, quiçá este possa ser identificado como a figura do orante representada no selo.

¹⁶⁵ O reinado de Kirikiri situa-se num momento de independência da cidade de Ešnunna (entre c. 2284 – 2250 a.C.), mas num período de grande turbulência político-militar, fase em que o suserano anterior se debatia contras as tribos amorritas. No reinado do seu filho Bilalama, também num momento de independência da cidade, c. 2250-2000 a.C., a região encontrava-se já mais pacificada, estabelecendo-se uma aliança com a cidade de Isin. Para além disto, foi um reinado pautado por outras alianças político-militares, com os povos amorritas e com o Elam, através de alianças matrimoniais (FRANKFORT; LLOYD; JACOBSEN, 1940: 196-197). Este clima de instabilidade deverá ter-se assumido como um dos fatores que terá contribuído para a proliferação desta temática decorativa, enquanto agente de legitimação e apoio divino aos governantes da Ešnunna contra as potências vizinhas.

¹⁶⁶ Tal como GREVE referiu o termo **Lama**, surge nos textos literários, tanto no singular como no plural, traduzido como deusa(s) protetora(s). De igual modo, a entidade divina Lama parece ter estado associada não apenas à proteção de indivíduos, mas também à de países, regiões, cidades, espaços sagrados e edifícios públicos. Exemplificativa desta conceção é a oração de Gudea endereçada aos Anunnaki: «O all you Anunna deities who are admiring/ (what) the Land of Lagaš (achieved)/ **Lama of all the countries**, .../ who have given a long life to the worthy man upon whom they looked (...)» (GREVE; WESTENHOLZ; 2013: 193)

¹⁶⁷ Veja-se Anexo 7, Fig.19.

¹⁶⁸ Selo números 11 e 27. Veja-se, HILL; JACOBSEN, 1990: 79-81.

sacrifício¹⁶⁹. A figura divina feminina surge na forma antropomórfica e através de símbolos. No selo nº 11 encontram-se presentes símbolos astrais (estrela de oito pontas) e animais (cão) que poderão apelar à presença de duas divindades femininas: a deusa Inanna/Ištar¹⁷⁰ e a deusa Gula¹⁷¹. A presença destas divindades poderá ser explicada pelo facto de se encontrarem ambas ligadas à governança. Por outro lado, podemos estar perante motivos de preenchimento/decoração, algo que seria comum na glíptica do período de Isin-Larsa/Babilónico antigo.

A terceira variante (deusa suplicante-rei¹⁷²) distingue-se das anteriores pela ausência da divindade entendida como hierarquicamente superior, que se encontrava, preferencialmente, entronizada. O divino feminino é apresentado em termos antropomórficos, pela deusa Lama, não havendo símbolos que nos remetam para outras divindades. Na nossa perspetiva, os selos números 8¹⁷³, 9 e 13 mostram uma relação mais íntima entre a deusa intercedente e a humanidade personificada pela figura do governante. Os dois primeiros selos foram exumados no complexo Kititum, numa zona de quarto. Enquanto edifício mais imponente identificado até ao momento em Ishchali, este poderá ser indicativo do papel preponderante da deusa Ištar-Kititum, a quem se pensa que o mesmo tenha sido dedicado. Posto isto, talvez a ausência de uma divindade entronizada se explique por esta ser a própria Ištar-Kititum, dado que os selos foram encontrados no templo a ela dedicado (Anexo 7, Fig. 21).

É de notar que no selo nº 9 a cena é ainda composta por uma outra figura antropomórfica que segura uma espécie de vaso de onde jorra água. Esta representação parece remeter para a

¹⁶⁹ Embora tenha sido identificado por Henri Frankfort (1955: Plaque 88) como um sacerdote que trazia nos braços uma criança, deverá constituir, na realidade, uma representação do governante terreno que trazia uma oferta, talvez um cabrito. O monarca, na nossa perspetiva, pode ser identificável pela presença do turbante real. O ato de ofertar um animal sacrificado, por parte dos suseranos às divindades, encontra vários paralelos, quer na glíptica do mesmo período, quer em fontes escritas, como é o caso do *Hino de Lipit-Ištar* ou em *Atrahasis* (Tab. III) (DALLEY, 1989: 32-33). Veja-se, Anexo 7, Fig. 20.

¹⁷⁰ Veja-se, BLACK; GREEN, 1992: 108.

¹⁷¹ Veja-se, BLACK; GREEN, 1992: 101.

¹⁷² Nos selos números 8, 19 e 13 Henri Frankfort (1955) identificou a figura que se encontra em frente à deusa Lama como sendo uma divindade. Contudo, parece-nos que seria antes uma representação do governante, já que esta figura ostenta o turbante real e o bastão, ao invés da coroa chifrada.

¹⁷³ Ishchali, *locus*: R 30:5; nível: Kititum III. O complexo de Kititum foi fundado no período de Isin-Larsa, tendo sofrido várias fases de reconstrução. A fase III corresponde ao segundo momento de construção do complexo. Este selo foi exumado num quarto, quase quadrado, na ala norte do edifício inferior, podendo ter sido posse de um sacerdote/sacerdotisa ou de um outro alto-funcionário do templo. Veja-se, HILL; JACOBSEN, 1942: 47; FRANKFORT, 1955: Plaque 86.

função de Lama enquanto divindade das águas jorrantes, o que evidencia a sua ligação às abluções, à sacralização e à purificação dos espaços¹⁷⁴. No fundo, a deusa Lama parece surgir também como uma divindade ligada à purificação, característica que complementa e concilia com seu caráter protetor e benfazejo¹⁷⁵.

A quarta e última variante (deusa suplicante-orante) parece expressar uma lógica distinta da dos selos anteriores, ainda que coincidente. Se por um lado, nas variantes anteriores parece transparecer uma “religiosidade oficial”, aqui poderemos estar perante uma evidência da piedade pessoal. Exemplo ímpar desta conceção é o selo nº 10, exumado em Ishchali¹⁷⁶, cuja linguagem iconográfica é rara na amostragem do Diyala. Em termos iconográficos, é interessante verificar que, tanto a possível proprietária do selo, apresentada na inscrição como Mattatum, como a divindade a quem o selo parece ter sido dedicado, Ištar de Kititum, não foram retratadas¹⁷⁷. Na iconografia encontramos apenas a representação da deusa intercedente Lama e de uma cabeça humana. No entanto, o motivo iconográfico e a inscrição parecem complementar-se, pois como referimos anteriormente Mattatum, ao interpelar a deusa Ištar, está a evocar e a personificar toda a humanidade, apelando à perpetuidade da bênção divina. Paralelamente, o contexto onde o selo foi encontrado, no complexo de Kititum (*locus*- Q 30:6; nível - Kititum III ou IV), parece corroborar a nossa análise, reforçando o papel deste selo enquanto *ex-voto*. Simultaneamente, é também importante a sua função como amuleto. Também interessante é o material de fabrico do selo, a ametista, pedra preciosa, rara e dispendiosa. Todas estas evidências permitem-nos levantar a hipótese de estarmos perante um selo que foi pertença de uma mulher da elite palaciana ou sacerdotal de Kiti¹⁷⁸.

¹⁷⁴ Esta ideia encontra-se também expressa na estátua da deusa Lama encontrada na antecâmara da sala do trono do rei de Mari, com a qual se pode estabelecer um paralelismo (MARGUERON, 2004: 478.). Veja-se, Anexo 7, Fig. 22.

¹⁷⁵ É de notar que esta noção do purificação do espaço sagrado através da água encontra-se também expressa em outros selos da amostragem. Os selos números 23, 26, 32, 34 e 36 apresentam, para além dos intervenientes tradicionais, uma personagem antropomórfica que segura um balde e um aspersor. Esta figura poderá ser interpretada como um(a) sacerdote/sacerdotisa cuja função sacralizador(a) do espaço entra na mesma lógica da conceção purificadora associada à deusa Lama.

¹⁷⁶ *Locus*: Q.30:6; nível: Kititum II/IV. Este selo foi exumado numa das salas principais do templo. Veja-se, FRANKFORT, 1955: Plaque 87; HILL; JACOBSEN, 1990: 44.

¹⁷⁷ «Mattatum/ daughter of Ubarrum,/fratura/ for her life/ to Kititum/ presented (this seal)».

¹⁷⁸ Em termos literários, tal como do ponto de vista arqueológico, é bastante difícil encontrar testemunhos da piedade popular, dado o seu caráter tão pessoal e íntimo. Contudo, uma das poucas evidências escritas pode ser

Por fim, resta-nos refletir sobre as razões que poderão ter estado na origem da concepção do feminino como agente de mediação entre os diferentes planos cósmicos, isto é, que especificidades o *homo religiosus* mesopotâmico conferiu ao feminino que lhe permitia ter este caráter protetor e apaziguador?¹⁷⁹. Parece-nos haver uma correlação entre o entendimento do feminino enquanto agente de mediação entre a humanidade e os deuses e o seu papel criador e maternal apresentado nos textos míticos que evocam uma visão cosmogónica, teogónica (*Enūma-eliš*) e antropogónica (*Atrahasis*; *Enūma-Eliš* e *Epopéia de Gilgameš*).

No que respeita à cosmogonia descrita em *Enuma-Eliš* (Tab. I), e como já foi referido, logo no início da narrativa, alude-se à criação do mundo a partir da relação sexual entre as entidades divinas primordiais que se consubstanciam no princípio masculino (Apsû) e no feminino (Tiāmat), projetando a necessidade de existir um elemento paternal e outro maternal. Não obstante, a verdade é que a mãe (Tiāmat) parece surgir como aquela que intercede em favor da sua prole, mediando as relações, entre filhos e pai¹⁸⁰. Nos relatos antropogónicos ¹⁸¹ é perpetuada a noção da necessidade de coexistência de um princípio feminino e de outro masculino no processo criador¹⁸².

A humanidade, gerada pelos deuses com o objetivo de lhes prestar serviço, é definida como mortal, através do elemento a partir do qual os primeiros seres humanos são moldados: o

encontrada na produção literária *A man and his god*, que se assume como oração/súplica do crente à sua divindade pessoal. *ETCSL*, c.5.2.4 .

¹⁷⁹ É preciso ter em conta que a nossa reflexão não exclui a atribuição desta mesma especificidade ao divino masculino. Aliás, é reconhecida, sobretudo na glíptica de períodos mais tardios, a presença de figuras masculinas que poderão ter desempenhado esta mesma função. Contudo, no âmbito cronológico e na amostragem em estudo, o papel suplicante/mediador conferido ao feminino é forte e destaca-se.

¹⁸⁰ A intercessão e mediação é visível em *Enuma Eliš* no episódio em que Apsu, pai dos deuses, e o seu vizir divino colocam a hipótese de destruir as divindades menores, sua prole, pois estas estavam a tornar-se barulhentas, e como tal, caóticas. Tiamat, a progenitora, perante esta possibilidade mostra-se indignada e revoltada, intercedendo em favor da sua prole: «How could we allow what we ourselves created to peris? /Even though their ways are so grievous, we should bear it patiently» (DALLEY, 1989: 234, Tab. I).

¹⁸¹ O relato antropogónico é descrito em *Atrahasis* (Tab. I) e em *Enuma-Eliš* (Tab. VI) e evocado na *Epopéia de Gilgameš* (Tab I).

¹⁸² Em *Atrahasis*, onde o processo de criação da humanidade é mais pormenorizado, o princípio feminino é expresso em múltiplas designações: Belet-Ili, Nintu e Mami (DALLEY, 1989: 9;15, Tab. I.). Em *Enuma Eliš*, e tendo em conta que o objetivo principal da narrativa era a exaltação de Marduk, deus patrono da cidade da Babilónia, o processo de criação da humanidade surge pelas mãos de Enki/Ea, seu pai, nomeado pelo filho para tal tarefa. Embora o princípio feminino maternal não se encontre explícito, esta ideia estaria subjacente (DALLEY, 1989: 260-261, Tab. VI). Por último, na *Epopéia de Gilgameš* o processo antropogónico é evocado no momento de criação de Enkidu, moldado pela deusa Aruru, e, cujo seu nome, “a criatura de Enki” parece denunciar a ação da divindade masculina Enki/Ea. DALLEY, 1989:51-52, Tab. I).

barro. Contudo, a estreita relação de amor e dependência entre criaturas e criadores garantia à humanidade a possibilidade de alterar o seu destino a curto prazo, segundo mecanismos próprios (como por exemplo as práticas mágicas e de adivinhação). Não obstante, o destino humano é sempre controlado e fixado pelos deuses. Várias composições mítico-literárias confirmam o papel divino na fixação dos destinos, como por exemplo nas seguintes passagens: «You (Nintu) are the womb-goddess who decrees destinies» (*Atrahasis*, Tab. I¹⁸³); «Then she (Tiamat) gave him the Tablet of Destinies...» (*Enuma Eliš*, Tab. I¹⁸⁴). Já no que diz respeito à glíptica, a deusa suplicante Lama parece personificar este papel, pois sendo responsável pela mediação entre os planos cósmicos divino e terreno, assegura a garantia do bom porvir.

Por outro lado, deve ser sublinhado que, ainda que não exclusivamente, o princípio feminino maternal parece revelar, de forma mais expressiva, um arrependimento profundo quando, aparentemente, a humanidade é destruída no episódio diluviano. De facto, esta noção é particularmente notória em *Atrahasis*: «Midwife of the gods, wise Mami: Let daylight, let it return and...! However, could I, in the assembly of gods, have ordered such destruction with them? (DALLEY, 1989: 32; 33). Também na *Epopeia de Gilgameš*, a deusa Ištar, ao ver a sua prole destruída, «screamed like a woman giving birth», levando a um momento de consciencialização e arrependimento divino (DALLEY, 1989:133).

Assim, parece-nos ter existido uma perceção do feminino como agente mediador, intercedente e apaziguador, talvez por via da ação criadora das deusas. Tal como a mulher terrena, também o divino feminino agia e intercedia em favor da sua descendência, divina ou humana, tendo em vista garantir um bom destino¹⁸⁵. As deusas, para além de incorporaram em si

¹⁸³ DALLEY, 1989: 34.

¹⁸⁴ DALLEY, 1989: 238.

¹⁸⁵ Um caso paradigmático do feminino como agente de mediação e simultaneamente como determinante na fixação de um bom destino encontra-se presente numa carta proveniente do *corpus* profético mariota (AEM: 194). Nesta missiva, a divindade solar Utu/Šamaš, a partir de um respondente, exige ao rei Zimri-Lim que lhe seja ofertada a sua filha em casamento. Se o rei cumprir o que lhe foi ordenado, então, o deus fixará um bom destino para si e para o seu reinado (CAMELO, 2002: 40). De um modo geral, podemos apontar a prática do envio de filhas de reis para contraírem matrimónio, quer em termos simbólicos (com as divindades), quer em termos práticos (com governantes de outros potentados), como um ato de concretização de uma aliança política. Assim, a mulher parece ter tido um papel ativo na fixação de um bom destino ao reino, garantindo a manutenção do apoio divino e da ordem cósmica. Ainda que o exemplo apresentado se refira à elite, a verdade é que as várias camadas sociais funcionavam num jogo de espelhos e, como tal, parece-nos plausível levantar a hipótese de este tipo de concetualização sobre o feminino ter tido também expressão nos estratos sociais mais baixos.

um princípio de criação e de serem, simultaneamente, agentes de criação, teriam também um papel na determinação dos destinos.

As figuras que surgem na glíptica enquanto deusas intercedentes/suplicantes teriam aparentemente uma posição de menor destaque na hierarquia divina que aparece nas composições literárias e nas listas de deuses que os mesopotâmios sistematicamente elaboraram, quando comparadas com outras divindades com maior protagonismo. De facto, as deusas suplicantes surgem em segundo plano nas representações iconográficas, pois a sua função não é a de protagonistas da cena, mas sim de intermediárias. Contudo, a presença recorrente destas entidades femininas na glíptica parece indicar um papel “maior” no âmbito do culto, tanto oficial como popular, talvez por apresentarem especificidades (que podem escapar ao observador atual) que lhes permitiam aproximar-se dos humanos. Assim, devemos repensar se as podemos categorizar como “menores” numa lógica de análise mais abrangente do sistema religioso mesopotâmico. Como já afirmamos, devemos sempre avaliar estas questões numa perspetiva integradora de várias tipologias de fontes, cruzando as grandes produções literárias (claramente produto da elite e da lógica oficial) com as fontes materiais, que contêm elementos também da piedade pessoal.

3.2. As Deusas entronizadas

A presente temática centra-se na representação de divindades femininas que se encontram entronizadas, surgindo estas, na amostragem do Diyala, em duas situações distintas: a primeira, diz respeito a uma cena que Henri Frankfort¹⁸⁶ intitulou “The Goddess at the Gate and the Bull of Heaven”¹⁸⁷, alicerçando-se na hipótese de que esta cena poderia evocar o episódio da *Epopéia de Gilgameš* presente na tabuinha VI (Ls. 16-18)¹⁸⁸. Já a segunda diz respeito às cenas de apresentação onde o divino feminino é representado no trono. Assim sendo, neste subcapítulo

¹⁸⁶ FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

¹⁸⁷ Nesta sub-temática considerámos como amostragem os selos números 44, 45 e 50. Tome-se como paralelo o selo nº 46, também exumado em Tell Asmar, mas com contexto arqueológico deficitário.

¹⁸⁸ Veja-se, DALLEY, 1987.

focaremos apenas os casos em que se nos apresenta uma divindade que não possui atributos que expressem a sua identidade ou gênero mas, que pensamos poder identificar como feminina¹⁸⁹.

No que diz respeito à primeira cena, “The Goddess at the Gate and the Bull of Heaven”, esta foi assim reconhecida por FRANKFORT¹⁹⁰ tendo em vista interpretar uma temática ainda hoje enigmática e pouco usual na glíptica mesopotâmica, tanto que a mesma parece ter-se cingido ao período Acádico. O motivo iconográfico de que falamos é composto por uma figura antropomórfica, que identificamos como uma possível representação de uma divindade feminina entronizada, dada a ausência de elementos distintivos do masculino (como por exemplo a barba). Reconhecemos a sua condição divina pela coroa chifrada, embora não haja outros elementos que nos permitam distinguir a sua identidade. Para além desta, a cena é composta por um bovídeo (talvez um touro), que se encontra reclinado à sua frente. Sobre a cabeça do animal, encontra-se um portão alado. Por vezes, pode surgir um segundo elemento antropomórfico, aparentemente humano e do sexo masculino, com visível ausência da coroa chifrada e presença de uma barba. Este surge normalmente de joelhos, como se sustentasse o portão acima referido.

Ao considerarmos a designação de FRANKFORT podemos levantar a hipótese de a temática decorativa presente nos selos números 44, 45 e talvez no nº 50¹⁹¹, evocar a cena relativa à tabuinha VI da *Epopéia de Gilgameš*¹⁹². Neste episódio, a deusa Inanna/Ištar pede ao deus An/Anu que lhe conceda o touro celeste com o intuito de matar o herói, dado que Gilgameš recusou tornar-se seu amante (DALLEY, 1987: 80)¹⁹³. Nesta perspetiva é plausível levantar a hipótese de a deusa que se encontra representada antropomorficamente nos selos ser a própria Inanna/Ištar. A presença do portão alado poderá, na nossa ótica, simbolizar o ponto de passagem entre os planos cósmicos, algo que faria sentido no âmbito do texto épico, pois o touro sairia do plano celeste, através do portão alado, para alcançar o plano terreno. Tendo em conta que estes

¹⁸⁹ Nesta sub-temática considerámos, como amostragem principal, os selos números 4, 42, 48, 35, 51, 53, 54, 55, 56 e 57.

¹⁹⁰ Veja-se, FRANKFORT, 1955: 43-44.

¹⁹¹ O selo nº 50 levanta mais dúvidas, uma vez que a cena é apenas composta pela deusa entronizada, um altar/portão e uma outra figura antropomórfica que poderá ser o governante ou um assistente de culto.

¹⁹² A hipótese de correlação entre a representação iconográfica, em selos identificados em estruturas habitacionais, e o episódio mitológico referido é possível dada a forte transmissão oral das tradições mitológicas. Embora a *Epopéia de Gilgameš* seja reconhecidamente um produto literário da elite intelectual, a verdade é que a sua origem e manutenção ao longo do tempo, perde-se na oralidade.

¹⁹³ Veja-se Anexo 8, Fig. 23.

selos parecem ter-se cingido ao período Acádico, talvez seja também possível que estejamos perante a representação de um outro mito, cujas fontes não chegaram até nós (BLACK; GREEN: 1992: 47-48).

Não obstante as hipóteses acima referidas, parece-nos contudo importante tentar correlacionar os motivos iconográficos dos selos com os contextos arqueológicos onde estes foram exumados. É de notar que todos os selos com este motivo iconográfico foram identificados em espaços habitacionais datados da ocupação acádica. Os selos números 44 e 45 foram encontrados no mesmo *locus* (H 18:27), num compartimento cuja função não foi possível discernir, mas cujo local imediatamente anterior poderá ter funcionado como zona de vestíbulo, isto é, uma sala/pátio de entrada. Assim sendo, no que respeita ao compartimento H 18:27 é possível que este representasse uma zona de receção para quem tivesse acesso à casa¹⁹⁴. Já o selo nº 50 foi exumado na sala principal da casa, local onde se encontrava, no canto sul, uma espécie de “altar” e, no canto leste, uma vasilha onde foram encontradas algumas conchas e grãos carbonizados¹⁹⁵.

Paralelamente, os selos em análise podem também ter desempenhado uma função apotropaica, podendo a divindade feminina representada atuado no sentido de proteger a casa e os seus habitantes dos agente nefastos, de como são exemplo alguns *daemons*. Quiçá estes selos poderão evocar a necessidade do *homo religiosus* mesopotâmico em proteger a sua habitação. O facto de a deusa se encontrar entronizada poderá transmitir uma imagem de poder e grandeza, demonstrando o seu carácter divino e a sua ação superior sobre a habitação. Já o portão, poderia simbolizar iconograficamente a morada terrena, podendo também denotar a ligação que a deusa estabeleceria entre os planos cósmicos, divino e terreno. Contudo, continuam a persistir muitas dúvidas quanto a este motivo iconográfico e seu(s) significado(s), sendo que a ausência de inscrições dificulta o processo da sua análise.

Não obstante, nenhuma das hipóteses acima referidas se anula ou contradiz. Isto é, estes selos poderão evocar um episódio mitológico, da *Epopeia de Gilgameš* e/ou de outro mito, cuja mensagem tenha sido direcionada para um contexto de proteção da habitação, conjugando-se

¹⁹⁴ Veja-se, DELOUGAZ, Pinhas; HILL, Harold D.; LLOYD, Seton (1967) *Private Houses and Graves in the Diyala Region* (Vol. LXXXVIII). Chicago: The University of Chicago Press.

¹⁹⁵ DELOUGAZ, Pinhas; HILL, Harold D.; LLOYD, Seton (1967) *Private Houses and Graves in the Diyala Region* (Vol. LXXXVIII). Chicago: The University of Chicago Press.

assim o mito com a realidade que, como sabemos, serve de base à construção mitológica. Independentemente de conseguirmos descortinar ou não o significado da cena ou as deusas nela representadas importa refletir sobre o facto de o divino feminino se apresentar entronizado. Era esta a figura à qual quer o touro, quer elemento antropomórfico masculino, prestariam a sua submissão e/ou obediência. Esta condição confere-lhe um carácter de poder, de força e de soberania, no fundo, o protagonismo na cena é dela.

No que diz respeito às cenas de apresentação, os selos da amostragem seguem o mesmo modelo esquemático referido no subcapítulo 3.1., isto é: 1. Divindade/Rei entronizada(o); 2. Deusa suplicante; 3. Orante/Rei/Sacerdote¹⁹⁶ (COLLON, 1987: 41-45; TEISSIER, 1984: 10-25). Estes selos datam maioritariamente do período de Isin-Larsa/Babilónico antigo, época em que estas cenas atingem o seu auge em termos de disseminação, embora tenhamos também exemplares do período Acádico, momento onde estes motivos começam aparecer pela primeira vez, e do período Gútio/Ur III, ainda que em menor número.

É de notar que em alguns casos a noção hierárquica entre as figuras representadas, nas cenas de apresentação é identificada também através do copo que a deusa segura, uma vez que o ato de beber era entendido como (re)definidor dos papéis sociais¹⁹⁷ (ZAJDOWSKI, 2013:3). Nesta ótica, é interessante verificar que a figura da deusa não difere, à exceção do sexo, das outras figuras entronizadas analisadas nos selos com cenas de apresentação no ponto 3.1. Parece assim haver uma igualdade na forma de percecionar as figuras com maior poder na cena, independentemente do seu sexo, sendo que este poder é determinado pelo facto de ser a elas que o orante e a deusa intercedente¹⁹⁸ prestam homenagem e demonstram o seu respeito (gesto suplicante).

¹⁹⁶ Neste subcapítulo considerámos como amostragem principal os selos números 4, 35, 42, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 57. Veja-se, FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

¹⁹⁷ Selos onde a deusa entronizada surge erguendo um copo: 42; 51; 55.

¹⁹⁸ É interessante verificar que, enquanto que em todos os selos onde a figura entronizada é do sexo masculino, divino ou humano, é possível identificar a deusa suplicante, aqui, onde a figura sentada é do sexo feminino, nem sempre a deusa suplicante é representada. Contudo, parece-nos que esta relação não tem a ver tanto com o sexo da figura entronizada, podendo estar, na nossa perspetiva, relacionada com três fatores: 1. O estatuto social do orante a ela apresentado; 2. A associação de outras figuras à cena; 3. A relação de maior intimidade entre o orante e a divindade. No primeiro caso, a ausência da deusa intercedente Lama é notória no selo nº 55, onde a figura do orante surge com vestimentas mais elaboradas e cuja inscrição refere a dona do selo com sendo uma sacerdotisa ou então filha de uma (Veja-se, SUTER, 2008). No segundo caso, a ausência da deusa intercedente Lama é acompanhada

A identificação das divindades femininas entronizadas nestes selos é extremamente difícil. Não obstante, tal como no caso da deusa Lama, poderiam ter correspondido a divindades pessoais, com as quais o orante procurou reforçar o seu vínculo ao mundo celeste. Assim, não tinham obrigatoriamente de corresponder a uma deusa específica, tida como hierarquicamente “superior”, no âmbito da religiosidade oficial.

Para além das questões acima apontadas, é ainda interessante verificar que a deusa entronizada preside às relações entre vários agentes, estabelecendo assim conexões entre as várias camadas da sociedade mesopotâmica, denotando o carácter polivalente e transversal conferido ao divino, independente do seu género. Ainda sobre estas relações estabelecidas entre o divino feminino e a multiplicidade de crentes identificados, é de notar que parece haver uma concordância entre o género da entidade divina que se encontra entronizada e o orante a ela apresentado. Isto é, nos selos da amostragem analisada no ponto 3.1., onde as divindades sentadas no trono eram masculinas, os orantes a eles apresentados eram sempre masculinos. Neste caso, onde a figura entronizada parece ser uma divindade do sexo feminino, a maioria dos orantes a ela apresentados são do mesmo sexo¹⁹⁹. Para além das figuras antropomórficas, também as inscrições, ainda que as haja em menor número, fazem referência a mulheres que, à partida, seriam as detentoras dos selos.²⁰⁰ Na nossa perspetiva, esta concordância poderá estar eventualmente relacionada com o facto de haver uma maior afinidade entre elementos do mesmo sexo.

No que diz respeito aos contextos arqueológicos, podemos dizer que os mesmos são múltiplos, mostrando que a ação reguladora das relações entre crentes conferida ao divino

pela adição de outros elementos antropomórficos que poderão ter desempenhado uma função idêntica à da deusa na cena, tais como outras divindades masculinas (Selo nº 48) e figuras que seguram um balde e, por vezes, aspersórios. Estas últimas talvez correspondam a um sacerdote ou a uma sacerdotisa (Selos números 35; 48; 57). No último caso, são de destacar os selos números 53 e 54. No primeiro, é difícil a identificação divina ou humana das figuras antropomórficas. Contudo, a ausência da deusa suplicante poderá denotar uma relação mais íntima e pessoal entre o crente e o transcendente. Já o selo nº 54, representa uma relação entre duas divindades femininas, pelo que talvez a presença da deusa mediadora fosse menos necessária. Não obstante, a deusa Lama deverá também ter mediado as relações entre divindades, dadas as especificadas a ela conferidas, pelo que a forte relação entre as duas deusas representadas no selo nº 54 pode ter justificado a sua ausência.

¹⁹⁹ Selos onde o orante nos parece ser do sexo feminino, humano ou divino: 35; 42; 51; 54; 55; 56; 57. No entanto, é preciso ter em conta que existem algumas dificuldades em identificar o sexo das figuras antropomórficas presentes na glíptica, quer por motivos estilísticos, quer por motivos relativos à antiguidade dos selos, o que faz com que muitos deles nos cheguem em mau estado de conservação, fraturados e danificados.

²⁰⁰ Note-se as inscrições constante nos selos números 55 e 57, que nos dizem, respetivamente: « Qiptia/daughter of .../priestess of... » e « (For?) Shasha/his lady/Urmesh » (FRANKFORT, 1955: 276; 52).

feminino se estendia a várias camadas da sociedade. Os selos onde o divino feminino se encontra entronizado surgem em estruturas palacianas²⁰¹, cúlticas²⁰² e habitacionais²⁰³, podendo os mesmos ter desempenhado múltiplos papéis funcionais (para identificação; para usos económicos; para questões políticas, apotropaicos e, servido de ex-votos ofertados em honra das deusas). Em última análise, os contextos arqueológicos, aliados aos motivos iconográficos e inscrições presentes nos selos, denotam um carácter multifacetado conferido ao divino feminino mesopotâmico. Estas deusas entronizadas são capazes de transmitir uma imagem de poder e soberania, quer perante humanos, quer perante outras divindades, estabelecendo relações de vassalagem e interdependência entre estes agentes. Assim, não parece ter havido uma noção de sobreposição de um género sobre outro, mas sim uma visão de complementaridade entre ambos, algo que também se poderá refletir no modo de pensar os géneros no plano terreno.

3.3. Inanna/Ištar

A deusa Inanna/Ištar assumiu-se como uma das divindades femininas mais importantes do panteão mesopotâmico, no tempo longo, encontrando-se o seu culto atestado desde, pelo menos, o Neolítico final até ao I milénio a.C. O seu carácter complexo conferiu-lhe a capacidade de penetrar em as todas as camadas sociais e em todas as categorias de género. Esta natureza resultou de vários processos sincréticos e/ou cumulativos muito caraterísticos do sistema religioso mesopotâmico. De entre estes devemos destacar a simbiose entre a deusa suméria Inanna e a deusa Ištar semita. A primeira encontrava-se associada ao amor, e por isso, à fertilidade. O epíteto, NIN.AN.AK, «senhora do céu», aponta para uma outra especificidade, isto é, a deusa como uma “estrela”, a mais visível, tanto ao amanhecer como ao entardecer: Vénus. Por seu lado, a deusa Ištar (*attar*) seria também uma divindade ligada a este astro, sendo que,

²⁰¹ Veja-se o paralelismo entre o selo nº 4 e o baixo-relevo da sala do trono de Mari. Anexo 8, Fig. 24.

²⁰² Selo números 55 e 56. Veja-se, HILL, H.D; JACOBSEN, TH. (1990) “Excavations at Ishchali” (Part. I) in *Old Babylonian Public Buildings in the Diyala Region*. Chicago: Illinois –The University of Chicago Institute Publications, Vol. 98, pp. 1-159.

²⁰³ Selo números 42, 48 e 51. Os selos em que não foi possível identificar os contextos arqueológicos, quer por questões relativas aos constrangimentos normais das escavações arqueológicas, quer pelo facto de terem sido adquiridos, são os seguintes: 35; 53; 54; 57. Veja-se, DELOUGAZ, Pinhas; HILL, Harold D.; LLOYD, Seton (1967) *Private Houses and Graves in the Diyala Region* (Vol. LXXXVIII). Chicago: The University of Chicago Press.

provavelmente foi esta partilha da identidade astral que terá justificado o processo sincrético entre ambas. Dadas estas especificidades, que lhe conferiam fortes conotações amorosas, sexuais e de poder, a deusa tornou-se, por excelência, uma divindade ligada à governança, assumindo-se como mãe (adotiva) do rei terreno, mas também sua amante e consorte tradicional, por via da hierogamia. Para além destes domínios, ela conduziria o rei na batalha, tendo-se ainda apropriado, sobretudo no período Neo-Assírio, da vertente oracular profética, também intimamente ligada à realeza mesopotâmica (ALMEIDA, 2009: 21-30; ALMEIDA, 2015: 240-251).

Consequentemente, Inanna/Ištar encontra-se representada em múltiplas fontes, quer escritas, quer materiais, tendo sido, pelos motivos acima anunciados, a divindade feminina que registou uma maior representatividade nos selos da amostragem do Diyala, quer em termos antropomórficos, quer através de símbolos. Por outro lado, a sua representação é também aquela que mais perdurou no tempo, uma vez que é possível identificá-la em selos cilíndricos que albergam o nosso espetro temporal. Dada esta vasta diacronia, a amostragem determinada para o estudo da deusa Inanna/Ištar será analisada em duas sub-temáticas. A primeira diz respeito às cenas de apresentação onde a deusa surge identificada, sobretudo, em termos antropomórficos e, cuja cronologia compreende os períodos Acádico e Isin-Larsa/Babilónico Antigo²⁰⁴. A segunda corresponde a selos cilíndricos onde a divindade poderá ser identificável através de elementos astrais, vegetativos e animais (Anexo 9, Tabela 5). A cronologia de todos estes selos alberga níveis estratigráficos datados dos períodos de Jemdet Nasr e, sobretudo do período Dinástico Arcaico. Em termos de estilo artístico, a maior parte dos selos apresenta uma concordância cronológico-temporal com os níveis estratigráficos onde foram exumados. Contudo, por vezes, alguns selos, ainda que datáveis do período Dinástico Arcaico podem evocar um estilo mais antigo, do período anterior (Jemdet Nasr)²⁰⁵. Relativamente aos arqueossítios, os selos cilíndricos deste tipo foram exumados em Tell Asmar, Khafajah e Tell Agrab, maioritariamente em estruturas cúlticas (Anexo 9, Tabela 6).

²⁰⁴ Na primeira sub-temática foram analisados os selos números 36, 43, 49, 58, 59 e 60.

²⁰⁵ O facto de os selos exumados datarem do Período Dinástico Arcaico, mas evocarem ainda um estilo artístico relativo ao período de Jemdet Nasr pode ser explicado pelo facto de algumas estruturas, nomeadamente o templo de Šara em Tell Agrab, puder remontar a um período mais antigo, ou pela continuidade no uso do estilo artístico do período anterior, em selos com datação posterior, algo que seria típico no âmbito da glíptica mesopotâmica (LLOYD, 1967: 260).

3.3.1. Inanna/Ištar e sua representação antropomórfica nas cenas de apresentação

No que respeita à presença da deusa Inanna/Ištar nas cenas de apresentação, em todos os selos (números 36, 49, 58, 59 e 60)²⁰⁶ a divindade é identificada em termos antropomórficos, sendo distinguida pela presença da coroa chifrada, mas, sobretudo, pelas armas, tais como bastões com duas cabeças de panteras e cimitarras, elementos que podem surgir nas suas mãos ou projetadas dos seus ombros²⁰⁷. Para além destes, a deusa surge, por vezes, com um dos pés sobre um leão, reconhecido como seu animal-símbolo²⁰⁸. Dadas estas especificidades iconográficas, podemos aferir que o dono do selo e/ou o artesão parece ter procurado evocar a vertente bélica da deusa em detrimento das suas restantes facetas, o que, na nossa perspetiva, poderá espelhar a relação da divindade com os restantes intervenientes na cena, numa lógica de poder.

Nestas cenas encontramos também o orante/adorante e, por vezes, a deusa suplicante e uma outra figura antropomórfica, talvez um atendente do culto. A relação contratual, de poder e vassalagem, que as cenas de apresentação evocariam, estaria, aqui, a ser estabelecida entre Inanna/Ištar e o orante/adorante, que nos parece representar, pelo menos nos selos números 36, 58²⁰⁹ e, talvez, no n° 49²¹⁰, o governante mesopotâmico. O soberano é identificado sobretudo

²⁰⁶ O selo n° 43 assume-se como a única exceção. Neste contexto, a presença da estrela de oito pontas parece coroar a cena, evocando a presença da deusa Inanna/Ištar. Ademais, se levantarmos a hipótese do orante/adorante representar o governante terreno, então a sua presença justificar-se-ia ainda mais pois, ela detinha um papel soberano no âmbito da ideologia real mesopotâmica.

²⁰⁷ Em termos não-antropomórficos os símbolos evocativos desta divindade são apenas reconhecidos, nos selos deste tipo, em dois exemplares, o n° 43 e o n° 49. Em ambos, o elemento que remete para a deusa é a estrela de oito pontas, cuja simbologia será descrita na segunda sub-temática, relativa ao selos do período Jemdet Nasr/Dinástico Arcaico.

²⁰⁸ A representação da deusa Inanna/Ištar nestes contornos está também patente em outros elementos da cultura material mesopotâmica. Veja-se, Anexo 9, Figs. 25-26.

²⁰⁹ No selo n° 60 o orante/adorante não é representado. A cena é composta pela deusa Inanna/Ištar, uma figura antropomórfica barbuda e um homem-touro, sendo que a ausência do orante pode estar relacionada com questões de gosto pessoal, ou com a mensagem que o proprietário do selo procurava transmitir.

²¹⁰ O selo n° 49 encontra-se muito fragmentado, tendo apenas chegado até nós intacta a figura da deusa Inanna/Ištar entronizada. Contudo, este é o único selo desta amostragem que possui uma inscrição, a qual nos poderá elucidar sobre o possível proprietário do selo, e talvez sobre os elementos representados iconograficamente no mesmo. A inscrição encontra-se, tal como o selo, muito fragmentada, e indica a seguinte passagem: «... (of) Ešnunna». Contudo, em todos os selos exumados na região do Diyala que apresentam na inscrição uma referência à cidade de Ešnunna (selos números 12 e 15 da amostragem e os selos números 432, 724 e 735, FRANKFORT, 1955) encontra-se presente, antecedendo-lhe, o vocábulo «*Ishakku* (of Eshnunna)». É o que se verifica no selo n° 12, «Ó Tishpak, mighty king, King of the land of Warum, Kirikiri, ishakku of Eshnunna to Bilalama his son has presented (this

pela presença do turbante real. No selo nº 58 parece-nos ainda mais verosímil a sua identificação, uma vez que este surge de perfil, segurando uma espécie de bastão, tal como acontece, frequentemente, em outros selos do Diyala datados do mesmo período²¹¹.

Assim, os selos em análise evocam uma imagem de poder e soberania da deusa Inanna/Ištar sobre o governante, espelhando a lógica da ideologia real mesopotâmica. Inanna/Ištar, soberana divina, parece entregar o bastão que segura, ao governante, o que nos remete para a escolha deste pelos deuses. A presença das armas, marca da destreza bélica da deusa, pode também ser interpretada como uma evocação do apoio divino à governança do suserano. Na guerra, a divindade lideraria, acompanharia e protegeria o monarca no campo de batalha, reforçando o vínculo contratual que os unia²¹².

Quanto aos contextos arqueológicos, os selos supracitados foram exumados em Khafajah²¹³, em Tell Asmar²¹⁴ e em Ishchali²¹⁵. Ainda que não tenha sido possível determinar o local exato onde os selos números 58 e 59 foram exumados, os restantes foram identificados em contextos cúlticos²¹⁶ e habitacionais²¹⁷. Relativamente aos selos exumados em estruturas cúlticas, o nº 36 provém do templo dedicado ao deus lunar Nanna/Sîn, em Khafajah e o nº 60 provém do templo de Utu/Šamaš, em Ishchali²¹⁸. A presença de múltiplas divindades em contextos cúlticos dedicados a um deus específico é natural, dado o carácter politeísta do sistema religioso

seal)».O termo *Išakku*, que como vimos significa governante permite identificar a mesma lógica do selo nº 49. De referir ainda que, no contexto das inscrições que apresentam indivíduos que não o governante da cidade, a lógica segue o esquema: nome do proprietário/filiação e/ou profissão/servência a dada divindade ou rei (selos números 6, 13 e 54 da amostragem e selos números 517, 593, 609, 649, 650, 729, 777, 886, 900, 912, 917 e 920, FRANKFORT, 1955) . Tendo tudo isto em conta não nos parece que no selo nº 49, estejamos perante esta última hipótese. Sobre as inscrições presentes nos selos da amostragem do Diyala veja-se, FRANKFORT, 1955: 48-52.

²¹¹ Veja-se Anexo 9, Fig. 27.

²¹² Esta visão é sobretudo pronunciada no *corpus* profético neo-assírio traduzido e analisado por Francisco Caramelo (2002).

²¹³ Selos números 36 e 58.

²¹⁴ Selo números 49 e 59.

²¹⁵ Selo nº 60.

²¹⁶ Selo nº 36: *locus*: Tell D; nível: Templo de Sîn (FRANKFORT, 1955: Plaque 40); Selo nº 60: *Locus*: W 32:1; Nível: Templo de Utu/Šamaš. O selo foi exumado numa área de pátio de entrada que daria acesso a um pequeno templo localizado a norte (FRANKFORT, 1955: Plaque 88; HILL; JACOBSEN, 1990: 79).

²¹⁷ Selo nº 49: *locus*: J 19:11; nível: Casas IVa (FRANKFORT, 1955: Plaque 63).

²¹⁸ Tendo em conta o contexto cúltico em que se identificaram, estes selos poderão ter servido de *ex-votos*, ou então como instrumentos burocráticos e/ou de assistência ao culto.

mesopotâmico. Contudo, a presença destes dois selos cilíndricos nos templos de Nanna/Sîn e de Utu/Šamaš poderá evocar a relação familiar entre Inanna/Ištar e o deus lunar, seu pai, assim como a relação com a divindade solar, seu irmão.

3.3.2. Os símbolos de Inanna/Ištar

No que respeita aos selos do período de Jemdet Nasr e Dinástico Arcaico, estes levantam muitas questões e, por isso, uma acrescida dificuldade da interpretação, dada a antiguidade dos mesmos²¹⁹. Neste sentido, a glíptica destes momentos iniciais é marcada pela representação de elementos astrais, animais e vegetais, em detrimento da antropomorfização, sendo que os selos poderiam representar temáticas de caráter mundano, ligadas à agricultura, olaria e tecelagem, mas também a questões administrativas, rituais ou cúticas. Nesta lógica, as divindades foram representadas através de elementos da natureza que, de algum modo, as caracterizavam e marcavam a sua presença no espaço (COLLON, 1987: 13-26).

O primeiro símbolo que evoca a presença da deusa Inanna/Ištar diz respeito ao pilar de juncos. Este elemento vegetal, composto por um poste com canas de junco entrelaçadas, cujo topo enrolava em forma de anel, proliferou na glíptica dos finais do IV milénio a.C. Nos selos cilíndricos, este símbolo surge normalmente aos pares, ao lado das fachadas de templos, tendo sido interpretado por Elizabeth William-Forte (1983)²²⁰ como uma espécie de sentinela que guardava e protegia os locais sagrados, mas também ladeando animais. No fundo, tratar-se-ia de um símbolo definidor e protetor de espaços, evocando a presença da deusa (ALMEIDA, 2015: 133; 371). A sua associação com a Inanna/Ištar decorre do símbolo proto cuneiforme que foi utilizado para denominar a divindade e que se assemelhava precisamente ao pilar de juncos²²¹. A exclusiva utilização deste símbolo, sobretudo ao longo do período de Uruk/Jemdet Nasr até ao Período Dinástico Arcaico poderá ser explicado pelo paulatino desaparecimento dos elementos pictóricos na escrita cuneiforme (BLACK; GREEN, 1992: 154). No contexto da amostragem do

²¹⁹ Considerem-se os selos números 61, 62, 63, 851, 64, 66, 67, 68, 69; 70, 96-136. Os selos com contexto arqueológico serão analisados de forma mais pormenorizado enquanto que os selos com informação arqueológica deficitária serão utilizados, quando se justificar, como paralelos.

²²⁰ FORTE-WILLIAM, 1983: 188.

²²¹ Veja-se, Anexo 9, Fig. 28.

Diyala, o pilar de juncos surge representado nos selos números 61, 70 e 97²²², tendo os dois primeiros sido exumados em Tell Agrab, no templo de Šara, e o último em Khafajah, no templo de Šîn²²³. No selo nº 61, este símbolo surge ladeando três animais, como se estes se encontrassem dominados pela presença de Inanna/Ištar, evocando, igualmente, a noção de que as divindades eram as grandes provedoras do cosmos²²⁴. Para além do gado, a cena é ainda composta por um templo e por linhas onduladas, representadas abaixo dos animais, indicativas da presença de água. O selo nº 97, representa uma imagem muito semelhante. Nesta, os próprios pilares de juncos parecem evocar o espaço do templo, de onde surgem animais. Neste sentido parece existir uma associação causal entre a fertilidade, a vida e a prosperidade providenciada pelo divino²²⁵.

Ademais, os contextos arqueológicos onde foram exumados parecem denotar a importância conferida a estes exemplares. O selo nº 61 foi exumado em Tell Agrab, no templo de Šara, na zona do altar (M 14:2). Este poderá evocar uma noção de sacrifício animal em honra da divindade, talvez Inanna/Ištar, dada a sua relação com Šara, podendo ter sido utilizado como amuleto, "medalha" comemorativa ou, quiçá, ter sido oferecido por um crente ao templo como substituto das oferendas, em gado, que estes teriam que efetuar em honra dos deuses (FRANKFORT, 1955: 15-16). Já o selo nº 97 foi identificado em Khafajah, no templo de Šîn (fase II) na zona este do santuário, numa sala (Q 42:42) que comunicava apenas com o espaço

²²² A identificação do pilar de juncos no selo nº 113 levanta algumas dúvidas, pelo que a sua análise não será aqui explanada. Veja-se, Fichas de Inventário (Anexo 13). Dadas as especificidades do selo nº 70, o mesmo será analisado mais à frente.

²²³ O deus Šara foi a divindade patrona da cidade de Umma, encontrando-se ligada à guerra. Como já referido, esta divindade foi entendida como filha da deusa Inanna/Ištar, genealogia essa que é corroborada no mito *Anzu*: «Eles chamam-lhe Šara, o filho de Ištar (...)» (BLACK; GREEN, 1992: 173; DALLEY, 1987: 223).

²²⁴ Sobre o papel das divindades enquanto grandes provedoras do cosmos, isto é, aquelas que conseguem suprir as necessidades e fornecem todos os bens, veja-se JACOBSEN, 1978: 23-63.

²²⁵ Esta noção do pilar de juncos como representativo da deusa Inanna/Ištar encontra-se atestado noutras fontes materiais, com cronologias bastante recuadas. Neste sentido, destaca-se o Vaso de Uruk, peça fabricada em alabastro, matéria-prima rara na Mesopotâmia e, por isso, dispendiosa, encontrada na campanha alemã de 1933/34, na cidade de Uruk, mais precisamente, no complexo do Eanna. Este objeto, com uma datação que poderá ser mesmo anterior a 3000 a.C., apresenta um motivo iconográfico que remete para um contexto cúlrico-ritual onde a deusa é representada através do pilar de juncos. Na narrativa iconográfica, os pilares surgem no registo superior do vaso onde parecem marcar os limites entre o espaço. No mesmo registo, à direita, com dimensões mais reduzidas, uma outra cena evoca este mesmo símbolo que, surge à frente dos animais e atrás de duas figuras antropomórficas. Estes evocam uma mesma lógica onde, se reforça a presença da deusa no espaço. Esta cena, que se encontra delimitada pelos dois pilares de junco, de maiores dimensões, parece repetir os motivos do cortejo representados ao longo do objeto, assumindo-se como uma dupla narração do vaso de Uruk, numa lógica de ciclo infinito (ALMEIDA, 2015: 140-148). Veja-se, Anexo 9, Fig. 29.

sagrado. Aí, foi também encontrado um outro selo (nº 96) sendo que estes achados foram entendidos como ímpares, na região do Diyala. O selo nº 97 era incrustado com pequenos triângulos em madrepérola e jaspe, um tipo de decoração aplicada sobretudo em vasos de pedra, datados de épocas posteriores e detinha uma presilha em prata. Levanta-se a hipótese de este ter servido como “amuletos da casa”, isto é, artefactos de proteção do espaço, neste caso, sagrado, que poderiam estar suspensos (DELOUGAZ, 1942:15-16).

O segundo e terceiro símbolos que denunciam a presença da deusa evocam, ambos, a sua identidade astral (Vénus), isto é, a roseta e a estrela. Estes símbolos, evocativos das facetas da deusa como «estrela da manhã e da tarde» podem apresentar 5, 6, 7 ou 8 pétalas/pontas (ALMEIDA, 2015: 131-133). Surgem, principalmente, em Khafajah e Tell Agrab, em contextos cúlticos, no templo de Sîn e no templo de Šara, respetivamente. São, de todos os símbolos de Inanna/Ištar, os mais representados, surgindo em 32 selos da amostragem.

Em termos iconográficos, a roseta e/ou a estrela surgem, preferencialmente, aliados a animais e a templos, sendo que, à semelhança do pilar de juncos, atestam a presença da deusa Inanna/Ištar e, sobretudo, indiciam o seu domínio sobre esses mesmos animais e templos (este último uma expressão da sua morada terrena). Neste sentido, a associação da roseta e/ou estrela aos animais poderá evocar a ideia do domínio da divindade sobre o mundo selvagem, para além de poder transmitir a noção de que a deusa era a grande providenciadora da humanidade, numa faceta maternal, no sentido em que dá alimento à sua prole²²⁶. Por outro lado, a associação do templo à roseta e/ou estrela, poderá transmitir a ideia de que o orante devia suprir a divindade através de oferendas, estabelecendo-se assim uma reciprocidade entre a agência divina e a humana, entre criadores e seres criados²²⁷.

Em termos arqueológicos, destacam-se os contextos dos selos números 96, 99 e 114, exumados em Khafajah, bem como dos selos números 129, 133 e 135 de Tell Agrab (Anexo 9, Figs. 31-35). Os selos cilíndricos de Khafajah foram exumados na estrutura cúltica referida como templo de Sîn, cuja origem remonta ao período de Uruk/Jemdet Nasr. As fases mais recentes de ocupação (Sîn X) foram alvo de escavações ilícitas, o que dificulta uma atribuição cronológica. Contudo, tendo em conta o aparecimento de amuletos do tipo “puzu-heads” nesta fase de

²²⁶ Considerem-se os selos números 63, 64, 65, 66, 68; 69, 96, 99, 100, 101, 102, 113, 114, 120, 129 e 133.

²²⁷ Considerem-se os selos números 63, 66, 70, 96, 100 e 113. Veja-se Anexo 9, Fig. 30.

ocupação, pode indiciar que o espaço foi ocupado até, pelo menos, ao período Dinástico Arcaico III (DELOUGAZ, 1942: 78). O selo nº 96 foi exumado no templo de Sîn (Sîn II), numa sala adjacente, detendo apenas ligação com o santuário (L 42:41). A decoração única que apresenta, com anéis em concha incrustados e uma presilha de prata, bem como o motivo iconográfico patente, sobretudo utilizado em mosaicos de pedra e concha, parecem denotar a sua importância no âmbito religioso local (DELOUGAZ, 1942; 15-16).

O selo nº 99 foi exumado na fase III de ocupação do templo de Sîn, num dos quartos a Este, muito próximo do santuário (Q 42:26), local onde foram identificados objetos de elevado valor económico e sobretudo simbólico. Para além de selos cilíndricos, destaca-se a presença de amuletos e pendentos, alguns fabricados em ouro, com formas animais. Destaca-se ainda um extraordinário vaso em pedra, incrustado com decorações em jaspe e madreperla, e um vaso de libações em forma de pássaro. Estes objetos poderão ter desempenhado um importante papel de assistência ao culto, podendo simultaneamente ter sido ofertados ao templo (DELOUGAZ, 1942: 18).

O selo nº114 foi identificado na fase V do templo de Sîn, num local que parece representar uma inovação na estrutura do santuário, quando comparada com períodos anteriores: a denominada “mesa de oferendas” (Q42:19). Estruturas deste tipo mediriam cerca de 1.00 x 1.20 metros e foram colocadas em frente ao altar, perto da zona de entrada (DELOUGAZ, 1942: 33-34). A presença deste selo neste espaço, com um motivo iconográfico que evoca animais, poderá ter ligação com o tipo de oferendas realizadas naquele espaço.

No que respeita aos selos de Tell Agrab, o nº 129 foi exumado no templo de Šara, numa zona constituída por duas salas, sendo que uma delas (M14:10), de onde provém o selo em análise, revelou um grande número de objetos de elevado valor, tais como amuletos, contas de colar, objetos em ouro e outros selos cilíndricos (DELOUGAZ, 1942: 257-258). Também o selo nº 133 foi exumado, ao que tudo indica, numa das salas do tesouro do templo (M 14:4), próximo da zona do altar do santuário (M 14:2)²²⁸. Aí, foram identificados objetos valiosos, tais como

²²⁸ Segundo as evidências arqueológicas, os quartos L 14:1, M 14: 3-4, identificados junto ao altar do santuário (M 14:2) parecem ter formado, originalmente, uma única câmara, que deverá ter sido utilizada como “sacristia”. Esta única sala, parece ter sido dividida em três espaços distintos, que devem ter funcionado como uma espécie de “repositórios” onde se guardavam os objetos de valor ritual e de assistência ao culto (LLOYD, 1942: 239-241).

artefactos em ouro, lápis-lazúli e madrepérola, desde contas de colar, amuletos e selos, a elementos de estatuária (LLOYD, 1942: 239-241).

As rosetas e as estrelas, para além de associados a animais e ao espaço do templo, compõem também outros motivos, sobretudo de carácter abstrato²²⁹. Estas representações são atípicas na glíptica mesopotâmica e, por isso, de difícil interpretação. Exemplos disto são os selos números 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 115, 132 e 134, que, segundo FRANKFORT (1955), apresentam motivos geométricos. Estes tipos de decorações são conhecidas na glíptica sobretudo no período Jemdet Nasr e estão sobretudo presentes em selos fabricados em esteatite vidrada. Contudo, ainda que identificados noutros arqueossítios, nenhum se equipara em número e em datação aos exumados em Khafajah. À exceção dos selos números 115, 132 e 134, todos os outros foram exumados no Templo de Sîn (IV), na zona do santuário (Q 44:24), isto é, num compartimento de grande importância dentro da estrutura religiosa. Dada a sua localização, estes poderão ter desempenhado um papel preponderante no culto local, tanto que a sua grande proliferação neste arqueossítio poderá denotar um certo regionalismo deste motivo decorativo (DELOUGAZ, 1942: 23). Importante também é o contexto do selo nº 132, encontrado em Tell Agrab, no templo de Šara, numa sala onde foram identificados objetos de elevado valor simbólico-religioso. Deste compartimento (N 13:1) provêm objetos de carácter ritual dispersos entre as mesas de oferendas identificadas, tais como uma cabeça de gazela, um touro ajoelhado, selos cilíndricos e selos-estampa, um grupo de quatro vasilhas e jóias em ouro, cornalina e diamantes (LLOYD, 1942: 253-254).

Quanto aos símbolos animais, foi possível identificar dois: o escorpião²³⁰ e o leão²³¹. O primeiro afirma-se como animal-símbolo da deusa Išhara, entendida como hipóstase de Inanna/Ištar, no período Cassita, estando esta ligação perfeitamente atestada em *kudurrus* da

²²⁹ Uma exceção às variantes apresentadas (roseta-animais-templo; roseta-motivos geométricos), são os selos números 135 e 136, onde a roseta surge associada a seres antropomórficos. Estes selos são datados do período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.), momento em que as representações deste tipo são raras, quase inexistentes. Ademais, se considerarmos a hipótese levantada por FRANKFORT, de que uma das figuras antropomórficas é divina, então estamos perante uma das representações iconográficas mais antigas do divino feminino na sua forma antropomorfizada (FRANKFORT, 1955: Plaque 46; 84).

²³⁰ Considere-se os selos números 62, 67, 103, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130 e 131.

²³¹ Considere-se o selo números 69 e 98.

época²³². No entanto, na nossa perspetiva, a associação estabelecida entre a deusa Išhara e este animal pode ser mais antiga pelo que consideramos a hipótese da mesma existir na glíptica do Diyala. De facto, o selo nº 62 poderá reforçar esta antiga ligação pois este apresenta dois escorpiões, um templo²³³ e uma linha ondulada, evocativa da presença de água. Assim, nesta cena, que parece evocar uma representação de culto, os escorpiões poderão remeter para a esfera divina, alicerçada à figura da deusa Išhara/Ištar. Os restantes selos apresentam sobretudo escorpiões isolados²³⁴, associados a motivos geométricos²³⁵, a figuras antropomórficas²³⁶ ou a animais²³⁷. Por vezes, surgem também a segurar uma espécie de cartela para inscrição (que, no entanto, se encontra em branco)²³⁸. Ainda neste âmbito, devemos destacar o contexto arqueológico do selo nº 117, encontrado em Khafajah, no templo Oval (Fase I). O mesmo foi exumado num quarto onde foram identificados objetos de elevado interesse histórico-arqueológico (L 44:5), entre eles um pote pintado do período de Jemdet Nasr, único exemplar deste tipo encontrado no templo (DELOUGAZ, 1940: 25-27).

Já o leão, animal que evoca noções de poder, força, destreza e proteção, parece fazer referência ao domínio de Inanna/Ištar sobre a fauna selvagem, lembrando o seu carácter liminar entre o mundo civilizado e a estepe, conceção que aliás também transparece no pilar de juncos (ALMEIDA, 2015: 136). Na amostragem do Diyala, este animal surge nos selos números 69 e

²³² Divindade mesopotâmica cuja origem etimológica é desconhecida. A referência a esta divindade surge, pela primeira vez em textos pré-sargónicos, na cidade de Ebla, enquanto deusa do amor. Durante o período de Ur III, é-lhe dedicado um templo em Drehem e no período Babilónico antigo, encontra-se atestado o seu culto nas cidades de Sippar, Larsa e Harbidum. O seu culto foi especialmente forte na Síria, ao longo do III milénio a.C., sobretudo na cidade de Ebla, tendo-se tornado, paulatinamente, uma das divindades femininas mais importantes do panteão Hurrita. Os seus principais locais de culto foram, neste contexto, as cidade de Ugarit, Emar e Chagar Bazar. A partir daí, foi incorporada no panteão Hitita, com o seu epicentro de culto em Kizzuwatna. O seu epíteto principal, “Belet rame” (“Senhora do Amor”), é também um epíteto atribuído a Inanna/Ištar. Assim, esta divindade é reconhecida como uma hipóstase de Inanna/Ištar, na sua faceta amorosa/sexual.. O seu animal-símbolo, o escorpião, animal ligado ao mundo subterrâneo, confere-lhe também uma conotação ao domínio inferior, o Inframundo. Paralelamente, é também reconhecida como a mãe de Sibittu (Sete estrelas), sendo-lhe por isso atribuído um carácter maternal (BLACK; GREEN, 1992: 1992; GUTERBOCK; YENER; HOFFNER; DHESI, 2002: 28-33; LEICK, 2002: 94-95).

²³³ A ideia da ligação do escorpião ao templo pode também ser corroborada pelo facto de este ter sido encontrado numa estrutura cültica: *locus*: M 14:2 (no altar); nível: Templo Šara. Ademais, foi encontrado no santuário principal do templo (FRANKFORT, 1955: Plaque 80).

²³⁴ Selos números 111 e 112.

²³⁵ Selos números 103 e 130.

²³⁶ Selos números 117, 119 e 128.

²³⁷ Selo números 116, 118, 121, 126, 127 e 131.

²³⁸ Selo números 122, 123, 124 e 125.

98. Destaca-se o n° 69, exumado em Tell Agrab, que associa o leão à roseta, símbolo acima analisado. Ademais, para além desta associação, o facto deste selo ter sido exumado numa estrutura religiosa, ainda para mais na sala do tesouro do templo, local onde se encontrariam as “reliquias das divindades”, poderá corroborar a identificação de um símbolo associado à deusa no selo em análise²³⁹. Contudo, e ainda que a ligação de Inanna/Ištar ao leão esteja intimamente relacionada com a ideologia real mesopotâmia desenvolvida no período Acádico e nos subsequentes, a verdade é que este substrato poderá ter remontado ao Neolítico. Nos períodos mais recuados, como é o caso do selo em análise (período Dinástico Arcaico III), predomina o estilo brocado, no qual proliferaram as representações de animais com cornos, por vezes acompanhados por leões, que intercalavam com rosetas, exibindo um aprimorado rigor artístico (COLLON, 1987: 20-25).

Enquanto que nos selos supracitados denotamos uma clara tendência para a representação do divino feminino através de símbolos, algo típico nos períodos de Jemdet Nasr e Dinásticos Arcaicos, a verdade é que o selo n° 70²⁴⁰ denota uma certa antropomorfização, algo extremamente raro nestes períodos e que encontra escassos paralelos no território do Médio Oriente. O selo é composto por um templo, ladeado por pilares de junco, situando-se estes abaixo de uma linha em semicírculo. Num registo superior, encontramos a representação de uma face e de três rosetas conectadas por linha (FRANKFORT, 1955: 260). Para além da associação da deusa à roseta, acima explicitada, é também possível denotar a sua presença através do pilar de juncos. Este selo parece atestar uma espécie de narrativa onde a deusa soberana e vigilante em relação à sua morada, o templo, se apodera do seu domínio²⁴¹. A face representada, que poderá ou não representar a deusa Inanna/Ištar, apresenta uma expressão algo impenetrável, demarcando o carácter incognoscível do transcendente, podendo porventura ter correspondido a uma primeira

²³⁹ *Locus*: M 14:4; nível: Templo Šara (FRANKFORT, 1955: Plaque 77).

²⁴⁰ FRANKFORT, 1955: Plaque 84.

²⁴¹ A presença do templo é notória, quer em termos iconográficos, quer no que respeita ao contexto arqueológico onde o selo foi exumado. O mesmo provém do canto noroeste do complexo principal, no segundo santuário do templo. Pode porventura ter servido em cerimónias religiosas mais privadas, talvez reservadas à elite sacerdotal do templo, dado o seu carácter raro e único no contexto do Diyala (*locus*: L 13:6; nível: Templo Šara). Veja-se, FRANKFORT, 1955: Plaque 84; LLOYD, 1942: 281.

estilização antropomorfizada da deusa. Os olhos surgem muito abertos, atentos ao espaço, reforçando o caráter omnipresente da divindade²⁴².

Em suma, os selos acima analisados parecem reproduzir uma cena de caráter cútico/ritual, que, ainda que de forma mais estilizada, segue a mesma linha de pensamento que as cenas de adoração/apresentação que viriam a desenvolver-se nos períodos posteriores. Inanna/Ištar surge como a grande soberana do cosmos, a que providencia todos os bens de subsistência à humanidade, cumprindo a sua parte do contrato estipulado no momento antropogônico. A humanidade, por sua vez, alimenta os deuses, servindo-os e perpetuando o seu culto, cumprindo o destino da sua existência, o serviço aos seus criadores. Nestes contornos, a glíptica assumiu-se como o suporte onde o contrato entre o divino e a humanidade ganhou forma, atestando o importante papel que o *homo religiosus* mesopotâmico conferiu ao divino feminino desde os primórdios. A escolha desta deusa como representativa do universo divino mesopotâmico poderá ter a ver com o seu caráter polivalente, nomeadamente no que diz respeito às múltiplas esferas que tutelava. Por outro lado, o caráter híbrido e liminar atribuído a Inanna/Ištar poderá também explicar a sua forte representatividade nestes contextos tão remotos.

3.4. As Deusas da Fertilidade

As divindades ligadas à fertilidade foram desde sempre reconhecidas como de grande importância na Mesopotâmia. A fertilidade, da natureza ou da humanidade, influenciava todos os aspetos do quotidiano, para além de estar subjacente à construção do pensamento cósmico mesopotâmico. Num mundo onde a agricultura e a criação de gado se assumiam como atividades base de subsistência, e onde na descendência recaía a responsabilidade pelo culto aos mortos, a abundância representava um símbolo de ordem por excelência. No caso específico da região do Diyala, e sobretudo em Tell Asmar, parece registar-se, pelo menos desde o período de Jemdet-Nasr, um importante culto a divindades que tutelavam este domínio.

A autoridade e o prestígio das divindades da fertilidade são atestados sobretudo pela estrutura cútica dedicada ao deus Abu e identificada em Ešnunna (Templo de Abu)²⁴³. Esta

²⁴² Sobre esta possível análise do selo nº 70, veja-se, DUPLA, 2016: 144-146.

divindade encontrava-se ligada à vegetação e, por isso, à fertilidade e à agricultura, tendo sido entendido como “Senhor/Pai das plantas” (FRANKFORT, 1955: 41). Dado o caráter cumulativo da sistema religioso mesopotâmico, levanta-se a hipótese de ter ocorrido um processo sincrético entre Abu e Dumuzi/Tammuz, uma vez que ambas as divindades masculinas se associam às mesmas esferas de ação (LANGDON, 1914). Para além do deus Abu, podemos também identificar na glíptica do Diyala, o culto ao deus Tišpak, divindade patrona da cidade de Ešnunna²⁴⁴. Este surge na iconografia associado a uma deusa da fertilidade não identificada²⁴⁵ e ao deus Ningišzida, seu filho, que tinha ligações à vegetação e ao Inframundo²⁴⁶.

No que respeita às deusas da fertilidade presentes na amostragem do Diyala, estas surgem em quatro esquemas de representação distintos: associadas a orantes humanos em cenas de adoração/apresentação²⁴⁷; representadas com outras divindades (masculinas) também relacionadas com a natureza e a fertilidade²⁴⁸; identificadas em alguns selos do tipo “The Goddess at the Gate and the Bull of Heaven”²⁴⁹; representadas em cenas onde a divindade solar Utu/Šamaš é também identificada²⁵⁰. Todos os selos com representações de divindades femininas da fertilidade são datados do período Acádico e encontram-se associados a estruturas habitacionais. No entanto, para além dos elementos vegetais que relacionam as deusas com a fertilidade, não existem outros símbolos que nos permitam identificá-las no âmbito do universo divino mesopotâmico (Anexo 9, Tabela 6).

²⁴³ Sobre a templo de Abu, veja-se LLOYD, Seton (1942b.) “The Abu Temple at Tell Asmar” in *Pre-Sargonic Temples in the Diyala Region (Vol. LVIII)*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 156-214.

²⁴⁴ O deus Tišpak terá sido inicialmente associado ao deus Hurríta ligado à tempestade, Tešup. Esta divindade ganha sobretudo importância na cidade de Ešnunna, tendo substituído, enquanto divindade patrona da cidade, o deus Ninazu, com o qual poderá ter efetuado um sincretismo (BLACK; GREEN, 1992: 178).

²⁴⁵ Veja-se o selo n° 52.

²⁴⁶ O deus Ningišzida estaria associado ao Inframundo, sendo por isso entendido como filho do deus Ninazu, que por sua vez era filho da rainha do Inframundo, Ereškigal. Assim sendo, estabelece-se a linhagem divina inframundana. Esta divindade é referida em várias fontes literárias, destacando-se o poema sumério *A morte de Gilgameš*. Ela assumiu um protagonismo especial na cidade de Lagaš, tendo-se tornado a divindade pessoal do rei sumério Gudea (BLACK; GREEN, 1992: 137-138). Considere-se o selo n° 47.

²⁴⁷ Relativamente às cenas de adoração/apresentação, considerem-se os selos números 2, 38, 37 e 47.

²⁴⁸ Relativamente à associação das deusas da fertilidade com outros deuses, também ligados à natureza, considerem-se os selos números 38, 47 e 52.

²⁴⁹ Considere-se o selo n° 39.

²⁵⁰ Considere-se o selo n° 40.

Na nossa perspectiva, e ainda que haja uma grande dificuldade na identificação destas divindades consideramos que existe um rol de deusas que poderão estar presentes. A primeira divindade é Inanna/Ištar, deusa que tutela, entre outros aspetos, a fertilidade, o amor e a sexualidade²⁵¹. A presença nestes selos dos símbolos da deusa, tais como a estrela de oito pontas e a tamareira, poderão indiciar a sua representação enquanto deusa da fertilidade nos selos citados. Atente-se que no selo nº 39, que analisámos no ponto 3.2., a deusa entronizada segura nas suas mãos espigas de grão/cevada, sendo que este elemento vegetal, bem como a presença da estrela de oito pontas, poderá indiciar a identificação de Inanna/Ištar como a deusa da fertilidade entronizada²⁵². Quanto à tamareira, esta surge no selo nº 2, numa temática iconográfica que representa uma cena de adoração/apresentação. O selo é constituído por uma deusa entronizada, à qual é apresentada, por via da deusa suplicante, um orante/adorante²⁵³. Na Mesopotâmia, a tamareira desempenhou um importante papel em termos económicos e, conseqüentemente simbólicos, pois as árvores frutíferas femininas desta espécie seriam polinizadas a partir de árvores masculinas. Este processo natural é transformado assim numa metáfora religiosa da sexualidade e da fertilidade humana. A deusa Inanna/Ištar era pois entendida como “aquela que fazia com que as tamareiras se enchessem de frutos”, isto é, um símbolo de fertilidade e abundância (MILLER, 1999)²⁵⁴.

Por outro lado, e ainda que a historiografia tenha tradicionalmente associado a fertilidade feminina à deusa Inanna/Ištar, a verdade é que existem outras divindades associadas a esta esfera. Nos selos números 37, 38, 40, 47 e talvez 52, estão representadas deusas da fertilidade, assim identificadas pelas espigas de cevada que seguram nas mãos ou que brotam dos seus ombros. Neste sentido, e ainda não tenha sido possível identificar as divindades femininas representadas, a verdade é que existe um conjunto de deusas, atestadas em múltiplas fontes, como responsáveis pelos domínios que se interligam a esta lógica de abundância. A primeira, a deusa Nisaba/Nidaba, reconhecida como a “Deusa do cereal”, encontrava-se, inicialmente

²⁵¹ Veja-se, BLACK; GREEN, 1992: 108.

²⁵² A cena iconográfica presente no selo nº 48 poderá também estabelecer a ligação entre a fertilidade e a deusa. Na cena, encontra-se uma deusa entronizada e o símbolo da estrela de oito pontas. Para além destes elementos, a figura à sua frente, ao que tudo indica também divina, segura uma planta, apresentado o orante/adorante à deusa, talvez Inanna/Ištar).

²⁵³ Veja-se, Anexo 10, Fig. 36.

²⁵⁴ MILLER, Naomi (1999) "Date Sex in Mesopotamia!" in *Expedition Magazine 41.1*. Expedition Magazine. Penn Museum (<http://www.penn.museum/sites/expedition/?p=5639>, [Janeiro 2019]).

associada à agricultura e, mais tarde, à escrita²⁵⁵. A segunda, a deusa Šala, atestada sobretudo para o período Babilónico antigo, encontrava-se também ligada à atividade agrícola, sendo o seu símbolo mais comum a espiga de cevada²⁵⁶. Em terceiro lugar importa realçar o papel da entidade(s) divina(s) Gula/Bau/Ninkarrak, ligadas à regeneração da natureza e à cura²⁵⁷. Por último, a fertilidade é também expressa no princípio maternal, incorporado por divindades como, Ninhursag e Belet-ili²⁵⁸.

As representações iconográficas podem, assim, evocar uma ou várias das deusas acima apresetadas. Contudo, podem igualmente não evocar uma divindade específica, mas sim, o princípio da fertilidade. Este anonimato poderá estar ligado a uma certa abstração deste conceito na Mesopotâmia.

Relativamente a esta temática, as divindades femininas surgem maioritariamente em rituais de adoração/apresentação, onde um orante/adorante presta culto e/ou homenagem à deusa da fertilidade entronizada. O facto de esta se encontrar, nos selos números 37, 47 e 52, sentada transmite uma imagem de hierarquia e de autoridade. Estas noções são reforçadas no selo nº 37, no qual o orante carrega um animal para sacrificar com o propósito de ofertá-lo à deusa, alimentando desta feita a relação de vassalagem que está a ser estabelecida entre as duas ordens, a divina e a humana. Esta dupla ideia de adoração e de sacrifício em honra das divindades da fertilidade encontra-se expressa também no selo nº 40. Aí, o deus solar Utu/Šamaš encontra-se entronizado no seu barco, estando ainda no interior da embarcação um leão com cabeça humana, um arado, um vaso com bico e dois objetos não identificados, dos quais talvez um deles seja uma vasilha. No exterior da embarcação encontra-se a deusa da fertilidade, caracterizada pelas espigas de cereal que brotam dos seus ombros e pelos ramos/espigas que segura nas mãos. Nesta cena, a deusa da fertilidade não assume a posição entronizada, mas sim um papel secundário. No entanto, evoca uma imagem de prosperidade, pujança e abundância, reforçando ainda a relação entre o ciclo solar e a fertilidade. É ainda de notar que a(s) divindade(s) da fertilidade surgem associadas, nos selos números 47 e nº 52, a divindades masculinas, nomeadamente Tišpak e

²⁵⁵ BLACK; GREEN, 1992: 143. Veja-se, Anexo 10, Fig. 37.

²⁵⁶ BLACK; GREEN, 1992: 179. Veja-se, *Mul-Apin*, Tab. I, Lh.52 (<http://oracc.museum.upenn.edu/cams/gkab/Q002715/>, consultado a 08.01.2019).

²⁵⁷ BLACK; GREEN, 1992: 101.

²⁵⁸ BLACK; GREEN, 1992: 133.

Ningišzida, também associados à vegetação. É interessante verificar que nestes selos as divindades masculinas e femininas são representadas nos mesmos contornos, isto é, ambas entronizadas ou ambas de pé, sendo que parece haver uma concordância no que respeita aos gêneros. Na nossa perspectiva, procurou-se representar a indissociabilidade entre a fertilidade masculina e a feminina, atuando as divindades na cena como complemento uma da outra, transmitindo uma complementaridade fundamental à manutenção da ordem cósmica. Neste sentido, a tradicional associação da fertilidade à maternidade deve ser repensada pois o que está a ser sublinhado é o poder e soberania divinos, tanto masculino como feminino.

Por último, no que diz respeito aos contextos arqueológicos, todos os selos da amostragem que representam deusas da fertilidade foram exumados em contextos habitacionais, tendo os selos números 38, 47 e 40 sido recuperados numa zona de quartos²⁵⁹. O culto a estas divindades deverá ter sido forte no âmbito popular, o que justificaria a presença dos selos em estruturas habitacionais. A agricultura seria uma das bases da economia mesopotâmica e, por isso, o principal meio de subsistência e de trabalho do indivíduo comum. Nestes contornos, o culto a divindades conotadas com a fertilidade e a agricultura seria fundamental para garantir a prosperidade e abundância das colheitas. Não nos espanta por isso que o mesmo tenha proliferado num âmbito religioso mais privado e de uma maior intimidade entre o crente e o divino.

Em suma, denota-se uma convergência entre os sentimentos religiosos mais populares e os oficiais. Esta simbiose permitia que as deusas da fertilidade fossem representadas enquanto entidades que completavam os domínios conferidos às divindades masculinas, e vice-versa, mas também que fossem percecionadas enquanto entidades autónomas de poder efetivo sobre os destinos da humanidade.

²⁵⁹ O selo nº 2 foi recuperado no *locus*: J 19:35; nível: Casas III (FRANKFORT, 1955: Plaque 64); O selo nº 38 foi recuperado no *locus*: K 19:10, nível: Casas Iva (FRANKFORT, 1955: Plaque 58); O selo nº 39 foi exumado no *locus*: H 19:25; nível: Casas Iva (FRANKFORT, 1955: Plaque 60); o selo nº 40 foi exumado no *locus*: K 19:10; nível: Casas IVa (FRANKFORT, 1955: Plaque 69); O selo nº 47 foi exumado no *locus*: G 19:4; nível: Casas Iva (FRANKFORT, 1955: Plaque 57); O selo nº 52 foi recuperado no *locus*: G 19; nível: Superfície (FRANKFORT, 1955: Plaque 64). Veja-se ainda DELOUGAZ, Pinhas; HILL, Harold D.; LLOYD, Seton (1967) *Private Houses and Graves in the Diyala Region* (Vol. LXXXVIII). Chicago: The University of Chicago Press.

3.5. As Cenas de Banquete

As cenas de banquete encontram-se atestadas para o período Dinástico Arcaico podendo, no entanto, ter derivado de uma tradição mais antiga, do IV milénio a.C. Este tipo de motivo iconográfico levanta muitas questões, sobretudo no que respeita às figuras antropomórficas representadas. A grande dúvida reside no facto de estarmos perante seres humanos ou divindades, uma vez que a glíptica destes períodos mais antigos é marcada por uma forte estilização²⁶⁰. De facto, no período de Jemdet Nasr e no início do período Dinástico Arcaico parecem ter prevalecido as representações de símbolos em detrimento do antropomorfismo, que começa a dar os primeiros passos em meados do período Dinástico Arcaico. Geralmente, as cenas deste tipo são compostas por duas figuras, normalmente apontadas como sendo uma do sexo masculino e a outra do sexo feminino. Estas figuras consomem amiúde alimentos e ingerem bebidas, podendo fazê-lo através de vários suportes, tais como jarros de onde saem palhinhas para beber, copos ou objetos colocados em mesas (COLLON, 1987: 27-31; FRANKFORT, 1955: 39).

Alguns autores debruçaram-se sobre o estudo destas cenas, tais como COLLON (1987), FRANKFORT (1955), SELZ (1983) e ZAJDOWSKI (2013), levantando a hipótese de as figuras antropomórficas evocarem seres humanos, ao invés de personagens divinas. Estes autores consideram ainda que as cenas de banquete foram paulatinamente substituídas pelas cenas de apresentação, pois transmitiam uma mesma ideia de vassalagem e de estatuto social. No que respeita ao significado das cenas de banquete, defende-se que as figuras antropomórficas seriam representativas do casal real²⁶¹, no caso de as considerarmos humanas, ou então de um casal divino, no caso de estarmos perante a representação de deuses. As cenas de banquete representariam um ato cerimonial de celebração, que talvez nos períodos mais remotos estivesse

²⁶⁰ Para a caracterização da glíptica do período Dinástico Arcaico, veja-se AMIET, Pierre; LAMBERT, Maurice (1980) *La glyptique mésopotamienne archaïque. 2ème édition revue et corrigée avec un supplément*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

²⁶¹ A associação que pode ser estabelecida entre as cenas de banquete e a representação do casal real poderá também estabelecer-se com outros paralelos materiais, nomeadamente com alguns baixos-relevos neo-assírios datados do reinado de Assurbanípal (Veja-se, Anexo 11, Fig. 38). Não obstante, é preciso ter em conta que existe um grande intervalo temporal entre o período Dinástico Arcaico, momento onde as cenas de banquete ganham projeção, e o período Assírio, onde a ideologia real mesopotâmica e a retórica do poder governativo, alicerçada na figura do rei, atingem o seu apogeu. Posto isto, e ainda que em ambos os períodos cronológicos sejam representadas cenas de banquete, poderá ser anacrónico identificar as figuras representadas em selos datados do período Dinástico Arcaico como simbolizando o casal real, tendo apenas por base a análise da cultura material do período Assírio.

associado às festividades agrárias lunares de tradição suméria (DITTMANN; SELZ, 1983, 576-580; ZAJDOWSKI, 2013:3). Conseqüentemente, o declínio e/ou substituição destes rituais no período Acádico, poderá explicar a menor ocorrência deste tipo de cenas no mesmo período cronológico, tendo-se registado um progressivo desaparecimento das mesmas²⁶². Esta evidência parece corroborar a hipótese acima referida da progressiva substituição das cenas de banquete pelas cenas de apresentação, uma vez que ambas marcavam um vínculo social e identitário definido através do ato ritual que consistia na ingestão de uma bebida²⁶³ (COLLON, 1987: 27; ZAJDOWSKI, 2013: 3-5; DITTMANN; SELZ, 1983: 576-580)²⁶⁴. A ausência de símbolos que permitam a identificação das figuras antropomórficas poderá relacionar-se com a existência de uma linguagem universal subjacente às mesmas e facilmente perceptível pelos seus detentores.

Não obstante, consideramos que não devemos excluir, à *priori*, a hipótese de as figuras representadas nas cenas de banquete poderem ser divinas, pois grande parte dos símbolos divinos ainda não estavam devidamente definidos nestes períodos mais antigos. Foi sob este prisma que incluímos os selos deste tipo na nossa amostragem principal, levantando-se hipóteses quanto à presença do divino feminino nestas cenas. Mais do que identificarmos as divindades femininas representadas nos selos, tentámos perceber o papel que estas desempenharam nas mesmas, em relação com os contextos arqueológicos onde os selos foram exumados. A amostragem para o estudo desta temática compreende um total de 12 selos cilíndricos exumados em Tell Asmar (7

²⁶² Veja-se, Anexo, 11. Fig. 39.

²⁶³ A percepção do ato de beber enquanto (re)definidor da ordem social encontra-se expressa na composição literária «Enki's journey to Nibru (Lhs. 104-129): «(...) In the shrine of Nibru, Enki provided a meal for Enlil, his father. He seated An at the head of the table and seated Enlil next to An. He seated Nintur in the place of honour and seated the Anuna gods at the adjacent places (?). All of them were drinking and enjoying beer and liquor. They filled the bronze aga vessels to the brim and started a competition, drinking from the bronze vessels of Uraš. They made the tilimda vessels shine like holy barges. After beer and liquor had been libated and enjoyed, and after from the house, Enlil was made happy in Nibru. Enlil addressed the Anuna gods: "Great gods who are standing here! Anuna, who have lined up in the Ubšu-unkena! My son, King Enki has built up the temple! He has made Eridug {rise up (?)} {(1 ms. has instead:) come out} from the ground like a mountain! He has built it in a pleasant place, in Eridug, the pure place, where no one is to enter -- a temple built with silver and decorated with lapis lazuli, a house which tunes the seven tigi drums properly, and provides incantations; where holy songs make all of the house a lovely place -- the shrine of the abzu, the good destiny of Enki, befitting the elaborate divine powers; the temple of Eridug, built with silver: for all this, Father Enki be praised!» (ETCSL, t.1.1.4).

²⁶⁴ Sobre a hipótese relativa à evolução das cenas de banquete para as cenas de apresentação, veja-se ROMANO, Licia (2015) "Holding the Cup: Evolution of Symposium and Banquet Scenes in the Early Dynastic Period" in *It's a Long Way to a Historiography of the Early Dynastic Period(s)*. *Altertumskunde des Vorderen Orients Archäologische Studien zur Kultur und Geschichte des Alten Orients*, pp. 289-303; ZAJDOWSKI, K. (2013) "Transformation of the Mesopotamian Banquet Scene into the Presentation Scene in the Early Dynastic, Akkadian and Ur III Periods" in *Akkadica*, 134. Brussel: Assyriological Center Georges Dossin, pp. 1-16.

selos)²⁶⁵, em Khafajah (4 selos)²⁶⁶ e em Ishchali (1 selo)²⁶⁷, em estruturas cúlticas e habitacionais. Em termos cronológicos, estes abrangem o período Dinástico Arcaico, sobretudo o período Dinástico Arcaico II e III e ainda o período Acádico²⁶⁸.

A glíptica do Diyala é especialmente interessante no contexto desta temática decorativa, pois, parece contradizer a associação entre as cenas de banquete e a elite mesopotâmica. Esta associação encontra a sua expressão mais paradigmática nos Túmulos Reais de Ur. Aí, os selos cilíndricos com cenas de banquete foram exumados em estruturas funerárias pertencentes à elite governativa e sacerdotal do núcleo urbano. Para além disto, a matéria-prima nobre de fabrico dos selos, nomeadamente o lápis-lazúli, parece corroborar esta relação²⁶⁹ (MOOREY, 1977:24-40; READE, 2001; 1-29; WOOLEY, 1934: 37-42; ZAJDOWSKI, 2013:9). Contudo, a verdade é que na região do Diyala os selos deste tipo foram, na grande maioria, exumados em contextos habitacionais²⁷⁰ e fabricados em materiais menos nobres. De entre o conjunto de matérias-primas do Diyala destaca-se o calcário, a argila e, sobretudo, a concha. A relação entre os contextos arqueológicos e os materiais de fabrico poderá ser indicativa de uma fraca disponibilidade económica por parte dos proprietários dos selos, associando-os porventura a camadas sociais mais baixas²⁷¹. Podemos, por conseguinte, estar perante a representação de indivíduos comuns,

²⁶⁵ Considerem-se os selos números 72, 73, 82, 83, 84, 85 e 86.

²⁶⁶ Considerem-se os selos números 71, 75, 76 e 79.

²⁶⁷ Considere-se o selo nº 74.

²⁶⁸ O selo nº 74 foi datado tendo em conta a unidade estratigráfica onde foi exumado, do período de Isin-Larsa/Babilónico antigo, ainda que em termos estilísticos se pautem por características que associamos ao período Dinástico Arcaico. Contudo, questões naturalmente relacionadas com as circunstâncias das escavações arqueológicas e com as dificuldades na atribuição de datações precisas, bem como os elementos naturais ou humanos que poderão ter levado à movimentação de terras ao longo do tempo, poderão explicar esta datação.

²⁶⁹ Veja-se, Anexo 11, Fig. 40.

²⁷⁰ O selo nº 75 pertence ao *locus*: L 42:2, nível: Casas III (FRANKFORT, 1955: Plaque 31); o selo nº 76 foi exumado no *locus*: M 42:3; nível: Casas II (FRANKFORT, 1955: Plaque 33); o selo nº 79 foi encontrado no *locus*: M 51; nível: Casas II (FRANKFORT, 1955: Plaque 36); o selo nº 82 foi exumado no *locus*: J 20:40; nível: Casas Vc (FRANKFORT, 1955: Plaque 52); o selo nº 83 foi exumado no *locus*: J 19:47; nível: Casas IVb (FRANKFORT, 1955: Plaque 54); o selo nº 84 foi encontrado no *locus*: G 18:7; nível: Casas IVb (FRANKFORT, 1955: Plaque 55); o selo nº 85 foi encontrado no *locus*: G 19:4; nível: Casas IVa (FRANKFORT, 1955: Plaque 57); o selo nº 86 foi exumado no *locus*: K 19:10; nível: Casas IVa (FRANKFORT, 1955: Plaque 59).

²⁷¹ Nenhum dos selos da amostragem apresenta inscrições, o que dificulta o reconhecimento do seu proprietário ou das funções para que foi utilizado. Contudo, a presença de selos deste tipo em estruturas cúlticas, tais como o templo de Nintu, em Khafajah, o templo de Abu, em Tell Asmar, e o complexo de Kititum, em Ishchali, poderá indicar o seu uso em rituais de celebração religiosa ou enquanto *ex-votos*. Quanto aos possíveis detentores dos selos, os mesmos poderão ter pertencido a sacerdotes ou sacerdotisas, ou até mesmo a qualquer outro homem ou mulher que assistia nas múltiplas atividades de subsistência da estrutura cúltica. Por outro lado, a identificação de selos com

uma vez que os atos de celebração representados nos cenas de banquete poderão expressar múltiplas cerimónias, tais como o Ano Novo, festividades matrimoniais ou outras celebrações, tendo estas sido naturalmente praticadas por todas os grupos sociais e não havendo, por isso, a obrigatoriedade de estarmos perante o casal real ou o divino²⁷².

No que diz respeito às figuras femininas presentes nos selos, quer estejamos perante a presença da rainha, de uma deusa, ou de uma outra mulher elas encontram-se sempre entronizadas, denotando uma posição social de superioridade que é partilhada com o elemento masculino que a acompanha²⁷³. Esta complementaridade de géneros, aparentemente representada na glíptica, transmite a noção de que a realeza, humana ou divina, era concretizada a partir da comunhão entre ambos os sexos, sendo esta simbiose fundamental para a manutenção da ordem cósmica. Não obstante, é necessário ter em conta que as fontes escritas nem sempre demonstram esta mesma noção, dando claramente uma posição de destaque na governança à figura masculina, nomeadamente do monarca (e sabendo nós que a sucessão se fazia por via masculina).

Como foi referido acima, o divino feminino pode ser representado nestas cenas em termos antropomórficos. Não obstante, a presença de símbolos, tais como a estrela de oito pontas e o escorpião poderão elucidar-nos mais concretamente sobre a identificação de

cenas de banquete em estruturas habitacionais poderá indicar a sua utilização em rituais domésticos, à semelhança do que já dissemos atrás.

²⁷² Contudo, e ainda que não nos pareça plausível estabelecer um paralelo entre o caso de Ur e a região do Diyala, a verdade é que o selo nº 79 apresenta uma temática decorativa atípica no reportório iconográfico do Diyala, mas que encontra paralelos no espólio material exumado em Ur. A representação de cenas de música e de dança, como acontece no selo em análise, onde uma figura feminina parece tocar uma harpa em forma de bovídeo, é reconhecida em alguns selos cilíndricos exumados nos Túmulos Reais de Ur (U.11904). Um outro paralelo pode ser estabelecido com uma harpa em forma de bovídeo proveniente também do mesmo contexto funerário (U.10412). A presença destes elementos é sobretudo notória em selos que apresentam motivos decorativos ligados a cerimónias religiosas, nomeadamente a banquetes (COLLON, 1987:151-154). Por outro lado, também podemos estabelecer um paralelo entre o selo nº 76 e um dos selos exumados no contexto dos túmulos reais de Ur (U.10939), nomeadamente com o selo cilíndrico que se pensa ter pertencido à rainha Puabi.

²⁷³ A noção de que as figuras entronizadas se integram numa posição social mais abastada é reforçada nos selos números 74, 85 e 86, onde a cena é composta, para além do casal, por uma ou mais figuras antropomórficas, que se encontram, ao contrário daqueles, de pé. Neste sentido, o facto de o casal se encontrar entronizado, deverá denotar uma lógica hierárquica. A posição que cada indivíduo teria na cena era pois indicativa de um determinado estatuto social. A adição destes terceiros elementos à cena de banquete poderá ser explicada pelo facto de estarmos, maioritariamente, perante selos datados do período Acádico. Assim sendo, e considerando-se a hipótese de que as cenas de banquete, que haviam proliferado no período Dinástico Arcaico deram lugar às cenas de apresentação, que se disseminaram a partir do período Gútio/Ur III, então talvez estejamos perante selos de transição, isto é, selos que conjugam as duas temáticas decorativas. Sobre os selos de transição, veja-se ZAJDOWSKI, 2013: 10-13.

divindades específicas. A estrela de oito pontas surge nos selos números 72, 85, 86 e 87²⁷⁴. O reconhecimento deste símbolo transmite uma imagem de legitimação e apoio divino perante a celebração representada. Neste caso, Inanna/Ištar parece incorporar todo o universo divino mesopotâmico, exprimindo o apoio total dos deuses perante a união realizada. O escorpião, elemento que surge nos selos números 72, 78 e 81, é reconhecido como animal-símbolo da deusa Išhara, a hipóstase de Inanna/Ištar. A sua representação parece-nos evocar a mesma lógica acima explicitada. Neste caso, Išhara legitimava e abençoava as relações de poder concretizadas entre as duas figuras representadas. As associações sexuais e amorosas conferidas à deusa Išhara poderão, quiçá, apontar para o facto de estarmos perante a representação de uma cerimónia matrimonial, sobretudo no selo nº 78, onde nos parece ser mais notória a identificação do par masculino-feminino. Atestado em fontes materiais mais tardias, o ato de consumir bebidas por via de um jarro com duas palhinhas poderá também ter conotações erótico-sexuais²⁷⁵.

Em última análise, a representação do par masculino-feminino, divino ou humano, denota a conceção por parte do *homo religiosus* mesopotâmico de que a complementariedade entre ambos os sexos era fundamental para o estabelecimento dos papéis sociais, perpetuando-se assim a ordem cósmica. O facto de as figuras masculinas e femininas serem representadas nos mesmos contornos, parece evocar uma noção de interdependência de géneros nessa mesma celebração das relações de poder. Por outro lado, a glíptica poderá espelhar uma visão idílica do que seria a complementariedade de géneros no seio da sociedade mesopotâmica, onde o feminino, numa lógica de poder marcadamente patriarcal, esperava ser reconhecido nos mesmos contornos que o seu par masculino.

3.6. Outras temáticas

O divino feminino foi representado em múltiplos contextos e sob as mais variadas expressões na glíptica do Diyala. No entanto, e como já referimos anteriormente, por vezes existe uma dificuldade em identificar o género e a identidade das figuras antropomórficas que compõem as cenas representadas nos selos cilíndricos. Posto isto, o presente subcapítulo foca-se

²⁷⁴ Veja-se, Anexo 11, Fig. 41.

²⁷⁵ Veja-se, Anexo 11, Fig. 42.

em três temáticas distintas: as cenas de cariz sexual; a “deusa” nua e o casal “divino”. Estes motivos iconográficos são raros no contexto da glíptica do Diyala e, por isso, a sua representatividade é menor no total da amostragem²⁷⁶. Apesar de consideramos não ser possível identificar inequivocamente a presença de deusas nas três temáticas supracitadas, não devemos excluir esta hipótese.

No que respeita às cenas de cariz sexual, foram analisados os selos números 88, 89 e 90, provenientes de Khafajah, Tell Asmar e Tell Agrab, respetivamente. Em termos cronológicos, expressam uma tendência estilística típica da glíptica do período Dinástico Arcaico. Em termos estratigráficos, regista-se uma concordância com o estilo artístico, à exceção do selo nº 89, que foi encontrado num estrato mais recente. Tal como a denominação indica, nestes selos está representado um casal que parece consumir o ato sexual, cenas que FRANKFORT (1955)²⁷⁷ denominou de “casamento ritual/sagrado”, fruto do contexto académico da sua época. Como já referimos no primeiro capítulo evitaremos esta categorização, pois à luz de interpretações mais recentes, consideramos reduntor entender que todas as representações sexuais na Mesopotâmia se encontravam associadas à hierogamia.

Como já foi identificado anteriormente, a glíptica do período Dinástico Arcaico é marcada por uma forte estilização dos elementos antropomórficos. Ao considerarmos que nos selos números 88, 89 e 90 estamos perante um casal composto por um elemento masculino e outro feminino, então a figura feminina poderá representar uma deusa, uma sacerdotisa, ou então qualquer outra mulher da sociedade mesopotâmica. Parece-nos mais plausível associar a presença do divino feminino caso as cenas sejam acompanhadas da representação de símbolos. No selo nº 88, para além do casal, o campo temático é ainda composto por um cão, representado debaixo da cama, onde o ato sexual estaria a ser consumado. Relembramos que este elemento está associado à deusa Gula, ainda que em períodos posteriores. A sua representação neste contexto pode explicar-se segundo uma lógica de apoio/bênção da divindade perante a união (BLACK; GREEN, 1992: 101). Também no selo nº 89 está representado um animal, neste caso um escorpião, animal-símbolo de Išhara (BLACK; GREEN, 1992: 110). Ora, a representatividade de um símbolo evocativo desta(s) divindade(s) entraria em concordância com o ato sexual consumado, parecendo denunciar uma mesma lógica de legitimação divina perante a

²⁷⁶ Numa proporção de 6 em 62.

²⁷⁷ Veja-se FRANKFORT, 1955: 38.

união sexual²⁷⁸. É ainda de notar que este último selo é composto por um vaso com palhinhas para beber, remetendo para a ideia de banquete/celebração, quiçá evocando assim uma união matrimonial. Por outro lado, este suporte de consumo foi utilizado em elementos da cultura material do período Babilónico antigo, em cenas erótico-sexuais do tipo *coitus a tergo*²⁷⁹, podendo a ideia de sexualidade associada ao consumo de bebidas ter tido a sua génese nestes períodos mais remotos²⁸⁰.

Quanto aos contextos arqueológicos, os selos números 88 e 89 foram exumados em contextos habitacionais²⁸¹, enquanto que o selo nº 90 foi identificado numa estrutura religiosa²⁸². A presença de selos com motivos erótico-sexuais em habitações denota o carácter legitimador e civilizacional²⁸³ que os mesopotâmios conferiam ao ato sexual, independentemente da condição social. Por outro lado, tendo em conta os paralelos que podem ser estabelecidos com as placas de terracota com motivos eróticos do período Babilónico antigo, estes selos puderam ter desempenhado uma mesma função apotropaica, atuando no âmbito do culto doméstico ligado à magia popular²⁸⁴. Por outro lado, a presença do selo nº 90 no templo de Šara, no santuário principal do complexo religioso, poderá denotar a sua associação com o divino, talvez com Inanna/Ištar, não só devido às concepções amorosas e sexuais que a deusa evocaria, mas também devido à sua ligação com o deus Šara. Este selo poderá ter constituído uma oferenda cúltica de um devoto ao templo, ou ter pertencido a um sacerdote/sacerdotisa do mesmo. Neste último caso, teria sido utilizado em rituais de celebração ligados à fertilidade, ao amor e à sexualidade.

²⁷⁸ Veja-se Anexo 12, Fig. 43.

²⁷⁹ Veja-se ASSANTE, Julia (2002) “Style and Replication in ‘Old Babylonian’ Terracotta Plaques. Strategies for Entrapping the Power of Images”, in *Ex Mesopotamia et Syria Lux: Festschrift für Manfred Dietrich zu seinem 65. Münster*, Ugarit-Verlag, pp. 1-29.

²⁸⁰ Veja-se Anexo 12, Fig. 44.

²⁸¹ O selo nº 88 foi encontrado no *locus*: O 44:6; nível: Casas III (FRANKFORT, 1955: Plaque 34); o selo nº 89 foi exumado no *locus*: H 19:3; nível: Casas Va (FRANKFORT, 1955: Plaque 53).

²⁸² O selo nº 90 foi exumado no *locus*: M 14:2; nível: Templo Šara (FRANKFORT, 1955: Plaque 72).

²⁸³ O papel civilizacional conferido pelo *homo religiosus* mesopotâmio ao ato sexual encontra-se presente na *Epopéia de Gilgameš* (Tab. I), no episódio que relata o encontro sexual entre Enkidu e Šamhat, do qual resulta o processo civilizacional do homem primevo (Enkidu) (DALLEY: 1989: 53-54)

²⁸⁴ Veja-se ASSANTE, Julia (2002) “Sex, Magic and the liminal body in the Erotic Art and Texts of the Old Babylonian period” in *Sex and Gender in Ancient Near East*, Vol. I. Helsinki, Rencontre Assyriologique Internationale, pp. 27-52.

Relativamente à segunda temática, isto é, a “deusa” nua, foi analisado o selo nº 91, exumado em Ishchali, no templo de Kititum²⁸⁵. Embora FRAKFORT (1955) tenha identificado a figura feminina nua representada no selo supracitado como sendo uma divindade feminina, colocamos o termo “deusa” entre aspas, uma vez que não consideramos haver indícios fortes que nos permitam fazer esta associação, nomeadamente a ausência da coroa chifrada. No que diz respeito à nudez, esta pode assumir múltiplas interpretações de acordo com o contexto. Isto é, a representação de figuras nuas pode estar associada à fertilidade, no domínio do erotismo; a ações rituais; enquanto símbolo de poder e distinção social, sobretudo na representação de deuses e heróis. Pode, pelo contrário, também ter uma conotação negativa, associada à morte ou à derrota, evocando uma ideia de despojamento material (BAHRANI, 1993: 13-18). Neste caso específico, o facto de o selo ter sido exumado numa estrutura cúllica, o complexo Kititum, parece apontar para uma nudez associada a um contexto cúllico²⁸⁶.

Na glíptica em análise, a figura feminina nua surge, normalmente, em posição frontal e pode ocupar várias posições no espaço do selo: enquanto figura central, flanqueada num dos lados pela deusa Lama e no outro por uma figura masculina (um atendente/orante); perdendo a sua centralidade e passando a ocupar um dos lados da cena, encontrando-se ladeando a deusa suplicante Lama; num dos lados da cena, geralmente junto a um orante que está a ser apresentado, geralmente, ao deus Utu/Šamaš ou a Nergal; enquanto um sujeito de adoração pelas figuras que compõem a cena. Geralmente, em todos os casos, ela é de reduzidas dimensões quando comparada com as restantes figuras antropomórficas estando associada a um símbolo de governança, o bastão (PIZZIMENTI, 2014: 137-138). De facto, a “deusa” nua representada no selo nº 91 parece segurar um objeto, talvez uma espada ou um bastão, elemento que poderá evocar a realeza mesopotâmica. Assim, talvez estejamos perante a figura da deusa Inanna/Ištar

²⁸⁵ FRANKFORT, 1955: Plaque 86. Os selos números 92 e 93 também evocam a presença de uma figura feminina nua, em tudo semelhante à do selo nº 91. Contudo, uma vez que estes selos foram comprados, e, por isso, os seus contextos arqueológicos são desconhecidos, não os considerámos como amostragem principal. Para a descrição detalhada destes selos consulte-se as Fichas de Inventário (Anexo 13).

²⁸⁶ A representação de figuras femininas nuas é um dos motivos mais antigos da arte do Médio Oriente Antigo, remetendo, pelo menos, para o VII/VI milénios a. C., e perdurando no tempo. Os estudos sobre a nudez, sobretudo associada ao feminino, realizados ao longo dos séculos XIX e XX, foram marcados por uma visão negativa, que associava automaticamente a representação do nu à sexualidade e ao erotismo. No entanto, a verdade é que a nudez na Mesopotâmia não encontra uma carga moralizante, podendo ser aplicada, na arte, a diversos contextos e não apenas evocando o erotismo ou a sexualidade (GREVE-ASHER; SWEENEY, 2006: 111-112; BAHRANI, 1993: 12).

na sua vertente governativa – ou seja, a deusa enquanto outorgante das insígnias do poder real. Neste sentido, a nudez deve ser entendida como um símbolo de poder e de superioridade²⁸⁷.

Para além da hipótese acima explicitada, também a entidade suplicante Lama foi reconhecida, no reinado de Ammiditana e de Samsuditan da Babilónia, como estando nua. De facto, a passagem patente no título do ano a que nos referimos onde se evoca a presença de Lama(s) nuas protetoras, parece evidenciar que a nudez poderia também ter conotações apotropaicas²⁸⁸. Ao corpo descoberto era, ao que nos parece, conferido então um carácter benfazejo (GREVE; SWEEDY, 2006: 127-128).

Ainda sobre o selo nº 91, é de referir que este foi o único selo da amostragem do Diyala fabricado em cristal, matéria-prima nobre e rara na geografia do território mesopotâmico, o que manifesta o elevado poder económico do seu detentor.

A terceira temática (casal “divino”), compreende as cenas patentes nos selos números 94 e 95, exumados em Ishchali e Khafajah, respetivamente. A sua análise apresenta o mesmo desafio quanto à identificação dos elementos antropomórficos como sendo divindades²⁸⁹ ou não. Neste sentido, o selo nº 94, datado do período de Isin-Larsa/Babilónico antigo, apresenta uma cena composta por um casal “divino” abraçado, encontrando-se ao lado deste um animal híbrido com cabeça de leão, que segura numa das mãos um punhal e, na outra, uma cabeça humana. Este motivo iconográfico, para além da sua raridade no que concerne à região do Diyala, é também incomum na glíptica de todos os períodos. FRANKFORT (1955) aponta a possibilidade de estarmos perante uma cena que evoca um episódio mitológico. Na sua perspetiva, o casal divino poderia corresponder ao par divino Ereškigal-Nergal, pois a presença da figura híbrida que segura o punhal e a cabeça humana foi por ele entendida como uma possível personificação da doença, da praga ou da pestilência. Ora, esta figura seria porventura tutelada pelo deus Nergal,

²⁸⁷ Esta mesma imagem governativa é representada no baixo-relevo normalmente intitulado “Queen of the Night”, no qual a nudez se assume com um símbolo de poder e de superioridade da deusa, expressando a outorgadas insígnias do poder real ao rei terreno (*British Museum*, https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1355376&partId=1, Janeiro 2019). Nesta perspetiva, o orante presente no selo nº 91 poderá evocar a figura do monarca terreno mesopotâmico.

²⁸⁸ «Year in which Ammiditana, the king, made and adorned with reddish gold and precious stones powerful naked protective deities who pray for his life and brought the Lammas to Inanna the great Lady of Kish who raises the head of her king». Veja-se, <https://cdli.ucla.edu/tools/yearnames/HTML/T12K9.htm> [29a, (MCS 2 50, VAT 679)], Janeiro de 2019.

²⁸⁹ FRANKFORT, 1955: Plaquas 86 e 36, respetivamente.

consorte da deusa Ereškigal, sendo que a doença se interliga com a morte e, conseqüentemente, com o Inframundo, que este par divino governa (FRANKFORT, 1955: 46).

No entanto, muitas dúvidas prevalecem sobre o motivo iconográfico deste selo, uma vez que não são conhecidas na arte mesopotâmica representações do casal divino inframundano. De facto, a figura híbrida que acompanha o par transmite uma imagem de morte, noção reforçada pela adaga e pela cabeça humana que segura, um elemento que poderá corroborar a associação acima enunciada. Contudo, nenhum dos componentes do par dispõe de insígnias que permitam a sua identificação, quer no que diz respeito à coroa chifrada, quer a outra simbologia que os ligue a um domínio cósmico específico. Quanto aos outros motivos que compõem a cena, isto é, as duas cabeças de leão cruzadas e o anão²⁹⁰, estes são também elementos iconográficos atípicos, cujo significado é enigmático. A representação de dois seres antropomórficos abraçados surge sobretudo em placas de terracota do período Babilónico antigo, sendo o ato em si entendido como uma representação de hierogamia. As figuras são comumente consideradas como a deusa Inanna/Ištar e o governante mesopotâmico (GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 270-272). O facto de o selo ter sido exumado numa estrutura cültica, no templo dedicado a Ištar de Kititum²⁹¹, poderá elucidar-nos sobre o facto de estarmos perante um *ex-voto* ofertado ao templo, ou então de este ter sido pertença de um membro da elite sacerdotal do templo. Seria, talvez utilizado em rituais, tendo como intuito combater doenças e/ou pragas.

Quanto ao selo nº 95, a hipótese de as figuras antropomórficas serem identificadas como divindades foi levantada por AMIET; LAMBERT (1980). Os autores referem que este selo representaria a família divina, composta pelos progenitores e pelo seu filho (AMIET; LAMBERT, 1980: 169). Já FRANKFORT adiantou a hipótese de estarmos perante a representação de uma cena de carácter mitológico, evocativa da viagem de barco realizada por Gilgameš, acompanhado por Ut-Napistim, com o propósito de encontrar a planta que lhe conferiri-a a imortalidade (FRANKFORT, 1955: 37). Não obstante as hipóteses levantadas, a

²⁹⁰ O anão era entendido como uma figura ligada à dança e à música, estando, por isso, associado a rituais de entretenimento. Para além desta sua vertente, foi percecionado como uma entidade benigna que atuava como uma espécie *daemom*. Esta conceção apotropaica encontra paralelos no Egipto, nomeadamente com o deus-anão Bes que estava associado à proteção dos bebés recém-nascidos e das mães, tendo esta divindade penetrado na Mesopotâmia e em outras regiões do Médio Oriente Antigo (BLACK; GREEN, 1992: 41; 73). Assim, esta noção benfazeja poderá ter sido uma das mais-valias do selo em análise.

²⁹¹ *Locus*: Q 29:2; nível: Kititum II (FRANKFORT, 1955: Plaque 869).

verdade é que o selo em análise se encontra em mau estado de conservação, acrescentando-se o facto de datar do período Dinástico Arcaico, momento marcado, como já referimos, por uma grande estilização²⁹². A identificação do divino feminino no selo só é possível se tomarmos como ponto de partida a hipótese levantada por AMIET; LAMBERT. Nesta ótica, a deusa é representada enquanto esposa e mãe. O facto de a família se encontrar numa embarcação poderá expressar as constantes deslocações que os mesopotâmios efetuavam diariamente, por via marítima, para chegar a outros núcleos urbanos.

Por último, no que respeita ao contexto arqueológico, sabe-se apenas que o selo nº 95 foi exumado numa estrutura habitacional²⁹³, não existindo mais informações sobre o compartimento da casa onde foi identificado. A escolha deste motivo em concreto poderá então ter recaído no facto de este representar uma cena de carácter mitológico. Por outro lado, e uma vez que as deslocações através de embarcações eram comuns na Mesopotâmia, onde a geografia era marcada pelos rios, poderá porventura indicar uma ligação do proprietário do selo ao mar e à atividade marítima.

²⁹² Sobre a glíptica do período Dinástico Arcaico, veja-se COLLON, 1987: 20-27.

²⁹³ *Locus*: N 51; nível: Casas II (FRANKFORT, 1955: Plaque 36).

CONCLUSÃO

A análise cruzada entre a Arqueologia e a História, nomeadamente a História das Religiões, e os Estudos de Género permitiram colocar o objeto do passado em diálogo com os agentes históricos. O estudo que efetuamos a partir dos selos cilíndricos exumados nos quatro arqueossítios da região do Diyala (Tell Asmar, Khafajah, Ishchali e Tell Agrab), numa lógica diacrónica, entre os finais do IV milénio a.C. e os inícios do II milénio a.C., possibilitou uma visão mais integradora sobre a forma como o divino feminino foi conceptualizado na Mesopotâmia.

De facto, a multiplicidade de espaços identificados nos arqueossítios em análise, isto é, palacianos, cúlticos e domésticos, abriu caminho a uma análise, ainda que preliminar, sobre os múltiplos grupos sociais que compuseram a civilização mesopotâmica ea forma como os mesmos entenderão o seu divino feminino. Embora esta região fosse marcada por uma grande heterogeneidade cultural, dado os profundos contactos entre vários contextos conseguimos discernir uma certa unidade na pluralidade que caracteriza o seu sistema religioso.

O estudo dos materiais de fabrico utilizados na produção dos selos cilíndricos do Diyala permitiu confirmar que o uso de matérias-primas respondia acima de tudo a questões económicas e não tanto a gostos, a modas ou a regionalismos próprios. Nesta lógica, a pedra enquanto matéria-prima preferencialmente utilizada no fabrico de selos cilíndricos era, naturalmente, a mais procurada pelas elites. Contudo, o simbolismo conferido aos selos ultrapassava em muito o valor económico que estes possuíam, pois eram acima de tudo um sinónimo de poder, fundamental na manutenção do estatuto. Esta dinâmica é apresentada na glíptica do Diyala sobretudo nos exemplares fabricados em lápis-lazúli, em ametista e em cornalina, pois estes estariam confinados a membros da elite palaciana e cúltica, ou até mesmo ao próprio governante. As inscrições, ainda que raras, confirmam esta relação entre o material de fabrico e o poder económico dos proprietários dos selos (exemplos disto são os selos números 3, 6, 10 12, 13, 15, 34, 49, 54 e 55). Paralelamente, a amostragem do Diyala regista uma percentagem elevada de selos produzidos em concha e em calcário. Os selos produzidos em matérias-primas mais baratas foram, na maioria dos casos, exumados em estruturas habitacionais, fora dos espaços do palácio e do templo, o que deverá evidenciar a sua utilização por parte de grupos sociais mais baixos.

Neste sentido, o estudo dos materiais de fabrico em relação com os espaços onde estes selos cilíndricos foram identificados expressa uma lógica popular. Simultaneamente, as temáticas iconográficas presentes em selos deste tipo ostentam divindades femininas que não encontram uma expressão literária forte. Como tal, é neste conjunto que podemos identificar o papel destas deusas no culto mais íntimo e privado do *homo religiosus* (tomemos como exemplos os selos onde surgem representadas as deusas da fertilidade: 38, 39, 40, 47).

De igual modo, o estudo das várias temáticas da glíptica do Diyala, alicerçado aos possíveis usos e funções dos selos, confirmou a perceção dos mesmos como ferramentas de poder, sobretudo numa lógica de afirmação e legitimação da retórica governativa. Exemplo máximo desta conceptualização são as cenas de apresentação, motivo decorativo que proliferou na glíptica do período de Isin-Larsa/Babilónico antigo. As cenas de apresentação traduzem, sem dúvida, uma lógica mais pessoal e identitária, ainda que não possam ser dissociadas da retórica política. Como tal, estas cenas atestam a utilização dos selos cilíndricos como mecanismos de controlo administrativo e de poder ao longo da história da Mesopotâmia. Naturalmente, nas três categorias de funções dos selos cilíndricos que analisámos (político-administrativo, social-estética e religiosa) é indissociável o carácter cúltrico-religioso conferido aos selos, quer enquanto *ex votos*, quer enquanto amuletos. Numa civilização marcada por um pensamento claramente teocêntrico, onde o divino era a força motriz da existência cósmica, seria fundamental fortalecer o vínculo de afeto e interdependência entre deuses e humanos estipulado no momento antropogónico. Aliás, esta manutenção do culto às divindades era fulcral para o equilíbrio cósmico procurado incessantemente pelo *homo religiosus* mesopotâmico. Em última análise, o estudo dos materiais de fabrico e dos usos e funções conferidos à glíptica do Diyala permitiu descortinar dinâmicas sociais distintas. Estas dinâmicas traduziram-se em múltiplas formas de conceber o divino feminino, pois a construção dos arquétipos de feminilidade foi realizada sob distintas óticas.

As cenas de apresentação acima referidas parecem afirmar a confluência entre a religiosidade oficial e o culto popular, não só devido à multiplicidade de contextos arqueológicos onde os selos com esta temática foram exumados, mas também, e sobretudo, pelo facto da deusa intercedente Lama mediar as relações entre os diferentes grupos sociais. De facto, a deusa Lama era a responsável pelo estabelecimento das hierarquias, quer entre o divino e a humanidade,

numa lógica sintomática à ideologia real, quer entre pares humanos, numa perspectiva de vassalagem sociopolítica.

A presença da deusa Lama nestas representações prova que ao feminino foram atribuídos papéis e funções que extrapolavam os tradicionais domínios conferidos a este, no âmbito da historiografia tradicional. Note-se que esta entidade não surge na glíptica do Diyala circunscrita à esfera doméstica ou ao domínio da maternidade. Pelo contrário, a deusa apresenta-se como um agente de poder efetivo, garantindo o bom porvir nas relações sociais estabelecidas. Os dados arqueológicos confirmam a importância no que dizia respeito ao seu culto por parte dos mais variados grupos sociais, pois a sua representação surge em selos cilíndricos exumados quer em estruturas palacianas, quer em espaços cúlticos, como em zonas habitacionais. Esta polivalência de espaços entrava em concordância com o caráter múltiplo conferido ao divino feminino pelo *homo religiosus* mesopotâmico.

Por outro lado, a análise da presença recorrente da deusa Lama na glíptica do Diyala levou-nos a questionar uma problemática recorrente na História das Religiões: a categorização de um universo divino politeísta como composto por divindades “maiores” e “menores”. Nesta perspectiva, as conclusões que decorrem da análise das grandes produções literárias e das listas de deuses, que se assumem como produtos da elite, apresentam certas divindades como “maiores, tendo em conta o seu protagonismo nas narrativas míticas e a hierarquia estipulada pelas referidas listas. Já as divindades ditas “menores”, quase inexistentes nas fontes escritas ou então surgindo nestas como auxiliares das divindades “maiores” são referidas como de importância religiosa reduzida. No entanto, a elevada representatividade da deusa Lama na glíptica do Diyala parece colocar em causa esta lógica. É certo que o papel secundário da deusa Lama na cena iconográfica em relação à divindade entronizada parece confirmar os relatos escritos. Contudo, esta divindade é uma das personagens mais importantes da glíptica do Diyala, surgindo, a par da deusa Inanna/Ištar, como a grande intermediária entre os vários planos cósmicos. A grande heterogeneidade de contextos arqueológicos onde a deusa Lama surge representada parece atestar a sua importância na religiosidade mesopotâmica. O seu culto atestado quer no contexto oficial, quer no âmbito popular acentua o seu papel preponderante no universo divino mesopotâmico.

No fundo, os dados da Arqueologia dão-nos uma visão distinta sobre as hierarquias divinas do passado, abrindo caminho a um entendimento atual mais abrangente sobre o pensamento religioso mesopotâmico. Ao mesmo tempo, permitem-nos um afastamento de concepções anacrónicas sobre a forma de pensar os sistemas religiosos politeístas. Os dados arqueológicos devem assim ser entendidos como um contributo imperativo que completa as informações patentes nas fontes escritas.

Igualmente interessante nesta lógica são as cenas iconográficas onde surgem representadas as deusas da fertilidade. Estas divindades, tal como a deusa Lama, não detêm um protagonismo literário evidente, ainda que sejam referidas em hinos e lamentações, como é o caso da deusa Nisaba/Nidaba. Contudo, a glíptica do Diyala parece conferir às deusas da fertilidade um importante protagonismo cúltico, sobretudo no que diz respeito aos contextos arqueológicos habitacionais. Não obstante, e ainda que os selos com esta temática da fertilidade tenham sido exumados em espaços domésticos, não podemos esquecer que no âmbito oficial a importância desta temática confirma-se através da presença da deusa Inanna/Ištar, divindade intimamente ligada à realeza e que tutelava também a fertilidade cósmica.

Devemos, contudo, sublinhar que a relação da fertilidade com o divino feminino não é exclusiva, já que neste tipo de cenas aparecem representações antropomórficas e simbólicas do divino masculino (cuja análise cruzada se afirma como um dos caminhos futuros de investigação). Aliás, o facto da grande maioria das divindades da fertilidade representadas na amostragem não ser plenamente identificável pode até indicar que o objetivo seria expressar a importância da fertilidade e da tutela divina sobre a mesma, independentemente do género e da identidade específica do ser divino. Dado que a presente dissertação se concentra no divino feminino, o que nos parece é que o carácter fértil e abundante conferido às deusas ultrapassa em muito a fertilidade maternal ou sexual, afirmando-se antes como um símbolo de poder a todos os níveis.

Esta concepção de poder do divino feminino parece também ter tido destaque nos selos onde as deusas se encontram entronizadas, pois o protagonismo na cena é delas. Para além de se encontrarem sentadas no trono, a sua superioridade é evidenciada pela linguagem subserviente expressa quer por elementos humanos, quer por divindades, quer por animais que integram a cena (mão elevada à altura da boca ou prostrados perante a deusa). Uma vez mais o papel das

deusas nestas representações não está relacionado com questões maternais ou sexuais, pois as divindades femininas não são representadas nestes contornos. Pelo contrário as figuras que compõem o campo temático expressam uma noção de vassalagem e interdependência relativamente a estas deusas. Devemos sublinhar que também as figuras divinas masculinas são apresentadas entronizadas, o que mais uma vez reforça a ideia que o poder divino é que era importante de ser representado, independentemente do género da divindade. Também as cenas de banquete parecem deixar transparecer esta mesma lógica de complementariedade, pois ambos os sexos são representados nos mesmos contornos.

O exemplo máximo do protagonismo do divino feminino na glíptica do Diyala é, sem surpresas, a deusa Inanna/Ištar, figura maior no sistema religioso mesopotâmico, em termos latos. Na nossa amostragem, esta divindade surge representada na sua forma antropomórfica, mas também através de símbolos astrais, zoomórficos e vegetais, expressando a multiplicidade de formas que o divino assumiu nas representações iconográficas mesopotâmicas.

Na sua forma antropomórfica, Inanna/Ištar apresenta-se como dominando esferas tradicionalmente associadas ao género masculino, tais como a governança e a guerra. De facto, nos selos cilíndricos do Diyala, a deusa não é representada sob contornos matrimoniais ou sexuais, mas sim como aquela que outorgava as insígnias do poder real ao suserano, por ela escolhido e abençoado. O afeto da deusa relativamente ao governante não é apenas de cariz maternal ou sexual (nas fontes escritas a deusa aparece comumente como “mãe” adotiva e esposa/amante simbólica do governante), mas sim como um símbolo do seu apoio divino.

Por outro lado, os selos números 58 e 59 da amostragem, onde a deusa surge representada na sua faceta governativa e bélica, foram exumados em estruturas cúlticas dedicadas aos deuses lunar e solar. Podemos sugerir que esta presença se deve aos laços familiares, uma vez que o deus Nanna/Sîn foi entendido como seu pai e o deus Utu/šamaš foi percebido como seu irmão. Nesta ótica, a presença de selos com a representação de Inanna/Ištar em templos dedicados a divindades com as quais apresentava laços familiares poderá expressar uma lógica de solidariedade e afinidade familiar, que também está patente no plano terreno.

Para além da representação antropomórfica, também os símbolos foram abundantemente utilizados para marcar a presença de Inanna/Ištar. O pilar de juncos traduz o domínio da deusa sobre o espaço, marcando a sua morada terrena mas também o seu carácter liminar. Esta

divindade aparece nas fontes literárias como aquela que controla o espaço urbano e a estepe, que governa os domínios superiores, mas tenta usurpar o plano cósmico do Inframundo, que controla as relações no palácio e na taberna. FRANKFORT (1955) insistiu em entender o pilar de juncos como um símbolo da deusa-mãe, algo que nos parece redutor, dada a abrangência da ação desta divindade. Consideramos, então, que este símbolo, ainda que expresse a fertilidade e a abundância providenciadas pela deusa, assume-se como um marco do poder de Inanna/Ištar sobre o cosmos.

Já a roseta e/ou a estrela enquanto símbolos astrais de Inanna/Ištar surgem no Diyala, na maioria dos casos, em associação com o pilar de juncos reforçando uma mesma ideia de tutela da deusa sobre os objetos, os espaços e os agentes históricos. Estes símbolos surgem sobretudo em selos datados do período de Uruk/Jemdet Nasr e do período seguinte, Dinástico Arcaico, em espaços de grande importância dentro do complexo religioso, como é o caso da zona do altar, da sala do tesouro e em zonas que apenas comunicavam com o santuário. A representação de tais símbolos nestes espaços parecem reforçar o importante culto a Inanna/Ištar, desde tempos remotos, sobretudo nos arqueossítios de Khafajah e de Tell Agrab. Quanto ao leão, ainda que pouco representado na glíptica do Diyala, surge como animal-símbolo da deusa, sobretudo em selos com cronologias mais recuadas, algo que poderá indiciar que a sua ligação à ideologia real mesopotâmica, plenamente desenvolvida no período Acádico, possa ter tido origem nestes períodos mais antigos.

A simbologia divina foi entendida por algumas correntes historiográficas como uma expressão ancestral e primária do pensamento religioso mesopotâmico, quando comparada com as fases onde o antropomorfismo divino parece dominar a iconografia. Contudo, estudos mais recentes colocam esta hipótese em causa, sublinhando-se até uma tendência para a não representação antropomórfica, a partir de meados do II milénio a.C. No que diz respeito às representações de Inanna/Ištar, notamos uma predominância dos símbolos nos períodos de Jemdet Nasr e Dinástico Arcaico. Contudo, os mesmos não se perdem quando as representações antropomórficas se tornam mais comuns (exceção feita ao pilar de juncos que parece ter sido abandonado). Independentemente de ser representada através de símbolos e/ou através da forma humana a amostragem do Diyala confirma o protagonismo literário que Inanna/Ištar assumiu ao longo do tempo, bem como a transversalidade do seu culto.

A Arqueologia dá-nos, assim, uma outra visão sobre a forma com o divino feminino foi percebido na Mesopotâmia, permitindo-nos levantar múltiplas questões que devem nortear uma futura investigação. Em primeiro lugar, devemos questionar se existiria uma relação entre o poder efectivo do feminino na sociedade e o poder exercido pelas divindades femininas. O nosso estudo mostra que a ação do divino feminino ultrapassa categorias sociais e de género. Então, seria este um reflexo de uma ação feminina (ainda que de bastidores) na sociedade humana? Ou uma manifestação das aspirações femininas num mundo patriarcal?

O que nos leva à segunda grande questão: que vozes estão expressas nas fontes literárias, que eram produto das elites palacianas e/ou cúlticas, claramente lideradas por elementos do sexo masculino? O que nos dizem as fontes materiais sobre estas mesmas vozes, nomeadamente as que expressam a religiosidade pessoal, quando analisadas em conjunto com as escritas?

No futuro, para tentar responder a estas e outras questões, será fundamental alargar o nosso espectro espacial, pois uma abrangência territorial mais ampla permitir-nos-á analisar as dinâmicas do território de uma forma mais consistente. Assim, será possível perceber os traços de continuidade e de disrupção que pautaram o pensamento mesopotâmico sobre o divino feminino. Será também interessante incluir numa futura abordagem as representações iconográficas do feminino humano, tendo em vista perceber se as conceptualizações sobre a mulher acompanharam as realizadas para o divino, ou se pelo contrário foram feitas de forma distinta.

Em suma, o estudo do divino feminino mesopotâmico a partir de uma perspectiva arqueológica abre caminho a novas reflexões. A presente dissertação evidenciou, sem dúvida, a necessidade cada vez maior de integrar uma perspectiva interdisciplinar, que integre as fontes escritas e materiais, pois só assim se torna possível contar uma história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

AMIET, Pierre (1973) *Bas-reliefs imaginaires d'après les cachets et les sceaux-cylindres. Exhibition catalogue, Hôtel de la Monnaie*. Paris.

AMIET, Pierre; LAMBERT, Maurice (1980) *La glyptique mésopotamienne archaïque. 2ème édition revue et corrigée avec un supplément*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

BOROVSKI, Elie (1947) *Cylindres et Cachets Orientaux conservés dans les collections suisses*, I. Ascona.

BOTTERÓ, Jean; KRAMER, Samuel Noah (1993) *Lorsque les dieux faisaient l'homme: mythologie mésopotamienne*. Paris: Gallimard.

BUCHANAN, J.A (1966) *Catalogue of the Ancient Near Eastern seals in the Ashmolean Museum I, Cylinder seals*. Oxford.

BUCHANAN, J.A (1981) *Early Near Eastern seals in the Yale Babylonian Collection*. New Haven and London.

CARNEGIE, H (1908) *Catalogue of the Collection of Antique Gems formed by James Ninth Earl of Southesk K.T. II*. London.

CARNEGIE, H (1908b.) *Catalogue of the Collection of Antique Art formed by James Ninth, Earl of Southesk*. London.

CASANOWICZ, I.M. (1926) *The Collection of Ancient Oriental Seals in the United States National Museum*. Washington.

COLLON, D. (1982) *Catalogue of the Western Asiatic Seals in the British Museum – Cylinder Seals II, Akkadian – Post Akkadian – Ur III periods*. London.

COLLON, D. (1982b.) *The Alalakh cylinder seals – A new catalogue of the actual seals excavated by Sir Leonard Wooley at Tell Atchana, and from neighboring sites on the Syrian-Turkish border*. British Archaeological Reports, International Series 132. Oxford.

COLLON, D. (1986) *Catalogue of the Western Asiatic Seals in the British Museum – Cylinder Seals III, Isin/Larsa and Old Babylonian Periods*. London.

COLLON, Dominique (1987) *First impressions: cylinder seals in the ancient Near East*. London: British Museum Publications.

CULLIMORE, A. (1842) *Oriental Cylindres No. I*. London.

DALLEY, Stephanie (1989) *Myths from Mesopotamia- Creation, the Flood, Gilgamesh and others*. Oxford: Oxford University Press.

DELAPORTE, L. (1909) *Catalogue du Musée Guimet – Cylindres Orientaux (Annales du Musée Guimet 33)*. Paris.

DELAPORTE, L. (1910) *Catalogue des Cylindres Orientaux et Cachets assyro-babyloniens, perses et syro-cappadociens de la Bibliothèque Nationale*. Paris.

DELAPORTE, L. (1920) *Musée du Louvre, Catalogue des Cylindres Orientaux I, Fouilles et Missions*. Paris.

DE CLERCQ, L.; MENANT, J. (1888) *Collection de Clercq – Catalogue méthodique raisonné, Antiquités assyriennes I, Cylindres Orientaux*. Paris.

DOUMET, Claude; AMIET, Pierre (1922) *Sceaux et cylindres Orientaux: la collection Chiha*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

EISEN, G.A. (1940) *Ancient oriental and other seals with a description of the collection of Mrs. Willian H. Moore. Oriental Institute Publications 47*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

ELLIS, Maria de Jong (1986) “The Archive of the Old Babylonian Kititum Temple and Other texts from Ishchali” in *JAOS 106*. *Journal of the American Oriental Society*, pp.757-786.

FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

GELB, Ignace J. (1961) *Sargonic Texts from the Diyala Region*. [Materials for the Assyrian Dictionary, No. 1 (2nd Impression)] Chicago: The University of Chicago Press.

GEORGE, Andrew (2003) *The Epic of Gilgamesh*. Penguin.

HAMMADÉ, H. (1987) *Cylinder Seals from the Collection of the Aleppo Museum, Syrian Arab Republic*, Vol. I (Seals of Unknow Provenience). Oxford.

IMAI, A. (1983) *In the Metropolitan Museum of Art: Selections from the Collection of the Ancient Near East Department*. Tokyo: Exhibition in Japan.

JITA ZADOKS-JOSEPHUS (1952) *Catalogue sommaire des cylindres Orientaux na Cabinet Royal des médailles à La Haye*. La Haye.

LEGRAIN, L. (1911) *Catalogue des cylindres Orientaux de la Collection Louis Cugnin*. Paris.

LEGRAIN, L. (1925) *The culture of the Babylonians from their seals in the collection of the museum* (Publications of the Babylonian Section I4). Philadelphia.

MATTHEWS, Donald M. (1997) *The Early Glyptic of Tell Brak: Cylinder Seals of Third Millennium Syria*. Saint-Paul.

NOVECK, M. (1975) *The mark of ancient man – Ancient Near Eastern stamp seals and cylinder seals: The Gorelick Collection*. Brooklyn: The Brooklyn Museum.

PORADA, E. (1948) *Corpus of Near Eastern seals in North American collections I, The Pierpont Morgan Library Collection (The Bollingen Series I4)*. Washington.

RAVN, O.E. (1960) *A catalogue of Oriental cylinder seals and impressions in the Danish National Museum*. Copenhaga.

TEISSIER, B. (1984) *Ancient Near Eastern cylinder seals from the Marcopoli Collection*. Berkeley.

THORKILD, Jacobsen (1933) *Philological notes on Eshnunna and its Inscriptions*. Oriental Institute Assyriological Studies, 6. Chicago: The University of Chicago Press.

TUNCA, O. (1979) *Catalogue des sceaux-cylindres du Musée d'Adana (Syro-Mesopotamian Studies 3/I)*. Malibu.

VAN BUREN, E.D. (1959) *Catalogue of the Ugo sissa collection of stamp and cylinder seals of Mesopotamia*. Rome.

VOLLENWEIDER, M.L. (1967/1983) *Musée d'Art et d' Histoire – Genève – Catalogue raisonné des sceaux cylindres et intailles*. Vols. I-III. Geneva.

VON DER OSTEN, H.H (1934) *Ancient Oriental seals in the Collection of Mr. Edward T. Newell*. *Oriental Institute Publications 22*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

VON DER OSTEN, H.H (1936) *Ancient Oriental seals in the Collection of Mr. Agnes Baldwin Brett*. *Oriental Institute Publications 37*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

WARD, William Haye (1909) *Cylinder and other ancient Seals in the Library of J. Pierpont-Morgan*. New York.

WARD, William Haye (1910) *The Seal Cylinders of Western Asia*. Washington.

WESTENHOLZ, Joan Goodnick (1997) *Legends of the Kings of Akkade: The Texts*. Indiana: Eisenbrauns Winona Lake.

WILLIAMS FORTE, E. (1981) *Catalogue entries on cylinder seals in Muscarella*. Toronto.

WISEMAN, D.J (1959) *Cylinder seals of Western Asia*. London.

WISEMAN, D.J (1962) *Catalogue of the Western Asiatic Seals in the British Museum- Cylinder Seals I, Uruk-Early Dynastic periods*. London.

Instrumentos de Trabalho

BLACK; Jeremy; GEORGE; Andrew; POTSGATE, Nicholas (2000) *A Concise Dictionary of Akkadian*. Germany: Otto Harrassowitz, Wiesbaden.

BLACK, Jeremy; GREEN, Anthony (1992) *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia- an illustrated Dictionary*. London: British Museum Press.

LAFAYETTE, Maximilien de (2015) *Encyclopedia of Gods and Goddesses of Mesopotamia Phoenicia, Ugarit, Canaan, Carthage, and the Ancient Middle East*. New York: Berlin – Times Square Press.

LEICK, Gwendolyn (2002) *A Dictionary of Ancient Near Eastern Mythology*. London and New York: Routledge.

LURKER, Manfred (2005) *The Routledge Dictionary of Gods and Goddesses, Devils and Demons*. Routledge: Taylor & Francis e-Library.

Obras

ADAMS, Robert McC. (1965) *Land behind Baghdad – A History of Settlement on the Diyala Plains*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

ADRIANI, Maurilio (1988) *História das religiões*. Lisboa: Edições 70.

ABUSCH, Tzvi (2015) *Male and Female in the Epic of Gilgamesh: Encounters, Literary History, and Interpretation*. Winona Lake: Indiana EisEnbrauns.

ABUSH, Tzvi (2015b.) *The Witchcraft Series Maqlû (Writings from the Ancient World)*. SBL Press; Edição: First.

ALMEIDA, Isabel (2009) *O caráter do “divino feminino” na literatura mesopotâmica: Inanna/Ištar personificação divina do imaginário feminino* [Texto policopiado]. Dissertação de Mestrado em História das Civilizações do Médio Oriente e Ásia Antiga apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

ALMEIDA, Isabel (2015) *A construção da figura da Inanna/Ištar na Mesopotâmia [Documento eletrónico]: IV-II milénios a.C.* Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

ANNUS, Amar (2010) *Divination and Interpretation of Signs in the Ancient World*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago.

ARUZ, Joan (ed.) (2003) *Art of the first cities: the third millennium B.C. from the Mediterranean to the Indus*. New York: The Metropolitan Museum of Art; New Haven: Yale University Press.

ASSANTE, Julia (2006) “What makes a “Prostitute” a Prostitute? Modern definitions and Ancient meanings” in *Prostitutes and Courtesans of the Ancient World*. Madison: University of Wisconsin Press, pp. 117-132.

AUERBACH, Elise (1994) *Terra Cotta Plaques from the Diyala and their Archaeological and Cultural Contexts*. [Unpublished Ph. D. dissertation]. Chicago: The University of Chicago Press.

BACHOFEN, J.J. (1973) *Myth, Religion, and Mother Right: Selected Writings*. Princeton: Princeton University Press.

BAHRANI, Zainab (2001) *Women of Babylon-gender and representation in Mesopotamia*. Londres/Nova York: Routledge.

BENTO, Berenice (2006) *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

BRYCE, Trevor (2009) *Routledge Handbook Of The Peoples And Places Of Ancient Western Asia - The Near East From The Early Bronze Age To The Fall Of The Persian Empire*. Taylor & Francis LTD.

BRIFFAULT, Robert (1927) *The Mothers*. Riverhead Books.

BOTTÉRO, Jean (1992) *Mesopotamia - writing, reasoning and the gods*. Chicago: University of Chicago Press.

BOTTÉRO, Jean (2004) *Religion in Ancient Mesopotamia*. Chicago: The University of Chicago Press.

BOTTÉRO, Jean (2006) *No Princípio eram os Deuses*. Civilização Brasileira.

BRENIQUET, Catherine (2002) “Animals in Mesopotamian Art” in *A History of the Animal World in the Ancient Near East*. Leiden/Boston/Köln: Brill, pp. 145-168.

BRISCH, Nicole (2008) *Religion and Power Divine Kingship in the Ancient World and Beyond*. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago.

BUDIN Stephanie Lynn (2008) *The Myth of Sacred Prostitution in Antiquity*. Cambridge: New York, Cambridge University Press.

CARAMELO, Francisco (2002) *A linguagem profética na Mesopotâmia (Mari e Assíria)*. Cascais: Patrimonia.

CARAMELO, Francisco (2009) “Erotismo e sexualidade na mesopotâmia: «quem se deitará naquele linho comigo?»” in *A Sexualidade no Mundo Antigo*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, pp. 95 – 114.

CARREIRA, José Nunes (1981) *O homem e a civilização na Mesopotâmia e em Israel*. Açores: Instituto Universitário.

CARREIRA, José Nunes (1993) *História Antes de Heródoto - Historiografia e ideia de história na antiguidade oriental*. Edições Cosmos: Orientalia Lusitana.

CARREIRA, José Nunes (1997) *Outra face do Oriente: O Próximo Oriente em relatos de viagem*. Publicações Europa-América.

CAUVIN, Jacques (2000) *The birth of the gods and the origins of agriculture*. Cambridge: Cambridge University Press.

COLLON, Dominique (2007) “Babylonian Seals” in *The Babylonian World*. Routledge: Taylor & Francis, pp. 95-141.

COLLINS, Billie Jean (2002) *A History of the Animal World in the Ancient Near East*. Leiden/Boston/Köln: Brill.

COOPER, Jerrold S. (1997) “Gendered Sexuality in Sumerian Love Poetry” in *Sumerian Gods and their representations*. Groningen: Styx Publications, pp. 85-97.

CRAWFORD, O. G.S. (1977) *The Eye Goddess*. Delphi Pr.

CRUZ, Catarina Moreira Alfaiate de Oliveira (2009) *Modelos e representações femininas no Antigo Testamento* [Texto policopiado]. Dissertação de Mestrado em História, Área de Civilizações do Médio Oriente Antigo, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

DELOUGAZ, Pinhas (1940) *The Oval Temple at Khafajah*. Chicago: Illinois - The University of Chicago Press.

DELOUGAZ, Pinhas (1942) “Khafajah Mounds B, C and D” (Part II) in *Old Babylonian Public Buildings in the Diyala Region*. Chicago: Illinois –The University of Chicago Institute Publications, Vol. 98, pp. 207-237.

DELOUGAZ, Pinhas (1942b.) “The Khafajah Temples” in *Pre- Sargonid Temples in the Diyala Region (Vol. LVIII)*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 1-153

DELOUGAZ, Pinhas (1952) *Pottery from the Diyala Region (Vol. 63)*. Chicago: Oriental Institute Publications - The University of Chicago Press.

DELOUGAZ; Pinhas; HILL, Harold D.; LLOYD, Seton (1967) *Private Houses and Graves in the Diyala Region*. Chicago: Illinois: Instituto Oriental de Chicago, Publicações da Universidade do Instituto Oriental de Chicago, Vol. LXXXVIII.

DELUMEAU, Jean (1999) *As Grandes religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença.

DINER’S, Helen (1973) *Mothers and Amazons: : The First Feminist History of Culture*. Doubleday.

DUQUE, Luís Henrique (2009) *A glíptica neo-assíria [Texto policopiado]: iconografia, temas e conceitos*. Dissertação de Mestrado em História, Área de História das Religiões apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

DUPLA, Simone Aparecida (2016) *Construções do Imaginário Religioso no Culto a Inanna na Antiga Mesopotâmia: Símbolos e Metáforas de uma Deusa Multifacetada (3200-1600 a.C.)*. Texto apresentado ao programa de Pós-Graduação em História. Mestrado em História, Cultura e Identidades da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

DURAND, Gilbert (1964) *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70.

DURAND, Gilbert; GODINHO, Helder; JABOUILLE, Victor (1982) *Mito, símbolo e mitologia*. Lisboa: Presença.

ELIDE, Mircea (1992) *O Sagrado e o Profano – a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil.

ELIADE, Mircea (2004) *Tratado de História das Religiões*. Porto: Edições Asa.

ELIDE, Mircea (2010) *O Sagrado e o Profano – a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil.

FELLI, Candida (2015) “On Naked Woman: A case study” in *From the Treasures of Syria. Essays on Art and Archaeology in Honour of Stefania Mazzoni*. Leiden: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten , pp. 217 – 239.

FRANKFORT, Henri; JACOBSEN, Thorkild; PREUSSER, Conrad (1932), *Tell Asmar and Khafajah: The First Season Work in Eshnunna 1930/31*. Chicago: Oriental Institute of Chicago: Oriental Institute Publications.

FRANKFORT, Henri (1939) *Sculpture of the Third Millennium B.C. from Tell Asmar and Khafajah*. Oriental Institute Publications, 64. Chicago: The University of Chicago Press.

FRANKFORT, H. (1939b.) *Cylinder Seals*. London.

FRANKFORT, Henri; LLOYD, Seton; JACOBSEN, Thorkild (1940) *The Gimilsin Temple and the Palace of Rulers at Tell Asmar*. Chicago: The University of Chicago Press.

FRANKFORT, Henri (1943) *More Sculpture from the Diyala Region*. Oriental Institute Publications, 60. Chicago: The University of Chicago Press.

FRANKFORT, Henri (1976) *Reys y dioses: estudio de la religión del Oriente Próximo en la Antigüedad en tanto que integración de la sociedad y la naturaleza*. Madrid: Revista de Occidente.

FRANKFORT, Henri (1996) *The Art and Architecture of the ancient Orient*. New Haven: Yale University Press.

FINKEL, I.L.; GELLER, M.J. (1997) *Sumerian Gods and their representations*. Groningen: Styx Publications.

FORTE-WILLIAM, Elizabeth (1983) “Annotations of the Art” in *Inanna, Queen of Heaven and earth- her stories and hymns from Sumer*. New York, Harper & Row Publishers.

GARELLI, Paul (1980) *El próximo Oriente Asiático. Desde los orígenes hasta las invasiones de los pueblos del mar*. Barcelona: Editorial Labor.

GARELLI, Paul; NIKIPROWETZKY, V. (1981) *El próximo Oriente Asiático. Los imperios mesopotámicos. Israel*. Barcelona: Editorial Labor.

- GIMBUTAS, Marija (1989) *The Language of the Goddess*. London: Thames & Hudson.
- GOODISON, Lucy, MORRIS, Christine (1998) *Ancient Goddesses: the myths and the evidence*. London: British Museum Press.
- GREEN, A. (1997) “Myths in Mesopotamian Art” in *Cuneiform Monographs – Sumerian Gods and Representations*. Groningen: Publications Groningen, pp. 135-158.
- GREVE, Julia M. Asher (2006) “Golden Age of Women? Status and Gender in Third Millennium Sumerian and Akkadian Art” in *Images and Gender: Contributions to the Hermeneutics of Reading Ancient Art*. Academic Press Fribourg: Vandenhoeck & Ruprecht Gottingen, pp. 41-81.
- GREVE, Julia Asher; SWEENEY, Deborah (2006b.) “On Nakedness, Nudity, and Gender in Egyptian and Mesopotamian Art” in *Images and Gender: Contributions to the Hermeneutics of Reading Ancient Art*. Fribourg and Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, pp. 125-176.
- GREVE, Julia Asher; WESTENHOLZ, Joan Goodnick (2013) *Goddesses in Context: On Divine Powers, Roles, Relationships and Gender in Mesopotamian Textual and Visual Sources*. Fribourg; Göttingen: Academic Press; Vandenhoeck Ruprecht.
- GRONEBERG, Brigitte (2007) “The Role and function of goddesses in Mesopotamia” in *The Babylonian World*. Routledge: Taylor & Francis, pp. 319-332.
- GUTERBOCK, Hans Gustav; YENER, K. Aslihan; HOFFNER, Harry A.; DHESI, Simrit (2002) *Recent Developments in Hittite Archaeology and History – Papers in Memory of Hans G. Guterbock*. Indiana: Eisenbrauns - Winona Lake.
- HATAB, Lawrence (1990) *Myth and Philosophy. A contest of truths*. Illinois: La Salle, Open Court.
- HILL, Harold D.; JACOBSEN; Thorkild (1990) “Excavations at Ishchali” (Part I) in *Old Babylonian Public Buildings in the Diyala Region*. Chicago: Illinois –The University of Chicago Institute Publications, Vol. 98, pp. 1-159.
- HILZHEIMER, Max (1941) *Animal Remains from Tell Asmar*. Oriental Institute Studies in Ancient Oriental Civilization, 20. Chicago: The University of Chicago Press.

HODDER, Ian, SHANKS, Michael (1995) “Processual, postprocessual and interpretive archaeologies” in *Interpreting Archaeology. Finding meaning in the past*. London: Routledge, pp. 3-29.

JACOBSEN, Thorkild (1978) *The Treasures of Darkness: A History of Mesopotamian Religion*. Yale University Press.

KRAMER, Samuel Noah (1997) *A História começa na Suméria*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

KUHRT, Amélie (1995) *The Ancient Near East c. 3000 – 300 B.C*, 2 vols. London: Routledge.

LAMBERT, W.G. (1987) “Goddesses in the pantheon: a reflection of women in society?” in *La femme dans le Proche Orient Antiqué-R.A.I.* Paris: Éditions Recherche sur les civilisation, pp. 125-130.

LANGDON, Stephen (1914) *Tammuz and Ishtar : a monograph upon Babylonian religion and theology containing extensive extracts from the Tammuz liturgies and all of the Arbela oracles*. Oxford : Clarendon Press.

LEICK, Gwendolyn (1994) *Sex and Eroticism in Mesopotamian Literature*. Routledge: Taylor & Francis.

LEISTEN, Beate Pongratz (2008) “Sacred Marriage and the Transfer of Divine Knowledge: Alliances between the Gods and the King in Ancient Mesopotamia” in *Sacred Marriages - The Divine-Human Sexual Metaphor from Sumer to Early Christianity*. Indiana: Winona Lake, pp. 43- 73.

LERNER, Gerda (1986b.) *The Creation of Patriarchy*. New York & Oxford: Oxford University Press.

LLOYD, Seton (1942) “The Shara Temple at Tell Agrab” in *Pre- Sargonid Temples in the Diyala Region (Vol. LVIII)*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 218-285.

LLOYD, Seton (1942b.) “The Abu Temple at Tell Asmar” in *Pre- Sargonid Temples in the Diyala Region (Vol. LVIII)*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 156-214.

LLOYD, Seton (1947) *Foundations in the Dust – A story of Mesopotamian Exploration*. Oxford: Oxford University Press.

LLOYD, Seton (1967) “Tell Agrab” in *Private Houses and Graves in the Diyala Region* (Vol. LXXXVIII). Chicago: The University of Chicago Press, pp. 267-273.

LÓPEZ, Jesus; SANMARTÍN, Joaquín (1993) *Mitología y Religión del Oriente Antiguo I Egipto-Mesopotamia*. Sabadell: Editorial AUSA.

LOURO, Guacira Lopes (1997) *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.

MAGNESS-GARDINER (1987) *Seals and Sealings in the Administration of the State: A Functional Analysis of Seals in Second Millennium B.C. Syria*. University of Arizona: PhD Dissertation.

MANDER, P.; DURAND, J.M. (1995) *Mitología y Religión del Oriente Antiguo II/I Semitas Occidentales (Ebla, Mari)*. Sabadell: Editorial AUSA.

MARGUERON, Jean Claude (2004) *Mari : Métropole de l'Euphrate, au IIIe et au début du IIe millénaire av JC*. Editions A & J Picard.

MATTHEWS, Donald M. (1990) *Principles of Composition in Near Eastern glyptic of the Later Second Millennium B.C.* Switzerland and Göttingen: Universitätsverlag and Vandenhoeck und Ruprecht.

MESLIN, Michel (1997) “Les Rites” in *Encyclopédie des Religions*, Vol. 2. Bayard Éditions, pp. 1947-48.

MIEROOP, Marc Van De_ (2005) “The Overthrow of Eshnunna” in *King Hammurabi of Babylon: A Biography*. Blackwell Publishing, pp.40-53.

MIEROOP, Marc Van De (2007) *A History of the Ancient Near East ca. 3000-3230 BC* (Second Edition). Massachusetts: Blackwell Publishing.

MONTERÓ FENOLLÓS, Juan Luis Montero (2012) *Breve História da Babilônia*. Nowtilus.

MOOREY, P.R.S (1994) *Ancient Mesopotamian Materials and Industries – The Archaeological Evidence*. Oxford: Clarendon Press.

MORTGAT, Anton (1969) *The art of ancient Mesopotamia: the classical art of the Near East*. London: Phaidon.

MULLER, Max (1907) *Natural Religion*. London: Longmans.

NELSON, Sarah Milledge (2011) “Gender and Religion in Archaeology” in *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. OUP Oxford, pp. 195-208.

NEUMANN, Eric (1963) *The Great Mother: an analysis of the archetype*. Princeton: Princeton University Press.

NOGUEIRA, Erica Mafalda de Portugal da Cunha e Alves de Sá (2015) *As Deusas Inanna e Ištar: semânticas de poder com traços de amor e guerra* [Texto policopiado]. Dissertação de Mestrado em História e Cultura das Religiões apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

OLMO, Arnaud Lete (1993) *Mitologia y religion del oriente antiguo (vol. I): Egipto-Mesopotamia*. AUSA.

OPPEHEIM, A. Leon (1977) *Ancient Mesopotamia – A portrait of a death civilization*. Chicago: The University of Chicago Press.

ORNAN, T. (2005) *The triumph of the Symbol, Pictorial representation of Deities in Mesopotamia & The Biblical Image Ban*. Gottingen: Academic Press Fribourg Vandenhoeck & Ruprecht.

OTTO, Rudolf (1966) *The idea of the Holy* New York: Oxford University Pres.

OTTO, Rudolf; VELA, Fernando (1980) *Lo santo: lo racional y lo irracional en la idea de Dios*. Madrid: Alianza Editorial, D. L.

OTTO, Rudolf; GAMA, João; MOURÃO, Artur (1992) *O sagrado*. Lisboa: Edições 70.

PALMA, Maria de Lurdes (2009) “«Prostituição sagrada» na Mesopotâmia: A persistência do mito” in *A Sexualidade no Mundo Antigo*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, pp. 151 - 173.

PANAYOTOV; Strahil; VACÍN, Ludek (2018) *Mesopotamian medicine and magic: studies in honor of Markham J. Geller*. Leiden: Boston: Brill.

PERNIOLA, Mario (1989) “Between Clothing and Nudity” in *Fragments for a History of the Human Body 2*. New York: Zone Books, pp. 237-265.

PEYRONEL, Lucas (2013) “Elam and Eshnunna: Historical and Archaeological interrelations during the Old Babylonian Period” in *Susa and Elam. Archaeological, Philological, Historical and Geographical Perspectives*. Leiden: Boston (Bill).

PITTMAN, Holy (2013) “Seals and Sealings in the Sumerian World” in *The Sumerian World*. Routledge: Taylor and Francis group, pp. 319-345.

PITTMAN, Holly (2018) “Administrative Role of Seal Imagery in the Early Bronze Age: Mesopotamian and Iranian Traders on the Plateau” in *Seals and Sealing in the Ancient World - Case Studies from the Near East, Egypt, the Aegean, and South Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 13-35.

POLLOCK, Susan (1999) *Ancient Mesopotamia: The Eden that Never Was*. Cambridge: Cambridge University Press.

POLLOCK, Susan; REINHARD, Bernbeck (2005) *Archaeologies of the Middle East Critical Perspectives*. Oxford: Blackwell Studies in Global Archaeology.

PORTER, Barbara Nevling (2000) *One God or Many? Concepts of Divinity in the Ancient World*. CDL Press.

PORTER, Barbara N. (2009) *What is a God? - anthropomorphic and non-anthropomorphic aspects of Deity*. Winona Lake: The Casco Bay Assyriological Institute.

POTTS, D.T. (1997) *Mesopotamian Civilization: The Material Foundations*. London: The Athlone Press.

POTTS, D.T. (2012) *A Companion to the Archaeology of the Ancient Near East*, Vol. I-II. Massachusetts: Blackwell Publishing Ltd.

ROAF, Michael (1990) *Cultural Atlas of Mesopotamia and the Ancient Near East*. New York: Facts on File.

ROMANO, Licia (2015) “Holding the Cup: Evolution of Symposium and Banquet Scenes in the Early Dynastic Period” in *It's a Long Way to a Historiography of the Early*

Dynastic Period(s). *Altertumskunde des Vorderen Orients Archäologische Studien zur Kultur und Geschichte des Alten Orients*, pp. 289-303.

ROSA, Jean-Pierre (1997) *Encyclopédie des Religions*, vol. 2. Bayard Éditions.

ROSA, Maria de Fátima Castanheira da Silva (2014) *A percepção da ordem e a consciência do tempo em Mari no período Paleo-Babilónico (séc. XIX- XVIII a. C.)*. Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SASSOON, Rosemary; GAUR, Albertine (1997) *Signs, Symbols and Icons: Pre-history to the Computer Age*. Intellect Books.

STONE, Merlin (1978) *When God was a Woman*. Mariner Books.

RUETHER, Rosemary Radford (2005) *Goddesses and the Divine Feminine - a Western Religious History*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press.

SAGGS, H. W. F. (1985) *Everyday Life in Babylonia and Assyria*. New York: Dorset Press.

SANMARTÍN, Joaquín; SERRANO, José Miguel (2006) *Historia Antigua del Próximo Oriente. Mesopotamia y Egipto*, Madrid: Akal.

SCHMANDT-BESSERAT, Denise (2007) *When Writing met art - from Symbol to Story*. Austin: University of Texas Press.

SCRANTON, Robert L. (1964) *Aesthetic aspects of ancient art*. Chicago: University of Chicago.

SEYMOR, Michael (2011) "Mesopotamia" in *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford: Oxford University Press, pp.775-794.

SELZ, Gud. (1983) *Die Bankettszene. Entwicklung eines "überzeitlichen" Bildmotivs in Mesopotamien von der Frühdynastischen bis zur Akkad-Zei*. Wiesbaden.

SPINETO, Natale (1997) "Le Mythe" in *Encyclopédie des Religions*, Vol. 2. Bayard Éditions, pp. 2163-2184.

STEEL D., Laura (2007) “Woman and Gender in Babylon” in *The Babylonian World*. Routledge: Taylor & Francis, pp. 299-319.

STROMMINGER, Eva (s.d.) *5000 years of the art of Mesopotamia*. New York: Harry N. Abrams.

SUTER, Claudia E. (2012) “Kings and Queens: Representation and Reality” in *The Sumerian World*. Routledge: Taylor & Francis, pp. 201-226.

TARDAN-MASQUELIER, Y. (1997) “Le Langage Symbolique” in *Encyclopédie des Religions*, Vol. 2. Bayard Éditions, pp. 2145–62.

TAVARES, A.A. (1995) *Civilizações Pré-Clássicas*. Lisboa: Universidade Aberta.

TOWNSEND, J.B. (1990) “The Goddess: fact, fallacy and revitalization movement” in *Goddesses in Religions and Modern Debate*. Atlanta: Scholars Press, pp. 179-203.

WALLS, Neal (2001) *Desire, Discord and Death: Approaches to Ancient Near Eastern Myth*. Boston: American Schools of Oriental Research.

WALLS, Neal (2005) *Cult image and divine representation in the Ancient Near East*. Boston: American School of Oriental Research.

WIGHTMAN, Gregory J. (2015) *The Origins of Religion in the Paleolithic*. London: Rowman & Littlefield.

WILLIAM, J. Hamblin (2006) *Warfare in the Ancient Near East to 1600 BC: Holy Warriors at the Dawn of History*. Routledge: Taylor & Francis e-Library.

WILKINSON, T. J.; GIBSON, McGuire; WIDELL, Magnus (2013) *Models of Mesopotamian landscapes: how small-scale processes contributed to the growth of early civilizations*. Oxford: Archaeopress, cop.

WOOLEY, C.L. (1934) *Ur Excavations II: The Royal Cemetery*. Pennsylvania: Joint Expedition of the British Museum and of the Museum of the University Of Pennsylvania to Mesopotamia.

WORTHINGTON, Martin (2010) *Complete Babylonian*. US: McGraw-Hill Companies.

Artigos

ABUSH, Tzvi (1986) “Ishtar’s proposal and Gilgamesh’s refusal: an interpretation of the Gilgamesh Epic, tablet 6, lines 1-79” in *History of Religions*, vol. 26, n°2. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 143-187.

ABUSH, Tzvi (2000) “Ishtar” in *NIN-Journal of Gender Studies in Antiquity*, vol. I. Groningen: Styx Publications, pp. 23-28.

ABUSCH, Tzvi (2001) “The Development and Meaning of the Epic of Gilgamesh: An Interpretive Essay” in *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 121, n° 4. American Oriental Society, pp. 614 – 622.

ALMEIDA, Isabel (2012) “The Descent of the Netherworld: A comparative study on the Inanna/Ištar imaginary in the Sumerian and Semitic Text” in *Séptimo Centenario de los Estudios Orientales en Salamanca*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 91-101.

ASSANTE, Julia (1999) “The Kar.kid/harimtu, Prostitute or Single Woman? Reconsideration of the Evidence” in *Ugarit-Forschungen*, Vol. 30. Ugarit-Verlag: Muster, pp. 5-96.

ASSANTE, Julia (2002) “Sex, Magic and the liminal body in the Erotic Art and Texts of the Old Babylonian period” in *Sex and Gender in Ancient Near East*, Vol. I. Helsinki: Rencontre Assyriologique Internationale, pp. 27-52.

ASSANTE, Julia (2002b.) “Style and Replication in ‘Old Babylonian’ Terracotta Plaques. Strategies for Entrapping the Power of Images”, in *Ex Mesopotamia et Syria Lux: Festschrift für Manfred Dietrich zu seinem 65*. Münster: Ugarit-Verlag, pp. 1-29.

BAHRAI, Zainab (1993) “The Iconography of the Nude in Mesopotamia” in *Essays on Nudity in Antiquity of Otto Brendel*, Vol. 12, n° 2. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 12-19.

BAHRANI, Zainab (2000) “The whore of Babylon: truly all woman and of infinite variety” in *NIN-Journal of Gender Studies in Antiquity*, vol.1. Groningen: Styx Publications, pp. 95-106.

BOUILLARD, H. (1974) “La catégorie du sacré dans la science des religions” in *Sacré*. Paris: Aubier- Montaigne, pp. 43-49.

BUCHANANA, B. (1972) “An Extraordinary Seal Impression of the Third Dynasty of Ur” in *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 31, n° 2. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 96–101.

BUREN, E. Douglas Van (1944) “The Sacred Marriage in Early Times in Mesopotamia” in *Orientalia - NOVA SERIES*, Vol. 13. GBPress: Gregorian Biblical Press, pp. 1-72.

CARAMELO, Francisco (2003) “A importância de Ištar na legitimação da guerra e do poder real na Mesopotâmia” in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n° 16. Lisboa: Edições Colibri, pp. 221-228.

CARAMELO, Francisco (2005) “O Ritual do Akitu – O significado político e ideológico do Ano Novo na Mesopotâmia” in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, N° 17. Lisboa, Edições Colibri, pp. 157-160.

CARAMELO, Francisco (2007) “A Religião Mesopotâmica - Entre o Relativo e o Absoluto” in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, n° 19. Lisboa: Edições Colibri, pp. 165-175.

CARAMELO, Francisco (2011) “Visões da antiguidade nos Comentários de Don García de Silva y Figueroa” in *Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os “Comentários” da Embaixada à Pérsia (1614-1624)*. Lisboa: CHAM, pp. 345 - 366.

COLLON, Dominique (2001) “How Seals were Worn and Carried: The Archaeological and Iconographic Evidence” in *Proceedings of the XLVe Rencontre Assyriologique Internationale, Part. 2: Seals and Seal Impressions*. Bethesda, MD, pp. 15-30.

CRAIG, Leah Whitehead (2008) “A Journey Into the Land of No Return: Death Attitudes and Perceptions of Death and Afterlife in Ancient Near Eastern Literature” in *Honors College Capstone Experience/Thesis Projects*. Western Kentucky University Top Scholar, pp.1-94.

DREWNOWSKA, Olga (2013) “À propos de la religion Paléobabylonienne d’Ešnunna: Y y a-t-il une différence entre le culte royal et le culte personnel?” in *PALAMEDES 8*. Warsaw: University of Warsaw - Journal of Ancient History, pp. 5-23.

DUPLA, Simone Aparecida (2017) “Quando o deus da guerra era uma mulher: Inanna/Ishtar a deusa guerreira da Antiga Mesopotâmia” in *Revista Espaço Acadêmico*, Nº 192. Brasil: Universidade Estadual de Maringá (UEM), pp. 109-118.

EVANS, J. (2007) “The Square Temple at Tell Asmar and the Construction of Early Dynastic Mesopotamia, ca. 2900-2350 B.C.E.” in *American Journal of Archaeology*, Vol. 111, nº 4. América: Archaeological Institute of America, pp. 599–632.

FISHER, Cláudia (2004) “A goddess with two faces, a story of two cultures” in *Orient Express-Notes et Nouvelles d’Archéologie Orientale*, Vol. IV. Paris: Institut d’Art et d’Archéologie, pp. 102-105.

FLEMING, Andrew (1969) “The myth of the mother-goddess” in *World Archaeology*, vol. 1, nº 2. UK: Taylor & Francis Group, pp. 247-261.

FRYMER-KENSKY, Tikva (1989) “The ideology of Gender in the Bible and the Ancient Near East” in *Studies in honor of Ake W. Sjöberg* Philadelphia: University Museum pp.185-191.

FRYMER-KENSHY, T. (2000) “Lolita-Inanna” in *NIN-Journal of Gender Studies in Antiquity*, Vol. 1. Groningen: Styx Publications, pp. 91-94.

GOFF, B. (1956). “The Rôle of Amulets in Mesopotamian Ritual Texts” in *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, Vol. 19, nº1/2. Warburg Institute, pp. 1–39.

GORELICK, L.; GWINNETT, A. (1990) “The Ancient Near Eastern Cylinder Seal as Social Emblem and Status Symbol” in *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 49, nº 1. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 45-56.

GORDON, C. (1939) “Western Asiatic seals in the Walters Art Gallery” in *Iraq* 6. British Institute for the Study of Iraq, pp. 3-34.

GORDON, C.H. (1953) “Near Eastern Seals in Princeton and Philadelphia” in *Orientalia* 22, pp. 242-250.

HARRIS, Rivkah (1991) “Inanna-Ishtar as paradox and a coincidence of opposites” in *History of Religions*, vol. 30, nº3. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 261-278.

JONES, Philip (2003) “Embracing Inana: Legitimation and Mediation in the Ancient Mesopotamian Sacred Marriage Hymn Iddin-Dagan A” in *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 123, n° 2. American Oriental Society, pp. 291-302.

KANTOR, H. (1952) “Further Evidence for Early Mesopotamian Relations with Egypt” in *Journal of Near Eastern Studies*, Vol. 11, n° 4. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 239–250.

KATZ, Dina (1995) “Inanna’s descent and undressing the dead as a divine law” in *ZA* 85. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago, pp. 221-233.

LAMBERT, W.G. (1979) “Near Eastern seals in the Gulbenkian Museum of Oriental Art, University of Durham” in *Iraq* 41. British Institute for the Study of Iraq, pp. 1-45.

LAMBERT, Wilfred George (1990) “Ancient Mesopotamian Gods: Superstition, philosophy, theology” in *Revue de l'histoire des religions*, tome 207, n°2. Collection sur Persée, pp. 115-130.

LAWECHA, Dorota (2011) “Third Millennium BC “Pseudo- Temples” from the Diyala Region?” in *AKKADICA*, Vol. 132. Brussels: Assyriological Center Georges Dossin, pp. 23-36.

LERNER, Genda (1986) “The Origin of Prostitution in Ancient Mesopotamia” in *Signs*, Vol. 11, n° 2. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 236-254.

MAZZONI, S. (1972) “Sigilli cilindrici dell'Istituto Orientale di Napoli” in *Annali dell'Istituto Orientale di Napoli* 32. Istituto Universitario Orientale di Napoli, pp. 417-51.

MONTERO FENOLLÓS, Juan Luis (2011) “The Tower of Babel Before Archaeology. The Ziggurat of Babylon according to European travellers (XII-XVII centuries)” in *RES ANTIQUITATIS*, Vol. 2. Lisboa: CHAM, pp. 31- 49.

MOOREY, P.R.S (1977) “What do we know about the people buried in the Royal Cemetery?” in *Expedition* 20. Penn Museum, pp. 24-40.

MOOREY, P.R.S.; GURNEY, O.R. (1978) “Ancient Near Eastern cylinder seals acquired by the Ashmolean Museum” in *Iraq* 40. Oxford, pp. 41-60.

MOOREY, P.R.S. (1979) “Unpublished Early Dynastic sealings from Ur in the British Museum” in *Iraq* 41. British Institute for the Study of Iraq, pp. 105-21.

MUNN-RANKIN, J.M. (1959) "Ancient Near Eastern seals in the Fitzwilliam Museum" in *Iraq* 21. Cambridge, pp. 20-37.

PARKER, B. (1949) "Cylinder seals from Palestine" in *Iraq*, XI. British Institute for the Study of Iraq, pp.1- 43.

PIZZIMENTI, Sarah (2014) "The Kassite "Naked Goddess": Analysis and Interpretation" in *Šime ummiānka Studi in onore di Paolo Matthiae in occasione del suo 75° compleanno offerti dall'ultima generazione di allievi (CMAO XVI)*. Roma, pp.135-150.

PORADA, Edith (1982) "Problems of Method in the Archaeology and Art History of the Ancient near East" in *Journal of the American Oriental Society*, Vol. 102, n° 3. American Oriental Society, pp. 501–506.

PORADA, Edith (1993) "Why Cylinder Seals? Engraved Cylindrical Seal Stones of the Ancient Near East, Fourth to First Millennium B.C." in *The Art Bulletin*, Vol. 75, n°4. College Art Association, pp. 563–582.

READE, J.E. (2001) "Assyrian-King list, The Royal Tombs of Ur, and Indus Origins" in *Journal of Near Eastern Studies* 60. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 1-29.

REICHEL, Clemens (2018) "Centre and Periphery—the Role of the 'Palace of the Rulers' at Tell Asmar in the History of Ešnunna (2,100 –1,750 BCE)" in *Journal of the Canadian Society for Mesopotamian Studies*. Canadá: Canadian Society for Mesopotamian Studies, pp. 29-53.

RICE, Patricia (1981) "Prehistoric Venuses: symbols of motherhood or womanhood?" in *Journal of Anthropological Archaeology*, vol. 37, n° 4. Elsevier, pp. 402-14.

ROSCOE, Will (1996) "Priest of the goddess: gender transgression in ancient religion" in *History of Religions*, vol. 35. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 195-230.

SCHMANDT-BESSERAT, Denise (1977) "The earliest uses of clay in Syria" in *Expedition*, vol. 19, n° 3. Penn Museum, pp. 28-42.

SUTER, Claudia E. (2008) "WHO ARE THE WOMEN IN MESOPOTAMIAN ART FROM CA. 2334-1763 BCE?" in *Rivista di storia, ambienti e culture del Vicino Oriente Antico*, Volume 5. Itália: Kaskal, pp. 1-55.

SZARZYNSKA, Krystyna (2000) "Cult of the Goddess Inanna in Archaic Uruk" in *NIN, Journal of Near Eastern Gender Studies*, Vol. 1. Groningen: Styx Publications, pp. 63–74.

VAN, E. Buren (1942) "A Collection of Cylinder Seals in the Biblioteca Vaticana" in *American Journal of Archaeology*, Vol. 46, n° 3. Archaeological Institute of America, pp. 360-365.

WESTENHOLZ, Joan G. (2000) "King by love Inanna-an image of female empowerment" in *NIN-Journal of Gender Studies in Antiquity*, Vol. I. Groningen: Styx Publications, pp. 75-89.

WESTENHOLZ, Joan G. (2002) "Great Goddesses in Mesopotamia: The Female Aspect of Divinity" in *Bulletin of the Canadian Society for Mesopotamian Studies*, n° 37. Canadá: Universidade de Toronto, pp. 13–26.

WILLIAMS, M. (1928) "The Collection of Western Asiatic Seals in the Haskell Oriental Museum" in *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, Vol. 44, n°4. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 232–253.

XIANG, Zairong (2018) "Rereading Femininity and Monstrosity Inside Enuma Elish" in *Feminist Theology*, Vol. 26(2). Massachusetts, pp. 115 –132.

ZAJDOWSKI, K. (2013) "Transformation of the Mesopotamian Banquet Scene into the Presentation Scene in the Early Dynastic, Akkadian and Ur III Periods" in *Akkadica*, 134. Brussel: Assyriological Center Georges Dossin, pp. 1-16.

Web grafia

Abbreviations for Assyriology (http://cdli.ox.ac.uk/wiki/abbreviations_for_assyriology [Março 2018]).

Akkadian Dictionary (http://www.assyrianlanguages.org/akkadian/index_en.php [Março 2018]).

A Library of Knowledge of the Cuneiform Digital Library Initiative. (CDLI: Wiki) (<http://cdli.ox.ac.uk/wiki/doku.php?id=start> [Janeiro 2019]).

Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses
(<http://oracc.museum.upenn.edu/amgg/index.html> [Março 2018]).

Archaeosim (<http://archaeosim.org/archaeosim/> [Março 2018]).

British Museum (<http://www.britishmuseum.org> [Março 2018]).

Cuneiform digital Library (<https://cdli.ucla.edu/tools/yearnames/glossar.htm> [Janeiro 2019]).

Cuneiform Commentaries Project (CCP) (<http://ccp.yale.edu/> [Março 2018]).

Diyala Project – Oriental Institute: The University of Chicago
(<https://oi.uchicago.edu/research/projects/diyala-project> [Abril 2019]).

E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia (<http://edtl.fesh.unl.pt/> [Março 2018]).

The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (<http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/> [Março 2018]).

English Oxford Living Dictionaries (<https://www.lexico.com/en> [Abril 2019]).

Iraque, Cultural Property Training Resource,
(<https://www.cemml.colostate.edu/cultural/09476/iraqstart.html> [Dezembro 2019]).

Louvre (<http://www.louvre.fr/> [Março 2018]).

Oriental Institute: The University of Chicago (<http://oi.uchicago.edu/> [Março 2018]).

Penn Museum (<https://www.penn.museum/> [Janeiro 2019]).

Pérgamon Museum (<http://www.smb.museum/en/museums-institutions/pergamonmuseum/home.html> [Março 2018]).

The Metropolitan Museum of Art (<https://www.metmuseum.org/> [Março 2018]).

ANEXOS

Anexo 1 - Proposta cronológica²⁹⁴

Período I. Uruk/Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.)

Período II. Período Dinástico arcaico (c. 3000/2900-2334 a.C.)

- Dinástico I. (c.3000/2900-2750 a.C.)
- Dinástico II. (c.2750-2600 a.C.)
- Dinástico III. (c.2608-2334 a.C.)

Período III. Período Acádico e Gútio/Ur III (c. 2334-2000 a.C.)

- Período Acádico (c. 2334-2193 a.C.)
- Período Pós-acádico: Gútio/Ur III (c.2192-2000 a.C.)

Período IV. Período Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.)

²⁹⁴ Proposta cronológica tendo por base os seguintes autores: COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi

Anexo 2 – A geografia de uma civilização híbrida: Mapas



Fi. 1 - Mapa do Médio Oriente Antigo com a representação dos rios Tigre e Eufrates, e seus principais afluentes, bem como das principais regiões circunvizinhas. Identificação do rio Diyala, a vermelho e, dos respectivos arqueossítios escavados com o símbolo ★
 (https://oi.uchicago.edu/gallery/oi-map-series-site-maps#Iraq_Site_300dpi.png
 [Junho 2019]).

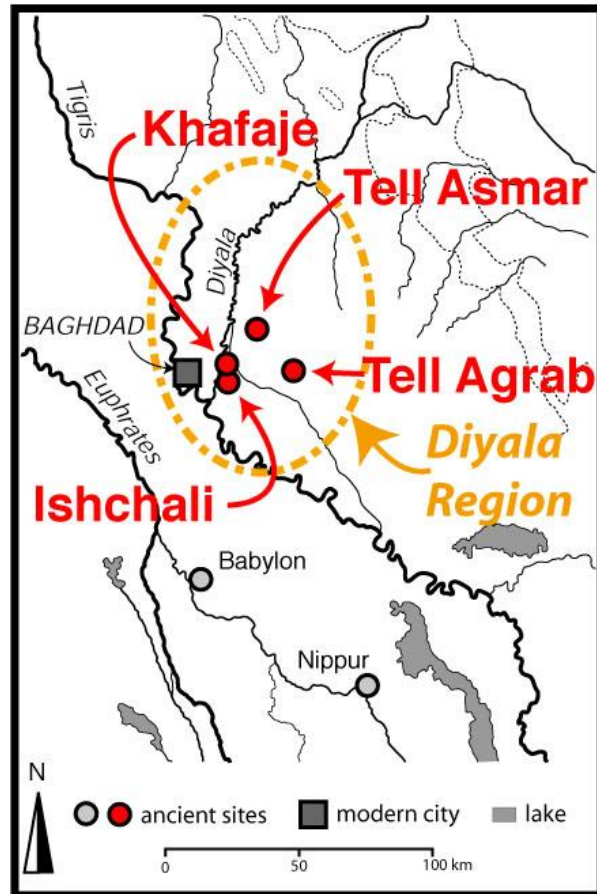


Fig. 2 – Mapa da Mesopotâmia mostrando, em pormenor, a localização da região do Diyala com a identificação dos principais arqueossítios intervencionados pelo Instituto Oriental de Chicago (<https://oi.uchicago.edu/research/projects/diyala-project> [Junho 2019]).

Anexo 3 – Amostragem do Diyala: Distribuição cronológico-temporal

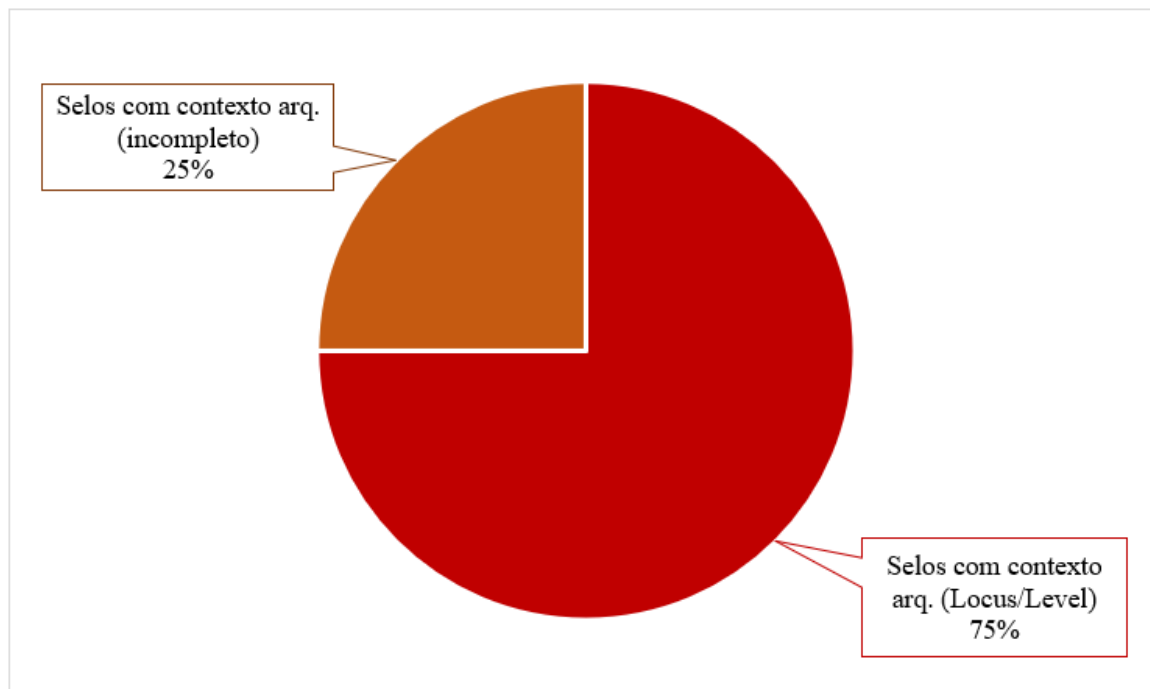


Gráfico 1 - Representação percentual da informação relativa ao contexto arqueológico dos selos da amostragem do Diyala (Tell Asmar; Ishchali; Tell Agrab; Khafajah).

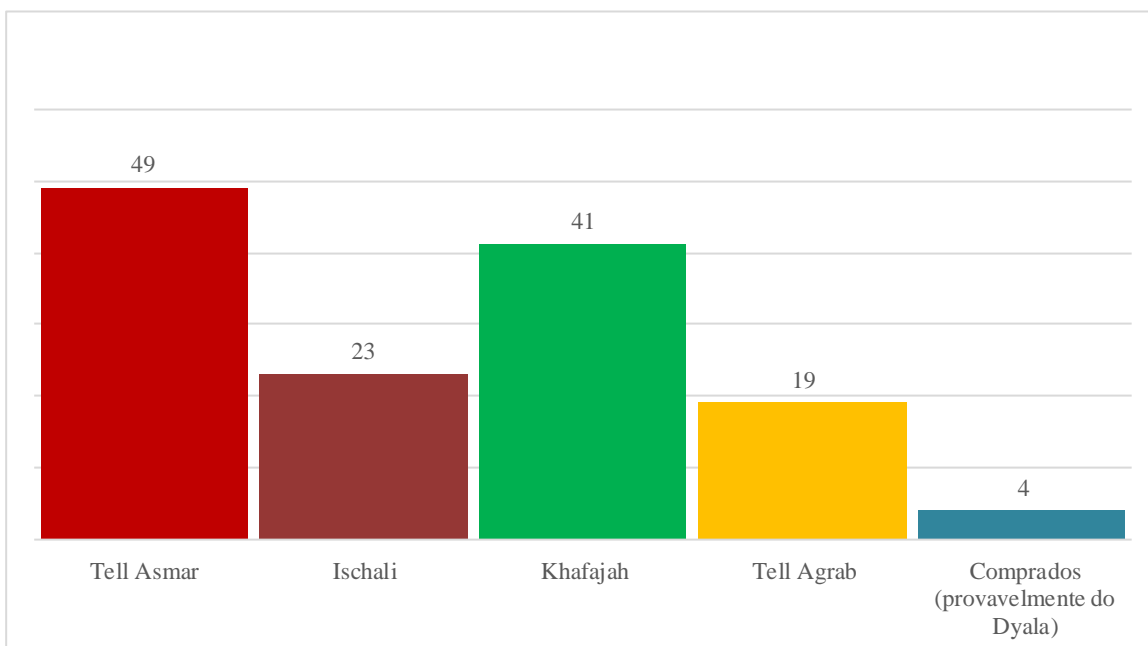


Gráfico 2 - Distribuição do total de selos da amostragem do Diyala por arqueossítios (Tell Asmar; Ishchali; Tell Agrab; Khafajah)

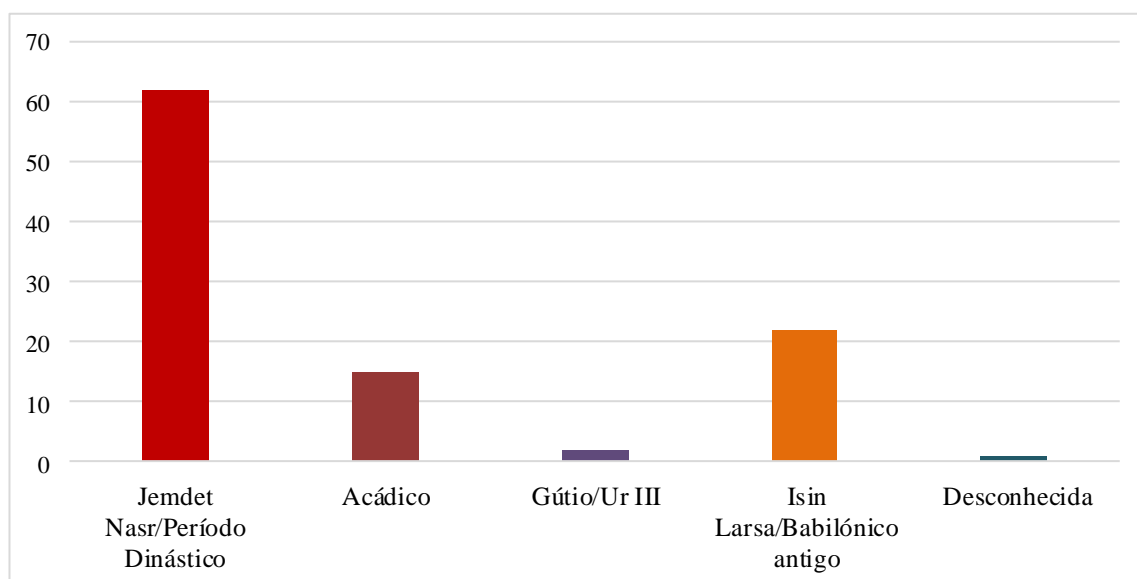


Gráfico 3 – Distribuição do nº total de selos por período cronológico/estilo artístico.

Estruturas/Arqueossítios ²	Tell Asmar	Ischali	Khafajah	Tell Agrab
Habitacionais	26	2	9	0
Cúlticas	2	14	25	18
Palacianas	4	0	0	0
Outros edifícios	1	0	0	0
Totalidade de selos exumados³:	49	23	41	19

Tabela 1 – Distribuição dos selos da amostragem do Diyala pelos respectivos arqueossítios e o tipo de estruturas identificadas²⁹⁵.

²⁹⁵ Foram contabilizados apenas os selos cilíndricos que apresentam informação arqueológica completa (*locus/nível*), perfazendo estes um total de 102.

Temáticas decorativas	Critérios de seleção ²⁹⁶
1. As Cenas de Apresentação e as Deusas de Intercessão	<ul style="list-style-type: none"> Os selos com informação arqueológica deficitária serão analisados nos Anexos (Fichas de Inventário), podendo ser, caso o motivo iconográfico e/ou inscrição assim o justifique, incluídos na amostragem principal; Na temática 1, apenas foram selecionados selos que apresentam esta temática decorativa.
2. As Deusa(s) Entronizada(s)	<ul style="list-style-type: none"> Os selos com informação arqueológica deficitária serão analisados nos Anexos (Fichas de Inventário), podendo ser, caso o motivo iconográfico e/ou inscrição assim o justifique, incluídos na amostragem principal; Na temática 2, foram incluídos os selos com este tipo de cena e também outros que possuem esta temática em relação com os temas 1 (Cenas de Apresentação/Deusas de Intercessão) e 3 (Inanna/Ištar).
3. Inanna/Ištar	<ul style="list-style-type: none"> Os selos com informação arqueológica deficitária serão analisados nos Anexos (Fichas de Inventário), podendo ser, caso o motivo iconográfico e/ou inscrição assim o justifique, incluídos na amostragem principal; Na temática 3, foram selecionados selos evocativos deste tipo de cena para além de outros selos com o tema 1 (Cenas de Apresentação/Deusas de Intercessão) pois, consideramos haver uma associação entre a deusa Inanna/Ištar e as cenas de apresentação/deusas de intercessão representadas.
4. As Deusa(s) da Fertilidade	<ul style="list-style-type: none"> Os selos com informação arqueológica deficitária serão analisados nos Anexos (Fichas de Inventário), podendo ser, caso o motivo iconográfico e/ou inscrição assim o justifique, incluídos na amostragem principal; Na temática 4, foram incluídos selos com cenas deste tipo e ainda, selos evocativos dos temas 1 (Cenas de Apresentação/Deusas de Intercessão) e 2 (Deusa/s Entronizada/s) pois, esta(s) divindade(s) da fertilidade assumem um papel de destaque nas cenas.

²⁹⁶ Apenas foram selecionados os selos que apresentam informação arqueológica completa (*locus*; nível).

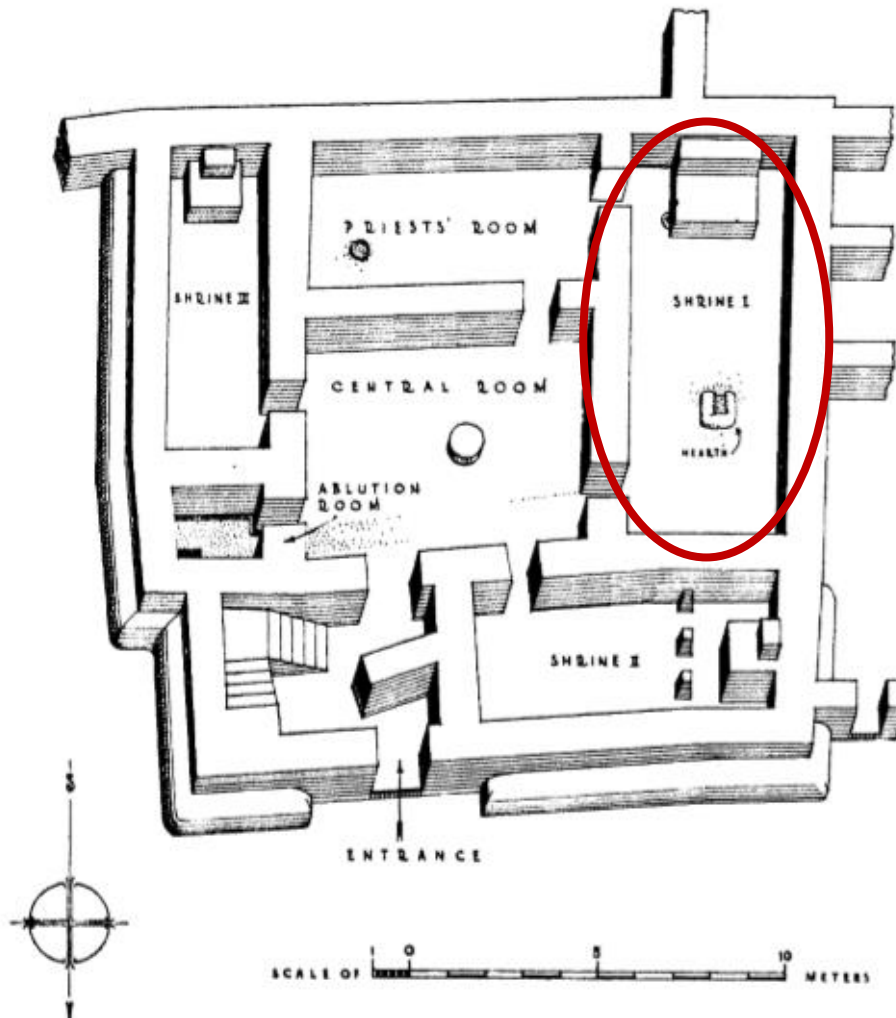
5. As Cenas de Banquete	<ul style="list-style-type: none"> • Os selos com informação arqueológica deficitária serão analisados nos Anexos (Fichas de Inventário) podendo ser, caso o motivo iconográfico e/ou inscrição assim o justifique, incluídos na amostragem principal; • Na temática 5, foram considerados apenas selos com esta cena decorativa. O selo nº 559 foi excluído pois, considerámos que a temática central seria a cena de cariz sexual e não a de banquete.
6. As Cenas de cariz sexual	<ul style="list-style-type: none"> • Os selos com informação arqueológica deficitária serão analisados nos Anexos (Fichas de Inventário), podendo ser, caso o motivo iconográfico e/ou inscrição assim o justifique, incluídos na amostragem principal; • Na temática 6 foram apenas incluídos os selos que ostentavam esta cena decorativa.
7. “Deusa” Nua	<ul style="list-style-type: none"> • Os selos com informação arqueológica deficitária serão analisados nos Anexos (Fichas de Inventário), podendo ser, caso o motivo iconográfico e/ou inscrição assim o justifique, incluídos na amostragem principal; • Na temática 7 foram apenas incluídos os selos que ostentavam esta cena decorativa.
8. Casal “Divino”	<ul style="list-style-type: none"> • Os selos com informação arqueológica deficitária serão analisados nos Anexos (Fichas de Inventário), podendo ser, caso o motivo iconográfico e/ou inscrição assim o justifique, incluídos na amostragem principal; • Na temática 8 foram apenas incluídos os selos que ostentavam esta cena decorativa.

Tabela 2 – Correlação entre as temáticas decorativas e os critérios de seleção da amostragem por temática iconográfica.

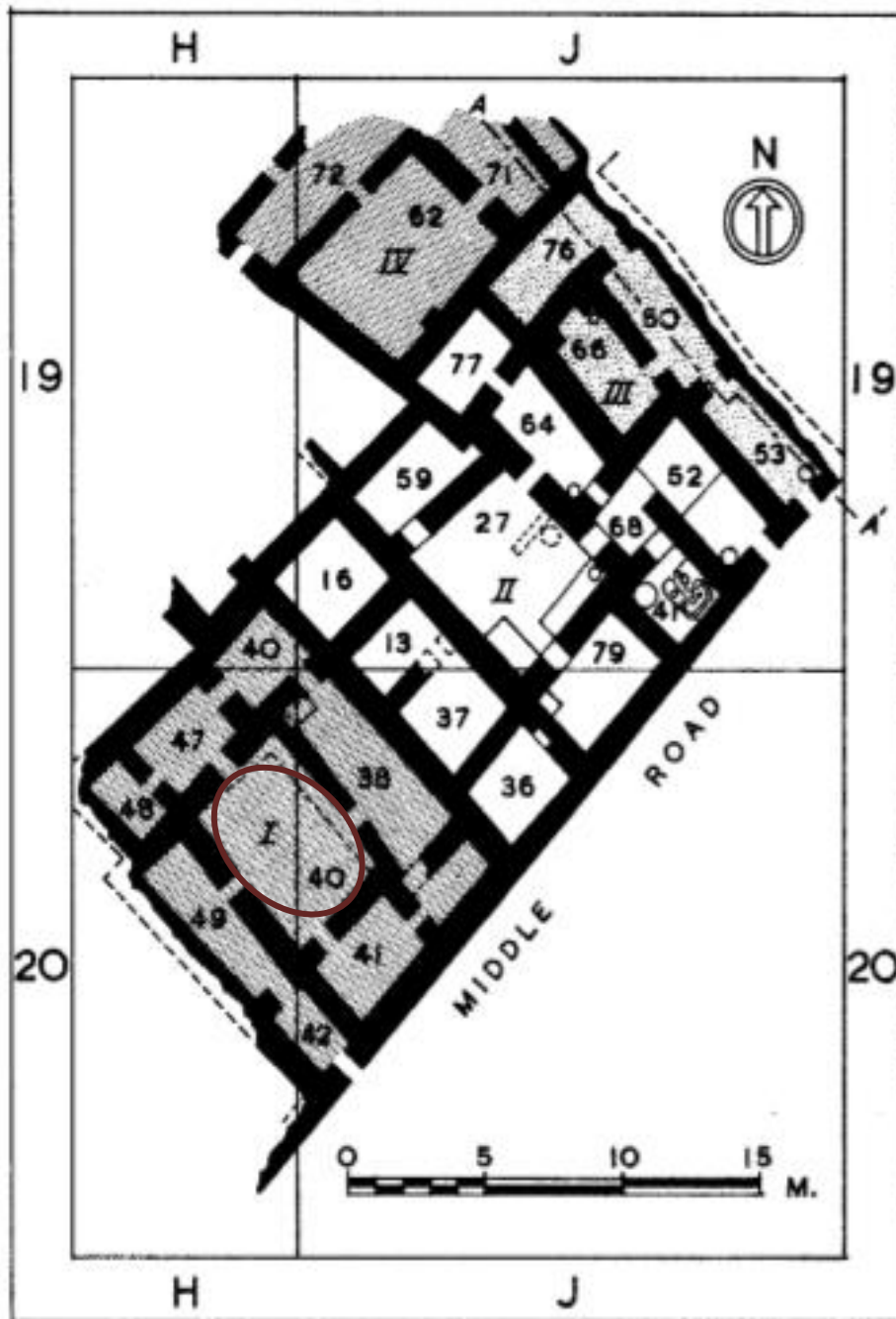
Anexo 4 - Arqueossítios e Estruturas



Planta 1 - Mapa de Tell Asmar com a área escavada. Escala: 1:2000. Referência dos principais complexos identificados: Palácio do Norte (Vermelho); Casas privadas (Azul); Palácio dos Governadores (Verde); Edifício Sul (Amarelo); Templo Abu (Laranja) (FRANKFORT, 1955: Plaque 94).



Planta 2 – Esquema do Templo Quadro (Templo de Abu). Escala: 1:200 (Vermelho: Santuário I - Estrutura onde o selo nº 72 foi exumado) (LLOYD, 1942:176)



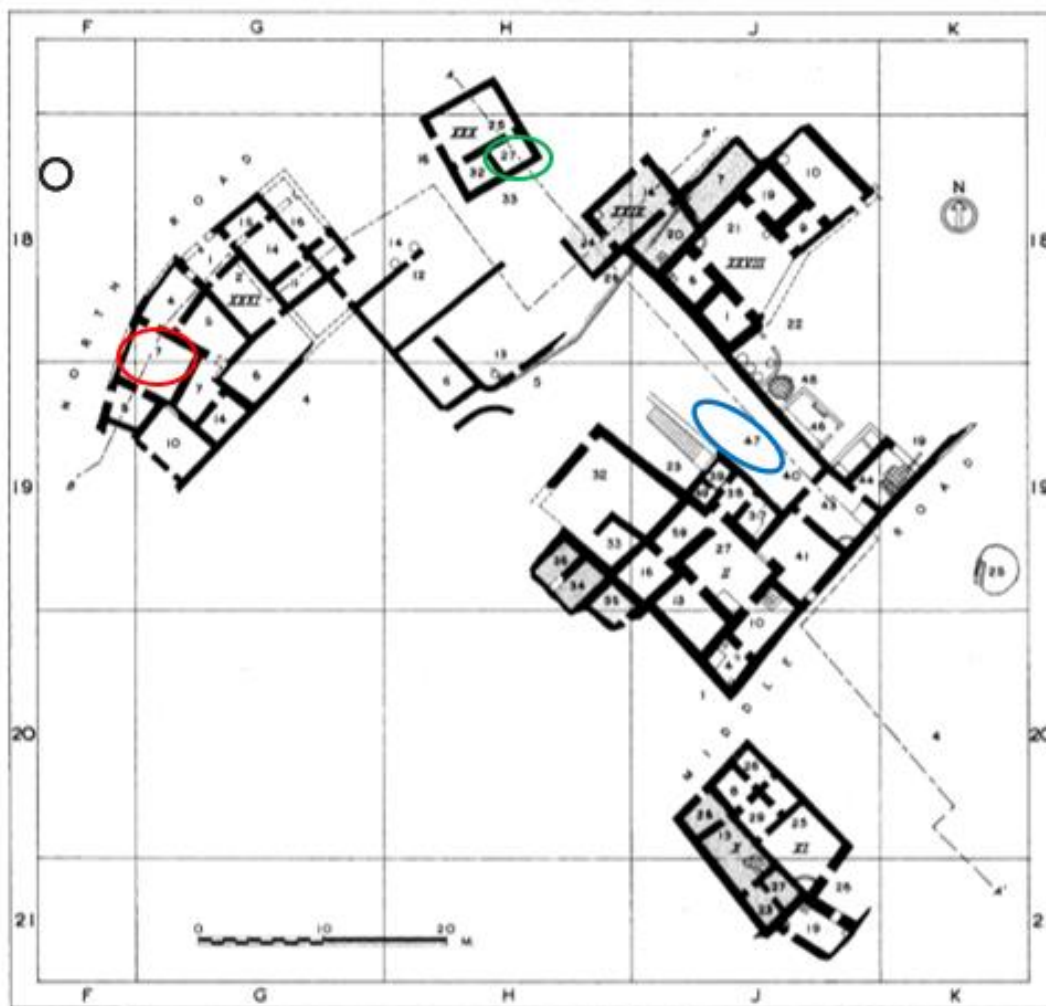
Planta 3 - Planta do Estrato Vc (Período Dinástico III). Escala: 1:400 (Laranja – Selo nº 82). (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: Plate 24)



Planta 4 - Planta do Estrato Vb (Período Dinástico III). Escala: 1:400 (Verde – Selo nº 125).
(DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: Plate 25)



Planta 5 - Planta do Estrato Va (Período Proto imperial). Escala: 1:400 (Vermelho – Selo nº 89; Amarelo Selo nº 127; Laranja – Selo nº128). (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: Plate 26)



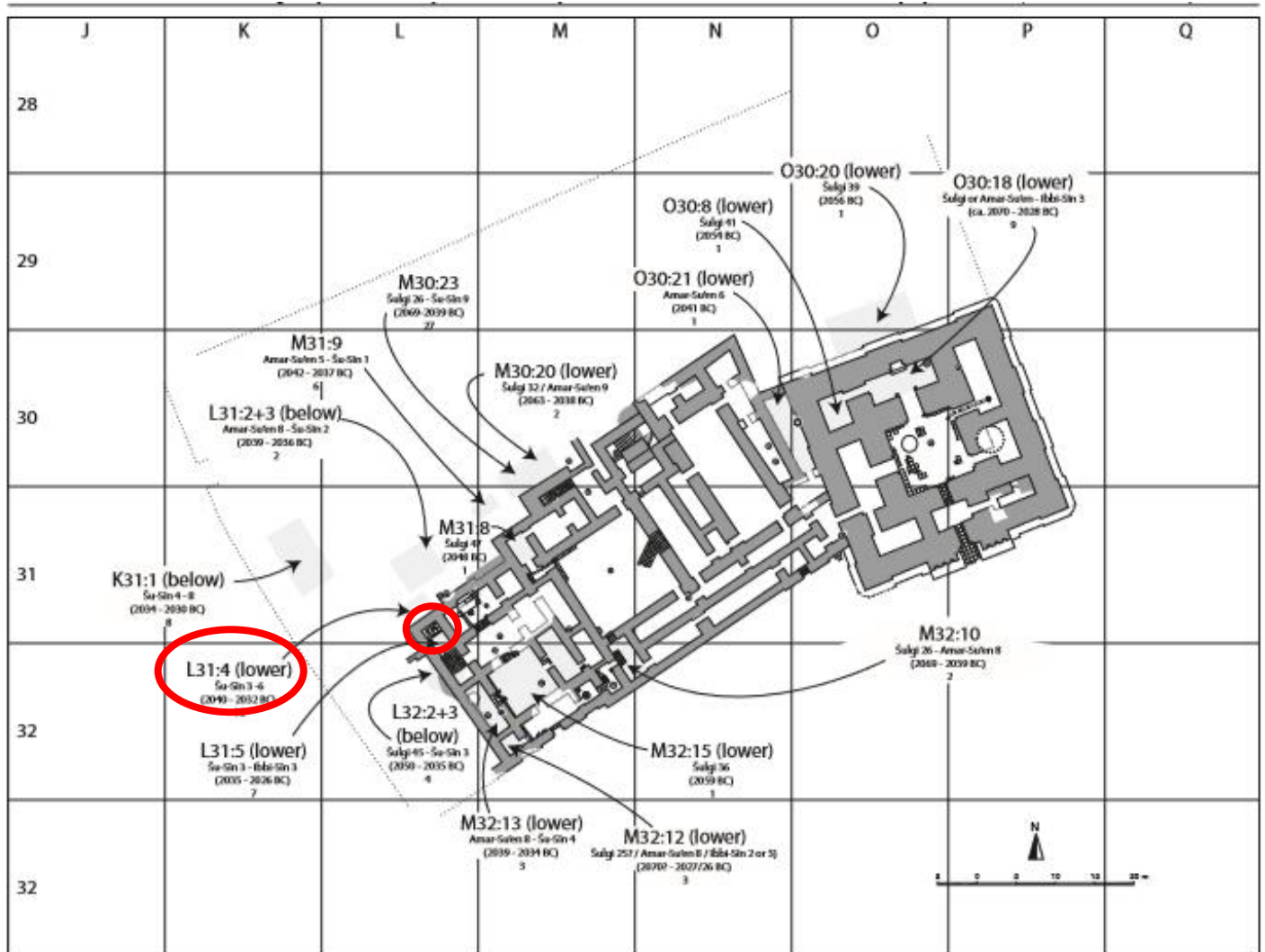
Planta 6 - Planta do Estrato IVb (Período Acádico) Escala: 1:400 (Verde – Selos números 44, 45; Azul – Selo nº83; Vermelho – Selo nº 84).
(DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: Plate 27)



Planta 7 - Planta do Estrato IVa (Período Acádico). Escala, 1:400 (Vermelho – Selo nº 42; Laranja – Selo nº 48; Verde – Selo nº 50; Amarelo – Selo nº 43; Azul – Selo nº 49; Roxo - Selo números 38, 86, 40; Rosa – Selo nº 39; Azul claro – Selos números 85, 47)
(DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: Plate 28)



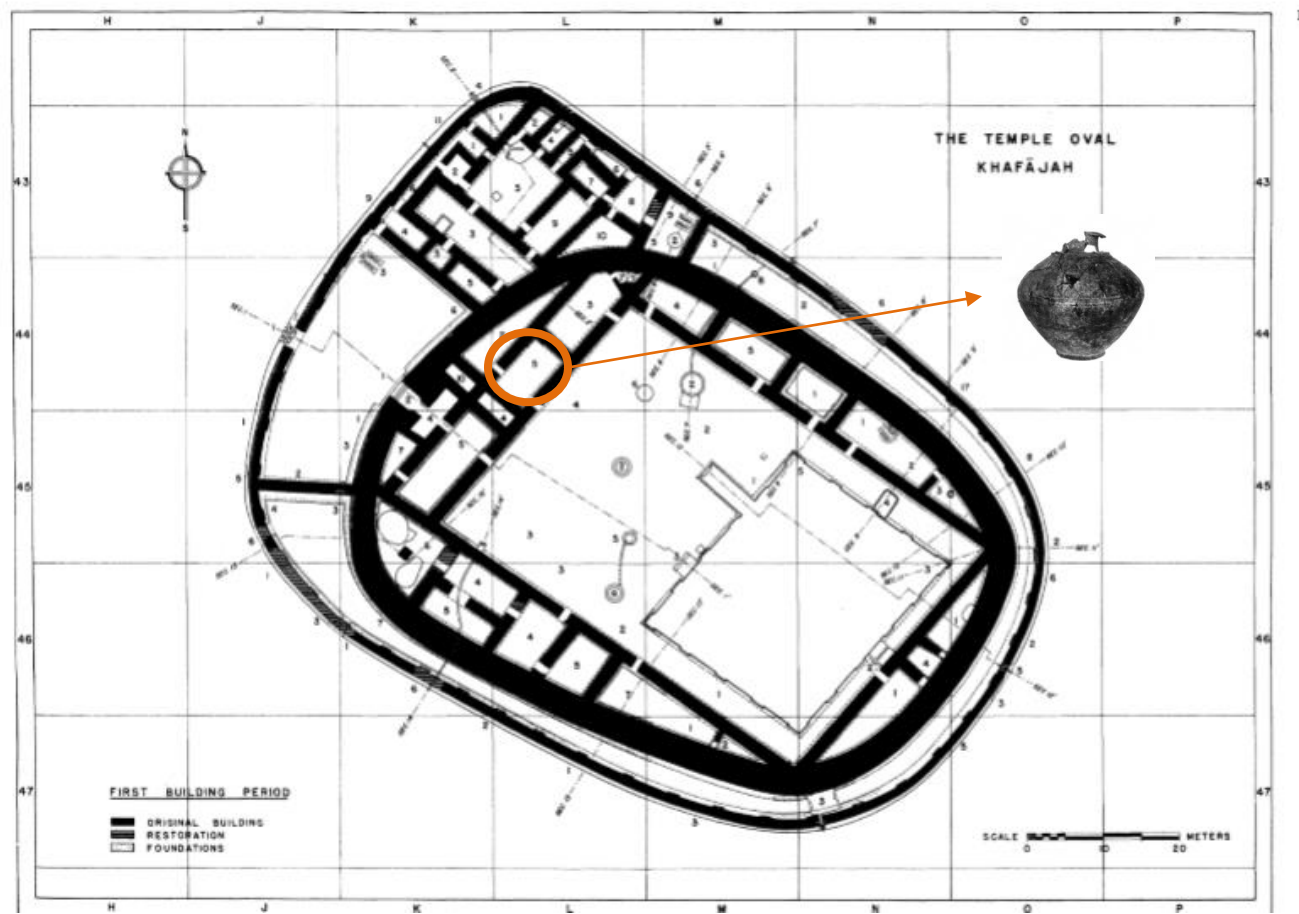
Planta 8 - Planta do Estrato III (Período Gútio). Escala: 1:400 (Vermelho – Selo nº 51; Laranja – Selo nº 2) (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: Plate 29)



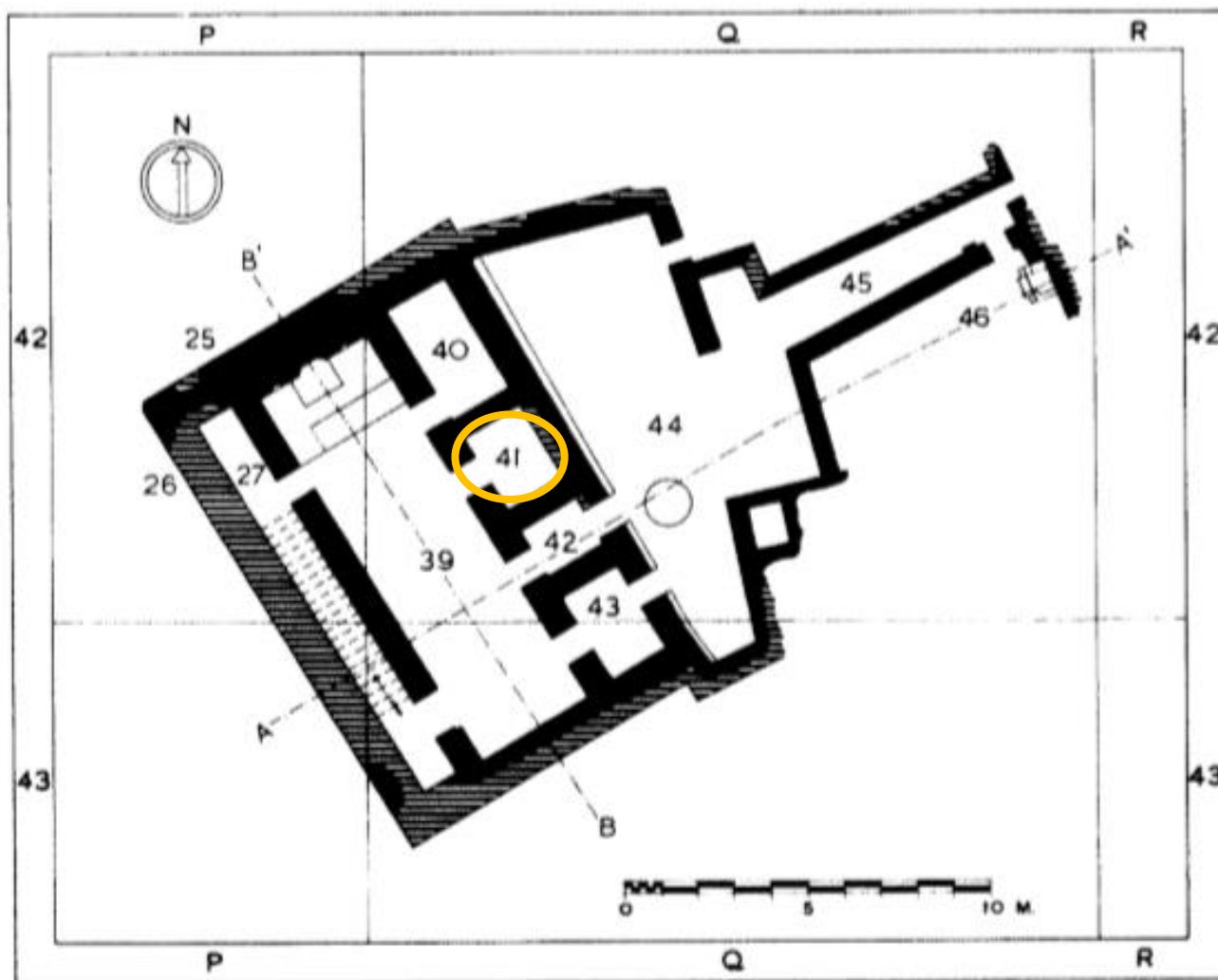
Planta 9 - Planta do Palácio do Governadores de Ešnunna com a localização, a vermelho, do local onde foi exumado o selo n°3 (REICHEL, 2018: 33).



Planta 10 - Mapa de Khafajah com a área escavada. Escala: 1:5000. Referência dos *Tells* e principais estruturas identificadas (Tell A – Verde/ Estruturas: Templo Oval – Vermelho; Templo Sín – Roxo; Templo Nintu – Rosa; Casas privadas – Castanho; Tell B – Laranja; Monte C – Amarelo; Tell D – Azul) (FRANKFORT, 1955: Plate 93)



Planta 11 – Khafajah, Planta do Templo Oval (Oval I). Escala 1: 450. Identificação, a laranja, do *locus* onde foi exumado o selo nº 117. Em destaque: pote pintado do período Jemdet Nasr encontrado *in situ*, no mesmo contexto que o selo cilíndrico (*Locus*: L 44:5). (DELOUGAZ, 1940: 25-26; Plate IV).



Planta 12 - Khafajah, Planta do Templo Sîn (Sîn II). Período de Uruk/Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Escala 1:250. Identificação, a amarelo, do *locus* onde foram exumados os selos números 96 e 97 da amostragem (DELOUGAZ, 1942: Plate 2).



Fig. 4 - Khafajah, Templo Nintu. Estatueta de uma vaca com barba, talvez evocando a deusa Ninhursag (DELOUGAZ, 1942:81). A vaca seria um animal-símbolo associado à fertilidade, maternidade e prosperidade, pois o seu leite e os produtos derivados providenciavam alimento e, por isso, vida. A barba é um elemento evocativo, nas artes visuais, de um estatuto superior, sendo ostentada quer por divindades, quer por governantes terrenos que se assumem como seus mandatários para reinar em nome do divino o plano terreno. Por outro lado, os cornos que o bovívdeo possui assumem também um conotação divina, uma vez que a coroa chifrada, sobretudo a partir de finais do período Dinástico Arcaico, assumiu-se como o símbolo que identificava as divindades mesopotâmicas.

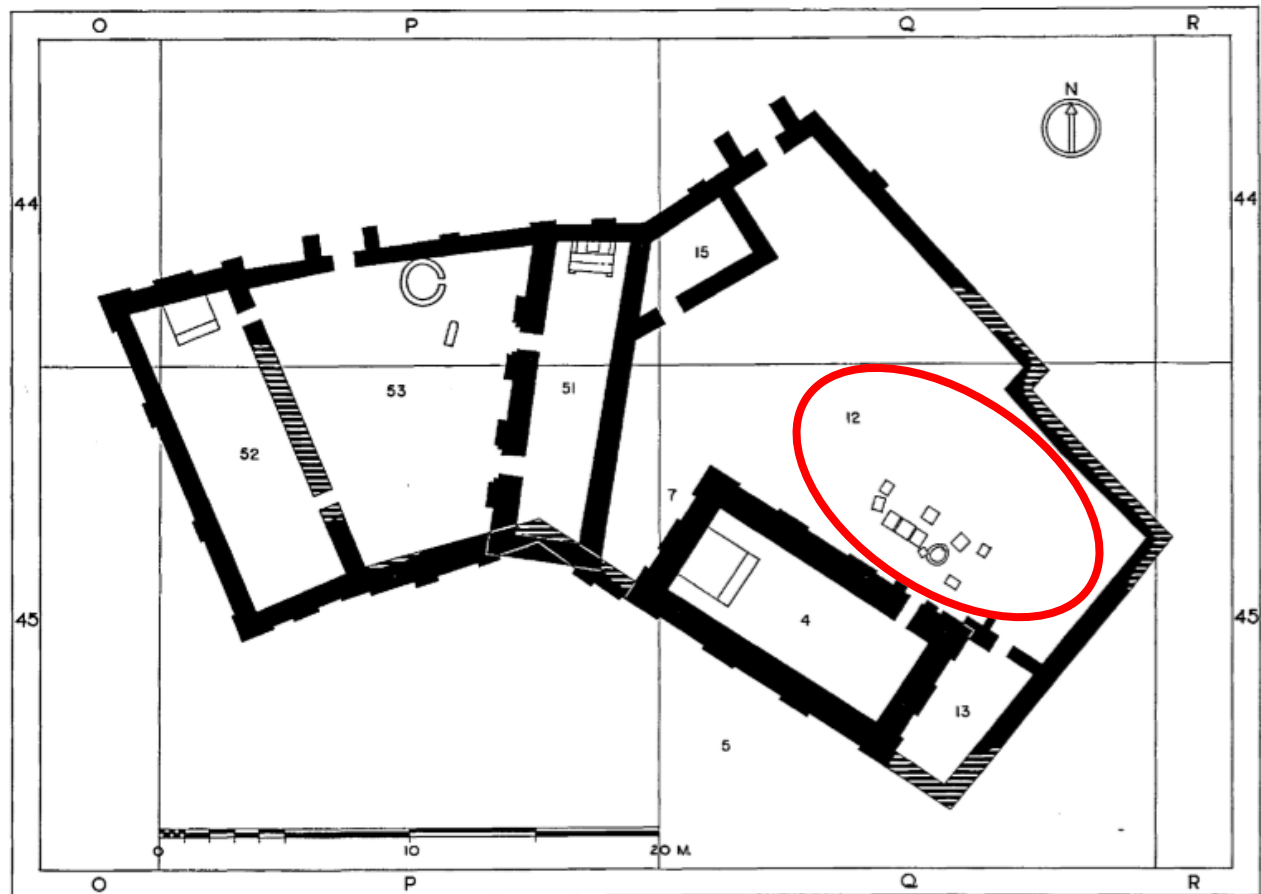


*«Eannatum. ruler of Lagash [=royal title], nominated by Enlil, granted strength by Ningirsu, chosen in her heart by Nanshe, **nourished with special milk by Ninhursag**, given a fine name by Inanna, granted wisdom by Enki, beloved by Dumuziabzu, trusted by Hendursag, beloved friend of Lugal-URUxKAR2 [=epithets]. son of Akurgal, ruler of Lagash»* (MAEDA, 2003:25)

Fig. 5 - Tell Al-Ubaid, Templo Ninhursag (c. 2500 a.C.). Calcário e betume (Comprimento: 34.5; Largura: 6). Friso com motivo decorativo evocativo de uma cena de ordenha²⁹⁷ e inscrição que exemplifica a ligação intertextual entre o texto e a imagem na Mesopotâmia.

297

British *Museum*, https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=368451&partId=1&images=true [Junho 2019].



Planta 13 - Khafajah, Planta do templo Nintu (VI). Escala: 1:250 (Vermelho – Selo nº 21)
(DELOUGAZ, 1942b.: Plaque 16)

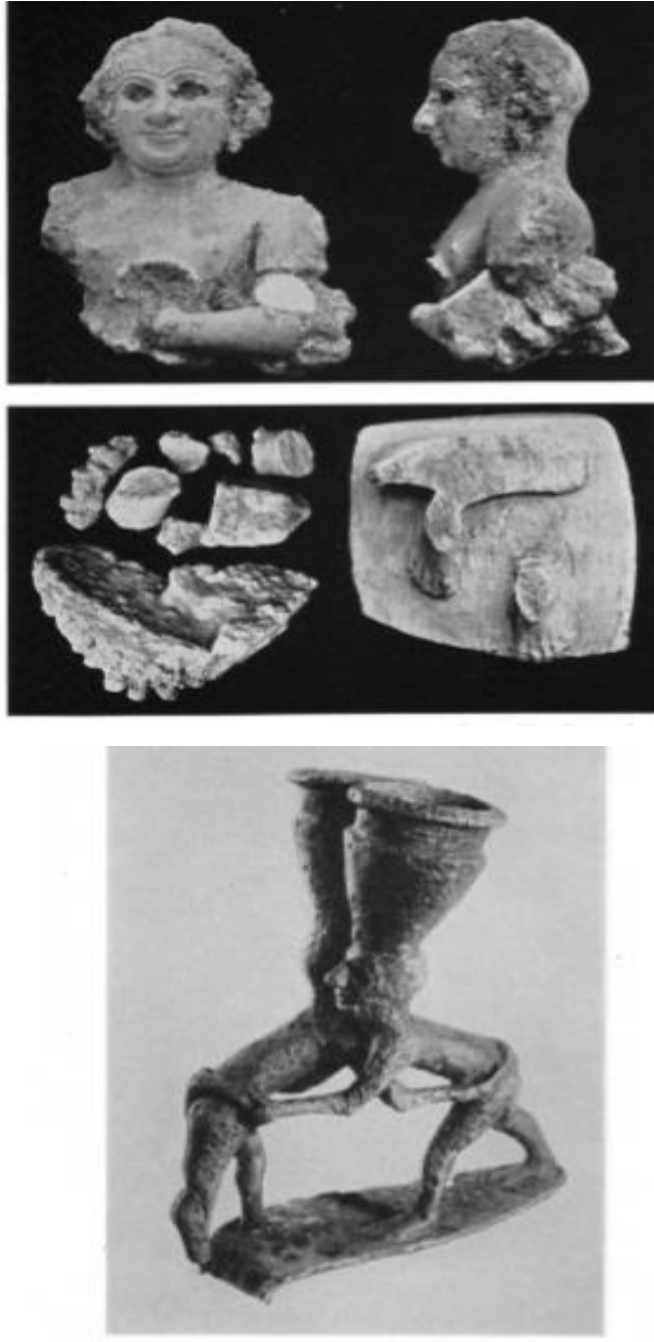
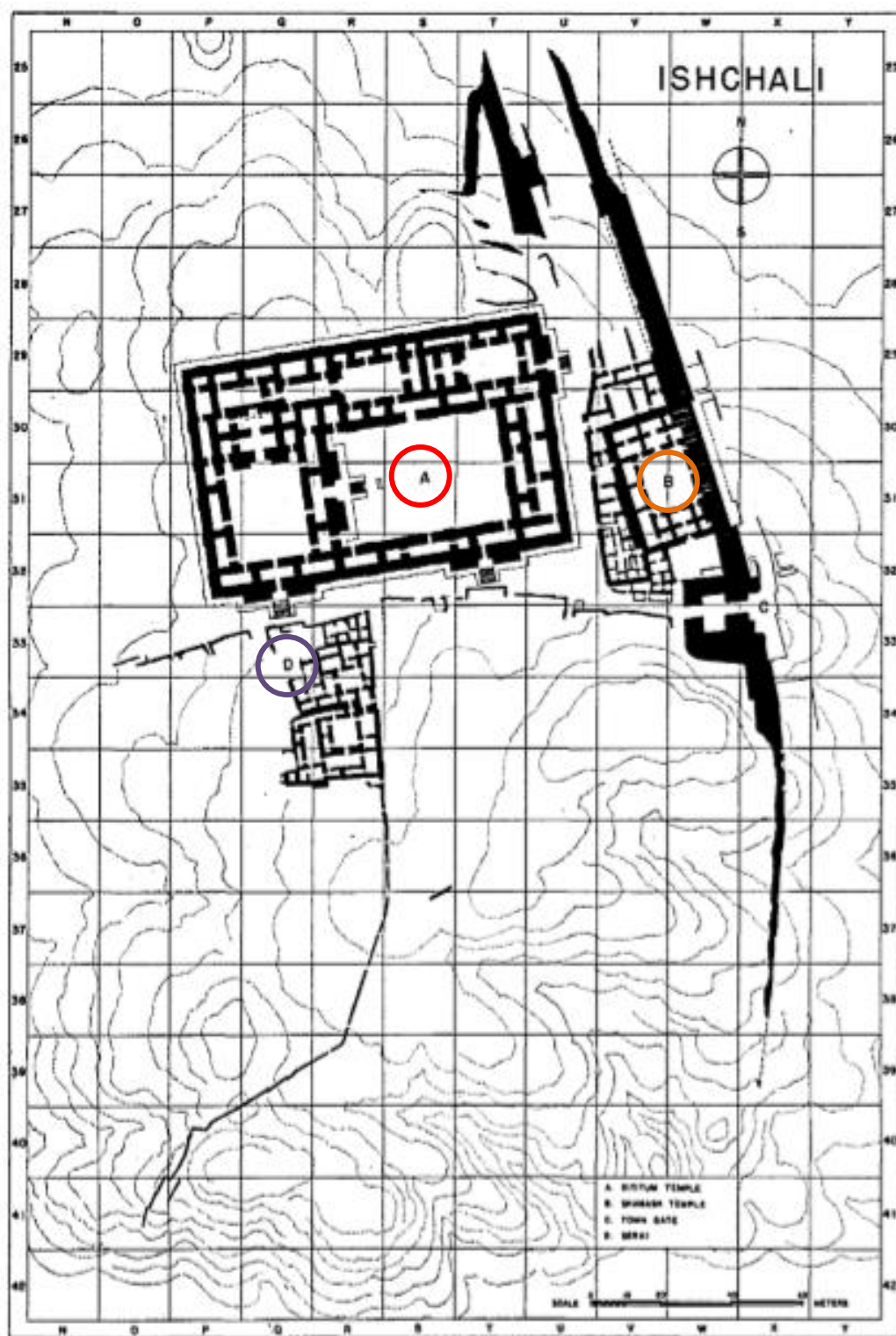
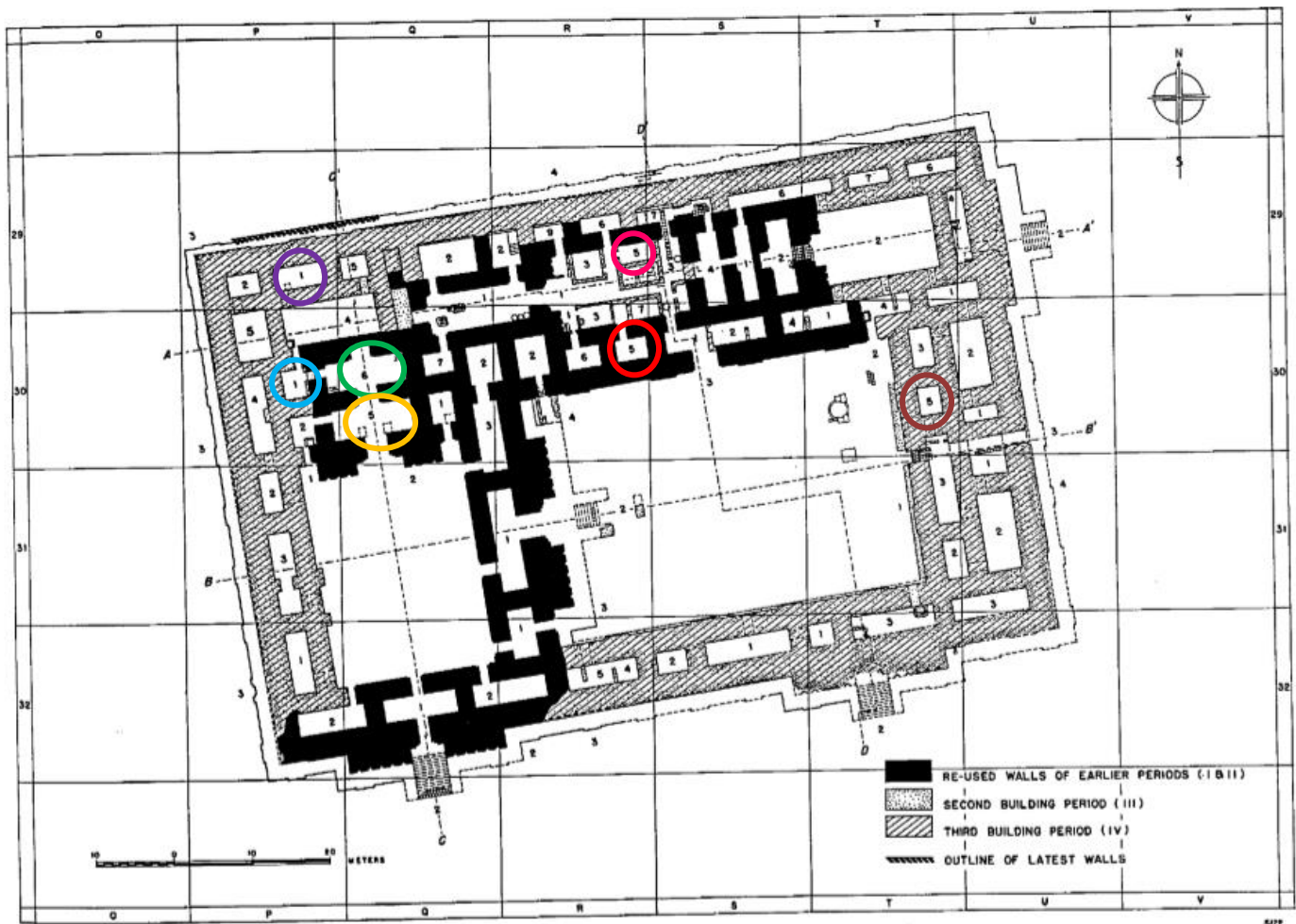


Fig. 6 – Khafajah, templo de Nintu. Fragmentos de estatuária encontrados na estrutura religiosa (Escala: 3:4). Estatueta, em cobre, evocando duas figuras lutando (tamanho real) (DELOUGAZ, 1942b.: 85-86).



Planta 14 - Mapa de Ishchali com a área escavada. Escala: 1:2000. Referência das principais estruturas identificadas (Complexo Kititum – Vermelho; Templo Utu/Šamaš – Verde; “Serai” - Amarelo) (FRANKFORT, 1955: Plate 96)



Planta 15 - Planta de Ishchali, Kititum III-IV (Vermelho – Selo n° 8; Azul - Selo n° 9; Verde – Selo n° 10; Laranja – Selo n° 55; Amarelo – Selo n° 91; Roxo – Selo n° 74; Rosa – Selo n° 56) (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: 30)



Planta 16 - Tell Agrab. Planta do complexo principal do Templo de Shara (Período Dinástico II). Escala: 1:400. (Azul – Selo nº 70; Verde – Selo nº 69; Laranja: Selos números 67; 68; 90; Vermelho: Selos números 61; 62; 63; 64; 65; 66) (LLOYD, 1942: Plaque 26)

Anexo 5 – Materiais de Fabrico



Fig. 7 – Paralelo egípcio. Gravura de Sakkara da VI Dinastia (c. 2450 a.C.) onde é possível verificar que os artesãos utilizam uma broca manual na produção de vários objetos, entre eles, os selos cilíndricos (DUQUE, 2009: 19)

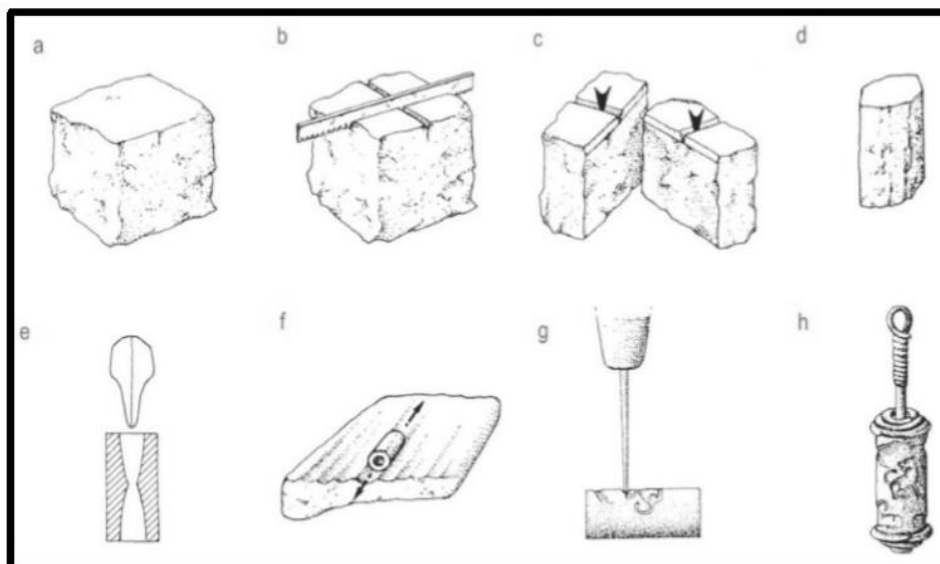


Fig. 8 – Esquema exemplificativo das várias fases de fabrico de selos cilíndricos, descritas na nota de rodapé nº 113. (DUQUE, 2009: 20).



Fig. 9 – Selos números 32 e 33 da amostragem do Diyala. Atente-se nas “presilhas” colocadas no topo dos selos cilíndricos, no primeiro (a) fabricada em concha e no segundo (b) em prata (FRANKFORT, 1955: Plaque I)

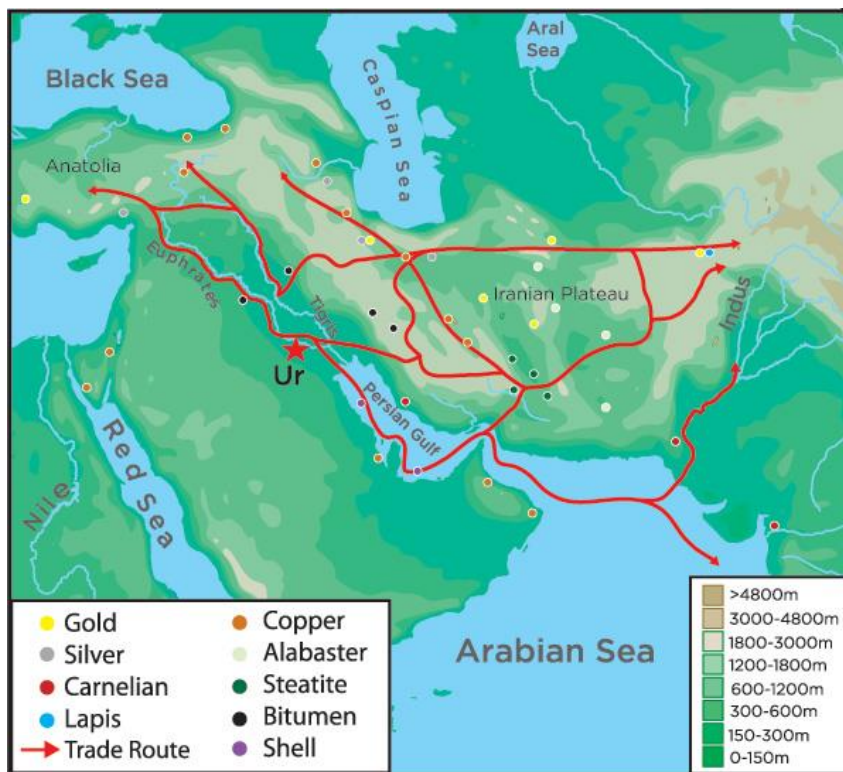


Fig. 10 – Principais rotas de comércio estabelecidas no período de Uruk/Jemdet Nasr, (c. 3500-2900 a.C.) com a identificação das principais matérias-primas importadas (Penn Museum (https://www.penn.museum/sites/iraq/?page_id=52 [Junho 2019])).

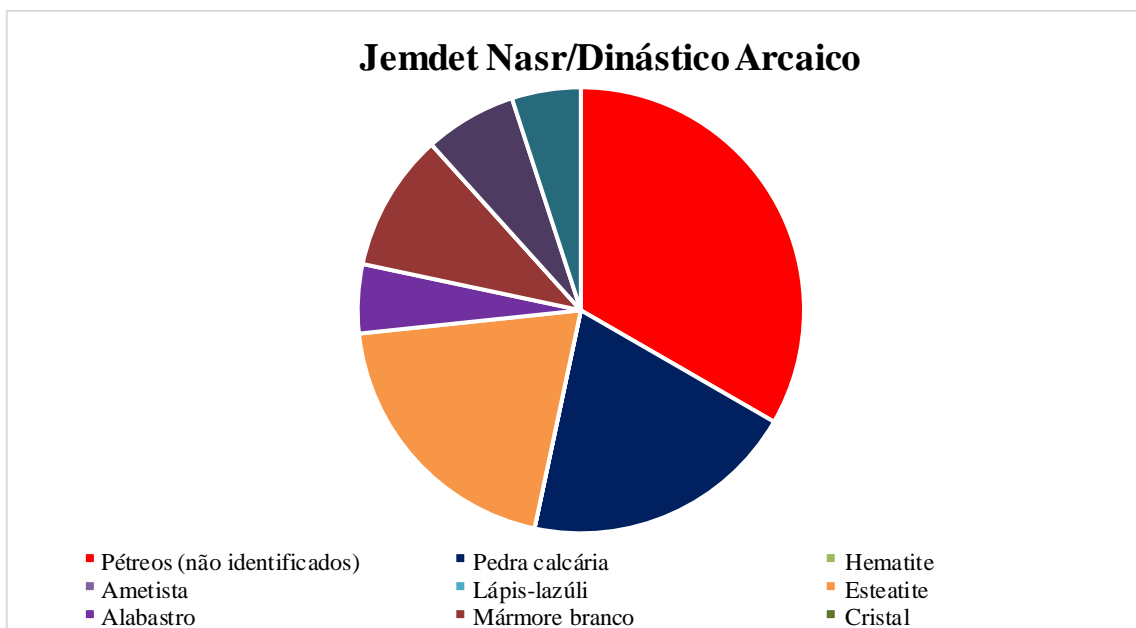


Gráfico 4 - Distribuição das matérias-primas utilizadas no fabrico de selos cilíndricos datados do período de Jemdet Nasr/Dinástico Arcaico.

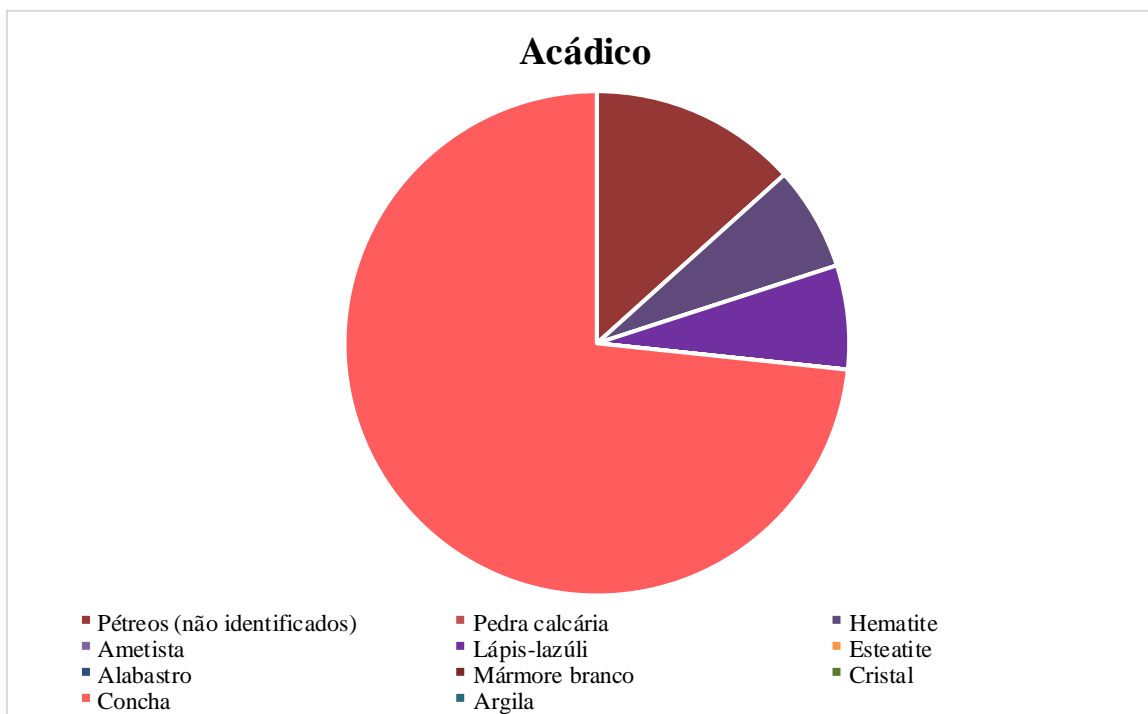


Gráfico 5 - Distribuição das matérias-primas utilizadas no fabrico de selos cilíndricos datados do período de Acádico.

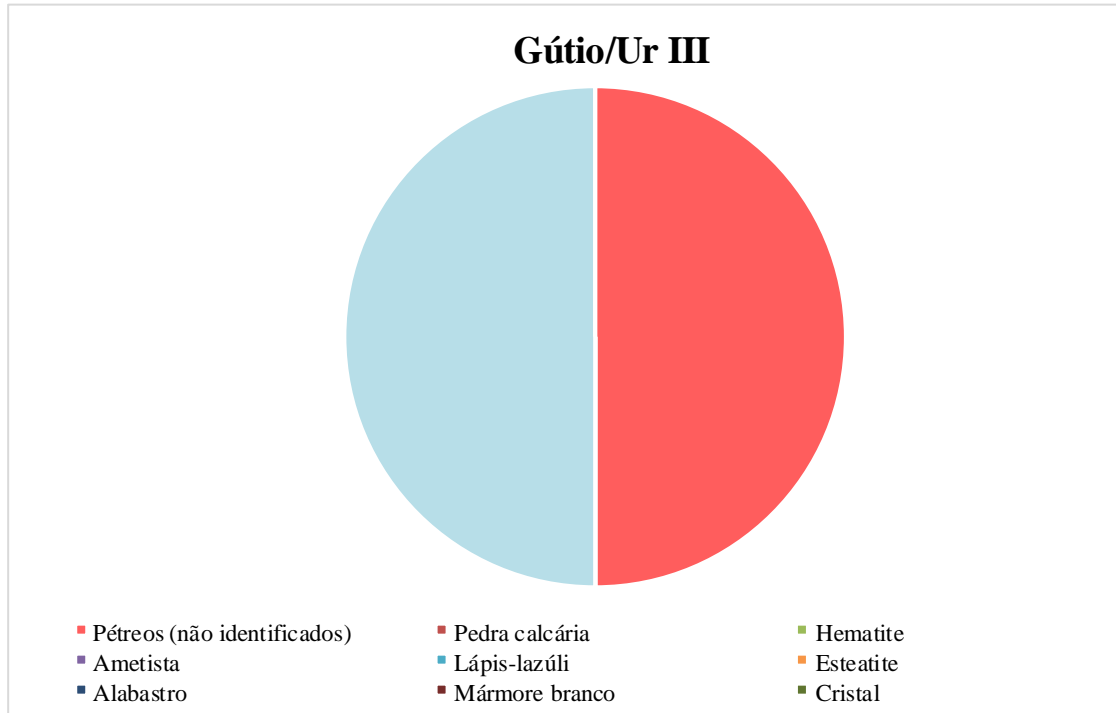


Gráfico 6 - Distribuição das matérias-primas utilizadas no fabrico de selos cilíndricos datados do período Gútio/Ur III.

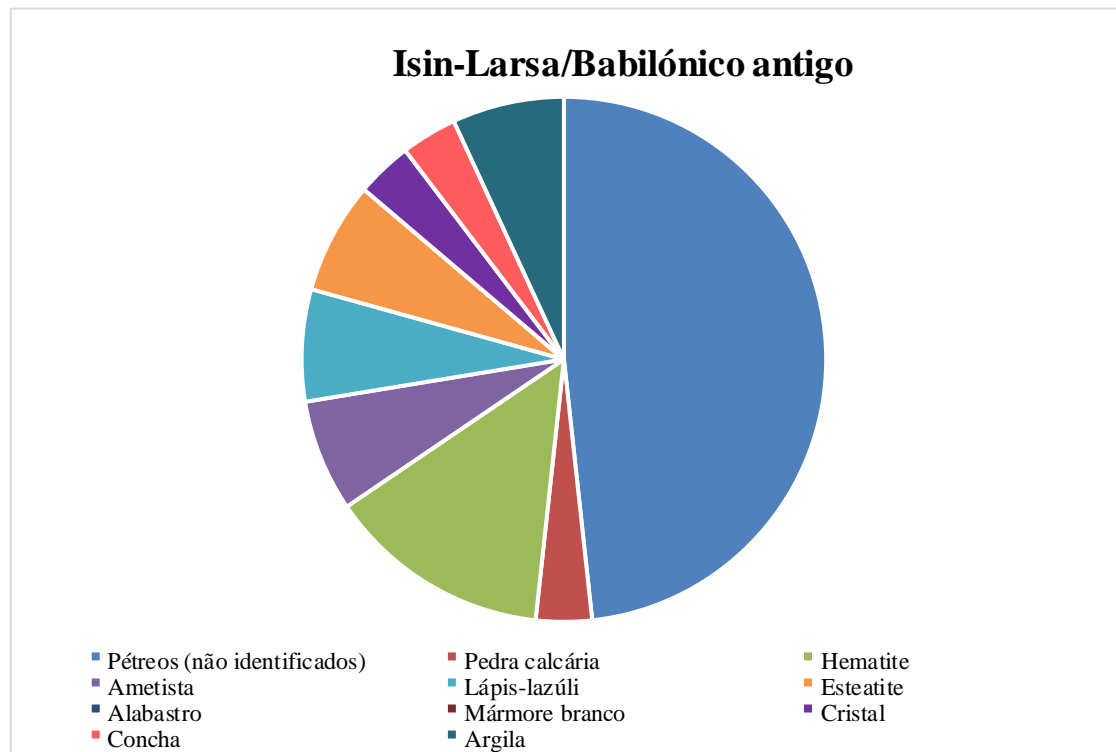


Gráfico 7 - Distribuição das matérias-primas utilizadas no fabrico de selos cilíndricos datados do período de Isin-Larsa/Babilónico antigo.

Estruturas / Materiais de fabrico	Habitacionais	Cúlticas	Palacianas	Outros edificios
Pétreo (não identificados)	11	17	4	0
Pedra Calcária	4	4	0	0
Hematite	1	3	0	0
Ametista	0	1	0	0
Lápis-lazúli	1	1	0	0
Esteatite	2	11	0	0
Alabastro	1	6	0	0
Mármore branco	1	5	0	0
Cristal	0	1	0	0
Concha	13	3	0	0
Argila	2	2	0	1

Tabela 4 – Distribuição dos materiais de fabrico dos selos por estruturas identificadas (Tell Asmar; Ishchali; Khafajah; Tell Agrab)²⁹⁸

²⁹⁸ Exclui-se desta gráfico os selos números 96 e 97, pois os mesmos apresentam várias matérias-primas, sendo o corpo do selo fabricado em pedra (calcário). Relativamente às “presilhas” que se encontram no seu topo foram produzidas, no primeiro, em concha e, no segundo, em prata. O selo nº 97 apresenta, ainda, anéis em concha colocados na parte superior do objeto.

Anexo 6 – Os usos e as funções da glíptica: Paralelos materiais

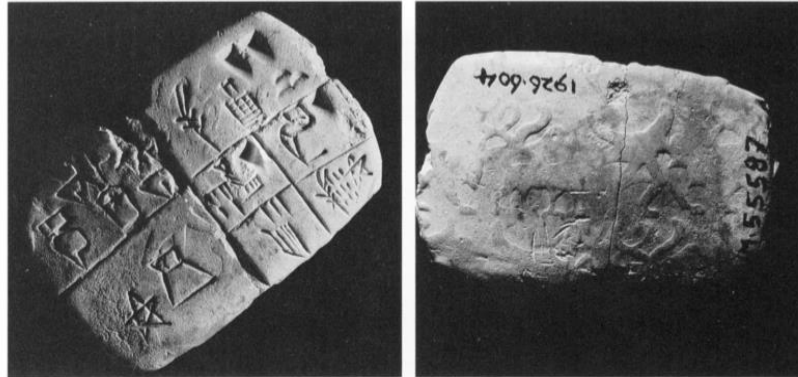


Fig. 11 – Exemplar de tabuinha de argila onde é possível verificar a conjugação, nos tempos iniciais da história da Mesopotâmia, período de Uruk/Jemdet Nasr (c. 3500 – 2900 a.C.) da impressão de selos cilíndricos com uma escrita proto-cuneiforme (PORADA, 1993: 565)



Fig. 12 – Fragmento de um jarro, em barro onde foi impresso uma selo cilíndrico (10.14 cm x 8.22 cm). Abidos: Cemitério B (Egipto, 5.500-2.700 a.C.?). O motivo iconográfico evoca um desenho repetitivo, de um pássaro e o hieróglifo do signo - r. A inscrição encontra-se desgastada (possível referência a Horus)²⁹⁹.

299

British *Museum*
(https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=110716&partId=1&matcult=15770&sortBy=imageName&page=1 [Setembro 2019]).



Fig. 13 – Detalhe da Paleta de Narmer (c.3000 a.C.). Representação de um homem que ostenta ao peito, um selo cilíndrico como objeto de adorno (COLLON, 2001: 16).



Fig. 14 – Mari, Período dinástico arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Incrustação feita em concha pertencente a um painel originário do templo de Dagan em Mari, representando uma mulher que usa um selo cilíndrico como fio, pendurado ao pescoço (ARUZ, 2003:158).



Fig. 15 – Tanis, San el-Haggar. III Período Intermédio, Dinastia XXII. Bracelete ou anel de braço pertencente ao faraó Sheshonq II. Esta peça é fabricada em ouro e possui um selo cilíndrico mesopotâmico, elaborado em lápis-lazúli (Museu do Cairo).



Fig. 16 - Elementos de joalheria, nomeadamente um colar, um anel e um par de brincos, pertencente à esposa de Henry Layard (1869). Este conjunto assume-se como um exemplar notável da joalheria do século XIX, que constata areceção da antiguidade mesopotâmica na contemporaneidade, identificável pelo uso dos selos cilíndricos, típicos da antiguidade oriental, como peças-chave de adorno corporal. Estes selos manifestam, ainda, uma clara influência da arte assíria tardia, onde predominavam o uso de felinos e os motivos das pinhas³⁰⁰.

300

British *Museum*
(https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3002959&partId=1) [Setembro 2019].

Anexo 7 – Cenas de Apresentação

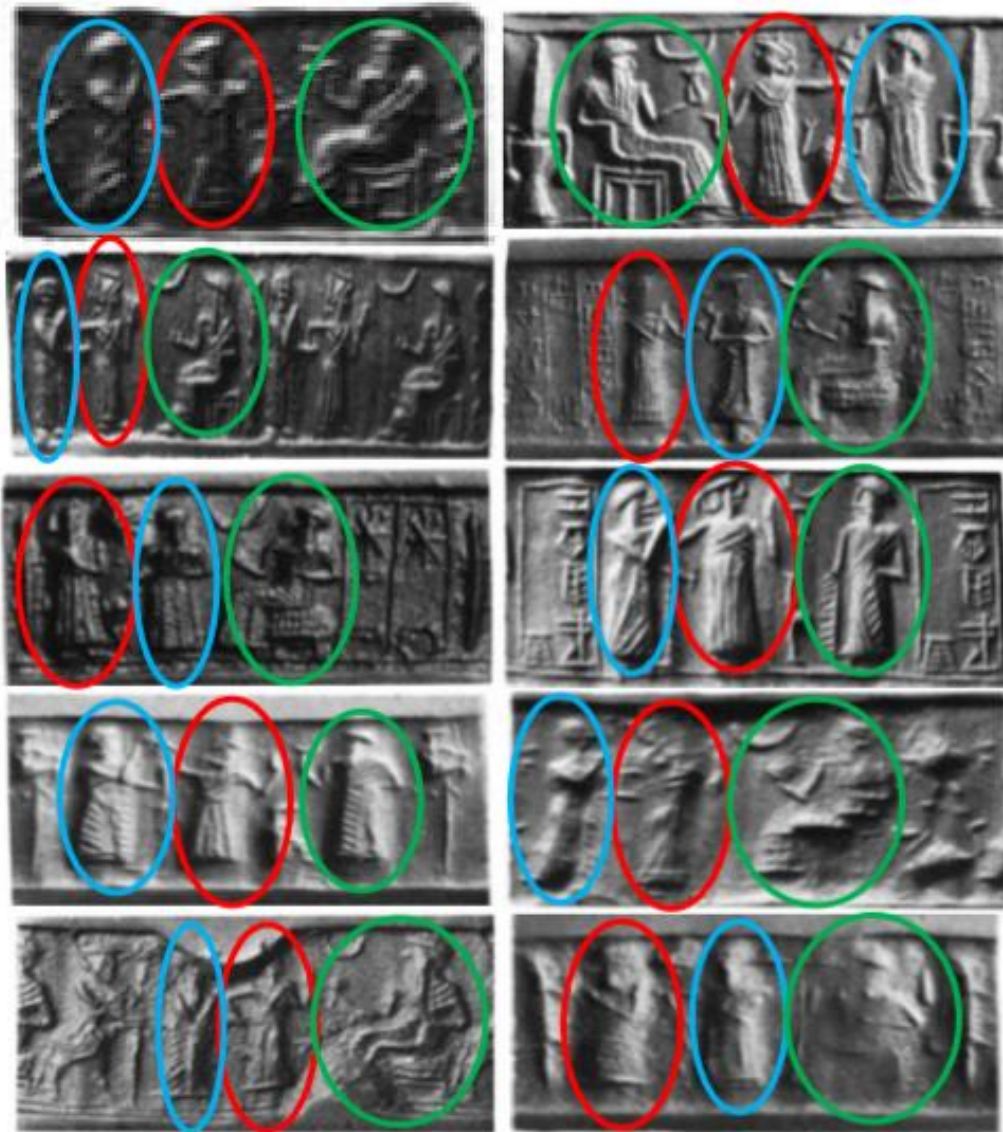


Fig. 17 - Composição exemplificativa do padrão de representação das figuras nas cenas de apresentação. Neste caso, foram considerados todos os selos que constituem a amostragem da variação do tipo 1, Rei-Orante (1, 14, 5, 6, 21, 19, 28, 3, 25, 29), respectivamente, da esquerda para a direita³⁰¹. A vermelho encontra-se identificada a figura da deusa suplicante Lama, que se encontra numa das suas formas canônicas, ou à frente do orante, com uma das mãos erguida e a outra guiando-o, ou atrás do orante, com ambas as mãos erguidas. A azul encontra-se identificada a figura do orante/adorante, que se pode encontrar atrás ou à frente da deusa intercedente, expressando uma linguagem gestual de respeito, isto é, com uma das mãos erguidas e a outra elevada à altura da boca, ou então com ambas as mãos colocadas sobre o peito. A verde encontra-se identificado o rei terreno mesopotâmico que se pode encontrar entronizado ou de pé, quase sempre segurando um copo.

³⁰¹ FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

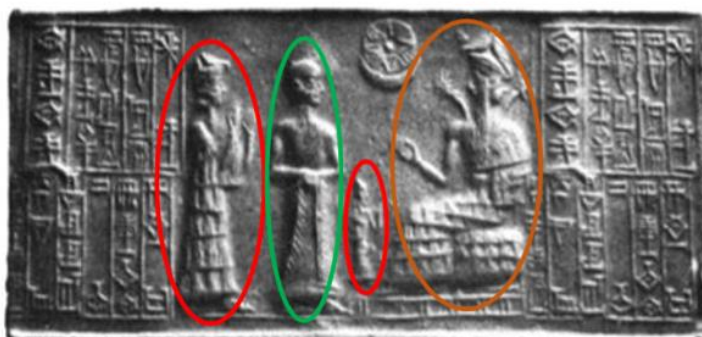


Fig. 18 – a. Colar com pendentes apotropaicos, dois deles evocativos da deusa Lama (a vermelho). Dilbat. Período Babilónico Antigo (c. Século XVIII-XIX a.C.)³⁰². b. Estela do rei Assurbanipal II, na qual o soberano ostenta um colar semelhante ao representado na figura a. (a vermelho). Nimrud (Kalhu). Período Neo-Assírio (c. 865-860 a.C.)³⁰³. c. Baixo-relevo da Sala do Trono de Mari onde podemos ver, a vermelho, a representação da deusa Lama. Mari, Período Babilónico antigo. d. Estela da deusa protetora Lama. Período Cassita, c. 1307–1282 a.C.³⁰⁴. Em todos os paralelos materiais apresentados, a deusa Lama é identificada pela coroa chifrada, a vestimenta em folhos e pela sua linguagem gestual canónica, com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica/respeito.

³⁰² *Metropolitan Museum of Art*, <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/329227>, [Janeiro 2019].

³⁰³ *British Museum*, https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=367076&partId=1&images=true, [Janeiro 2019].

³⁰⁴ *Metropolitan Museum of Art*, <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/325092>, [Janeiro 2019].



«O Tišpak, mighty king, King of the Land of Warum (Ešnunna) Kirikiri, Išakku (Ensi/Governante) of Ešnunna to Bilalama his son has presented (this seal)»

Fig. 19 – Tell Asmar, Selo nº 12. *Locus*: O 30:12; *Nível*: Desconhecido. A vermelho encontram-se as duas deusas suplicantes, evocativas da entidade divina Lama que parecem ladear a figura do orante. A verde encontra-se representado o orante/adorante, que, na nossa perspetiva, poderá evocar a figura do futuro rei da cidade de Ešnunna Bilalama, dada a inscrição que o selo possuía. A cor-de-laranja encontra-se identificada a divindade patrona da cidade de Eshnunna, o deus Tišpak, sentado num trono (cuja representação evoca a montanha) sendo reconhecível pela coroa chifrada e pelas cabeças de dragão projetadas das suas costas³⁰⁵

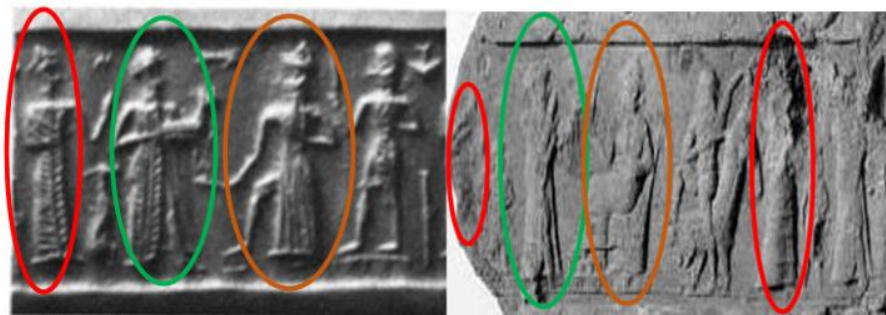


Fig. 20 – Ishchali, Selos números 11 e 27. *Locus*: W 32:1; *Nível*: Templo de Šamaš; *Locus*; V 31:4; *Nível*: Templo de Šamaš, respetivamente³⁰⁶. A vermelho encontra-se a deusa suplicante Lama. A verde, o rei mesopotâmio e a cor-de-laranja o deus Utu/Šamaš. As oferendas sacrificiais seriam comuns no âmbito do do serviço humano aos deuses, aqui elevado à figura do rei terreno, aquele que se assumia como o paradigma no cumprimento deste dever. Esta necessidade de sacrifício aos deuses encontra-se expressa em várias fontes literárias de carácter mítico, sendo que evocamos a seguinte passagem, presente em *Atrahasis* (Tab. III), que alude à oferenda que o herói da composição apresenta após o término do evento diuviano: «The gods smell the fragrance, / Gathered like flies over the offering (...)» (DALLEY, 1989:33) e no *Hino de Lipit-Ištar*.

³⁰⁵ FRANKFORT, 1955: Plaque 66.

³⁰⁶ FRANKFORT, 1955: Plaque 88.

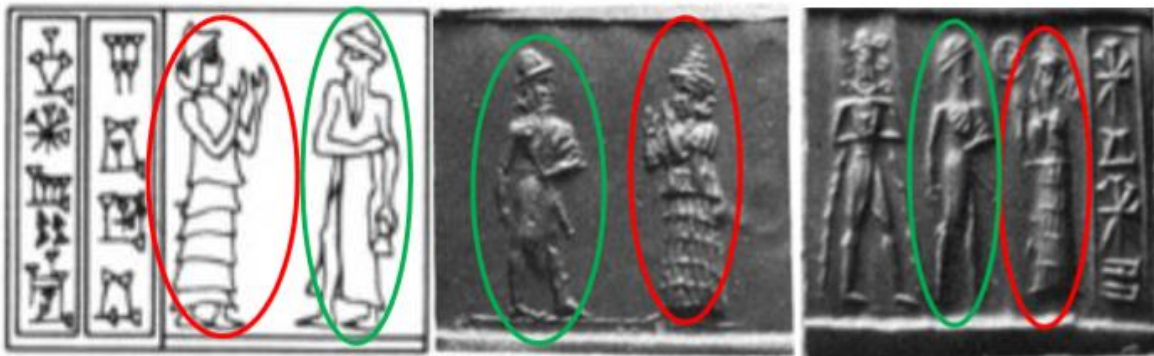


Fig. 21 - Tell Asmar, Selo nº 13. *Locus*: N 30:3; *Nível*: Superfície. Ishchali, Selos números 8 e 9. *Locus*: R 30: 5; *Nível*: Kititum III; *Locus*: P 30:1; *Nível*: Kititum III (respetivamente). A vermelho encontra-se identificada a deusa suplicante Lama, na sua forma canónica. A verde encontra-se identificado o rei terreno mesopotâmio, distinguido pela presença do turbante e das tradicionais insígnias do poder, o bastão.



Fig. 22 – Paralelismo entre o selo nº 9 e a Estátua da Deusa Lama encontrada na antecâmara da sala do trono do palácio de Mari. Esta estátua encontrar-se-ia num sítio imediatamente anterior à sala do trono, onde o visitante se encontraria com o rei. Antes deste contacto, ao deparar-se- com esta estátua, o visitante deveria realizar os seus rituais de purificação/abluções, para que pudesse estar apto a ser recebido pelo representante máximo das divindades no plano terreno. Este paralelo evoca uma dupla função da deusa Lama, que, no fundo, se interliga e complementa, isto é, a deusa como agente de mediação e a deusa das águas jorrantas (FRANKFORT, 1955: Plaque 87; MARGUERON, 2004:478).

Anexo 8 – Deusas entronizadas



«Father, Please give me the Bull of Heaven, and/ let me strike Gilgamesh down!/ (...)/ If you don't give me the Bull of Heaven,/I shall strike (?)/ I shall set my face towards the infernal regions,/ I shall rise up the death, and they eat the living, (...)» (DALLEY, 1989: 80)

Fig. 23 – Selos números 44, 45 e 50, respetivamente (da esquerda para a direita)³⁰⁷, acompanhados da passagem presente na Tab. VI da *Epopéia de Gilgameš*, que poderá encontrar concordância com a iconografia presente nos selos. Segundo FRANKFORT, é possível identificar a presença de uma figura feminina, talvez a deusa Inanna/Ištar, e de um bovídeo que se debruça perante ela, sobre o qual se encontra um portão alado.

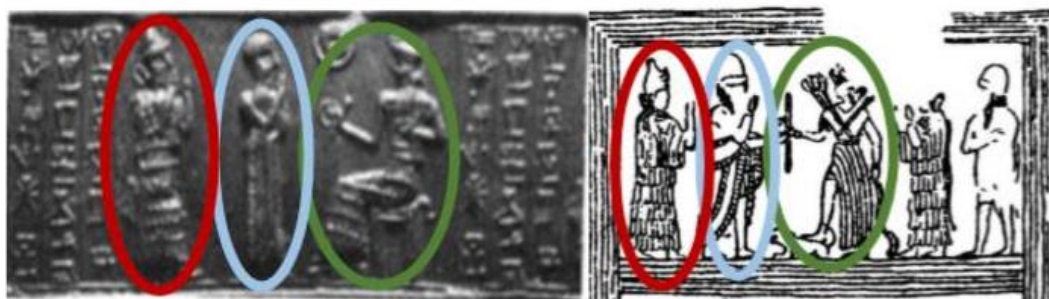


Fig. 24 – Paralelismo entre o selo n° 4 e o baixo-relevo da sala do trono do palácio de Mari. A vermelho podemos ver a deusa intercedente Lama, em ambas as composições. A azul, destaca-se o rei terreno, perfeitamente reconhecido no baixo-relevo pela sua indumentária, sobretudo pelo turbante real. A verde encontramos a deusa Inanna/Ištar, claramente identificável no baixo-relevo, pelas suas insígnias de poder, enquanto divindade que entrega ao rei o anel e a vara de medição, símbolos da realeza mesopotâmia. Os paralelos entre as duas composições iconográficas são evidentes, reportando-nos para a lógica da ideologia real mesopotâmia, assim como para a presença da deusa Inanna/Ištar em ambas as fontes materiais³⁰⁸.

³⁰⁷ FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute.

³⁰⁸ FRANKFORT, 1955: Plaque 66; MARGUERON, 2004: 478.

Anexo 9 – Inanna/Ištar

Símbolos/Períodos Cronológicos ³⁰⁹	Jemdet Nasr /Período Dinástico Arcaico	Acádico	Gútio/ Ur III	Isin-Larsa/ Babilónico antigo	Desconhecido
Estrela de Oito pontas/Roseta	34	8	0	13	1
Tamareira	0	0	1	0	0
Escorpião	23	0	0	4	0
Insígnias do poder real	0	2	0	6	0
Cão	1	0	0	2	1
Leão	2	1	0	3	0
Pilar de Juncos	3	0	0	0	0

Tabela 5 – Símbolos não antropomórficos evocativos do Divino Feminino Mesopotâmico distribuídos por estilos artísticos/períodos cronológicos (Tell Asmar; Ishchali; Tell Agrab; Khafajah)

Estruturas/ ³¹⁰ Deusas	Inanna/Ishtar	Gula	Lama	Ishara	Deusa(s) da Fertilidade
Habitacionais	10	1	5	7	6
Cúlticas	41	2	8	12	0
Palacianas	1	0	3	3	0

Tabela 6 – Distribuição das possíveis deusas representadas no total de selos do Diyala pelas estruturas identificadas (Tell Asmar; Ishchali; Khafajah; Tell Agrab)

³⁰⁹ Foram considerados todos os selos da amostragem onde foi possível determinar o seu período cronológico, bem como aqueles onde o divino feminino foi representado através de símbolos não antropomórficos.

³¹⁰ Apenas foram contabilizados os selos que apresentam informação arqueológica completa (*locus*; nível). Não obstante, é preciso ter em conta os contingentes teórico-metodológicos da época em que estes foram exumados, já que estamos perante um momento em que a Arqueologia ainda se estaria a formar como ciência e, como tal, os métodos de escavação e registo ainda se encontravam numa fase embrionária. De facto, nem sempre parece haver uma concordância entre as estruturas que são descritas e as que surgem nas plantas de escavação.



Fig. 25 – Placa de Terracota. Eshnunna (Tell Asmar), II Milénio a.C. Istar, na sua faceta guerreira, segura um bastão com duas cabeças de pantera³¹¹.



Fig. 26 – Estela. Til Barsip (Tell Ahmar), I milénio a.C. Istar surge representada na sua faceta guerreira, de perfil, montada no leão, seu animal-símbolo, e com os músculos gémeos desenvolvidos. Das suas costas saem projetadas armas, símbolos do seu poder bélico³¹².

³¹¹ *Louvre*, http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_no t&idNotice=24776, [Janeiro 2019].

³¹² *Louvre*, <https://www.louvre.fr/en/oeuvrenotices/stele-representing-goddess-ishtar>, [Janeiro 2019].



Fig. 27 – Selos números 58 (Khafajah), 8 (Ishchali) e 9 (Ishchali), respectivamente. A verde encontra-seo governante terreno, perfeitamente identificado pelas suas insígnias do poder (o turbante e o bastão/maça) sendo possível estabelecer um paralelo com o selo nº 425 e, por isso, com figura identificada a azul que, se apresenta em contornos semelhantes, com o turbante e o bastão/maça. Os três selos datam do período Isin-Larsa/Babilónico Antigo (c. 2000-1500 a.C.). (FRANKFORT, 1955: Plaque 40, 86, 87).

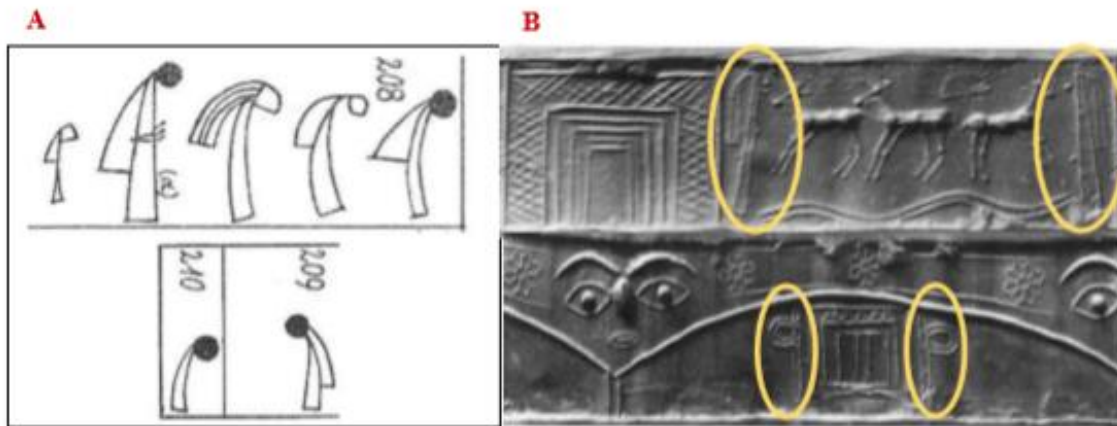


Fig. 28 – A. Pictograma de Inanna/Ištar: Muš (DUPLA, 2016:79). B. Selos números 61 e 70, provenientes de Tell Agrab, Templo de Shara (respectivamente, de cima para baixo). A amarelo encontram-se representados os pilares de juncos, símbolo da deusa Inanna/Ištar (FRANKFORT, 1955: Plaque 80, 84).

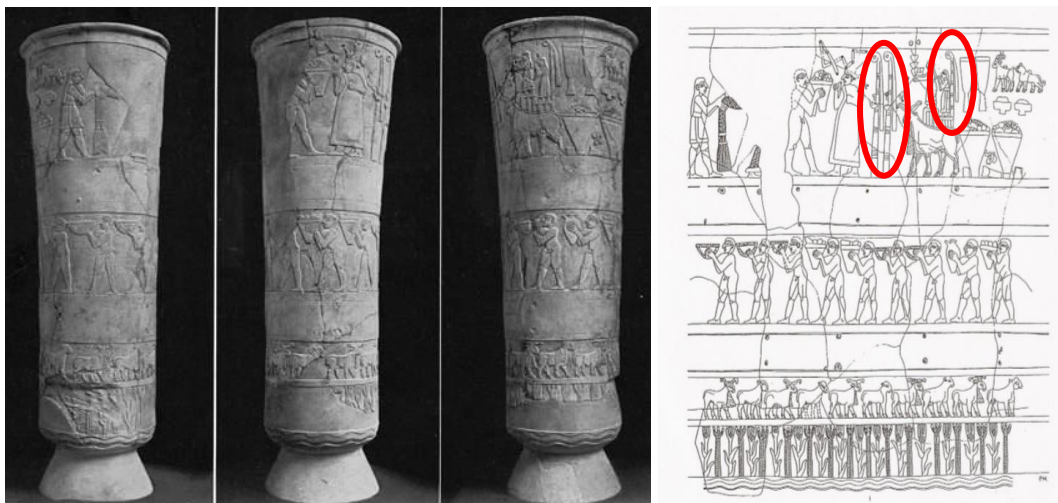


Fig. 29 – Vaso de Uruk, cópia em gesso que esteve patente no Vorderasiatisches Museum, Berlim (ALMEIDA, 2015: 143)³¹³. Desenho a partir do baixo-relevo do Vaso de Uruk onde estão identificados, a vermelho, os pilares de juncos, símbolo vegetal evocativo da deusa Inanna/Ištar (ALMEIDA, 2015: 144).

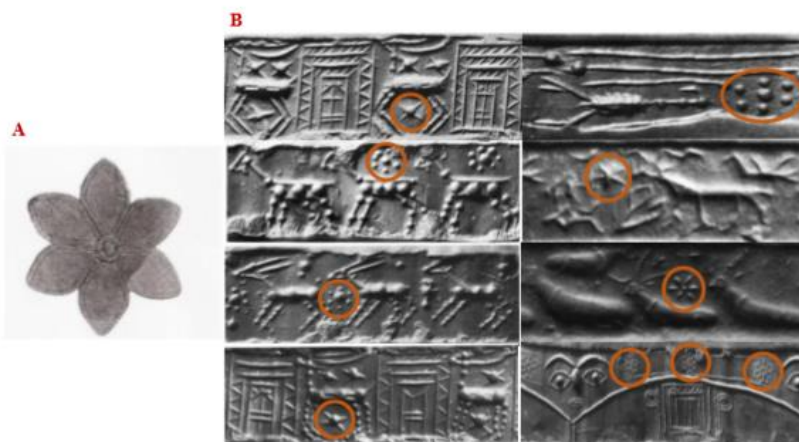


Fig. 30 - **A.** Representação do símbolo de Inanna/Ištar, a roseta/estrela, com 6, 7 ou 8 pétalas/pontas (ALMEIDA, 2015: 132). **B.** Composição dos selos números 61-70 (de cima para baixo, da esquerda para a direita), da amostragem do Diyala, datados do período Dinástico Arcaico, com representações de rosetas/estrelas (cor-de-laranja) associadas no campo iconográfico, quer a animais, quer ao espaço do templos³¹⁴.

³¹³ <http://enenuru.net/html/gal/urukprocexpl.htm> [Setembro 2019].

³¹⁴ Veja-se, FRANKFORT, Henri (1955) *Stratified Cylinder Seals from the Diyala Region*. Chicago: University of Chicago Press - Oriental Institute; LLOYD, Seton (1942) "The Shara Temple at Tell Agrab" in *Pre-Sargonid Temples in the Diyala Region* (Vol. LVIII). Chicago: The University of Chicago Press, pp. 218.

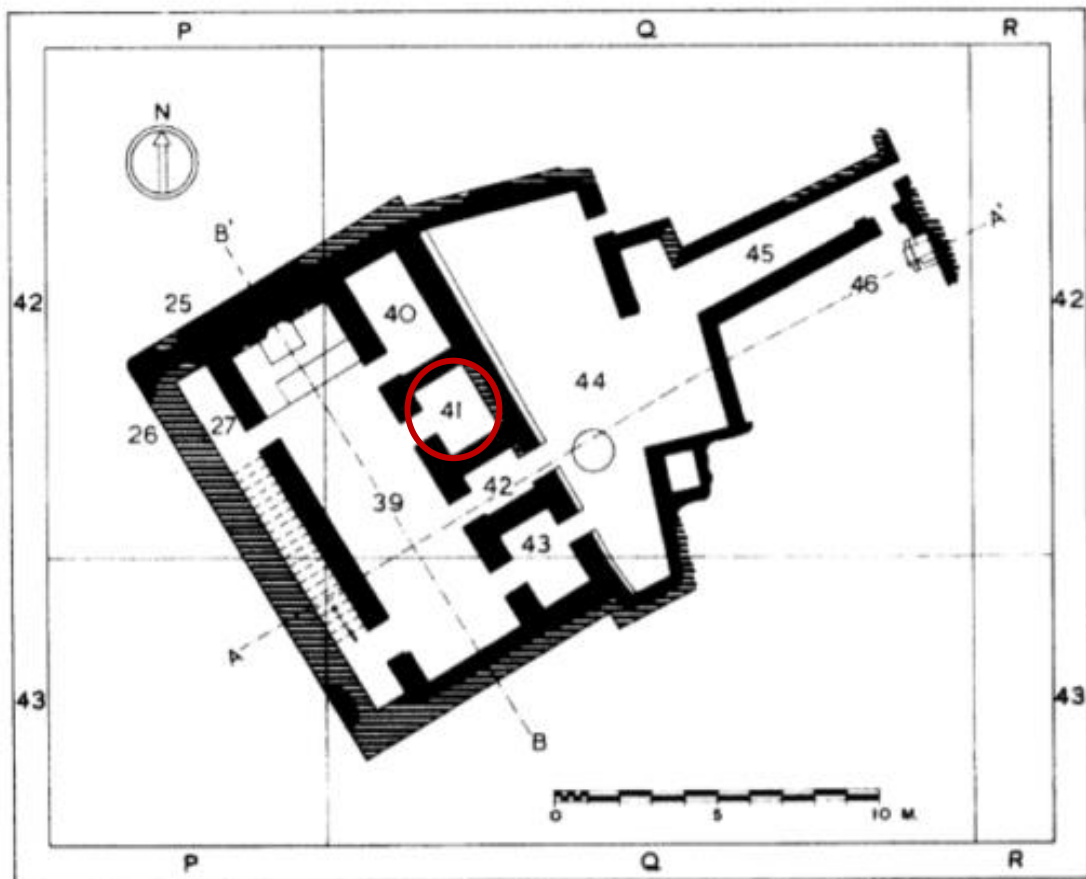


Fig. 31 – Planta do Templo de Sîn (Sîn II) em Khafajah. Período de Uruk/Jemdet Nasr). A vermelho encontra-se destacado o local onde foi exumado o selo nº 96 da amostragem. Escala: 1:250 (DELOUGAZ, 1942b.: Plate 2)

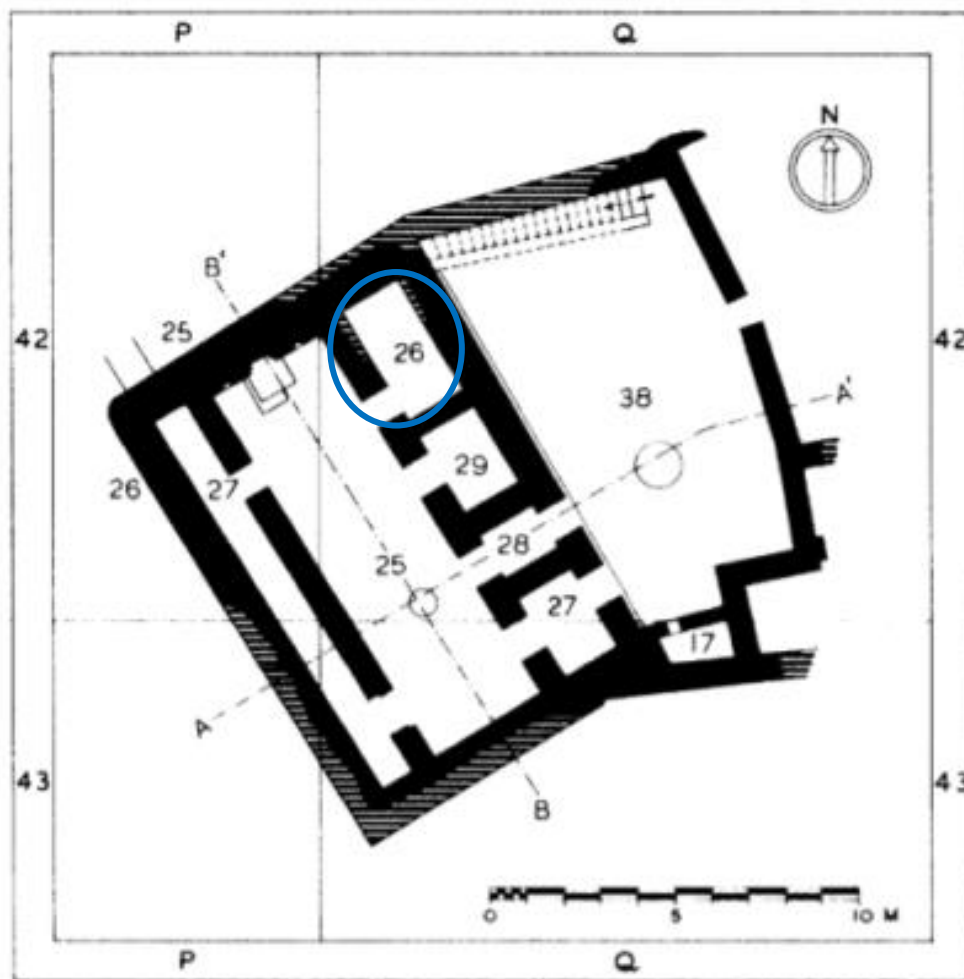


Fig. 32 - Planta do Templo de Sîn (Sîn III) em Khafajah. Período de Uruk/Jemdet Nasr). A azul encontra-se destacado o local onde foi exumado o selo nº 99 da amostragem. Escala: 1:250 (DELOUGAZ, 1942b.: Plate 3)



Fig. 33 – Planta do Templo de Sîn (Sîn IIV) em Khafajah. Período de Uruk/Jemdet Nasr). A laranja encontra-se destacado o local onde foi exumado o selo nº 114 da amostragem. Escala 1:250 (DELOUGAZ, 1942b.: Plate 5)

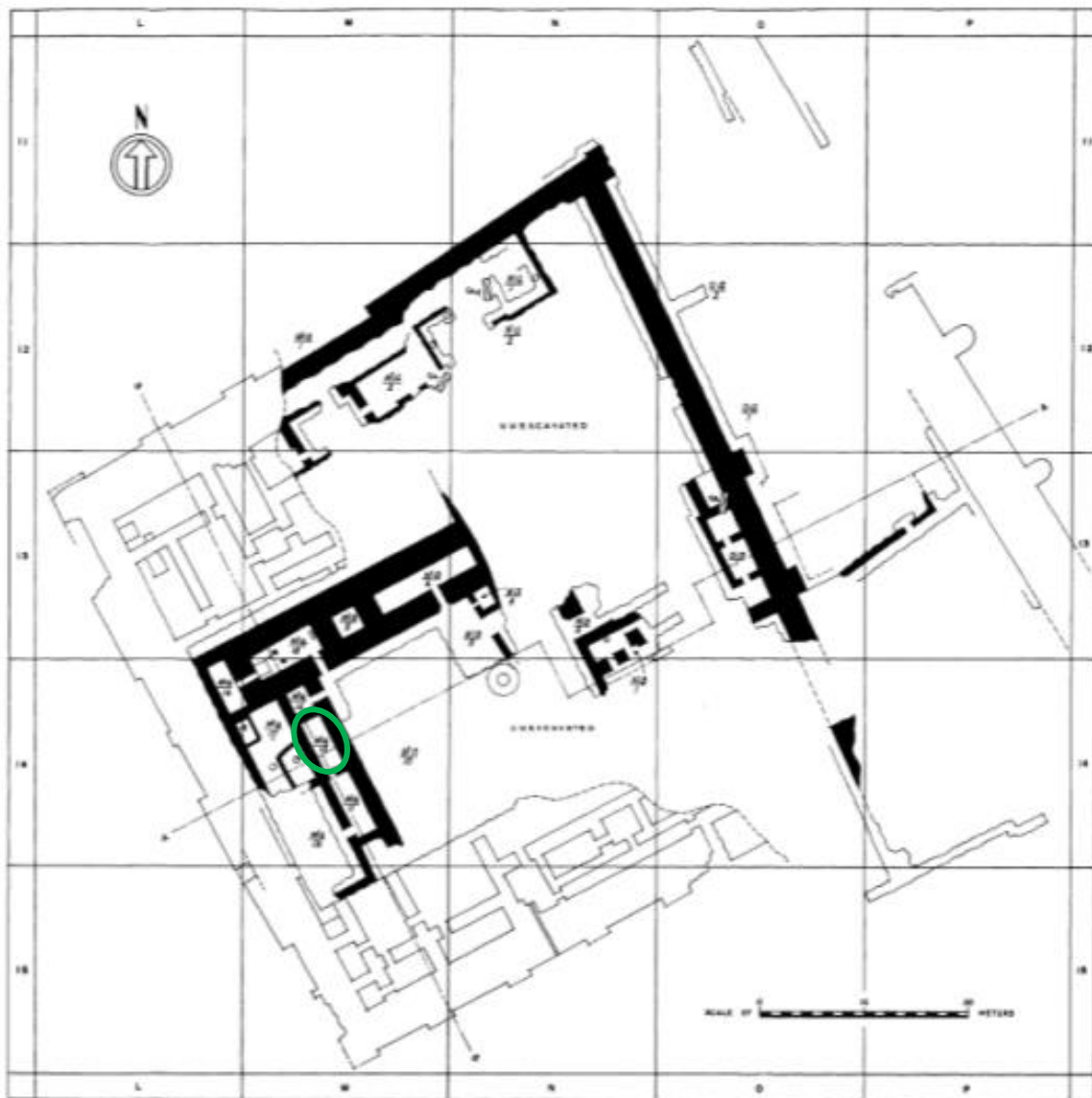


Fig. 34 – Planta do Templo de Šara. Período Dinástico Arcáico II. A verde encontra-se identificado o local onde foi exumado o selo nº 129 da amostragem. Escala: 1:400 (LLOYD, 1942b.: Plate 27)



Fig. 35 – Planta do Templo de Šara. Período Dinástico Arcaico II. A verde encontra-se identificado o local onde foi exumado o selo nº 135 e, a amarelo, encontra-se identificado o local onde foi exumado o selo nº 133 da amostragem. Escala: 1:400 (LLOYD, 1942b.: Plate 26)

Anexo 10 – As Deusas da Fertilidade

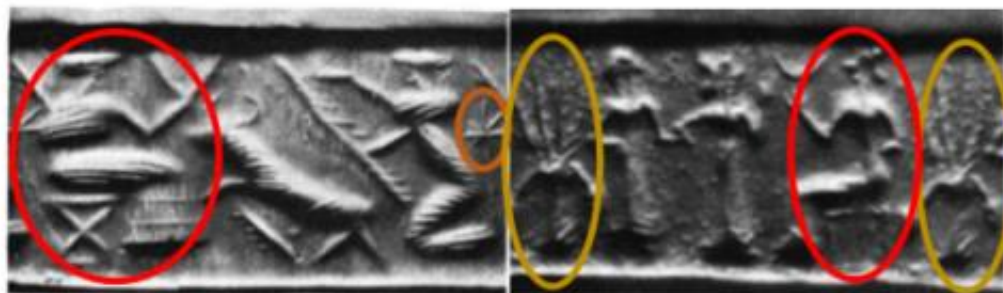


Fig. 36 - Selos nº 39 e 2, respetivamente. Tell Asmar (Ešnunna). Selos que constataam, a vermelho, a presença de uma deusa da fertilidade, reconhecida, no primeiro selo, pelas espigas de cevada que segura. A associação destas deusas a Inanna/Ištar, deusa que tutelaa fertilidade cósmica, poderá ser estabelecida pela presença dos seus símbolos, a estrela de oito pontas (a cor-de-laranja) e pela tamareira (a amarelo) (FRANFORT, 1955: Plaque 60; 64).



« (...) O Nisaba, good woman, fair woman, woman born {in the mountains} {(1 ms. has instead:) by the mountains}! Nisaba, may you be the butter in the cattle-pen, may you be the cream in the sheepfold, may you be keeper of the seal in the treasury, may you be a good steward in the palace, may you be a cheaper up of grain among the grain piles and in the grain stores!» (A hymn to Nisaba. Lhs. 51-55)

Fig. 37 – Fragmento de um vaso com a representação de uma deusa da vegetação (possivelmente Nisaba/Nidaba). Mesopotâmia, Período Dinástico Arcaico III³¹⁵. Selo nº 621, Tell Asmar (Ešnunna), Período Acádico. Selo nº 423. Khafajah, Período Acádico³¹⁶. Selos cilíndricos que constataam a presença de uma deusa da fertilidade (a vermelho), reconhecida pelas espigas de cereal que segura. Poderemos estar perante a deusa Nisaba/Nidaba, que tutelava a vegetação e a agricultura. Hino dedicado à deusa Nidaba/Nisaba (versão do período Babilónico antigo) que expressa a ligação desta divindade à agricultura, enquanto “deusa do grão”. Note-se o tom de súplica para que a referida divindade continue a garantir a prosperidade e abundância³¹⁷.

³¹⁵ Veja-se, ARUZ, 2003:77-78.

³¹⁶ FRANKFORT, 1955: Plaque 69 e 40, respetivamente.

³¹⁷ ETCSL, <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.4.16.1#>, [Janeiro 2019].

Anexo 11 – As Cenas de Banquete



Fig. 38 – Baixo-relevo Neo-Assírio (645BC-635 a.C.) [Assurbanipal?]. Alabastro (58.42 cm x 139.7 cm). Cena de banquete onde se encontra representado o jardim. Neste local, encontram-se o casal real, com a rainha entronizada, segurando uma taça, e com o rei reclinado. A cena integra ainda um conjunto de atendentes que providenciam alimentos e sombra ao casal real³¹⁸.



Fig. 39 – Selo cilíndrico. Serpentina (3.2 x 1.2 cm). Período Assírio (1000-500 a.C.). Cena de Banquete onde está representada, provavelmente, a figura do rei, sentado e a segurar um copo/taça. A cena é ainda composta pela presença de um atendente e por uma mesa onde se poderá encontrar um pote ou um queimador de incenso. Para além das figuras antropomórficas, encontra-se ainda, no canto superior esquerdo do selo, uma estrela de oito pontas, símbolo da deusa Inana/Ištar, divindade fortemente ligada à realeza mesopotâmica³¹⁹.

³¹⁸

British

Museum,

https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=237000001&objectId=366859&partId=1, [Janeiro 2019].

³¹⁹ COLLON, 1987: 75-76; WARD, 1910: 241.

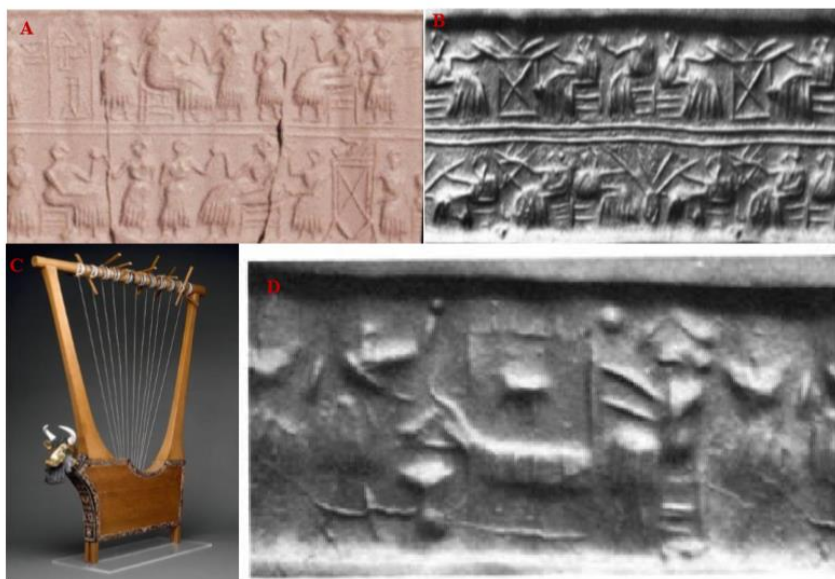


Fig. 40 - Paralelos materiais entre os selos cilíndricos exumados nos Diyala e o espólio proveniente dos Túmulos Reais de Ur. **A.** Ur, Cemitério Real de Ur (UE.10939). Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Selo cilíndrico fabricado em lápis-lazúli, pertencente à rainha Pu-abi, evocando uma cena de banquete³²⁰. **B.** Khafajah, Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Selo cilíndrico, fabricado em material pétreo de tonalidade branca (?), exumado numa estrutura habitacional (*Locus*: M 42:3; Nível: Houses II), com uma cena de banquete típica deste período³²¹. **C.** Ur, Cemitério Real de Ur (UE. 10412). Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Harpa da rainha Pu-abi, com forma bovídea³²². **D.** Khafajah, Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Selo cilíndrico fabricado em mármore branco, exumado numa estrutura habitacional (*Locus*: M 51; Nível: Houses II), com uma cena de banquete onde uma figura feminina toca uma harpa, em forma de animal, provavelmente um bovídeo³²³.

³²⁰

British *Museum*,
https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=368239&partId=1, [Janeiro 2019].

³²¹ FRANKFORT, 1955: Plaque 33

³²²

British *Museum*,
https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=368339&partId=1, [Janeiro 2019].

³²³ FRANKFORT, 1955: Plaque 36.

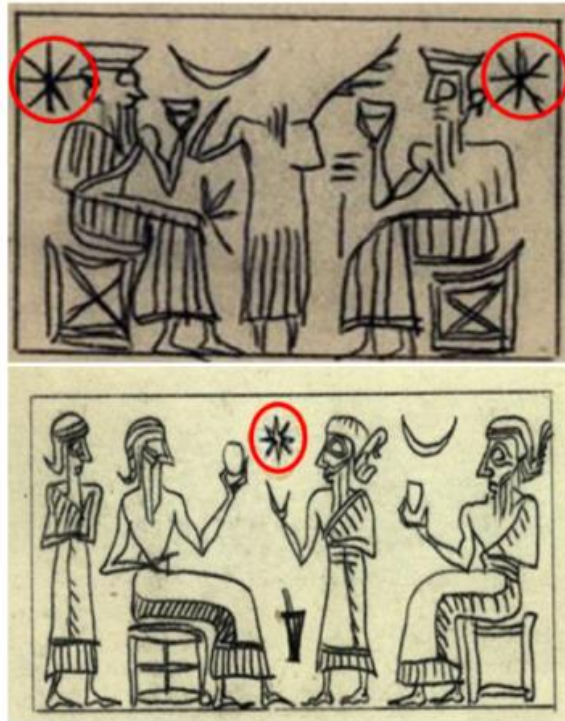


Fig. 41 - Selos números 85 e 86, respectivamente (de cima para baixo). Tell Asmar (Ešnunna), Período Acádico (c. 2334-2193 a.C.)³²⁴. Selos que contêm a temática decorativa correspondente às cenas de banquete. Nestes selos, as figuras antropomórficas parecem-nos ser identificáveis como humanos, devido à ausência da coroa chifrada, símbolo das divindades mesopotâmicas. Neste sentido, está a ser estabelecida uma celebração que parece evocar uma relação contratual entre as figuras humanas. A presença da estrela de oito pontas, símbolo da deusa Inanna/Ištar, parece surgir enquanto agente de legitimação divino perante a relação que se estaria a estabelecer entre os agentes humanos. A presença de outras figuras na cena, que poderão, quiçá, corresponder a atendentes, podem indiciar o elevado poder económico/social dos celebrantes. Note-se, ainda, que os selos do período Acádico, que evocam este tipo de cenas, podem ser entendidos como selos de transição, no sentido em que conjugam duas temáticas, uma de tradição Dinástica, a cena de banquete, e a outra que surge neste período, as cenas de apresentação. As semelhanças entre ambas são identificadas através das seguintes características: 1. As figuras de maior importância hierárquica encontram-se sentadas/entronizadas; 2. Ambas as figuras seguram na mão um copo/cálice; 3. Adição à cena de orantes/atendentes que se apresentam às figuras sentadas³²⁵.

³²⁴ FRANKFORT, 1955: Plaques 57, 59.

³²⁵ ZAJDOWSKI, 2013: 12-13.



Fig. 42 – A . Placa com motivos eróticos. Iraque, Babilónia. II milénio a. C. Argila (10 cm x 12 cm)³²⁶ **B.** Selo cilíndrico evocando cena de banquete. Tell Asmar (Ešnunna). Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.). Alabastro (2 x 1.6 cm)³²⁷. A verde, encontram-se representados os vasos com palhinhas para beber, suporte utilizado para o consumo de líquidos, presentes em vários tipos de materiais, datados de cronologias distintas. A associação entre a ação ritual de “beber algo” com um elemento ligado ao erotismo, pode indentificar-se pela alusão à taberna e, por isso, à deusa que tutela este espaço, Inanna/Ištar. A azul, encontra-se identificado o escorpião, animal-símbolo da deusa Išhara, entendida como hipóstase de Inanna/Ištar, na sua vertente erótico-sexual. Assim, quiçá, esta noção de sexualidade-erotismo estabelecida através do ato de beber interligada às deusas Ishara/Ištar, poderá ter tido a sua génese no período Dinástico Arcaico.

³²⁶ Museu de Israel, Jerusalém: <http://www.imj.org.il/en/collections/379356>, [Dezembro 2017].

³²⁷ FRANKFORT, 1955: Plaque 43.

Anexo 12 – Outras temáticas

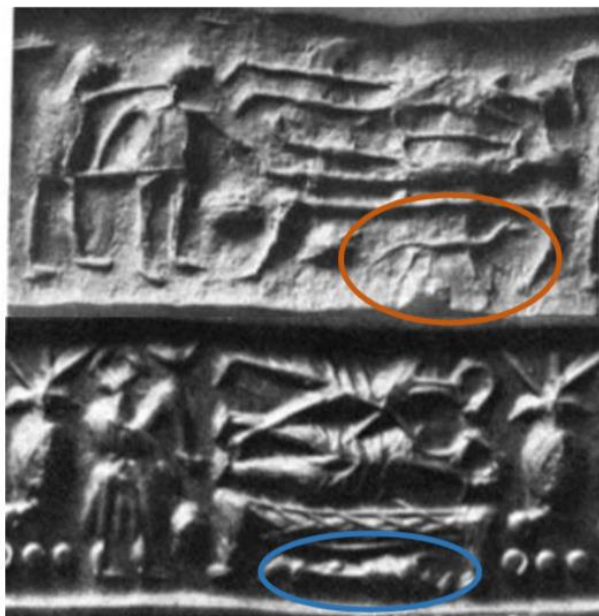


Fig. 43 - Selos nº 88 e 89, respetivamente (de cima para baixo). Selo nº 340. Khafajah, Período dinástico arcaico (c. 3000-2334 a. C). Pedra calcária (3.1 x 1.9 cm)³²⁸. Selo nº 559. Tell Asmar (Ešnunna), Período dinástico arcaico (c. 3000-2334 a. C). Pedra calcária (2 x 1.2 cm)³²⁹. A cor-de-laranja encontra-se identificado um cão, animal-símbolo da deusa Gula. A azul, encontra-se identificado um escorpião, animal-símbolo da deusa Išhara, hipóstase de Inanna/Ištar. A presença destes animais-símbolos pertencentes a divindades femininas, poderão indiciar a ideia de que o divino, encabeçado por estas deusas, apoiaria e legitimaria a união sexual que estaria a ser consumada.

³²⁸ FRANKFORT, 1955: Plaque 34.

³²⁹ FRANKFORT, 1955: Plaque 53.

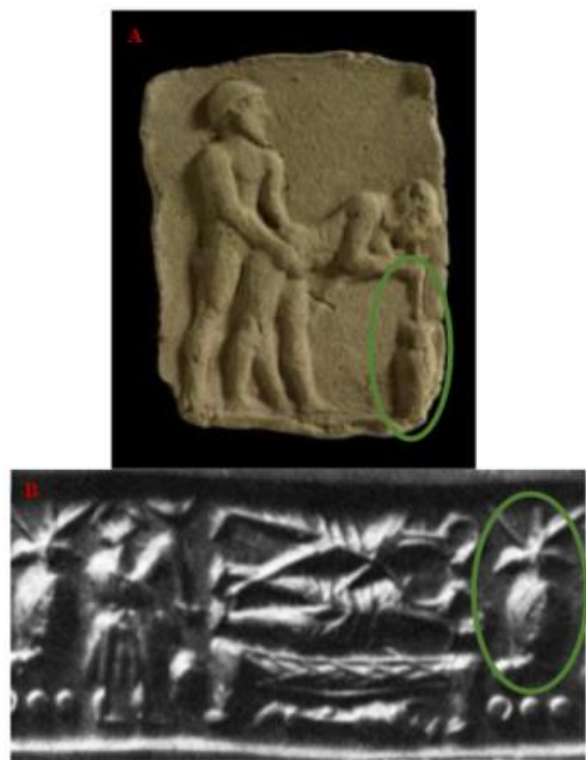


Fig. 44 – A. Placa com representação erótica. Mesopotâmia:Uruk. Período Babilónico antigo (c. 1850–1595 a. C). Cerâmica (7,6 cm x 5,9 cm)³³⁰. Osmotivos iconográficos apresentados recaem na categoria erótica do tipo *coitus a tergo*, isto é, a mulher debruçada enquanto o homem a agarra pelas ancas, penetrando-a. Note-se a ligação à ingestão de líquidos,, enquanto o acto sexual ocorre - o elemento feminino consome uma bebida, através de uma palhinhaque sai de um vaso que se encontra à sua frente, no chão (a verde)³³¹. **B.** Tell Asmar (Ešnunna). Período dinástico arcaico (c. 3000-2334 a. C). Pedra calcária (2 x 1.2 cm). Casamento ritual/sagrado: Duas figuras deitadas sobre uma cama. Note-se a presença do escorpião debaixo da cama, assim como os vasos com palhinhas para beber (a verde) Encontramos, ainda, umafigura antropomórfica de pé, ao lado do casal.. Símbolo: Crescente (FRANKFORT, 1955: 198).

³³⁰

Sammlung: Vorderasiatisches Museum,
[http://www.smbdigital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t2.collection_lightbox.\\$TspTitleLink&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0](http://www.smbdigital.de/eMuseumPlus?service=direct/1/ResultLightboxView/result.t2.collection_lightbox.$TspTitleLink&sp=10&sp=Scollection&sp=SfieldValue&sp=0&sp=0&sp=3&sp=Slightbox_3x4&sp=0&sp=Sdetail&sp=0&sp=F&sp=T&sp=0), [Dezembro 2017]. k.

³³¹ ASSANTE, 2002: 29-31; ASSANTE, 2002 b.: 8.

Anexo 13 – Fichas de Inventário

Selo nº 1

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - E 16:1/ Nível - Casas sobre o Palácio do Norte.

Dimensões: 1,5 cm (altura).

Material: Pedra Preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.); Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A11354).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação/Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica:

À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, sentada no que parece ser um trono, segurando um copo. O trono lembra a fachada de um templo, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas.

À frente desta figura, encontram-se duas figuras antropomórficas de pé. A figura do meio parece feminina e talvez divina, ainda que não seja perceptível a coroa chifrada. Esta figura é identificada por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013) como sendo uma "deusa de Intercessão", ou seja a deusa Lama, dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada, paralelos também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

A segunda figura aparenta ser um crente/orante, apresentando-se com o gesto de súplica (mão elevada à altura da boca).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: cobra, crescente, estrela de oito pontas e peixe.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: PLAQUE 50. Selo nº 522.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Cenas de apresentação; Deusas de intercessão; Lama; Inanna/Ištar; Copo; Ideologia real.



Selo nº 2

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - J 19:35/Nível - Casas III.

Dimensões: 2.4 x 1.1 cm.

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo - Gútio/Ur III (c.2192-2000 a.C.); Nível estratigráfico - Gútio-Ur III (c.2192-2000 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A11369).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas da Fertilidade; Deusa entronizada.



Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Tamareira (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, possivelmente divina, já que ostenta a coroa chifrada, sentada no que parece ser um trono. O trono lembra a fachada de um templo, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. À frente desta figura, encontram-se duas figuras antropomórficas de pé. A figura do meio parece feminina, e é geralmente identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como sendo a "deusa de Intercessão", ou seja a deusa Lama, dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada, paralelos também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Contudo, neste caso, não nos parece ostentar a coroa chifrada, pelo que persistem algumas dúvidas quanto à sua condição divina. A segunda figura aparenta ser um crente/orante que, parece ter barba, o que permite identificá-lo como do sexo masculino. Tal como a figura que o guia, não apresenta símbolos divino, o que poderá indicar a sua condição humana. Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente; Tamareira.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 64. Selo nº 689; *Diyala Database*, (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:9487849134366::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,390740,OB&cs=3evCL_i78YH0c_EwJ0zvMP2iVVCyaHys_DPCAPapvtQ0rBH-q-mdLs_YMYhj0Jlc_VIuU6fD6spQZeFG67K8l2A [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MILLER, 1999; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas de intercessão; Deusas da Fertilidade; Lama; Inanna/Ištar.

Selo nº 3

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - L 31:4; Nível – Bilalama (baixo de/que).

Dimensões: 2.3 cm (altura).

Material: Pedra verde (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.



Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, sentada no que parece ser um trono. O trono lembra a fachada de um templo, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. À frente desta figura, encontram-se duas figuras antropomórficas de pé. A figura do meio, encontra-se bastante fragmentada no topo, o que dificulta a identificação do seu género e do seu carácter divino ou humano. Contudo, neste tipo de cenas, geralmente esta figura é referida como sendo uma "deusa de Intercessão", identificada, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como a deusa Lama dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). A segunda figura aparenta ser um crente/orante, não apresentando símbolos distintivos da sua condição social.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Ganso; Escorpião; Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 66. Selo nº 706. *Diyala Database*, (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:9652083556055::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,392093,OB&cs=3Yq6iZ5Wboc5hwDw54hHWq0v1jy7qWb3l0j0Ux3japGQEaZSgJtNZSk-KZYuSkjgEg1zm-IaGEjpn5DNFos7g [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Išhara; Inanna/Ištar.

Selo nº 4

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - M 30:1; Nível – Ibiqadad I.

Dimensões: 2.5 x 1.4 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A8582).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de Oito Pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: Segundo Frankfort, a inscrição foi rasurada por um escriba que tentou copiar outra inscrição, provavelmente de outro selo, relativo ao rei Ibalpiel, que parece ser evocado na primeira linha: i-bal-pi-el). Não é possível apresentar nenhuma transliteração ou tradução (FRANKFORT, 1955: 50).

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, sentada no que parece ser um trono. Esta parece ostentar a coroa chifrada, elemento que nos permite identificar a sua condição divina. Quanto ao seu género, e ainda que FRANKFORT (1955) a identifique como sendo masculina, não nos parece haver certezas. A divindade (feminina ou masculina) parece segurar um anel e uma linha de medição (insígnias do poder real na Mesopotâmia). À sua frente, encontram-se duas figuras antropomórficas de pé. A do meio, aparenta ser um crente/orante, apresentando-se com o gesto de súplica (mão elevada à altura da boca), sem símbolos distintivos da sua condição social. A segunda figura, dada a sua forma canónica, isto é, atrás do adorante com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Estrela de Oito Pontas e/ou Sol; Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 66. Selo nº 712.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Inanna/Ištar; Ideologia Real.



Selo nº 5

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* -N 33: 10; Nível – Casas abaixo do edifício do sul.

Dimensões: 2.1 x 1.1 cm.

Material: Pedra verde (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A8563).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica:

À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, aparentemente masculina (barba), talvez o rei mesopotâmico (pela possível presença do turbante) sentada no que parece ser um trono, segurando um copo. O trono lembra a fachada de um templo, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. À frente desta figura, encontram-se duas figuras antropomórficas de pé. A figura do meio parece feminina, sendo identificada por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013) como uma "deusa de Intercessão", ou seja a deusa Lama, dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada, paralelos também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). A segunda figura aparenta ser um crente/orante, apresentando-se com o gesto de súplica (mão elevada à altura da boca). Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente e cobra.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 68. Selo nº 734. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:8201156131762::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,392415,OB&cs=3oAWxJHBF2Q0Ih3YWvGor1-ywjGGLjd9UgwmqyjkTzD95XI5CTVpDcG_8iF_Zbz_jLmZiANgk-iBe8fP8_3tQ [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Copo; Ideologia real.



Selo nº 6

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - M 37: 2; Nível – Edifício Azuzum (Palácio dos Governadores).

Dimensões: 2.2 x 1.3 cm.

Material: Pedra preta (?)

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: « Isharkubum/ the scribe,/ Son of Nurbeli» (FRANKFORT, 1955: 51)

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, aparentemente masculina (barba), talvez o rei mesopotâmico (pela possível presença do turbante), sentada no que parece ser um trono, segurando um copo. À sua frente encontram-se duas figuras antropomórficas de pé. A do meio, aparenta ser um crente/orante, pois apresenta-se com ambas as mãos colocadas sobre o peito, sem símbolos distintivos da sua condição social. A segunda figura, dada a sua forma canónica, atrás do adorante com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 69. Selo nº 752.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Copo; Ideologia real.



Selo nº 7

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - P 31:1; Nível - Kititum I ou II.

Dimensões: 2.2 X 1 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Nas extremidades da cena, como se a ladeassem, aparecem duas figuras antropomórficas. Dada a forma canónica com se apresentam, com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, devemos estar perante uma representação dupla da deusa Lama, identificada como divindade protetora em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), bem como noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos ((MARGUERON, 2004: 478).

No meio das deusas encontra-se uma figura antropomórfica, que parece estar dentro de uma estrutura (?). Segundo FRANKFORT, esta representação, única na glíptica do Diyala e rara na glíptica mesopotâmica, evoca a representação de uma divindade feminina ligada à maternidade (que o autor identifica como deusa-mãe), que desce à montanha (sepultura) do seu filho, segurando flores (FRANKFORT, 1955: 46).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 86. Selo nº 903.

Bibliografia associada: MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191; LAFAYETTE, 2015.

Palavras-chave: Deusas de Intercessão; Lama(s); Deusa-Mãe.

Selo nº 8

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - R 30:5; Nível - Kititum III.

Dimensões: 2.8 x 1.8 cm.

Material: Pedra manchada (?)

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica que, dada a forma canónica em que se apresenta, atrás do adorante com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). À sua frente encontra-se outra figura antropomórfica, que corresponde ao rei mesopotâmico, dada a presença do turbante e das insígnias do poder que segura na mão esquerda (bastão).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 86. Selo nº 908.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Ideologia real.



Selo nº 9

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - P 30:1; Nível - Kititum III ou IV. - Kititum III.

Dimensões: 2.1 x .8 cm.

Material: Hematite.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: «Shamash and Aia» (FRANKFORT, 1955:52).

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica que, dada a forma canónica em que se apresenta, atrás do adorante com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). À sua frente encontra-se outra figura antropomórfica, que corresponde ao rei mesopotâmico, dada a presença do turbante e das insígnias do poder que segura na mão esquerda (bastão). A terceira figura, também antropomórfica, apresenta cabelo e barba compridos segurando nas mãos uma vasilha/jarra de onde flui água. Esta personagem poderá ser identificado como o herói-*lahmu*, elemento que surge tradicionalmente designado como sendo um “herói nu”. A esta entidade é conferido um carácter protetor e benfazejo, sendo considerado uma divindade, representada, nas artes visuais, como tendo um longo cabelo e barba. O seu carácter divino é evocado em *Enūma-Eliš* onde, Lahmu e Lahamu são referidas como o par divino masculino-feminino que “nasceu” do par primordial, Anšar e Kišar (BLACK; GREEN, 1992: 115).

Identifica-se ainda os seguintes símbolos: Crescente-Sol.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 87. Selo nº 916.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas de Intercessão; Lama das águas jorrantas; Utu/Šamaš; Aia; Ideologia real.



Selo nº 10

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus*- Q 30:6; Nível - Kititum III ou IV.

Dimensões: 2.7 x 1.4 cm.

Material: Ametista.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: « Mattatum/ daughter of Ubarrum,/[...]/ for her life/ to Kititum/ presented" (this seal)» (FRANKFORT, 1955: 52).

Descrição iconográfica: A cena apresenta uma figura antropomórfica que, dada a forma canónica em que se apresenta, atrás do adorante com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). À sua frente, com dimensões um pouco mais reduzidas, encontra-se uma cabeça humana.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 87. Selo nº 917.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Ištar-Kititum; *Ex-votos*; Amuleto.

Selo nº 11

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus*- W 32:1; Nível – Templo de Utu/Šamaš.

Dimensões: 1.9 x .9 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A 16985).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar), Cão (Gula).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, de pé, tal como todas as outras que compõem a cena. Esta figura é interpretada por FRANKFORT como sendo uma espécie de assistente da divindade/sacerdote. À sua frente, encontra-se provavelmente a divindade solar Utu/Šamaš, com uma das mãos pousada sobre o peito e a outra segurando um punhal. Os seus pés assentam numa espécie de “estrato”, que FRANKFORT interpreta como sendo uma representação das montanhas orientais. Um terceiro elemento antropomórfico encontra-se à sua frente, transportando o que parece ser um animal para o sacrifício. Atrás deste, encontra-se uma figura antropomórfica que, pela forma canónica em que se apresenta, atrás do adorante com uma das mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Quadrúpede (Cão?), estrela (de oito pontas?), peixe, balança e objeto indeterminado.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 88. Selo nº 941.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; 182-184. MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Lama; Utu/Šamaš; Inanna/Ištar; Gula; Sacrifício; Ideologia real.

Selo nº 12

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – O 30:12 (provavelmente?). Nível – Desconhecido.

Dimensões: 2.8 x 1.5 cm.

Material: Lápiz-lazúli (decoração no topo em ouro).

Cronologia: Estilo – Gútio/Ur III (c.2192-2000 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A 7468).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: « O Tishpak, mighty king, King of the land of Warum, Kirikiri, ishakku of Eshnunna to Bilalama his son has presented (this seal)» (FRANKFORT, 1955: 50).

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se representada antropomorficamente a divindade masculina Tišpak (coroa chifrada e duas cabeças de dragão projetadas dos seus ombros). À sua frente, encontra-se uma segunda figura antropomórfica, um orante/adorante, despojado de quaisquer atributos, sem barba ou cabelo, à partida masculino, com ambas as mãos pousadas sobre o peito. Ladeando esta figura encontram-se outras duas, também antropomórficas, uma de reduzidas dimensões, à sua frente e, outra de maior dimensão, atrás. Pela forma canónica em que se apresenta, atrás do adorante com uma das mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

Identifica-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, sol.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 66. Selo nº 709. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:101:4815288931579::NO::P101_REF_ID:2320889&cs=35e8E6yiyrinixejA5bGLbEPnzzYS81U_WfbsKuwTqnv-A9su4cyLchfzAG__iU65pplghU8Omw2goW5zRDzB4Q [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; 178; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Lama(s); Tišpak; Kirikiri; Bilalama; Ideologia real; *Ex-votos*.



Selo nº 13

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – N 30:3; Nível – Superfície (?)

Dimensões: 1.8 cm (altura).

Material: Ametista.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: « Ibalut? / Servant of Shu[....]da»». Inscrição fragmentada (FRANKFORT, 1955: 50).

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, aparentemente masculina (barba), talvez o rei mesopotâmico, dada a presença do que parece ser o turbante régio. Na mão direita parece segurar um objeto (indeterminado). À sua frente, encontra-se outra figura antropomórfica que, pela forma canónica em que se apresenta, atrás do adorante com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica/respeito, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 67. Selo nº 718.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Ideologia Real.



Selo nº 14

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – Palácio dos Governadores (?); Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2 x 1.1 cm.

Material: Pedra preta.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A8583).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar), Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À esquerda da cena, encontra uma figura antropomórfica, aparentemente masculina (barba), sentada num trono que evoca a fachada de um templo, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. Esta figura, segura um copo. Imediatamente à sua frente, encontra-se outra figura antropomórfica que, pela forma canónica em que se apresenta, com uma das mãos erguidas e a outra guiando o orante, deve ser a deusa Lama, identificada neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás desta, à direita da cena, temos a figura do orante/adorante, que tal como a deusa suplicante apresenta uma postura de respeito (mão erguida à altura da boca).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, escorpião, estrela, cobra e palmeira.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 67. Selo nº 723.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Estrela; Inanna/Ištar; Escorpião; Išhara; Copo.



Selo nº 15

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – Desconhecido (?); Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2.4 x 1.1 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico –Desconhecido (?).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A8595).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: «(As for) Usurawasu, ishakku of Eshnunna, Belikibri (is) his servant» (FRANKFORT, 1955: 50).

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, sentada no trono, segurando um copo. O trono lembra a fachada de um templo, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. À frente desta figura, encontram-se duas figuras antropomórficas de pé. A figura do meio parece feminina, sendo identificada, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como uma "deusa de Intercessão", sendo como tal a deusa Lama, dado as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada. Outros paralelos são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). A segunda figura aparenta ser um crente/orante, apresentando-se com o gesto de súplica (mão elevada à altura da boca).

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 67. Selo nº 726.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Copo; Ideologia Real.



Selo nº 16

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – O 26 (Estrada?); Nível – Desconhecido (?).

Dimensões: 1.9 x 1 cm.

Material: Pedra verde (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, aparentemente masculina (barba), sentada no trono, segurando um copo. O trono lembra uma montanha, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas.

À frente desta figura, encontram-se duas figuras antropomórficas de pé. A figura do meio aparenta ser um crente/orante, apresentando-se com o gesto de súplica (mão elevada à altura da boca). A outra mão, parece apoiar-se sobre uma espécie de cajado/ bastão. Atrás de si, surge uma outra figura antropomórfica, que pela forma canónica em que se apresenta, com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica, é identificada por GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013) como uma "deusa de Intercessão", e como tal deve ser a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como estatuária e baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, estrela de oito pontas e cimitarra.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 67. Selo nº 728.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/Ištar; Copo; Bastão; Ideologia Real.



Selo nº 17

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – S 39; Nível – Desconhecido (?).

Dimensões: 2 x 1 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo -?; Nível estratigráfico – Isin
Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.) (?).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela ou Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: «Utu and Aia» (FRANKFORT, 1955: 51).

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, aparentemente masculina (barba), sentada no trono, segurando um copo. O trono lembra uma montanha, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. À sua frente, apresenta-se outra figura, igualmente antropomórfica, despojada de elementos identificadores, e com ambas as mãos pousadas sobre o peito. Atrás de si, encontra-se outra figura antropomórfica, identificada, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como uma "deusa de Intercessão", ou seja a deusa Lama, dadas as características que apresenta: pelo menos com uma das mãos erguida em sinal de súplica/respeito, paralelos também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, estrela ou roseta, pássaro e lagarto.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 70. Selo nº 764.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusas suplicantes; Lama; Estrela/Roseta; Inanna/Ištar; Copo; Ideologia Real.



Selo nº 18

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – Trincheira A; Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2 x 1.2 cm.

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: N/A.

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (de oito pontas) (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, aparentemente masculina (barba), sentada no trono, segurando um copo. À sua frente, encontra-se outra figura antropomórfica, identificada por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013) como uma "deusa de Intercessão", ou seja a deusa Lama, dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada. Outros paralelos são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás desta, encontra-se uma outra figura antropomórfica, despojada de quaisquer elementos definidores, com uma linguagem gestual respeitosa/suplicante: mão elevada à altura da boca.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, estrela e cabra/bode.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 70. Selo nº 766.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Estrela; Inanna/ Ištar; Copo; Ideologia real.



Selo nº 19

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – Desconhecido; Nível – Desconhecido (?).

Dimensões: 2.3 cm (altura).

Material: Pedra (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).



Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusa de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: Amursheri(d)su». Inscrição fragmentada (FRANKFORT, 1955:51).

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, de pé, segurando um copo. à sua frente, encontra-se outra figura antropomórfica, identificada, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como uma "deusa de Intercessão", a deusa Lama, dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada. Outros paralelos são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás desta, encontra-se uma outra figura antropomórfica, despojado de quaisquer elementos definidores, com uma linguagem gestual respeitosa/suplicante: mão elevada à altura da boca. Contudo, a presença da linha de medição e do anel, que se encontram entre a figura da direita e a central, podem indicar que a figura da direita é, na realidade, o rei.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, balança, linha de medição e anel.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 71. Selo nº 781.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa mediadora; Lama; Copo; Ideologia real.

Selo nº 20

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – Desconhecido; Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2.8 cm (altura).

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).



Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, sentada no trono, segurando um copo. O trono lembra a fachada do templo, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. À sua frente, encontra-se outra figura antropomórfica, identificada, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como uma "deusa de Intercessão", ou seja a deusa Lama, dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada. Outros paralelos são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás desta, encontra-se uma figura antropomórfica, despojada de quaisquer elementos definidores, com uma linguagem gestual respeitosa/suplicante: mão elevada à altura da boca. Contudo, a presença da linha de medição e do anel, que se encontram entre a deusa intercedente e a figura entronizada, podem indicar que uma das figuras, ou a que se encontra sentada no trono, ou a da esquerda, é, na realidade, o rei.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, balança, linha de medição e anel.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 71. Selo nº 782.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa mediadora; Lama; Copo; Ideologia real.

Selo nº 21

Arqueossítio: : Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – L44 (?); Nível –Superfície (?).

Dimensões: 1.9 x 1.1 cm.

Material: Pedra cinzenta-verde.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A 17195).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, de pé, segurando um copo. À sua frente, encontra-se outra figura antropomórfica, identificada, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como uma "deusa de Intercessão", possivelmente a deusa Lama, dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada. Outros paralelos são também identificados noutras fontes materiais, tais como estatuária e baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás desta, encontra-se uma figura antropomórfica, despojado de quaisquer elementos definidores e com uma linguagem gestual respeitosa/suplicante: mão elevada à altura da boca. Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, pássaro, estrela de oito-pontas e cobra.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 71. Selo nº 775.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa mediadora; Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/ Ištar; Copo.



Selo nº 22

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – L 23; Nível – Desconhecido (?).

Dimensões: 3.3 x .9 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de intercessão; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena está presente uma figura antropomórfica, possivelmente divina (dada a presença da coroa chifrada) e feminina (dada a ausência de barba). Esta encontra-se entronizada e segura um estandarte com um crescente lunar. A cena é composta por mais três figuras, todas elas antropomórficas, e à partida divinas já que ostentam a coroa chifrada, estando todas de pé. À frente da deusa entronizada, estamos perante a deusa Lama, dadas as características que apresenta: uma das mãos guiando o orante e a outra elevada (GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013). Paralelos deste tipo podem também ser identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Guiado/a pela deusa intercedente Lama encontramos a figura de uma divindade, masculina ou feminina (?) que, neste tipo de cenas, parece assumir a posição do orante/adorante. Por sua vez, a terceira figura divina, de pé, à esquerda da cena, parece também acompanhar os restantes deuses, parecendo segurar um objecto não identificado.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 71. Selo nº 778.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Deusa entronizada; Divindade-adorante.



Selo nº 23

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* – Templo Kititum (a Norte); Nível – Desconhecido (?).

Dimensões: 2.3 x 1.1. cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).
Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17681)

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena apresenta-se uma figura entronizada, segurando um copo. O trono lembra a fachada do templo, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. à sua frente, encontra-se outra figura antropomórfica, o orante/adorante, despojado de quaisquer elementos definidores e com uma linguagem gestual respeitosa/suplicante (mão elevada à altura da boca). Atrás deste, encontra-se outra figura antropomórfica, identificada, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como uma "deusa de Intercessão", possivelmente a deusa Lama, dadas as características que apresenta: ambas as mãos erguidas em sinal de súplica. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). No lado esquerdo da cena, temos ainda uma terceira figura de pé, sobre uma espécie de estrato, segurando um balde e um aspersor, definido por FRANKFORT como um atendente do culto (possível sacerdote).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Macaco e crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 88. Selo nº 934. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:18601752777108::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,168621,FT&cs=3rqyyx_m_5Aq0ZC4d3essaSWu2td9K6-UfWoB2ZYM7h1TTV8P3d1_zimeXeoNkeujrbTcG85DsJtHjAy_rarrkA [Agosto 2019])

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; TEISSIER, 1995: 112; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Sacerdote; Balde; Aspersório; Copo; Macaco.



Selo nº 24

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - P 33 (Estrada canto SW do templo Kititum);

Nível - Superfície (?).

Dimensões: 3.2 x 1.5 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, possivelmente masculina (dada a presença da barba), sentada no trono, parecendo segurar uma cobra. O trono lembra uma montanha, como é típico nas representações iconográficas mesopotâmicas. À sua frente, encontra-se, de pé, uma figura antropomórfica que parece carregar algo nos braços (possível sacrifício animal?). Este é acompanhado por outra figura antropomórfica, que, como é referida, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), parece evocar uma "deusa de Intercessão", possivelmente a deusa Lama, dado as características que apresenta: com ambas as mãos erguidas em sinal de súplica. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). À esquerda, surge um terceiro ser antropomórfico de pé, que parece ostentar um kilt e segurar uma cimitarra.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Peixe, estrela de oito pontas, anão (dwarf?).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 88. Selo nº 936.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa de intercessão; Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/Ištar; Sacrifício; Ideologia real.



Selo nº 25

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - W 30:2; Nível – Templo de Utu/Šamaš.

Dimensões: 2.2 x 1.2 cm.

Material: Pedra verde.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: Desconhecido (?).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, apresenta-se uma figura entronizada, segurando um copo, que parece ser do sexo masculino, sobretudo devido à presença de barba. Imediatamente à sua frente, encontra-se uma figura, também antropomórfica, cuja parte superior se encontra em mau estado de conservação. Contudo, esta figura parece surgir numa forma canónica, com uma das mãos guiando orante e a outra erguida, referida neste tipo de cenas, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como uma "deusa de Intercessão", ou seja a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Uma terceira figura, também ela antropomórfica, encontra-se despojada de quaisquer elementos distintivos, sendo representada em posição de súplica e respeito (mão elevada à altura da boca). À esquerda da cena, encontramos a representação de um homem-touro, que parece segurar um estandarte com um símbolo circular (talvez o símbolo crescente-sol ou a estrela de oito-pontas?).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente e estrela de oito pontas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 88. Selo nº 938.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/ Ištar; Copo; Homem-touro.

Selo nº 26

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - V 31:3; Nível – Templo de Utu/Šamaš.

Dimensões: 1.7 x .8 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17662).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À esquerda da cena, encontra-se a figura do orante/adorante, de pé, aparentemente humano, devido à ausência de coroa chifrada, e com uma linguagem gestual respeitosa/suplicante (mão elevada à altura da boca). À sua frente, encontram-se três figuras, também elas antropomórficas e de pé. As duas primeiras aparentam ser divinas, dada a presença da coroa chifrada. Não apresentam, contudo, outros elementos que nos permitam atribuir uma identidade divina específica. À direita da cena, atrás das divindades (?), encontra-se um indivíduo que segura um aspersionador e um balde. Este é identificado por FRANKFORT como sendo um sacerdote.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Estrela de oito pontas, crescente e balança.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 88. Selo nº 939.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: **Palavras-chave:** Deusa suplicante; Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/ Ištar; Sacerdote; Aspersionador; Balde.

Selo nº 27**Arqueossítio:** Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).**Contexto:** *Locus* - V 31:4; Nível – Templo de Utu/Šamaš.**Dimensões:** 6.5 x 3.8 cm.**Material:** Argila (impressão).**Cronologia:** Estilo - Isin Larsa/Babilónico

antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).**Temática(s) Principal:** Cenas de Apresentação; Deusas de intercessão.**Divindades Femininas antropomórficas:** possível presença de Lama.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Na cena, é representada uma figura entronizada, identificada por FRANKFORT como sendo a divindade solar Utu/Šamaš. Este segura um punhal e o trono evoca a montanha, sendo composto ainda por uma plataforma mais elevada onde a divindade apoia os pés. À sua frente, encontra-se outra figura antropomórfica, de pé, aparentando tratar-se de um humano, possivelmente o rei terreno, dada a presença do turbante. Esta figura carrega num dos braços um animal, possivelmente para sacrifício, sendo que o outro braço se eleva à altura da boca. A acompanhá-lo identificamos duas outras figuras antropomórficas. A primeira encontra-se muito deteriorada, ostentando uma vestimenta longa. Contudo, sabe-se que neste tipo de cenas seria comum a presença da deusa intercedente, possivelmente a deusa Lama. O terceiro ser antropomórfico de pé apresenta dimensões mais reduzidas e não detém símbolos distintivos da sua identidade. Por último, a cena é ainda composta pela figura de um herói nu que parece subjugar um leão (atrás de Utu/Šamaš)

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 88. Selo (impressão) nº 942.**Bibliografia associada:** COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.**Palavras-chave:** Deusa suplicante; Lama; Utu/Šamaš; Herói.

Selo nº 28

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* – R 34:8; Nível – Serai (Casas).

Dimensões: 1.9 x 1 cm.

Material: Esteatite.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, de pé, encontra-se uma figura antropomórfica segurando um copo. À sua frente, é possível visualizar mais duas figuras antropomórficas, também de pé. A primeira, poderá evocar a deusa intercedente, na sua forma canónica (uma das mãos sobre o braço do orante, guiando-o, e a outra elevado em gesto de súplica/respeito) tipicamente reconhecida nestas cenas e, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), identificada como sendo a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Guiado por esta, atrás, encontra-se o orante /adorante que, tal como a deusa, manifesta uma linguagem gestual respeitosa (mão elevada à altura da boca). Contudo, esta figura não detém nenhum elemento que nos permita a sua identificação. A cena é ainda composta pela presença de dois macacos, um deles localizado entre a figura de pé que segura o copo e a suposta deusa intercedente. O outro encontra-se pendurado sobre um estandarte (extremidade direita do selo).

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Estrela de oito pontas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 89. Selo nº 947. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:101:3537893145971::NO:101:P101_FIND_ID,P101_BRANCH,P101_OBJ_TABLE:169305,91,DG&cs=31G3XY0AkfMJhMfsaQZofLZ1Z_WQOBzq-IhDvXi0ZYJB0t7rMcQLEWnjvt1kGIvhG1w5gtd95NZg-n4-vuo1blQ [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/ Ištar; Copo; Macaco.



Selo nº 29

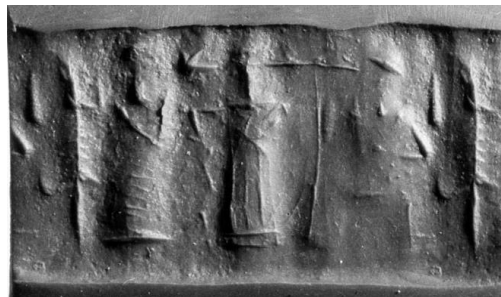
Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* – R 34:8; Nível – Serai (Casas).

Dimensões: 2 x 1 cm.

Material: Esteatite.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião? (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Apresenta, à direita da cena, uma figura antropomórfica entronizada, ao que parece sem coroa chifrada, e, por isso, provavelmente humana. À sua frente, surgem duas outras figuras antropomórficas, sem símbolos que nos permitam atribuir identidade humana ou divina. Contudo, neste tipo de cenas é reconhecida a presença da deusa intercedente Lama, que normalmente surge na sua forma canónica: com uma das mãos sobre o braço do orante, guiando-o, e a outra elevada em sinal de súplica/respeito. Atrás de si, encontra-se o orante/adorante que, tal como a possível deusa, denota uma linguagem gestual respeitosa (mão elevada à altura da boca). FRANKFORT identifica o símbolo atrás do orante, à esquerda do selo, como sendo um lagarto, embora na nossa perspetiva e em comparação com outros selos da amostragem do Diyala (por exemplo: nº 3 e 14), parece antes um escorpião.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 89. Selo nº 948. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:101:3112876327563::NO::P101_REF_ID:1180889&cs=3rbuC9uh14XPjpsLGo_Jzu-g7UqDSmlE4Mc3IjdXh2x8spqK7sVISdmTpU0tZjo_H_eq-NPE4fuUubdRcoltOBw [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/ Ištar.

Selo nº 30

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* – Desconhecido (?); Nível – Superfície (?).

Dimensões: .8 x .5.

Material: Lápiz-lazúli.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo composto por duas cenas distintas. A primeira, à direita, é composta por duas figuras antropomórficas, de pé, viradas de frente uma para a outra. No meio delas, estaria possivelmente representado um altar. Ambas surgem sem elementos que nos permitam atribuir-lhes identidade. A figura que se apresenta na extremidade do selo segura um copo. Já a figura à sua frente surge com ambas as mãos erguidas e parece representar a deusa intercedente, típica neste tipo de cenas. Nestes contornos, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), é identificada como sendo a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Na segunda cena, à esquerda, é identificada por FRANKFORT a divindade solar Utu/Šamaš e uma outra figura, à sua frente, que parece evocar o orante/adorante. Este apresenta uma linguagem gestual de respeito/súplica (mão elevada à altura da boca). Identificam-se ainda os seguintes símbolos: 2 crescentes lunares.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 89. Selo nº 951.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Utu/Šamaš; Altar.



Selo nº 31

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* – Desconhecido (?); Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2.4 x 1.3 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica entronizada. À sua frente, surgem três figuras, também antropomórficas, de pé. As duas primeiras parecem evocar dois orantes/adorantes; o primeiro parece segurar algo (talvez uma oferenda?) e o segundo expressa um gesto respeitoso/suplicante (mão elevada à altura da boca). A terceira figura, à esquerda, que parece estar com ambas as mãos erguidas, parece representar a deusa intercedente, típica neste tipo de cenas. Nestes contornos, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), é identificada como sendo a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Cobra.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 89. Selo nº 952.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Cobra.



Selo nº 32

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* – Desconhecido (?); Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2.2 x .8 cm.

Material: Hematite.

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17663).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se representado, antropomorficamente, o deus solar Utu/ Šamaš, segurando o seu punhal e com um dos pés assente sobre uma representação da montanha oriental. À sua frente, surge uma figura, também antropomórfica, segurando um aspersor e um balde, talvez um sacerdote. Atrás deste surge uma figura bastante danificada, que enverga um vestido em folhos e tem ambas as mãos elevadas em sinal de respeito/súplica. Dada a sua forma canónica, parece representar a deusa intercedente, típica neste tipo de cenas. Nestes contornos, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), é identificada como sendo a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás da possível deusa, surge um animal sentado, não sendo possível atribuir-lhe uma espécie, dado o mau estado de conservação em que o selo se encontra.

Identifica-se ainda os seguinte símbolo: Pássaro.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 89. Selo nº 954.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Sacerdote; Aspersório; Balde.



Selo nº 33

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* – Desconhecido (?); Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2.3 x 1.4 cm.

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura entronizada, que segura um copo. Esta apresenta barba e o que parece ser um turbante, elementos que nos poderão indiciar a presença do rei mesopotâmico. O trono evoca a imagem da montanha, típico das representações iconográficas mesopotâmicas. À sua frente, surgem duas outras figuras antropomórficas. A primeira, imediatamente à sua frente, surge despojada de quaisquer símbolos, sem cabelo ou barba, com ambas as mãos pousadas sobre o peito. A figura atrás desta, parece ostentar a coroa chifrada, símbolo distintivo, nas artes visuais, dos deuses. Apresenta-se com uma vestimenta aos folhos e com uma postura de respeito/súplica (ambas as mãos elevadas). Dadas estas especificidades, parece-nos plausível apontar para a presença da deusa intercedente, personagem típica nestas cenas. Nestes contornos, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), é identificada como sendo a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás dela, surge um animal híbrido (possivelmente um dragão alado) que devora um homem barbudo, que se encontra ajoelhado.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Dragão, macaco; tartaruga; crescente-sol.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 89. Selo nº 957.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Ideologia real; Copo.



Selo n° 34

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* – Desconhecido (?); *Nível* – Superfície (?).

Dimensões: 1.9 x 1 cm.

Material: Hematite.

Cronologia: *Estilo* – Desconhecido (?); *Nível* estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (n°?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Cão (Gula); Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, surge uma figura antropomórfica, de pé, segurando uma espada/cimitarra. Ao que nos parece, este possui, acima da cabeça, algo pontiagudo, quando comparada com as restantes figuras, talvez a coroa chifrada. Este é identificado por FRANKFORT como sendo uma divindade masculina. À sua frente, surge outra figura, também antropomórfica e de pé, que será o orante/adorante, que aparece sem símbolos distintivos da sua identidade. Apresenta-se com um gesto de respeito/súplica (mão elevada à altura da boca). Atrás de si, surge uma última figura, segurando um balde e um aspersor, talvez um sacerdote.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 89. Selo n° 958.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/Ištar; Cão; Gula; Balde; Aspersório.



Selo nº 35

Arqueossítio: Tell Agrab.

Contexto: *Locus* - Tell A; Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2.9 x 1.6 cm.

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo – Desconhecido. segundo FRANKFORT, a inscrição parece ser datável do período

de Ur III ou posterior (FRANKFORT 1955: Plaque 85); Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A21506).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas intercedentes; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: «[...] Servant of Silushdagan». Inscrição fragmentada (FRANKFORT, 1955: 51).

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Todas as figuras antropomórficas parecem ser do sexo feminino devido à aparente ausência de barba. À direita da cena, encontra-se uma figura entronizada, ao que tudo indica uma deusa, pois parece ostentar a coroa chifrada. À sua frente, surgem três figuras femininas, aparentemente humanas (ausência da coroa chifrada). A primeira, pela forma canónica em que se apresenta, uma das mãos sobre o braço do orante, guiando-o, e a outra elevada em sinal de respeito/súplica, parece representar a deusa intercedente, típica neste tipo de cenas. Nestes contornos, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), é identificada como sendo a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás de si, o orante/adorante denota uma linguagem gestual semelhante, uma das mãos elevada à altura da boca e a outra colocada sobre o peito. A terceira figura, atrás do crente, não apresenta símbolos distintivos da sua identidade nem outros elementos destacáveis.

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 85. Selo nº 890.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa suplicante; Lama; Deusa entronizada.



Selo nº 36

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Tell D; Nível – Templo de Sîn.

Dimensões: 2.2 x 1.3 cm.

Material: Pedra cinzenta escura (?).

Cronologia: Estilo - Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17719).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Deusas intercedentes; Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: Inanna/Ištar. Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Cão (Gula).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se representada a deusa Inanna/ Ištar, segurando num das mãos, que se encontra erguida, uma espécie de bastão com duas cabeças de pantera, e na outra uma cimitarra/espada. O seu pé descansa sobre um animal que não conseguimos identificar. A deusa ostenta a coroa chifrada, símbolo da sua condição divina. A identificação da deusa nestes contornos bélicos encontra-se presente em outros elementos da cultura material mesopotâmica, nomeadamente em placas de terracota, estelas e baixos-relevos/painéis. Imediatamente à sua frente, parece-nos plausível identificar a figura do orante/adorante, que, como é típico nestas cenas, surge sem símbolos de identificação e com uma linguagem/postura de respeito (uma das mãos elevada à altura da boca). A figura atrás desta, ainda que não muito nítida, poderá evocar a deusa intercedente, também presença recorrente nestas cenas. Nestes contornos, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), é identificada como sendo a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás desta, surge outra figura, segurando um balde e um aspersor, talvez um sacerdote.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Cão, bastão/cajado, peixe e objeto indeterminado.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 40. Selo nº 431.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; CAMELO, 2000; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Deusa Suplicante; Lama; Inanna/Ištar; Cão; Gula; Sacerdote; Balde; Aspersório.

Selo nº 37**Arqueossítio:** Khafajah (Tutub?).**Contexto:** *Locus* – Tell A; Nível – Superfície (?).**Dimensões:** 3.1 x 1.8 cm.**Material:** Pedra preta (?).**Cronologia:** Estilo – Acádico (c. 2334-2193 a.C.);

Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

**Localização atual:** Instituto Oriental de Chicago (A 17018).**Temática(s) Principal:** Deusa entronizada; Deusa da Fertilidade.**Divindades Femininas antropomórficas:** possível presença de Nisaba/Nidaba ou Šala ou Gula/Bau/Ninkarrak ou Ninhursag/Belet-ili ou Inanna/Ištar.**Símbolos de Divindades Femininas:** Espiga de Cevada? (Šala)**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: A cena presente no selo, segundo FRANKFORT, evoca a adoração a uma deusa da fertilidade. Esta suposta divindade feminina, que nos parece identificável pela coroa chifrada, encontra-se, à direita, entronizada, numa espécie de pilha de ervas ou num trono de vime. Dos seus ombros, parecem sair duas plantas, provavelmente espigas de cevada, enquanto que, na sua mão, segura o que parece ser um arado. À sua frente, encontra-se uma figura ajoelhada que talvez, esteja a verter água sobre o solo, aludindo à fertilidade/abundância da terra. À sua frente, surgem outras duas figuras, também antropomórficas, que denotam uma linguagem gestual de respeito/submissão (mão elevada à altura da boca). Um dos orantes/adorantes, segura um animal possivelmente sacrificado. À esquerda, uma terceira figura de pé, aparentemente divina (coroa chifrada), de menores dimensões, parece acompanhar os orantes. FRANKFORT levanta a hipótese de esta divindade de menores dimensões poder representar a divindade masculina Dumuzi/Tammuz, que também apresenta ligação aos domínios da fertilidade (FRANKFORT, 1955: 41).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 40. Selo nº 423.**Bibliografia associada:** ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.**Palavras-chave:** Fertilidade; Cevada; Arado; Adoração; Divindades; Água; Sacrifício.

Selo n° 38**Arqueossítio:** Tell Asmar (Ešnunna)**Contexto:** *Locus* – K 19:10; Nível – Casas IVa.**Dimensões:** 4 x 2.4 cm.**Material:** Concha.**Cronologia:** Estilo – Acádico (c. 2334-2193 a.C.);

Nível estratigráfico – Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (n°?).**Temática(s) Principal:** Deusa da Fertilidade.**Divindades Femininas antropomórficas:** possível presença de Nisaba/Nidaba; Šala; Gula/Bau/Ninkarrak; Ninhursag/Belet-ili; Inanna/Ištar.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: A cena é composta por cinco figuras antropomórficas. À direita, encontra-se uma figura (fragmentada) que segura espigas, talvez de cevada. FRANKFORT identifica-a como sendo uma deusa da fertilidade. Ao consideramos a hipótese deste autor, e ainda que esta deusa da fertilidade não possua nenhum símbolo que nos permita atribuir-lhe uma identidade, existem algumas divindades femininas que tutelam domínios ligados à abundância que poderão estar a ser invocadas, tais como: Nisaba/Nidaba; Šala; Gula/Bau/Ninkarrak; Ninhursag/Belet-ili; Inanna/Ištar.

Atrás de si, surge outro indivíduo com uma cabeleira e barba fartas que segura espigas de cereal em ambas as mãos, sendo que dos seus ombros brotam outras espigas. Todo o cenário envolvente é composto por elementos vegetais. Esta personagem é referida por FRANKFORT como sendo uma divindade masculina da fertilidade. À esquerda, duas figuras indistintas e uma personagem (fragmentada) surge com um manto/pele de leão.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 58. Selo n° 611.**Bibliografia associada:** ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.**Palavras-chave:** Fertilidade; Espigas; Divindades.

Selo nº 39

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - H 19:25; Nível – Casas IVa.

Dimensões: 2.8 x 1.5 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo – Acádico (c. 2334-2193 a.C.);
Nível estratigráfico – Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A 11365).

Temática(s) Principal: Deusa da fertilidade; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Nisaba/Nidaba; Šala; Gula/Bau/Ninkarrak; Ninhursag/Belet-ili; Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À esquerda da cena encontra-se uma figura, aparentemente divina dada a possível presença da coroa chifrada, que FRANKFORT aponta como sendo feminina. Esta, está sentada num trono e segura duas plantas ou espigas. Dos seus ombros, parecem brotar outras espigas. À sua frente, encontra-se um bovídeo, possivelmente um touro, prostrado. Atrás do animal, encontra-se outra figura antropomórfica, possivelmente divina (uma vez mais, dada a possível presença da coroa chifrada) segurando o que FRANKFORT designou de “portão alado”, embora nos pareça ser uma representação de um elemento vegetal (planta/erva).

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Estrela de oito pontas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 60. Selo nº 637. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:9086147360036::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,391061,OB&cs=3ceKJunu_pKNKxguEhWXiyLLnCS2WQXeUEg6jrv4wwk1yfdL5SESkI_Ie70S3V4MrZKd3B9-lHn6N09f67ffWzw) [Agosto 2019].

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Estrela de oito pontas; Inanna/Ištar; Antropomorfismo; Touro; Portão alado; Plantas; Fertilidade.



Selo nº 40

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - K 19:10; Nível – Casas IVa.

Dimensões: 3.7 x 2.1 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo – Acádico (c. 2334-2193 a.C.);

Nível estratigráfico – Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A 11396).



Temática(s) Principal: Deusa da Fertilidade.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Nisaba/Nidaba ou Šala ou Gula/Bau/Ninkarrak ou Ninhursag/Belet-ili ou Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: A cena é composta por uma temática ligada à navegação, estando representado um barco, que parece uma figura híbrida, sendo a proa composta por uma cabeça antropomórfica, com farta cabeleira e ostentando a coroa chifrada, símbolo do seu caráter divino. O corpo parece uma serpente marinha, terminando a popa com a cabeça deste animal. No seu interior, está representado o deus solar Utu/Šamaš (com a coroa chifrada) entronizado, segurando um remo. Para além da divindade encontram-se ainda representados um leão com cabeça humana, um vaso e um arado. Fora da embarcação identificamos a presença de uma divindade feminina, possivelmente da vegetação/fertilidade caracterizada por três elementos: as espigas de grão que nascem dos seus ombros, o longo manto/robe que ostenta e o facto de segurar nas mãos um ramo/espigas. A cena é ainda composta por peixes e motivos decorativos em zigue-zague, que evocam o meio aquático.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 59. Selo nº 621.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; ARUZ, 2003: 29; 77; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Barco; Utu/Šamaš; Fertilidade; Deusa; Oferendas.

Selo nº 41**Arqueossítio:** Tell Asmar (Ešnunna).**Contexto:** *Locus* – Dentro da muralha da cidade, datada do período de Isin-Larsa; Nível - Desconhecido (?).**Dimensões:** 3.4 x 2 cm.**Material:** Hematite.**Cronologia:** Estilo – Acádico (c. 2334-2193 a.C.); Nível estratigráfico – Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).**Localização atual:** Bagdad, Museu do Iraque (nº?).**Temática(s) Principal:** Cenas de Apresentação; Deusas de Intercessão.**Divindades Femininas antropomórficas:** possível presença de Lama.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Selo fragmentado. À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica entronizada, possivelmente divina e masculina, dada a presença da coroa chifrada e de barba. À sua frente, surgem três figuras, também elas antropomórficas. Segundo a nossa perspectiva, talvez, a personagem imediatamente à sua frente seja também divina (coroa chifrada) podendo talvez representar a deusa intercedente, típica nestas cenas. Nestes contornos, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), possivelmente a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás desta, ainda que fragmentada, parece estar a figura do orante/adorante, guiado pela deusa suplicante. Por fim, atrás deste, surge uma figura aparentemente masculina, dada a presença da barba, segurando um balde e um aspersor. Talvez esta figura represente um sacerdote.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 51. Selo nº 538.**Bibliografia associada:** COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.**Palavras-chave:** Deusa suplicante; Lama; Sacerdote; Balde; Aspersório.

Selo nº 42

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – G 19:5; Nível - Casas IVa.

Dimensões: 1.7 x .9 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo – Acádico (c. 2334-2193 a.C.); Nível estratigráfico - Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A8592).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena encontra-se uma figura antropomórfica, talvez divina (dada a possível presença da coroa chifrada) e, aparentemente, feminina, uma vez que não parece possuir barba. Esta, encontra-se entronizada e segura um copo. À sua frente, surgem três orantes/adorantes, também com forma antropomórfica, aparentemente humanos pois não ostentam a coroa chifrada,, encontrando-se todos com ambas as mãos colocadas sobre o peito.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 60. Selo nº 628; Diyala Database (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:9086147360036::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,392741,OB&cs=3wE0pUgcTdTg5CRPHYRQz74zZRZDiOa7IUFi-n0m-7qsDAQI7DV5VYB-LA0d5IXkAR8gBKYfSlSbcug6eYtau6Q) [Agosto 2019].

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Antropomorfismo; Copo; Divindade; Orante/adorante.



Selo nº 43

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - J 18:2; Nível - Casas Iva.

Dimensões: 3 x 1.7 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.);

Nível estratigráfico - Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A8592).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusas de intercessão; Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma divindade entronizada, aparentemente masculina dada a presença da barba, segurando o que parece ser uma maça ou bastão. À sua frente, encontram-se três figuras antropomórficas, as duas primeiras divinas (dada a presença da coroa chifrada) e a terceira (à esquerda), aparentemente humana. A figura divina que se apresenta imediatamente à frente da entronizada parece ser masculina e carrega à cintura uma espécie de espada, apresentando uma linguagem gestual de respeito (mão elevada). A figura atrás, poderá corresponder à deusa intercedente definida, nestes contornos, por exemplo em GREVE-ASHER; WESTENHOLZ (2013), como sendo a deusa Lama. Paralelos deste tipo são também identificados noutras fontes materiais, tais como a estatuária e os baixos-relevos (MARGUERON, 2004: 478). Atrás desta personagem, guiado por Lama, surge o orante/adorante, detendo barba e cabelo bastante marcados. Este carrega nos braços um animal, talvez ainda vivo para sacrificar, possivelmente um cabrito.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente, estrela de oito pontas e objeto não identificado.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 62. Selo nº 662. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:11187158826662::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,390832,OB&cs=3ztKc3bVgsvQ7samA6qOl_oUcnkaY8gmubgtA7IqzOHZ5zK65herUhztcSswq6RYXWtynbkjkn0MQv_OjsdWw [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992: 115; MOOREY, 1994: xxi; MARGUERON, 2004; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199.

Palavras-chave: Lama; Estrela de oito pontas; Inanna/ Ištar; Ideologia real.



Selo nº 44

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - H 18:27; Nível - Casas IVb.

Dimensões: 3.3 x 1.5 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.); Nível estratigráfico - Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: O motivo iconográfico representado foi designado por FRANKFORT como “The Goddess at the Gate and the Bull of Heaven”. À esquerda, encontra-se uma figura antropomórfica, identificada por FRANKFORT como sendo uma deusa. À sua frente, encontra-se um bovídeo, possivelmente um touro, prostrado. Atrás da mesma, identifica-se uma figura antropomórfica ajoelhada, possivelmente humana, uma vez que não ostenta a coroa chifrada. Esta parece suportar um elemento que FRANKFORT denominou de “portão alado”, que se encontra acima do animal. A possível identificação da deusa Inanna/Ištar na cena advém da relação que FRANKFORT estabelece entre este motivo iconográfico e a tabuinha VI da *Epopéia de Gilgameš*.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 55. Selo nº 583; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:9086147360036::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,391066,OB&cs=3_SCu-hxmUfT3uknCuCk-unUIXgHtel3oYOUQCsi1cIW1fi7XEKljDYbgTtw3N9IC-VfgJE9MJ2wzphkH2J3xMQ) [Agosto 2019].

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; DALLEY, 1987; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Deusa entronizada; Touro; Portão alado; Atendente; Epopeia de Gilgameš.



Selo nº 45

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - H 18:27; Nível - Casas IVb.

Dimensões: 2.2 x 1 cm.

Material: Hematite.

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.); Nível estratigráfico - Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: O motivo iconográfico representado foi designado por FRANKFORT como: “The Goddess at the Gate and the Bull of Heaven”. À esquerda, encontra-se uma figura antropomórfica, identificada por FRANKFORT, como sendo uma deusa. À sua frente encontra-se um bovídeo, possivelmente um touro, postado. Atrás do animal encontra-se um elemento que FRANKFORT denominou de “portão alado”. A possível identificação da deusa Inanna/Ištar na cena, advém da relação que FRANKFORT estabelece entre este motivo iconográfico e a tabuinha VI da *Epopéia de Gilgameš*.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 55. Selo nº 584; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:11389582392321::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,391058,OB&cs=3uCQhpbRqq3-Wy5ZK4QFZ1nYzuyknyOmnteOVyEkWnNeSQ4zQWqpRfCNLTRYsh5yUEhjf0M77GodWCrrlrjW2dQ [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; DALLEY, 1987; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Deusa entronizada; Touro; Portão alado; Epopeia de Gilgameš.



Selo nº 46

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – Trincheira F; Nível - Desconhecido (?).

Dimensões: 2.1 x 1.1 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.); Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Deusa entronizada; Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: O motivo iconográfico representado foi designado por FRANKFORT como: “The Goddess at the Gate and the Bull of Heaven”. À esquerda, encontra-se uma figura antropomórfica, identificada como sendo uma deusa devido à presença da coroa chifrada e à ausência de barba. À sua frente encontra-se um bóviedo, possivelmente um touro, postado. Atrás do animal encontra-se um elemento que FRANKFORT denominou de “portão alado”. A possível identificação da deusa Inanna/Ištar na cena, advém da relação que FRANKFORT estabelece entre este motivo iconográfico e a tabuinha VI da *Epopéia de Gilgameš*. Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Estrela.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 71. Selo nº 773.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; DALLEY, 1987; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Inanna/Ištar; Estrela; Touro; Portão alado; Epopeia de Gilgameš.



Selo nº 47

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – G 19:4; Nível - Casas IVa.

Dimensões: 3 x 1.2 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.);

Nível estratigráfico - Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A8543).

Temática(s) Principal: Deusa entronizada; Deusa da Fertilidade.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Nisaba/Nidaba; Šala; Gula/Bau/Ninkarrak; Ninhursag/Belet-ili; Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: A cena é composta por três figuras antropomórficas. Nas extremidades da cena, direita e esquerda, encontram-se duas figuras sentadas, identificadas por FRANKFORT como divindades. A da direita, o autor identificou como sendo o deus serpente e a da esquerda como sendo uma deusa da fertilidade. Note-se que ambas as figuras se encontram a segurar elementos vegetais. Ao meio, encontra-se uma figura de pé, talvez evocando o orante/adorante, que poderá ser um atendente ao culto. Todo o ambiente da cena evoca a presença de motivos vegetais, isto é, plantas e/ou árvores que parecem rodear ou enquadrar os elementos antropomórficos presentes.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 57. Selo nº 607; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:2675511890360::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,392625,OB&cs=3QM12udjZMVOsT_PPjY44JPTJYRttXdr7DyoLVUE727k72CXsAexWvII0a5VkuV07rXJVvL9vx8z-J0TbsOjrpw) [Agosto 2019].

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Fertilidade; Divindades; Orante/adorante.



Selo n° 48

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – J 21:1; Nível - Casas IVa

Dimensões: 3.1 x 1.9 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.);

Nível estratigráfico - Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A11354).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusa entronizada; Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

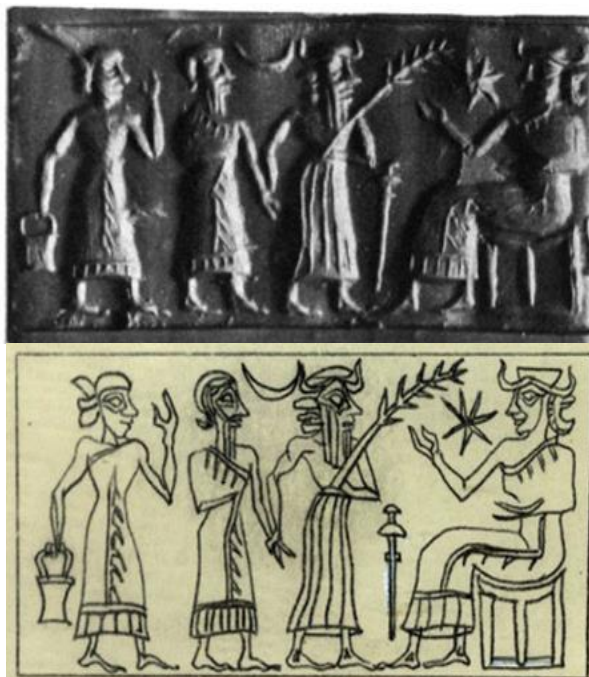
Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica entronizada, possivelmente divina e feminina, pois ostenta a coroa chifrada e não possui barba..São-lhe apresentados três indivíduos, que se encontram de pé. O primeiro, imediatamente à sua frente, aparenta ser uma divindade masculina, dada a presença da coroa chifrada e da barba. Esta divindade segura, numa das mãos, uma planta e a outra assenta sobre o pulso da figura que o segue, como se o guiasse. Atrás desta personagem, surge a figura do orante/adorante masculino, dada a presença da barba e a ausência de coroa chifrada . À esquerda, aparentemente também humana, surge outra figura antropomórfica que se apresenta com uma linguagem gestual respeitosa (mão erguida), estando a segurar um balde. Esta figura poderá representar um atendente ao culto ou um(a) sacerdote/sacerdotisa.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente; estrela; maça/bastão.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 63. Selo n° 669.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Estrela; Inanna/Ištar; Orante/adorante; Atendente; Balde.



Selo nº 49

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - J 19:11; Nível - Casas Iva.

Dimensões: 3 x 1 cm.

Material: Lápiz-lazúli.

Cronologia: Estilo - Acádico ? (c. 2334-2193 a.C.). Nível estratigráfico - Acádico (c. 2334-2193 a.C.)

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17131).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: Leão (Inanna/Ištar).

Inscrição: «[...] / (of) Eshnunna». Inscrição fragmentada (FRANKFORT, 1955: 49).

Descrição iconográfica: Dispomos apenas de um fragmento. Figura feminina, ao que tudo indica divindade dada a presença da coroa chifrada, sentada no trono, cuja lateral é decorada com uma cena representando dois leões cruzados. Maças/bastões e cimitarras são projetadas dos ombros desta figura, permitindo a identificação da deusa Inanna/Ištar, que é apresentada nestes contornos noutras fontes de caráter material e em referências literárias que mencionam o seu caráter bélico/governativo.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 63. Selo nº 674. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:11187158826662::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,390377,OB&cs=3NGOiaTclhskGUkvaZ5vxuMxb0duAVegn0wELyz53sQIk4AtmCN5nHvi32GHFRqwcbD2L_XbpeHFwNw_Yc-cMwQ [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; CAMELO, 2003; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2017; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Inanna/ Ištar; Armas; Ideologia Real; Leão.



Selo nº 50

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - G 18:7; Nível - Casas IVa.

Dimensões: 2.5 x 1.3 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Acádico ? (c. 2334-2193 a.C.). Nível estratigráfico - Acádico (c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A8553).

Temática(s) Principal: Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À esquerda de cena encontra-se uma figura antropomórfica entronizada, identificada por FRANKFORT como sendo uma divindade feminina. Esta, segura um copo/vasilha, da qual verte água. À sua frente encontra-se um altar/portão, que parece ser suportado por uma outra figura antropomórfica, de pé, talvez um atendente do culto, ou um orante/adorante ou então o governante mesopotâmico. FRANKFORT intitula estas cenas como “The Goddess at the Gate and the Bull of Heaven”, estabelecendo uma possível relação entre este motivo iconográfico e a tabuinha VI da *Epopéia de Gilgameš*.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Crescente; motivos vegetativos, plantas e/ou árvores.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 61. Selo nº 648; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:2675511890360::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,391855,OB&cs=3rx3mUTXmPKkW9d0WltRSFgiD_MNu2VYOHv2CdV12-A2QEkToI_3CZzt7UTcFrNPadgK2wP-ZQ-Alums8oufumQ) [Agosto 2019].

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; DALLEY, 1987; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Inanna/Ištar; Portão alado; Altar; Atendente; Água; Epopeia de Gilgameš.



Selo nº 51

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - H 18:22; Nível - Casas III.

Dimensões: 2 x 1.2 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Gútio/Ur III (c.2192-2000 a.C.); Nível estratigráfico - Gútio/Ur III (c.2192-2000 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de Apresentação; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena encontra-se uma figura antropomórfica, entronizada. FRANKFORT identifica-a como sendo uma deusa. À sua frente, encontram-se dois indivíduos, de pé, sem elementos que nos permitam atribuir-lhes uma identidade. A figura imediatamente à sua frente, apresenta uma das mãos erguida e a outra guiando o indivíduo que se encontra atrás. Nestes contornos é identificada a deusa intercedente Lama, embora aqui não hajam mais indícios da sua condição divina. Entre esta figura e a personagem sentada, encontra-se uma mesa. A figura que se encontra atrás da possível deusa suplicante não possui elementos que nos permitam reconhecer a sua identidade, divina ou humana. Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 64. Selo n 691; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:2675511890360::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,390670,OB&cs=34FmLPBi_oiENZbJIWSKvgBCcnooYazEByHFdNmslMbRpIiGQIBgZlOJn01pr56vMWA93iFYAQyDbLBOpOqeg [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Deusa; Orante; Adoração.



Selo ° 52

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - G 19; Nível - Casas (Superfície?).

Dimensões: 3.4 x 1.7 cm.

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.). Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: N/A.

Temática(s) Principal: Deusa entronizada; Deusas da fertilidade.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Nisaba/Nidaba; Šala; Gula/Bau/Ninkarrak; Ninhursag/Belet-ili; Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. A cena é composta por duas figuras antropomórficas, sentadas. FRANKFORT considera que ambas são divinas, sendo que a divindade à esquerda seria o deus Tišpak, que se encontra sentado no seu dragão. À sua frente, o mesmo autor identifica uma divindade feminina que segura uma planta. Entre os dois, é referida a presença de um altar, embora nos pareça antes ser uma representação de uma figura antropomórfica, talvez de um atendente do culto e/ou orante/adorante.

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 64. Selo n° 693; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:14782696847465::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,392646,OB&cs=3e21Ayf6NaU0yYltwZq_GTtIO-Pfe76fNmSXb1EtXWXN5GtPqLeZ4O0_hanluedMiVdXY5nizxKEcwD8oXLLdoA [Agosto 2019].

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; ARUZ, 2003: 29; 77; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Divindades; Tišpak; Dragão; Fertilidade.



Selo nº 53

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - N 34:12; Nível - Edifício do Sul.

Dimensões: 2.6 cm (altura).

Material: Argila.

Cronologia: Estilo - Acádico ? (c. 2334-2193 a.C.). Nível estratigráfico – Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena encontra-se uma figura entronizada. À sua frente, encontra-se uma estrutura, talvez uma mesa/altar. À esquerda encontra-se outra figura antropomórfica, de pé, que parece expressar uma linguagem gestual respeitosa (mão elevada). Esta talvez represente um orante/adorante ou um atendente do culto. FRANKFORT identifica a figura entronizada como sendo uma divindade feminina.

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 68. Selo nº 738.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Deusa; Orante/adorante; Altar.



Selo nº 54

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* - Área C?; Nível - 1 m abaixo da superfície.

Dimensões: 2.3 x 1.2 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: : Estilo – Gútio/Ur III (c.2192-2000 a.C.) ou Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.); Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17162).

Temática(s) Principal: Cena de apresentação; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Inanna/ Ištar; Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar)

Inscrição: «Siladad/son of Puzam/Servant of Nin[...]». Inscrição fragmentada (FRANKFORT, 1955: 51).

Descrição iconográfica: Cena composta por duas divindades antropomórficas, identificadas pela presença da coroa chifrada. A ausência de barba poderá indicar o género feminino de ambas. A primeira, à direita, encontra-se entronizada, num trono que evoca a fachada de um templo, como era comum neste tipo de representações. À sua frente, encontra-se outra divindade, de pé, com uma linguagem gestual respeitosa (mão elevada à altura da boca). A possível identificação da deusa entronizada como sendo Inanna/Ištar poderá ter ligação com o seu símbolo astral, a estrela de oito pontas, representada no selo. Quanto à deusa adoradora, seria comum a participação da deusa intercedente Lama nas cenas de apresentação, pelo que nos parece plausível levantar esta hipótese. Ainda que danificada, a inscrição poderá seguir a mesma lógica de divindades femininas apresentadas. Talvez a entidade a quem Siladad prestasse subserviência fosse divina e, pelo que restou da inscrição (Nin), quiçá, estivesse a evocar a deusa Ningilin. A esta divindade associou-se, durante algum tempo, como seu animal-símbolo, o ganso, embora atualmente esta teoria seja contestável (BLACK; GREEN, 1992: 132-133).

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Ganso, estrela de oito pontas e crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 70. Selo nº 768.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Deusas; Inscrição; Ganso; Estrela de oito pontas; Adoração.



Selo nº 55

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - T 30:5; Nível: Kititum III?.

Dimensões: 2.2 x 1.1 cm.

Material: Lápiz-lazúli.

Cronologia: Estilo – Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.); Nível estratigráfico – Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de apresentação; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: « Qiptia/daughter of [...] /priestess of [...]. Inscrição fragmentada (FRANKFORT, 1955: 52).

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Cena composta por duas figuras antropomórficas. À direita, encontra-se uma figura entronizada que segura um copo. À sua frente, apresenta-se outra figura, de pé, com uma linguagem gestual respeitosa/súplica (mão elevada à boca). Tendo em conta a inscrição, talvez a figura do orante/adorante possa evocar Qiptia, a possível proprietária do selo, uma sacerdotisa (ou filha de sacerdotisa) . Dado o contexto arqueológico onde foi exumado, no complexo Kititum, ao que tudo indica dedicado à deusa Ištar de Kititum, talvez a figura entronizada possa representar esta mesma divindade.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 86. Selo nº 913.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Divindades; Feminino; Inscrição; Copo.



Selo nº 56

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - R 29:5; Nível: Kititum IV.

Dimensões: 3.6 x 1.8 cm.

Material: Hematite.

Cronologia: Estilo – Gútio/Ur III (c.2192-2000 a.C.); Nível estratigráfico – Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cena de apresentação; Deusa de intercessão; Deusa entronizada.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Lama.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Cena composta por três figuras antropomórficas. À direita da cena, encontra-se uma figura entronizada que FRANKFORT identifica como sendo uma deusa. À sua frente, surgem dois indivíduos, de pé. Ambos expressam um gesto respeitoso/suplicante, isto é, uma das mãos elevada à altura da boca. Segundo a standardização que marca este tipo de cenas, a figura que geralmente guia o orante/adorante é a deusa intercedente, identificada nestes contornos e em paralelo com outras fontes materiais, como sendo a deusa Lama GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013: 191-199; MARGUERON, 2004: 478). Tendo em conta o contexto onde o selo foi exumado, num complexo religioso, ao que tudo indica, dedicado a Ištar de Kititum então, talvez, a figura entronizada seja a deusa referida.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 87. Selo nº 918.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; COLLON, 1987:7; BLACK; GREEN, 1992; GREVE-ASHER; WESTENHOLZ, 2013; MARGUERON, 2004; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Ištar Kititum; Deusa suplicante; Lama; Orante/Adorante.

Selo nº57

Arqueossítio: N/A. (Selo comprado, provavelmente da região do Diyala).

Contexto: N/A.

Dimensões: 3.9 x 2.2 cm.

Material: Alabastro.

Cronologia: Estilo - Acádico (c. 2334-2193 a.C.); Nível estratigráfico – N/A.

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A7123).

Temática(s) Principal:

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: «(For?) Shasha/his lady/Urmesh» (FRANKFORT 1955: 52).

Descrição iconográfica: Cena composta por três figuras antropomórficas, possivelmente femininas, devido à ausência de barba. À direita, encontra-se uma divindade, identificada pela coroa chifrada, sentada num trono. À sua frente, surgem duas figuras humanas, uma delas segurando um balde e outra derramando água, no que pode ser a evocação de um ritual de libação. Entre elas encontra-se um altar com oferendas, nomeadamente um recipiente de onde sai fumo, talvez um queimador de incensos, e ainda alimentos, possivelmente, pão e carne. Ambas as orantes apresentam uma linguagem gestual respeitosa/suplicante, isto é, com uma das mãos elevada e a outra colocada sobre o peito. Relativamente à inscrição, este selo parece ter sido fabricado para e/ou em honra de Shasha, por uma outra mulher, possivelmente um membro do seu séquito pessoal. Segundo referências históricas, o nome Shasha foi reconhecido como sendo o de uma rainha, nomeadamente a mulher do rei Urukagina de Lagaš, último rei da cidade, após o domínio de Lugalzagesi, governante da sua cidade rival, Umma ³³².

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 92. Selo nº 987.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7; 44-47; TEISSIER, 1984: 18-25. BLACK; GREEN, 1992; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Cena de adoração; Feminino; Oferendas; Libação; Balde.



³³² CDLI: wiki (<http://cdli.ox.ac.uk/wiki/doku.php?id=urukagina> [Novembro 2018]).

Selo nº 58**Arqueossítio:** Khafajah (Tutub?).**Contexto:** *Locus* – Tell A; Nível – Superfície (?).**Dimensões:** 2.1 x 1.2 cm.**Material:** Pedra preta (?).**Cronologia:** Estilo - Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Nível estratigráfico – Desconhecido (?).

Localização atual: N/A.**Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar.**Divindades Femininas antropomórficas:** possível presença de Inanna/Ištar.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Dispomos apenas de um fragmento. À direita da cena, de pé, encontra-se uma figura antropomórfica, segurando o que parece ser um bastão. Das suas costas parecem sair armas e um dos seus pés parece estar apoiado em algo (talvez um pequeno monte ou um animal). Esta figura parece-nos passível de ser identificadacomo a deusa Inanna/Ištar, dados os paralelos materiais e textuais. À sua frente, surge uma outra figura antropomórfica, de pé. Embora FRANKFORT (1955) a identifique como sendo uma divindade masculina, parece-nos mais plausível que seja o rei mesopotâmico, a julgar pelo turbante (ao invés da coroa chifrada), pelo traje envergado e pela arma colocada à cintura.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 40. Selo nº 425.**Bibliografia associada:** ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; CAMELO, 2003; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2017; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.**Palavras-chave:** Inanna/ Ištar; Bastão; Ideologia Real.

Selo nº 59

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* -Trincheira E; Nível - Desconhecido (?).

Dimensões: 3 x 1.7 cm.

Material: Pedra castanha (?).

Cronologia: Estilo - Isin-Larsa/Babilónico



antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin-Larsa/Babilónico antigo? (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17898).

Temática(s) Principal: Cenas de Apresentação; Inanna/ Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo composto por duas cenas. À direita, encontra-se a divindade solar Utu/Šamaš, identificada pela coroa chifrada e pela linguagem gestual(uma das mãos sobre o peito e a outra segurando uma espada, enquanto um dos pés descansa sobre a montanha). À sua frente, apresenta-se o orante/adorante, sem barba ou cabelo, com um linguagem gestual respeitosa (mão elevada à boca). Carrega um animal para o sacrifício. À esquerda, encontra-se a deusa Inanna/Ištar na sua forma antropomórfica, segurando, numa mão uma espécie de bastão/maça com duas cabeças de pantera e na outra uma cimitarra. Um dos pés repousa sobre um leão. À sua frente, encontra-se outra figura, ao que tudo indica divina (coroa chifrada), com ambas as mãos pousadas sobre o peito.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Estrela de oitopontas, vaca, cabras, árvore e peixe-cabra.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 70. Selo nº 770.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; CAMELO, 2003; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2017; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Inanna/Ištar; Utu/ Šamaš; Ideologia real.

Selo n° 60

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - W 32:1; Nível - Templo de Utu/Šamaš.

Dimensões: 2.4 x 1.4 cm.

Material: Hematite.

Cronologia: Estilo - Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.). Nível estratigráfico – Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (n°?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: Inanna/Ištar.

Símbolos de Divindades Femininas: Leão (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, parece estar representada a deusa Inanna/Ištar na sua forma antropomórfica, segurando numa das mãos uma maça com duas cabeças de pantera bem como uma rédea, e na outra uma cimitarra. Um dos seus pés assenta sobre um leão. À sua frente encontra-se uma figura barbuda (talvez um herói?) com as mãos juntas, colocadas sobre o peito. O elemento aquático parece circundá-lo ou então, esta figura segura um recipiente (jarra/vasilha) de onde jorra a água. Imediatamente a seguir, encontra-se um homem-touro, segurando um estandarte com o símbolo solar. Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Crescente - sol.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 88. Selo n° 940.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; CAMELO, 2003; COLLON, 1987 : 7; 44-47; DUPLA, 2017; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Inanna/Ištar; Armas; Leão; Água; Ablução; Sacralização; Homem-touro.



Selo nº 61**Arqueossítio:** Tell Agrab**Contexto:** *Locus:* M 14:2 (no altar); Nível: Templo de Šara (32.65 m).**Dimensões:** 4.4 x 4.3 cm.**Material:** Mármore branco.**Cronologia:** Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.).

Nível estratigráfico: Período Dinástico Arcaico II (. (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).**Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** Pilar de Juncos (Inanna/Ištar).**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontram-se três cabeças de gado, ladeados por dois pilares de juncos. Abaixo dos animais, são representadas linhas onduladas, indicativas da presença de água. À esquerda, encontra-se a representação estilizada de um edifício, possivelmente religioso (templo/santuário).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 80. Selo nº 854.**Bibliografia associada:** ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 154; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.**Palavras-chave:** Pilar de juncos; Inanna/ Ištar; Templo; Animais; Água.

Selo nº 62

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus:* M 14:2 (no altar); Nível: Templo de Šara (32.65 m).

Dimensões: 4.1 x 3.4 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.).

Nível estratigráfico: Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A21629).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/ Ištar).

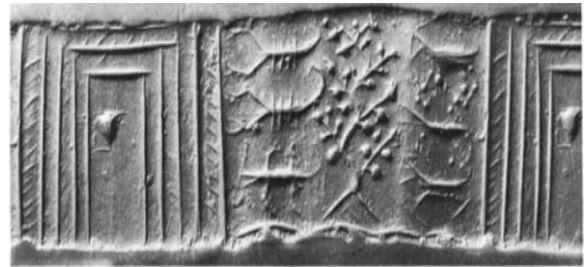
Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, à esquerda, pela presença de um edifício, possivelmente religioso (templo/santuário). À direita, encontram-se dois escorpiões e um lagarto. Ao centro, encontra-se a representação de um elemento vegetativo, que parece ser uma árvore. Do lado esquerdo, separados dos restantes animais pela árvore, encontram-se três cabras. Uma linha ondulada aparece por baixo dos animais referidos, indicativa da presença de água.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955; Plaque 80. Selo nº 853.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 160; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/ Ištar; Templo; Animais; Água.



Selo nº 63

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus:* M 14:2 (no altar); Nível: Templo de Šara (32.65 m).

Dimensões: 3.9 x 3.6 cm.

Material: Mármore branco.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar).

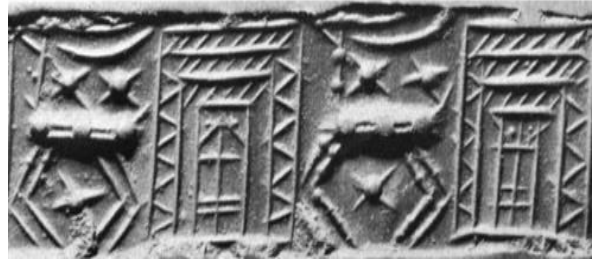
Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Na cena são representadas duas cabras, dois templos/santuários e algumas estrelas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 80. Selo nº 855.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Estrela; Inanna/Ištar; Animais; Templo.



Selo nº 64

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus:* M 14:2 (no altar); *Nível:* Templo de Šara (32.65 m).

Dimensões: 3.8 x 3.2 cm.

Material: Mármore branco.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). *Nível estratigráfico:* Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar).

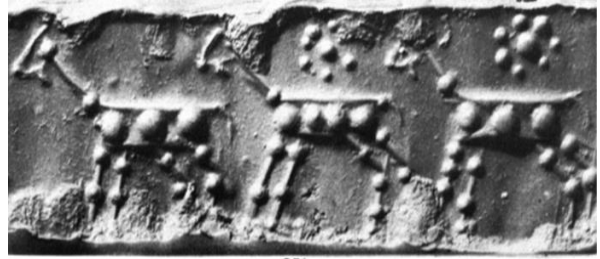
Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Na cena estão representadas três cabras e duas rosetas/estrelas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 79. Selo nº 851.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Animais.



Selo nº 65

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus:* M 14:2 (no altar); Nível: Templo de Šara (32.65 m).

Dimensões: 3.7 x 3.2 cm.

Material: Mármore branco.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Na cenas são representadas três cabras e rosetas/estrelas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955; Plaque 81. Selo nº 858.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Animais.



Selo n° 66

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus*: M 14:2 (no altar); Nível:
Templo de Šara (32.65 m).

Dimensões: 4.7 x 4.1 cm.

Material: Mármore branco.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c.

3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A 21625).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar).

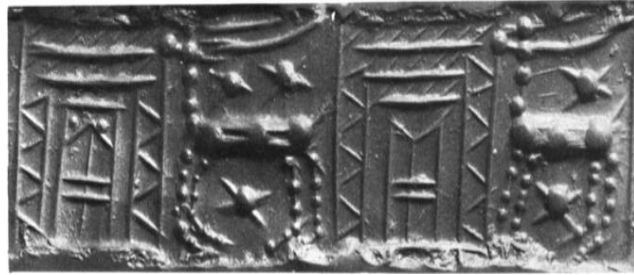
Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Na cena são representadas duas cabras, dois templos/santuários e algumas estrelas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 81. Selo n° 859.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Estrela; Inanna/Ištar; Animais; Templo.



Selo n° 67

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus:* M 14:2; *Nível:* Templo de Šara (32.60 m).

Dimensões: 2.1 x 1.5 cm.

Material: Esteatite glazeada/vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). *Nível estratigráfico:* Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: N/A.

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar); Escorpião (Inanna/Ištar; Išhara).

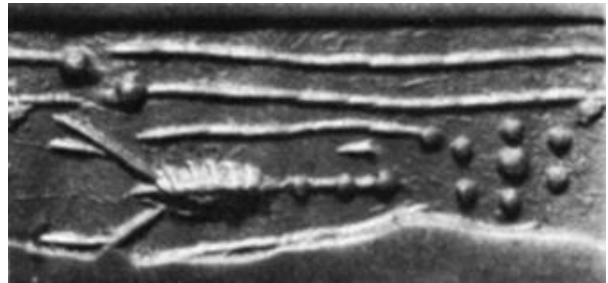
Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: A cena apresenta um escorpião e uma roseta.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 79. Selo n° 848.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; 169-170; 160-161; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Escorpião; Išhara.



Selo nº 68

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus:* M 14:2; *Nível:* Templo de Šara (32.60 m).

Dimensões: 1.8 x 1.2 cm.

Material: Pedra translúcida amarela (?).

Cronologia: Estilo - Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.). *Nível estratigráfico:* Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A18140).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: A cena apresenta um carneiro e alguns elementos estilizados: uma planta, uma estrela, um crescente, uma cabeça de animal e uma figura indeterminada (pássaro?)

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 79. Selo nº 849.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Estrela; Inanna/Ištar; Animais.



Selo nº 69

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus:* M 14:4; *Nível:* Templo de Šara (31.50 m).

Dimensões: 3.1 x 2.4 cm.

Material: Pedra translúcida amarela (?).

Cronologia: Estilo - Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.). *Nível estratigráfico:* Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A18161).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: A cena apresenta um touro, um antílope e um íbex. Em cima do, lado esquerdo aparece um outro animal, identificado por FRANKFORT como um leão. Preenchem ainda o campo uma roseta e um elemento não identificado

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 77. Selo nº 837.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Animais.



Selo n° 70

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus:* L 13:6; *Nível:* Templo de Šara (32.50 m).

Dimensões: 5 x 4.4 cm.

Material: Calcário branco.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900

a.C.). *Nível estratigráfico:* Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (n°?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A

Símbolos de Divindades Femininas: Pilar de juncos (Inanna/Ištar); Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: No registo inferior, encontramos uma estrutura, que segue o modelo de representação iconográfica do templo, estando ladeada por pilares de junco. A estrutura encontra-se abaixo de uma linha curva, em semicírculo. No registo superior, encontra-se a representação de uma face (olhos, nariz, sobrancelhas e boca) e de três rosetas conectadas dentro de uma cartela.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 84. Selo n° 880.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; 156-157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016: 144-146; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Pilar de Juncos; Inanna/Ištar; Face; Antropomorfismo.



Selo nº 71**Arqueossítio:** Khafajah (Tutub?).**Contexto:** *Locus* – Q15:12; Nível – Templo Nintu (Nintu IV).**Dimensões:** 2.4 x 1.7 cm.**Material:** Alabastro.**Cronologia:** Estilo – Período Dinástico ? (c. 3000-2334 a.C.); Nível estratigráfico - Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).**Localização atual:** N/A.**Temática(s) Principal:** Cenas de Banquete.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas figuras, aparentemente antropomórficas. Estas encontram-se de cócoras e/ou sentadas, em frente a um grande jarro . Uma delas parece segurar um copo. Quanto à natureza divina ou humana dos intervenientes, esta questão é pouco consensual ainda que FRANKFORT (1955) aponte para a possibilidade de estarmos perante seres humanos, pois não foram identificados atributos divinos (FRANKFORT, 1955: 38). Outra questão bastante controversa assenta no género das figuras. Tradicionalmente, aponta-se que uma é do sexo masculino e outra do feminino.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 28. Selo nº 278.**Bibliografia associada:** AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.**Palavras-chave:** Banquete; Jarro; Copo; Antropomorfismo; Templo.

Selo nº 72

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna)

Contexto: *Locus* - D 17:8 (Santuário I); Nível:
Templo Abu. Templo Quadrado I.

Dimensões: 2 x 1.6 cm.

Material: Alabastro.

Cronologia: Estilo – Período Dinástico Arcaico II

(c.2750-2600 a.C.); Nível estratigráfico - Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17155).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar); Escorpião (Inanna/Ištar; Išhara).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas figuras antropomórficas sentadas. Entre elas encontra-se uma mesa onde está pousado um jarro com palhinhas para beber. As figuras representadas não possuem elementos que nos permitam distinguir o seu género e a sua condição, humana ou divina.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Escorpião, estrela de oito pontas e crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 43. Selo nº 465.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Estrela de oito pontas; Inanna/Ištar; Escorpião; Išhara; Templo.



Selo nº 73**Arqueossítio:** Tell Asmar (Ešnunna)**Contexto:** *Locus* - D 17 (Norte do Templo Abu); Nível: Santuário Único I ou II (?).**Dimensões:** 2.9 x 1.4 cm.**Material:** Pedra calcária.**Cronologia:** Estilo – Período Dinástico Arcaico III. (c.2608-2334 a.C.); Nível estratigráfico – Proto Imperial³³³ ou Acádico? (c. 2334-2193 a.C.).**Localização atual:** N/A.**Temática(s) Principal:** Cenas de Banquete.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Cena composta, ao que tudo indica, por duas figuras, aparentemente antropomórficas, que bebem de um vaso/jarro através de palhinhas. Quanto à natureza divina ou humana dos intervenientes, esta questão é pouco consensual ainda que FRANKFORT aponte para a possibilidade de estarmos perante seres humanos, pois não foram identificados atributos divinos (FRANKFORT, 1955: 38). Outra questão bastante controversa assenta no género dos das figuras. Tradicionalmente, aponta-se que uma é do sexo masculino e outra do feminino.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 46. Selo nº 485.**Bibliografia associada:** AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.**Palavras-chave:** Banquete; Antropomorfismo; Templo.

³³³ DELOUGAZ; HILL; LLOYD consideram o período proto imperial como o momento compreendido entre os inícios do reinado de Etemena até ao primeiro ano de governação de Sargão de Akkad (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: 145).

Selo nº 74

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - P 29:1 Nível - Kititum III ou IV.

Dimensões: 3 x 1.7 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo – Período Dinástico Arcaico (c. 3000-2334 a.C.); Nível estratigráfico - Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A16970).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, à esquerda, por duas figuras antropomórficas, sentadas, uma delas ostentando o que parece ser a coroa chifrada, símbolo distintivo das divindades mesopotâmicas nas artes visuais. Esta figura apresenta ainda barba, elemento que poderá denunciar o seu género masculino. A figura à sua frente apresenta um grande desgaste, o que impossibilita a sua identificação. No meio de ambos, encontra-se um vaso/jaro de onde saem palhinhas para beber. À direita encontram-se três seres antropomórficos de pé, um deles (imediatamente ao lado da figura sentada) parece ostentar um *kilt*. Estes três indivíduos de pé parecem ter ambas as mãos colocadas sobre o peito, talvez em sinal de respeito. Não existem símbolos nem outros aspetos físicos que nos permitam conferir-lhe uma diferenciação sexual ou uma identificação divina-humana.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 86. Selo nº 915.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo; Templo.



Selo nº 75

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – L 42:2; Nível – Casas III.

Dimensões: 1.2 x .8 cm.

Material: Pedra calcária.

Cronologia: Estilo – Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.); Nível estratigráfico - Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas figuras sentadas, aparentemente antropomórficas. Entre elas encontra-se um jarro/vaso do qual saem palhinhas para beber. Quanto à natureza divina ou humana dos intervenientes, esta questão é pouco consensual ainda que FRANKFORT aponte para a possibilidade de estarmos perante seres humanos, pois não foram identificados atributos divinos (FRANKFORT, 1955: 38). Outra questão bastante controversa assenta no género das figuras. Tradicionalmente, aponta-se que uma é do sexo masculino e outra do feminino.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 31. Selo nº 316.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo; Casas.



Selo nº 76**Arqueossítio:** Khafajah (Tutub?).**Contexto:** *Locus* – M 42:3; Nível – Casas II.**Dimensões:** 2.9 x 1.4 cm.**Material:** Pedra branca (?).**Cronologia:** Estilo – Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.); Nível estratigráfico - Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).**Localização atual:** Instituto Oriental de Chicago (A11473).**Temática(s) Principal:** Cenas de Banquete.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Selo composto por dois registros. O registro superior apresenta duas figuras antropomórficas sentadas, frente a frente, que bebem de um vaso/jarro através de palhinhas, que se encontra entre ambos. Uma terceira figura encontra-se sentada, segurando um copo. O registro inferior apresenta duas figuras sentadas, frente a frente, bebendo de um vaso/jarro. Uma terceira figura encontra-se sentada em frente a uma pequena mesa. Este exemplar é o único selo cilíndrico do Diyala datado do período Dinástico Arcaico que evoca uma cena de caráter narrativo. Paralelos deste tipo podem ser estabelecidos com os selos exumados no contexto dos túmulos reais de Ur (U.10939), nomeadamente com o selo cilíndrico que se pensa ter pertencido à rainha Pu-abí (Museu Britânico, no 121544)³³⁴.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 33. Selo nº 334.**Bibliografia associada:** AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013**Palavras-chave:** Banquete; Copo; Mesa; Antropomorfismo; Ur; Pu-abí.

334 *Museu Britânico*

(https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=368239&partId=1 [Agosto 2019]).

Selo nº 77

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – P 42:2 (zona afetada por escavações ilegais); Nível – Desconhecido (?).

Dimensões: 2.5 x 1.4 cm.

Material: Pedra calcária.

Cronologia: Estilo – Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.); Nível estratigráfico - Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas figuras antropomórficas. À direita encontra-se um indivíduo sentado, bebendo através de palhinhas que saem de um vaso/jarro. À sua frente, encontra-se outra figura, de pé, segurando um vaso/jarro, talvez evocando um ritual de libação, pois o mesmo parece derramar um líquido. Atrás da figura sentada encontra-se um bode e carneiro têtê-bêche. Não são identificados símbolos ou elementos físicos que nos permitam a distinção sexual ou a atribuição de uma identidade humana-divina às figuras representadas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 35. Selo nº 358; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:2594691436741::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,179454,OB&cs=33s0_ZrE15GPgNSf-FJqggsHvpxb-bRV_NfztlORTuWTICVw9h-cv7j8_y8bEi_z1OM9UiEnoRAC49DX1Wjo2fg [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo; Libação; Animais.



Selo nº 78

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – P 42:2 (zona afetada por escavações ilegais); Nível – Desconhecido (?).

Dimensões: 2.1 x 1.3 cm.

Material: Pedra branca (?).

Cronologia: Estilo – Período Dinástico Arcaico (c. 3000-2334 a.C.); Nível estratigráfico - Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A11464).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Inanna/Ištar; Išhara).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas figuras antropomórficas sentadas, identificadas por FRANKFORT como sendo um homem e uma mulher. Estes parecem beber uma bebida através de palhinhas que saem de um vaso/jarro que se encontra entre eles, sobre um suporte.

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Escorpião.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 35. Selo nº 359.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo; Escorpião; Inanna/Ištar; Išhara.



Selo nº 79**Arqueossítio:** Khafajah (Tutub?).**Contexto:** *Locus* – M 51; Nível – Casas II (provavelmente?).**Dimensões:** 2.5 x 1.4 cm.**Material:** Mármore branco.**Cronologia:** Estilo – Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.); Nível estratigráfico - Período Dinástico Arcaico III ? (c.2608-2334 a.C.).**Localização atual:** Filadélfia. Museu da Universidade de Filadélfia (nº?).**Temática(s) Principal:** Cenas de Banquete.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, à direita, por uma figura aparentemente feminina, que toca uma harpa, em forma de animal (possivelmente um bovídeo). À sua frente, à esquerda da cena, encontram-se duas outras figuras antropomórficas, em mau estado de conservação, com uma das mãos elevadas, talvez dançando. A representação de “músicos” e/ou instrumentos musicais é atípica na glíptica mesopotâmica sendo que é possível estabelecer paralelo com alguns objetos exumados nos Túmulos Reais de Ur (U.10412), nomeadamente uma harpa em forma de bovídeo, muito semelhante à representada no selo e com a mesma datação (Museu Britânico, no 121198, a³³⁵). Veja-se ainda os selos cilíndricos que COLLON (1989) apresenta na temática “Música e Dança”, nomeadamente o selo nº 669, proveniente também dos Túmulos Reais de Ur (U.11904).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 36. Selo nº 367; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:101:6344652591934::NO:101:P101_FIND_ID,P101_BRANCH,P101_OBJ_TABLE:178146,91,DG&cs=3ioViKzaA868C4mg96cMyePB7a6c8hGqiTF3JzSI-1bsYIDkcf08Jnv1fQwtHID_zcPdvTUNVsl8t-XJz8zVFqQ [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Harpa; Bovídeo; Dança; Antropomorfismo.



335 *Museu Britânico*

(https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=368339&partId=1 [Agosto 2019]).

Selo nº 80

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Tell A; Nível –Superfície (?).

Dimensões: 2 x 1 cm.

Material: Pedra calcária.

Cronologia: Estilo – Período Dinástico Arcaico (c. 3000-2334 a.C.); Nível estratigráfico – Desconhecido (?).



Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A11475).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Ao que tudo indica, a cena é composta por duas figuras antropomórficas sentadas, que bebem através de palhinhas que saem de um vaso/jarro. Uma terceira figura, que surge de pé, é pouco perceptível.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 39. Selo nº 415.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo.

Selo nº 81

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Tell A; Nível – Superfície (?).

Dimensões: 2.4 x 1.1 cm.

Material: Pedra calcária.

Cronologia: Estilo – Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.); Nível estratigráfico – Desconhecido (?).



Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Inanna/Ištar; Išhara).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena constituída por dois registos, divididos horizontalmente através de uma banda curva. O registo superior apresenta uma figura antropomórfica, sentada, bebendo algo através de palhinhas que saem de um vaso/pote. O registo inferior é composto por uma águia que apresenta as asas abertas. Identificam-se ainda os seguintes símbolos: escorpião e crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 39. Selo nº 416.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo; Escorpião; Inanna/Ištar; Išhara.

Selo nº 82

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – J 20:40; Nível – Casas Vc.

Dimensões: 2.9 x 1.6 cm.

Material: Argila.

Cronologia: Estilo – Período Dinástico Arcaico (c. 3000-2334 a.C.); Nível estratigráfico – Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).



Localização atual: N/A.

Temática(s) Principal: Cenas de banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Cena composta por duas figuras antropomórficas sentadas. Entre elas encontra-se um vaso/jarro com palhinhas para beber. Ausência de símbolos que permitam uma distinção sexual ou identificação do caráter divino-humano dos indivíduos. Estes parecem estar dentro de uma estrutura, talvez um barco.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 52. Selo nº 545.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo; Barco.

Selo nº 83

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – J 19:47; Nível – Casas IVb.

Dimensões: 3 x 1.5 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo – Período Acádico (c. 2334-2193 a.C.);

Nível estratigráfico – Período Acádico c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: N/A.

Temática(s) Principal: Cenas de banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

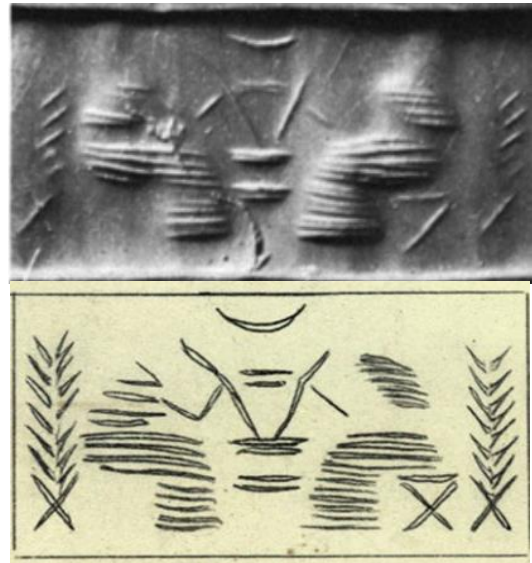
Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Cena composta por duas figuras antropomórficas sentadas. Entre elas encontra-se um pote/vaso de onde saem palhinhas para beber.

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 54. Selo nº 578. *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:11241279792493::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,390060,OB&cs=3tLaBzGltIQ4aZcMmj_AowjGUEKUPCOvJpuiuOLGqWGJ-gvRK-y7MkErkEk_NQdhbVQYR6Gd9K5QkjsMO2MYxwg [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo.



Selo nº 84

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus*- G 18:7; Nível – Casas IVb.

Dimensões: 4.3 x 2.2 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo – Período Acádico (c. 2334-2193 a.C.);
Nível estratigráfico – Período Acádico c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação.

Cena composta por duas figuras antropomórficas sentadas. Entre elas encontra-se um vaso/jarro de onde saem palhinhas. Identificam-se ainda elementos vegetais, talvez palmeiras e fauna animal não identificável.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 55. Selo nº 587; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:11185221586348::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,390721,OB&cs=3xsO5-EPgqNVCrU8ZmDhuqaHRi6y4QqWiipdLnTIsSw5PyJ9ahTgauKX4YJyNhkTRFJ44WTxcn-WI3j7buG-QBQ [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Banquete; Antropomorfismo; Plantas; Animais.



Selo nº 85

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus*- G 19:4; Nível – Casas IVb.

Dimensões: 2.9 cm (altura).

Material: Concha.

Cronologia: Estilo – Período Acádico (c. 2334-2193 a.C.); Nível estratigráfico – Período Acádico c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas figuras antropomórficas sentadas que seguram um copo. Entre elas encontra-se uma terceira figura antropomórfica, de pé, cuja parte superior não se encontra preservada. Esta parece segurar um elemento que remete para a vegetação. No topo do selo estão representadas duas estrelas de oito pontas e um crescente lunar.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 57. Selo nº 605; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:11185221586348::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,392626,OB&cs=3qadqf5hMqvRoOET6w08SPxvevVIRA9I8JfMBlnYmXzUwD4YDuL8w7Wv86rEryAkRKVSC8Ucskfl8mt9yI4JhTg [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Estrela de oito pontas; Inanna/Ištar; Banquete; Copo; Antropomorfismo.



Selo nº 86

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus*- K 19:10; Nível – Casas IVa.

Dimensões: 3.5 x 1.8 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo – Período Acádico (c. 2334-2193 a.C.);

Nível estratigráfico – Período Acádico c. 2334-2193 a.C.).

Localização atual: Bagdad, Museu do Iraque (nº?).

Temática(s) Principal: Cenas de banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, ao centro, por duas

figuras antropomórficas sentadas, segurando um copo. Entre elas, encontra-se um terceiro indivíduo, com uma das mãos elevadas, talvez em sinal de respeito. Ao que tudo indica, estas figuras seriam humanas, pois não ostentam a coroa chifrada, símbolo das divindades mesopotâmicas. Para além disso, apresentam barba, o que parece denunciar o seu género masculino. À esquerda da cena, encontra-se uma quarta figura de pé, também antropomórfica e humana. Contudo, a ausência de barba aponta, provavelmente, para a presença de uma mulher. Este selo parece evocar um estilo de transição entre as cenas de banquete do período Dinástico Arcaico e as cenas de apresentação que começam a integrar o reportório iconográfico a partir do período Acádico. Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Estrela de oito pontas e crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 59. Selo nº 620; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:11185221586348::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,390345,OB&cs=3jBsU0i1esliB4TkmWekF3xhbZeJ8dPVcGTv8YSRfNMGdiPe2iS0t11Oc7M1oQOWxvDtkakgl_-5wrGbqBqLHPg [Agosto 2019]).

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7, 20-31; MOOREY, 1994: xxi; AMIET; LAMBERT, 1980; DITTMANN; SELZ, 1983; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Estrela de oito pontas; Inanna/Ištar; Banquete; Copo; Antropomorfismo.



Selo n° 87

Arqueossítio: N/A. (Selo comprado, provavelmente da região do Diyala).

Contexto: N/A.

Dimensões: 3.2 x 2 cm.

Material: Concha.



Cronologia: Estilo – Período Acádico (c. 2334-2193 a.C.); Nível estratigráfico – N/A.

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A 7156).

Temática(s) Principal: Cenas de Banquete.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas figuras antropomórficas sentadas. Entre elas, encontra-se um vaso/jarro de onde saem palhinhas para beber. À esquerda da cena, encontra-se uma figura, possivelmente feminina, segurando um balde.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Estrela de oito pontas e crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 91. Selo n° 981.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; DITTMANN; SELZ, 1983; MOOREY, 1994: xxi; ZAJDOWSKI, 2013.

Palavras-chave: Estrela de oito pontas; Inanna/Ištar; Banquete; Balde.

Selo nº 88**Arqueossítio:** Khafajah (Tutub?).**Contexto:** *Locus* – O 44:6; Nível – Casas II.**Dimensões:** 3.1 x 1.9 cm.**Material:** Pedra calcária.**Cronologia:** Estilo – Período Dinástico Arcaico (c. 3000-2334 a.C.); Nível estratigráfico – Período Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).**Localização atual:** Instituto Oriental de Chicago (A11490).**Temática(s) Principal:** Cenas de cariz sexual.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** Cão (Gula).**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, à direita, por duas figuras antropomórficas, deitadas numa cama, possivelmente consumando uma relação sexual. Debaixo da cama encontra-se um cão. À esquerda, ao lado da cama, encontram-se duas figuras antropomórficas, de pé. FRANKFORT (1955) intitulou esta representação como sendo um “casamento sagrado/ritual”. As representações de cenas de cariz sexual na Mesopotâmia são reconhecidas em outras fontes materiais, para além de selos cilíndricos, sobretudo no período Babilónico antigo na forma de pequenas placas de terracota. Na região do Diyala, foram também exumadas duas placas com um motivo semelhante, que foram associadas à prática do “casamento sagrado”, união factual ou simbólica concretizada, geralmente, entre a deusa Inanna/Ištar e o rei terreno, que representaria o deus Dumuzi/Tammuz, amante/consorte tradicional da deusa (FRANKFORT, 1989: Plaque 112, a -b.).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 34. Selo nº 340.**Bibliografia associada:** AMIET; LAMBERT, 1980; ASSANTE, 2000; ASSANTE, 2002b.; BUREN, 1944; CAMELO, 2005; COLLON, 1987:7, 20-31; JONES, 2003; LEISTEN, 2008; MOOREY, 1994: xxi; PALMA, 2009.**Palavras-chave:** Sexualidade; “Casamento sagrado”; Cão; Gula; Casas.

Selo nº 89**Arqueossítio:** Tell Asmar (Ešnunna).**Contexto:** *Locus*- H 19:3; Nível – Casas Va.**Dimensões:** 2 x 1.2 cm.**Material:** Pedra calcária.**Cronologia:** Estilo – Período Dinástico Arcaico (c. 3000-2334 a.C.); Nível estratigráfico – Proto Imperial³³⁶**Localização atual:** Bagdad, Museu do Iraque (nº?).**Temática(s) Principal:** Cenas de cariz sexual; Cenas de Banquete.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** Escorpião (Inanna/Ištar; Išhara).**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, à direita, por duas figuras antropomórficas, deitadas numa cama, possivelmente consumando uma relação sexual. Debaixo da cama encontra-se um escorpião. À esquerda da cena encontra-se uma figura antropomórfica, de pé. A cena é ladeada por jarros de onde saem palhinhas para beber. FRANKFORT (1955) intitulou esta representação como sendo um “casamento sagrado/ritual”. As representações de cenas de cariz sexual na Mesopotâmia são reconhecidas em outras fontes materiais, para além de selos cilíndricos, sobretudo no período Babilónico antigo na forma de pequenas placas de terracota. Na região do Diyala, foram também exumadas duas placas com um motivo semelhante, que também foi associada à prática do “casamento sagrado”, união factual ou simbólica concretizada, geralmente entre a deusa Inanna/Ištar e o rei terreno, que representaria o deus Dumuzi/Tammuz, amante/consorte tradicional da deusa (FRANKFORT, 1989: Plaque 112, a -b.).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 53. Selo nº 559.**Bibliografia associada:** ASSANTE, 2000; ASSANTE, 2002b.; AMIET; LAMBERT, 1980; BUREN, 1944; CAMELO, 2005; COLLON, 1987:7, 20-31; JONES, 2003; LEISTEN, 2008; MOOREY, 1994: xxi; PALMA, 2009.**Palavras-chave:** Sexualidade; “Casamento sagrado”; Escorpião; Inanna/Ištar; Išhara; Banquete; Casas.

³³⁶Considere-se, segundo DELOUGAZ; HILL; LLOYD, o período proto imperial como o momento compreendido entre os inícios do reinado de Etemena até ao primeiro ano de governação de Sargão de Akkad (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: 145).

Selo nº 90**Arqueossítio:** Tell Agrab.**Contexto:** *Locus*- M 14:12; Nível –Templo Šara (31.00 m)**Dimensões:** 2.7 x 2 cm.**Material:** Pedra verde translúcida (?).**Cronologia:** Estilo – Período Dinástico Arcaico I?

(c.3000-2750 a.C.); Nível estratigráfico – Período Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.)

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A21561).**Temática(s) Principal:** Cenas de cariz sexual.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** N/A.**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas figuras, ao que tudo indica antropomórficas. Ao que parece encontram-se deitadas, uma sobre a outra, talvez evocando uma relação sexual. A cena é ainda composta, à direita, por uma cabra/bode. FRANKFORT levanta a hipótese de estarmos perante uma forma mais antiga de representação do "casamento ritual-sagrado", ritual esse identificado, pelo mesmo autor, em dois outros selos exumados no Diyala, em Tell Asmar e Khafajah (FRANKFORT, 1955: 38).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 72. Selo nº 796.**Bibliografia associada:** AMIET; LAMBERT, 1980; ASSANTE, 2000; ASSANTE, 2002b.; BUREN, 1944; CAMELO, 2005; COLLON, 1987:7, 20-31; JONES, 2003; LEISTEN, 2008; MOOREY, 1994: xxi; PALMA, 2009.**Palavras-chave:** Sexualidade; “Casamento sagrado”; Animais; Templo.

Selo nº 91

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - Q 30:5; Nível - Kititum III (?).

Dimensões: 2.4 x 1.3 cm.

Material: Cristal.

Cronologia: Estilo – Período de Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.); Nível estratigráfico – Período de Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).



Localização atual: N/A.

Temática(s) Principal: “Deusa” nua; Cenas de apresentação.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: O topo do selo encontra-se em mau estado de conservação. Cena composta, à direita, por uma figura antropomórfica nua, de frente, aparentemente feminina, que parece segurar uma espécie de espada ou bastão. FRANKFORT (1955) identificou esta figura como sendo uma deusa. Ao centro, encontra-se uma figura, também antropomórfica, de perfil, que parece representar o deus solar Utu/Šamaš, pois apresenta a sua forma canónica, isto é, com um dos pés sobre as montanhas orientais e segurando um punhal. À esquerda, surge uma figura, também antropomórfica, muito danificada. Tendo em conta a posição dos braços do indivíduo, elevados em sinal de respeito/súplica, e através de paralelos, talvez possamos estar na presença de um orante/adorante ou da deusa Lama, elementos típicos nas cenas de apresentação deste período cronológico.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 86. Selo nº 911.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; BAHRAI, 1993; COLLON, 1987:7, 20-31; GREVE-ASHER; SWEENEY, 2006; GREVE-ASHER; SWEENEY, 2013; MOOREY, 1994: xxi; SWEENEY, 2013.

Palavras-chave: Nudez; Inanna/Ištar; Utu/Šamaš; Templo.

Selo nº 92

Arqueossítio: N/A (selo comprado provavelmente da região do Diyala).

Contexto: N/A.

Dimensões: 2.6 x .9 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo – Período de Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.); Nível estratigráfico – N/A.

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A7230).

Temática(s) Principal: “Deusa” nua.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Inanna/ Ištar; Išhara).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por uma figura central antropomórfica. Esta encontra-se de frente, nua e é, ao que tudo indica, feminina. Aos seus pés encontra-se um touro reclinado. Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Escorpião, triângulo e espada ou punhal.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 92. Selo nº 1000.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; BAHRAI, 1993; COLLON, 1987:7, 20-31; GREVE-ASHER; SWEENEY, 2006; GREVE-ASHER; SWEENEY, 2013; MOOREY, 1994: xxi.

Palavras-chave: Nudez; Escorpião; Inanna/ Ištar; Išhara; Touro; Triângulo; Espada.



Selo nº 93

Arqueossítio: N/A (selo comprado provavelmente da região do Diyala).

Contexto: N/A.

Dimensões: 2.1 x 1.3 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo – Período de Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.); Nível estratigráfico – N/A.

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A7228).

Temática(s) Principal: “Deusa” nua.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela de oito pontas (Inanna/Ištar); Leão (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: À direita da cena, encontra-se uma figura antropomórfica, de frente e nua. Ao que tudo indica é feminina. Ao seu lado, encontra-se um dragão alado atacando o que parece ser um bode ou uma cabra. No canto direito, um leão ataca o mesmo animal caprino.

Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Estrela de oito pontas e outro objeto não identificado.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 92. Selo nº 1002.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2015; BAHRAI, 1993; COLLON, 1987:7, 20-31; GREVE-ASHER; SWEENEY, 2006; GREVE-ASHER; SWEENEY, 2013; MOOREY, 1994: xxi;

Palavras-chave: Nudez; Estrela de oito pontas; Inanna/ Ištar; Leão; Dragão.



Selo nº 94

Arqueossítio: Ishchali (Nerebtum ou Kiti?).

Contexto: *Locus* - Q 29:2; Nível - Kititum II.

Dimensões: 2.3 x 1.1 cm.

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo – Período de Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.); Nível estratigráfico - Período de Isin-Larsa/Babilónico antigo (c. 2000-1500 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17659).

Temática(s) Principal: Casal “divino”.

Divindades Femininas antropomórficas: possível presença de Ereškigal.

Símbolos de Divindades Femininas: N/A.

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Ao centro da cena, encontram-se duas figuras antropomórficas, de frente uma para a outra, como se se abraçassem. Ao que tudo indica, a da direita parece ser feminina e a da esquerda masculina. Atrás da figura feminina encontra-se uma figura híbrida com cabeça de leão e corpo antropomórfico. Este segura numa das mãos um punhal e/ou adaga e, na outra, uma cabeça humana. Imediatamente atrás da figura masculina, encontram-se duas cabeças de leão cruzadas, uma balança e, possivelmente, um anão. FRANKFORT levanta a hipótese de estarmos perante a representação do casal divino Ereškigal e Nergal, suportando-se na presença da figura híbrida, que foi entendido como uma possível representação da doença e da pestilência. Este domínio seria tutelado pelo deus Nergal, "senhor do Inframundo", consorte da deusa Ereškigal, "rainha do Inframundo" (FRANKFORT, 1955: 46). Por outro lado, não são conhecidos paralelos iconográficos deste par divino, pelo que as representações de casais de deuses neste contornos se associam, genericamente, a Inanna/Ištar e ao rei mesopotâmico, enquanto participantes da hierogamia.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 86. Selo nº 906.

Bibliografia associada: COLLON, 1987:7, 20-31; MOOREY, 1994: xxi;

Palavras-chave: Ereškigal; Nergal; Monstro; Doença; Anão; Balança; Templo.



Selo nº 95**Arqueossítio:** : Khafajah (Tutub?).**Contexto:** *Locus* – N 51; Nível – Casas II (provavelmente?).**Dimensões:** 3 x 1.4 cm.**Material:** Pedra calcária.**Cronologia:** Estilo –Período dinástico arcaico II (c.2750-2600 a.C.); Nível estratigráfico - Período dinástico arcaico III? (c.2608-2334 a.C.).**Localização atual:** Bagdad, Museu do Iraque (nº?).**Temática(s) Principal:** Casal “divino”.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** Estrela? (Inanna/Ištar).**Inscrição:** N/A.**Descrição iconográfica:** Selo em mau estado de conservação. Na cena encontram-se representadas três figuras antropomórficas, dentro de um barco. Este barco apresenta uma certa antropomorfização, pois a proa termina na forma de uma cabeça humana. Uma das figuras antropomórficas, aparentemente careca,, encontra-se sentada. A figura do meio, encontra-se de pé, talvez segurando um remo. O indivíduo da direita encontra-se também sentado. Por debaixo da embarcação estão representados peixes.

Este selo foi analisado através de duas perspectivas distintas. FRANKFORT (1955) interpretou-o como sendo uma representação de uma cena de caráter mitológico, nomeadamente o episódio da *Epopéia de Gilgameš* onde o herói realiza uma viagem de barco, acompanhado por Ut-Napistim, em busca da planta da vida, tendo em vista obter a imortalidade (FRANKFORT, 1955: 37). Por outro lado, AMIET e LAMBERT (1980) consideram esta cena uma representação da família divina, composta pelos progenitores (masculino-feminino) e pelo seu filho.

Identifica-se ainda o seguinte símbolo: Possível estrela.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 36. Selo nº 366.**Bibliografia associada:** AMIET; LAMBERT, 1980; COLLON, 1987:7, 20-31; MOOREY, 1994: xxi.**Palavras-chave:** Estrela; Inanna/Ištar; Barco; Família; Gilgameš; Ut-Napistim; Casas.

Selo nº 96

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42: 41; Nível – Templo de Sîn (Sîn II).

Dimensões: 4.5 x 2.4 cm.

Material: Pedra calcária (cinza-esverdeada) com incrustações triangulares de calcário

(cinza-esverdeado, vermelho e verde) sobre pasta vermelha. Presilha em concha.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A21448).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por dois animais, possivelmente cabras, alimentando-se de flores de uma árvore. As flores parecem representar rosetas. No canto do selo, encontra-se representado um edifício, possivelmente religioso (templo/santuário). A possível identificação da roseta nestes contornos é suportada pela existência de outros selos cilíndricos, do mesmo período, que apresentam esta mesma imagem. Veja-se, por exemplo Vorderasiatisches, Berlin VA10537.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 1; 6. Selo nº 32.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Animais; Templo.



Selo nº 97

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42: 41; Nível – Templo de Sîn (Sîn II).

Dimensões: 6 x 3.6 cm.

Material: Calcário cinzento com anéis em concha. Presilha em prata.



Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (Nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A

Símbolos de Divindades Femininas: Pilar de Juncos (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: : Cena composta por um rebanho, talvez de bovídeos, que parecem estar concentrados junto a um edifício, possivelmente religioso (templo/santuário). Do topo do edifício, saem três pilares de juncos (postes com 2 ou 3 anéis) e deles parecem emergir, como se nascessem, bezerros. Paralelos deste tipo podem ser estabelecidos com outros elementos da cultura material mesopotâmica, nomeadamente com vasos que parecem ostentar o mesmo motivo iconográfico (por exemplo, Louvre, AO 8842; BLACK; GREEN, 1992: 155).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 1; 6. Selo nº 33.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; BLACK; GREEN, 1992: 155; 169-170; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016: 144-146; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Pilar de Juncos; Templo; Inanna/Ištar; Animais; Nascimento.

Selo nº 98

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42: 26; Nível – Templo de Sîn (Sîn III).

Dimensões: 1.9 x 8 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Uruk (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A21426).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A

Símbolos de Divindades Femininas: Leão (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: A cena representa um leão de perfil. Este tipo de representação do felino encontra semelhanças noutros elementos da cultura material mesopotâmica, sobretudo dos períodos mais recentes (por exemplo, Portas de Ištar. Berlim, Museu Pérgamon).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 7. Selo nº 35.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; BLACK; GREEN, 1992: 118-119; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016: 144-146; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Leão; Inanna/Ištar; Templo.



Selo nº 99

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42: 26; Nível – Templo de Sîn (Sîn III).

Dimensões: 3.2 x 2.8 cm.

Material: Frit (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900



a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por um veado, um íbex, um touro e um carneiro. No topo, entre os animais, encontram-se duas estrelas e um recipiente, possivelmente um jarro/vaso.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 7. Selo nº 39.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Estrela; Inanna/Ištar; Animais; Jarro/vaso; Templo.

Selo nº 100

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 2.8 X 2 cm.

Material: Pedra branca (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900

a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas cabras voltadas na direção de um edifício, possivelmente religioso (templo/santuário). Preenchendo o espaço, encontra-se uma estrela.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 9. Selo nº 74.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Estrela; Inanna/Ištar; Animais; Templo.



Selo nº 101

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 4 x 1.5 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).



Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela? (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por uma cabra, ao centro, por rosetas e alguns motivos geométricos.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 10. Selo nº 77.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Animais; Motivos geométricos.

Selo nº 102

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 4.5 x 1.3 cm.

Material: Esteatite /vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).



Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17827)

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela? (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por uma cabra, ao centro, ladeada por duas rosetas e por motivos geométricos.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 10. Selo nº 78.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 169-170; 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Animais; Motivos geométricos.

Selo nº 103

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 3.6 x 1.6 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17829)

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A

Descrição iconográfica: Cena composta maioritariamente por motivos geométricos. Possível identificação, à direita, de uma montanha e de uma árvore e, à esquerda, de um escorpião.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 10. Selo nº 81.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 160; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Montanha; Árvore; Motivos geométricos.



Selo nº 104

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 2.9 x 1.1 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.).

Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A 17826).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por um motivo geométrico. Ao centro, está representada uma roseta com oito pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 11.Selo nº 87

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 105

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 3.4 x 1.3 cm.

Material: Esteatite /vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: **Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por motivos geométricos. Ao centro, está representada uma roseta com nove pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 11.Selo nº 88.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 106

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 2.8 x 1.1 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.).

Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: **Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por motivos geométricos. Ao centro, está representada uma roseta com onze pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 11.Selo nº 89.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 107

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 4 x 1.2 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: **Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por motivos geométricos. Ao centro, está representada uma roseta com oito pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 11.Selo nº 91.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 108

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 4.8 x 1.2 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17862).

Temática(s) Principal: **Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por motivos geométricos. Ao centro, está representada uma roseta com sete pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 11.Selo nº 92.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 109

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 6.5 x 1.6 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (Nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por otivos geométricos. Ao centro, está representada uma roseta com sete pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 11.Selo nº 93.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; DUPLA, 2016; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 110

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 5.9 x 1.4 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17863).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por motivos geométricos. Ao centro, está representada uma roseta com sete pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 11.Selo nº 94.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; DUPLA, 2016; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 111

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 2.8 x 1 cm.

Material: Pedra rosa (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17778).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena com representação de um escorpião. As representações de escorpiões são reconhecidas desde muito cedo na Mesopotâmia, mas a sua inequívoca utilização enquanto símbolo religioso é atestada no período Cassita, em *kudurrus*, como animal-símbolo da deusa Išhara, hipóstase de Inanna/Ištar (BLACK; GREEN, 1992: 160).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 18. Selo nº 187.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 110; 160-161. COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar.



Selo nº 112

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:24; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 3.2 x .9.

Material: Pedra rosa (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

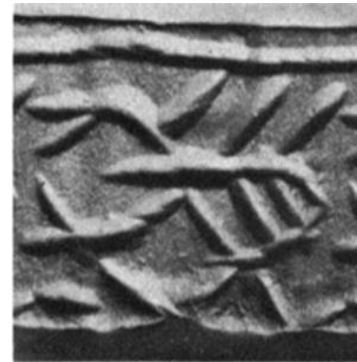
Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena com representação de um escorpião. As representações de escorpiões são reconhecidas desde muito cedo na Mesopotâmia, mas a sua inequívoca utilização enquanto símbolo religioso é atestada no período Cassita, em *kudurrus*, como animal-símbolo da deusa Išhara, hipóstase de Inanna/Ištar (BLACK; GREEN, 1992: 160).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 18. Selo nº 192.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar.



Selo nº 113

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:19; Nível – Templo de Sîn (Sîn IV).

Dimensões: 3.2 x 2.6 cm.

Material: Pedra verde pálida (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17129).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Pilar de juncos (Inanna/Ištar); Roseta/Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por três animais, provavelmente carneiros, que parecem estar ladeados por dois elementos eretos, talvez pilares de juncos. Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Triângulo, roseta e um objeto indeterminado.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 20. Selo nº 214.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; DUPLA, 2016; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Pilar de Juncos; Roseta; Estrela; Inanna/ Ištar; Animais; Triângulo.



Selo nº 114

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:19; Nível – Templo de Sîn (Sîn V).

Dimensões: 2.7 x 2.4 cm.

Material: Argila.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900

a.C.). Nível estratigráfico: Protoliterário (Uruk/Jemdet Nasr, c. 3500-2900 a.C.) ou Dinástico Arcaico I (c.3000-2750 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por uma ovelha selvagem (muflão), dois touros e uma roseta.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 21. Selo nº 219.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; DUPLA, 2016; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Animais.



Selo nº 115

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 42:3; Nível – Templo de Sîn (Sîn VIII).

Dimensões: 5.6 x 1.3 cm.

Material: Pedra branca (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível
estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por motivos geométricos. Ao centro, está representada uma roseta com onze pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 11.Selo nº 94.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; DUPLA, 2016; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 116

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – R 42:4; Nível – Templo de Sîn (Sîn VIII).

Dimensões: 2.4 x 1.6 cm.

Material: Calcário.

Cronologia: Estilo - Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A12379)

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por serpente (em espiral) e, na lateral, por um escorpião.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 24. Selo nº 244.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Cobra.



Selo nº 117

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – L 44:5; Nível – Templo Oval (Oval I).

Dimensões: 2.8 x 1.8 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar); Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por ser híbrido, com a parte superior do corpo em forma humana e a inferior em forma de animal, possivelmente um leão. Esta figura segura nas mãos duas serpentes. Ao seu lado, encontra-se um homem-touro, agarrando um leão pela pata traseira. À esquerda da cena, encontram-se dois registos de imagens: no topo, encontra-se um crescente, uma estrela/roseta, uma figura antropomórfica, dois leões cruzados e um escorpião; na parte superior, encontram-se uma estrela, um crescente, um touro, um carneiro e uma figura antropomórfica.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: 25. Selo nº 254.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; 169-170; 160-161; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Escorpião; Išhara; Seres híbridos.



Selo nº 118

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – J 46:1; Nível – Templo Oval (Oval I).

Dimensões: 2.5 x 1 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo - Dinástico Arcaico (c. 3000-2334 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.) ou Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por dois registros. No superior, encontram-se dois escorpiões, um crescente e um furo de broca; no registo inferior, encontram-se três cabras e três furos de broca

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 26. Selo nº 259.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais.



Selo nº 119

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 45:7; Nível – Templo Nintu (Nintu VII).

Dimensões: 2.8 x 1.8 cm.

Material: Mármore branco.

Cronologia: Estilo - Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar); Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Selo em mau estado de conservação. Identifica-se uma figura antropomórfica nua, de pé, segurando a pata dianteira de ruminante e o focinho de touro com a cabeça voltada para trás. Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Estrela, escorpião, espiral, cabra e punhal.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 28. Selo nº 282.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; 169-170; 160-161; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Escorpião; Išhara; Antropomorfo; Animais.



Selo nº 120

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – P 42:12; Nível – Casas 6.

Dimensões: 2.5 x 1.8 cm.

Material: Argila.

Cronologia: Estilo – Desconhecido (?). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17070).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: A cena, ao contrário do que é comum, está representada na vertical, e é composta por animais, uma estrela e um crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 29. Selo nº 295.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Estrela; Inanna/Ištar; Animais; Crescente.



Selo nº 121

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – N 43:15; Nível – Casas 4.

Dimensões: 4 x 1 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo – Dinástico Arcaico I ? (c.3000-2750 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A17105)

Temática(s) Principal: **Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por um touro, duas cabras, um escorpião e uma árvore.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 30. Selo nº 304.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais; Árvore.



Selo nº 122

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – J 42:2 Nível – Casas 2 ou 3 (?).

Dimensões: 3.2 x 2.1 cm.

Material: Pedra verde translúcida (?).

Cronologia: Estilo – Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).



Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A11465).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por dois leões cruzados, ao centro, atacando um veado e um touro; De lado, apresentam-se um escorpião e uma cobra, num registo inferior, segurando uma espécie de cartela para inscrição (em branco).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 32. Selo nº 320.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais; Pannel de Inscrição.

Selo nº 123

Arqueossítio: Khafajah (Tutub?).

Contexto: *Locus* – Q 43:2; Nível – Casas 3.

Dimensões: 3.7 x 2.4 cm.

Material: Pedra branca (?).

Cronologia: Estilo – Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).



Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, ao centro, por uma cabra que é atacada por um felino, possivelmente uma pantera. Apresentam-se ainda um homem-touro, um leão e uma cabra, que é atacada por outro felino. Na lateral, é visível um escorpião, no registo inferior, segurando um painel de inscrição (em branco).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 33. Selo nº 332.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais; Painel de Inscrição.

Selo nº 124**Arqueossítio:** Tell Asmar (Ešnunna).**Contexto:** *Locus* – F 15:1; Nível – Palácio do Norte (Nível principal).**Dimensões:** 3 x 1.7 cm.**Material:** Pedra branca (?).**Cronologia:** Estilo – Proto imperial³³⁷ (não referido). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).**Localização atual:** Museu Britânico (nº?).**Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar.**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).**Inscrição:** N/A.**Descrição iconográfica:** Cena composta por um leão atacando uma cabra. Ao centro, encontra-se um homem-touro. Na lateral, encontra-se um escorpião, representado abaixo de um painel de inscrição (em branco).**Referência Catálogo:** FRANKFORT, 1955: Plaque 408. Selo nº 502.**Bibliografia associada:** AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.**Palavras-chave:** Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais; Painel de Inscrição.

³³⁷ Considere-se segundo DELOUGAZ; HILL; LLOYD, o período proto imperial como o momento compreendido entre os inícios do reinado de Etemena até ao primeiro ano de governação de Sargão de Akkad (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: 145).

Selo nº 125

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – H 20:38; Nível – Casas IVb.

Dimensões: 3.1 x 1.9 cm.

Material: Pedra verde translúcida (?).

Cronologia: Estilo – Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A12298).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por dois leões atacando duas cabras. Do lado, encontra-se um escorpião representado abaixo de painel de inscrição (em branco).

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 52. Selo nº 554.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais; Painel de Inscrição.



Selo nº 126

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – J 19:27; Nível – Casas Vb.

Dimensões: 2.4 x 1.5 cm.

Material: Concha.

Cronologia: Estilo – Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico III (c.2608-2334 a.C.).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, ao centro, por dois leões cruzados, atacando duas cabras. Identificam-se ainda os seguintes símbolos: Escorpião e motivo floral.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 52. Selo nº 553.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais.



Selo nº 127

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – H 20:6; Nível – Casas Va.

Dimensões: 4.5 x 1 cm.

Material: Pedra preta (?).

Cronologia: Estilo – Dinástico Arcaico I (c.3000-2750 a.C.);

Nível estratigráfico: Proto imperial³³⁸ (não referido).

Localização atual: Museu Britânico (nº?).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por um escorpião, uma cabra, um peixe e um animal não identificado.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 53. Selo nº 563.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais.



³³⁸ Seguindo DELOUGAZ; HILL; LLOYD, considera-se o período proto imperial como o momento compreendido entre os inícios do reinado de Etemena e o primeiro ano de governação de Sargão de Akkad (DELOUGAZ; HILL; LLOYD, 1967: 145).

Selo nº 128

Arqueossítio: Tell Asmar (Ešnunna).

Contexto: *Locus* – J 20:25; Nível – Casas Va.

Dimensões: 1.5 x 1 cm.

Material: Alabastro.

Cronologia: Estilo – Desconhecido (?); Nível estratigráfico: Proto imperial³³⁹ (não referido).

Localização atual: N/A.

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, à direita, por uma figura antropomórfica, aparentemente nua, segurando numa mão uma cobra e na outra uma espécie de bastão. Atrás desta, como se a seguissem, encontram-se outras duas figuras antropomórficas. À direita, está representado um escorpião.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 53. Selo nº 568; *Diyala Database* (http://diyala.uchicago.edu/pls/apex/f?p=105:96:6682523166926::NO:96:P96_BRANCH,P96_FIND_ID,P96_INFO_TYPE:91,389069,OB&cs=3pbB2d2oFRA1AlahOPR61_7ozrGxO3cqSevzgVmlrXy3EMzg-cLLKB1im-1vq2XaQ_w9Dk9xIEnMIWsfGDPau-Q) [Agosto 2019].

Bibliografia associada: BLACK; GREEN, 1992: COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Figuras antropomórficas; Cobra; Bastão.



³³⁹ Veja-se a nota nº 338.

Selo nº 129

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus* - M 14:10; Nível: Templo Šara (31.00 m)

Dimensões: 2.6 x 1.9 cm.

Material: Calcário verde.

Cronologia: Estilo - Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A21521).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: O selo encontra-se partido. Cena composta por um antílope, um íbex e outro animal não identificado. No topo do selo, encontra-se representada uma roseta/estrela e um crescente.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 73. Selo nº 797.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; DUPLA, 2016; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Estrela/Roseta; Inanna/Ištar; Animais; Crescente.



Selo nº 130

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus* - M 14:15; Nível: Templo Šara (31.00 m)

Dimensões: 3.5 x .9 cm.

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.); Nível estratigráfico - Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.)

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A21714).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por motivos geométricos. No topo, é possível identificar um escorpião.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 74. Selo nº 809.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Motivo geométrico.



Selo nº 131

Arqueossítio: Tell Agrab.

Contexto: *Locus* - M 14:15; Nível: Templo Šara (31.00 m)

Dimensões: 4.4 x .7 cm.

Material: Pedra cinzenta (?).

Cronologia: Estilo – Dinástico Arcaico I (c.3000-2750 a.C.); Nível estratigráfico - Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A21664).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar.

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Escorpião (Išhara; Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por duas cabras, uma tartaruga e um escorpião.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 74. Selo nº 810.

Bibliografia associada: AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Escorpião; Išhara; Inanna/Ištar; Animais.



Selo nº 132

Arqueossítio: Tell Agrab.

Contexto: *Locus* –N 13:1; Nível – Templo Šara (30.30 m)

Dimensões: 4.6 x 1 cm.

Material: Pedra cinzenta clara (?).

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A18145).

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

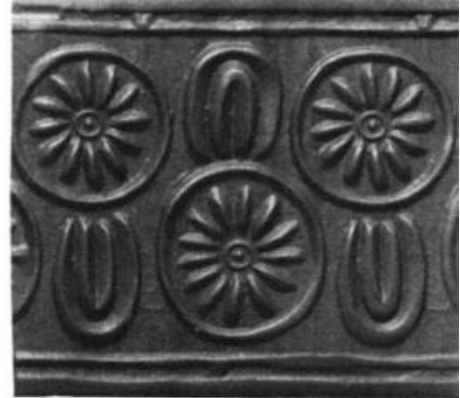
Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por motivos geométricos. No centro de cada uma das circunferências representadas encontra-se uma roseta.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 75.Selo nº 815.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Inanna/ Ištar; Motivos geométricos.



Selo nº 133

Arqueossítio: Tell Agrab.

Contexto: *Locus* – M 14:4; Nível – Templo Šara (32.20 m).

Dimensões: 3 x 2.5 cm.

Material: Calcário branco.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: Instituto Oriental de Chicago (A18131)

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta/Estrela (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por três bovídeos (touro?) e três estrelas/rosetas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 78. Selo nº 841.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Animais.



Selo nº 134

Arqueossítio: Tell Agrab

Contexto: *Locus* – L 14:1; Nível – Templo Šara (32.70 m).

Dimensões: 4x 2 x 1 cm.

Material: Esteatite vidrada.

Cronologia: Estilo - Jemdet Nasr (c. 3500-2900 a.C.). Nível
estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).

Localização atual: N/A.

Temática(s) Principal: Inanna/Ištar

Divindades Femininas antropomórficas: N/A.

Símbolos de Divindades Femininas: Roseta (Inanna/Ištar).

Inscrição: N/A.

Descrição iconográfica: O selo encontra-se partido. Cena com motivo geométrico, com uma circunferência que apresenta no centro uma roseta de nove pétalas.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 82. Selo nº 869.

Bibliografia associada: ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.

Palavras-chave: Roseta; Estrela; Inanna/Ištar; Motivo geométrico.



Selo nº 135**Arqueossítio:** Tell Agrab**Contexto:** *Locus* – L 13:4; Nível – Templo Šara (32.50 m).**Dimensões:** 5.6 x 3 cm.**Material:** Calcário cinzento.**Cronologia:** Estilo – Dinástico Arcaico I (c.3000-2750 a.C.) ou Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.); Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).**Localização atual:** Instituto Oriental de Chicago (A21634).**Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** Roseta (Inanna/Ištar).**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta, ao centro, por três figuras antropomórficas, sendo que uma delas, a que se encontra sentada, é identificada por FRANKFORT como sendo uma divindade (a considerar-se esta hipótese, esta será uma das representações iconográficas mais antigas do divino na sua forma antropomórfica na Mesopotâmia). A figura antropomórfica que surge de pé, em frente à suposta divindade, segura um jarro/vasilha. Fora do barco, encontram-se múltiplos objetos, tais como um vaso e um objeto indistinto. Identificam-se ainda animais, tais como uma cobra, um íbex, uma cabra e um antílope lutando contra um leão. Para além dos animais, é ainda identificável uma figura, aparentemente antropomórfica, de pêlo comprido. O campo é ainda preenchido por uma roseta.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 84. Selo nº 879.**Bibliografia associada:** ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; DUPLA, 2016; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.**Palavras-chave:** Roseta; Inanna/Ištar; Cena de Barco; Divindade; Animais; Objetos.

Selo nº 136**Arqueossítio:** Tell Asmar (Ešnunna).**Contexto:** *Locus* –D17 (Fora do Templo Abu); Nível – 33. 50 m (?).**Dimensões:** 3.1 x 1.5 cm.**Material:** Calcário.**Cronologia:** Estilo – Dinástico Arcaico (c. 3000-2334 a.C.); Nível estratigráfico: Dinástico Arcaico II (c.2750-2600 a.C.).**Localização atual:** Instituto Oriental de Chicago (A17152).**Temática(s) Principal:** Inanna/Ištar**Divindades Femininas antropomórficas:** N/A.**Símbolos de Divindades Femininas:** Roseta (Inanna/Ištar).**Inscrição:** N/A.

Descrição iconográfica: Cena composta por uma figura antropomórfica, talvez uma divindade (FRANKFORT), que se encontra dentro de um barco, sendo que a proa deste termina numa cabeça com chifres e barba. A considerar-se esta hipótese, esta será uma das representações iconográficas de divindades mesopotâmicas antropomorfizadas mais antigas. Há ainda uma figura com chifres fora do barco, uma roseta e três figuras indistintas. A figura com chifres talvez possa evocar uma fase inicial da representação de divindades na glíptica, uma vez que, a coroa chifrada, símbolo distintivo da condição divina nas artes visuais apenas se desenvolve a partir dos finais do III milénio a.C.

Referência Catálogo: FRANKFORT, 1955: Plaque 46. Selo nº 484.**Bibliografia associada:** ALMEIDA, 2009; ALMEIDA, 2015; AMIET; LAMBERT, 1980; DUPLA, 2016; BLACK; GREEN, 1992: 156- 157; COLLON, 1987:7; MOOREY, 1994: xxi; NOGUEIRA, 2015.**Palavras-chave:** Roseta; Inanna/Ištar; Cena de Barco; Divindade; Coroa chifrada; Barba.